

Gustavo Ximenes Cunha

O seqüenciamento de textos como estratégia discursiva:
uma abordagem modular

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Lingüísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Lingüística.

Área de concentração: Lingüística.
Linha de pesquisa: Análise do Discurso.
Orientadora: Profa. Dra. Janice Helena Silva de Resende Chaves Marinho.

Belo Horizonte
Faculdade de Letras/UFMG
2008

Dissertação defendida por Gustavo Ximenes Cunha em 19/03/2008 e aprovada pela Banca Examinadora constituída pelas Profas. Dras. relacionadas a seguir:

Janice Helena Chaves Marinho – UFMG
Orientadora

Maria dos Anjos Lara e Lanna – PUC/Arcos

Eliana Amarante de Mendonça Mendes – UFMG

Agradecimentos

Gostaria de agradecer a todas as pessoas que direta ou indiretamente contribuíram para o desenvolvimento deste trabalho. Em especial, agradeço

a meus pais, pelo carinho e pelos incentivos constantes;

à Profa. Dra. Janice Marinho, pela orientação sempre cuidadosa e pelo interesse com que se envolveu em todas as etapas de realização deste trabalho;

à Rejane, por ser uma amiga tão especial e sempre presente desde os primeiros períodos da graduação;

à Mariana, pela amizade sincera e pela leitura inteligente de capítulos desta dissertação;

à Cláudia Ricci, pela gentileza com que se dispôs a ler o *résumé*;

aos professores da FALE que, desde a graduação, possibilitam que eu desenvolva o gosto e o interesse pelo estudo da linguagem;

à Fapemig, pela concessão da bolsa de estudos.

SUMÁRIO

LISTA DE FIGURA	04
RESUMO	10
RÉSUMÉ	11
APRESENTAÇÃO	12
CAPÍTULO 1: Introdução	14
1. Colocação do problema	14
2. Constituição do corpus	19
3. Modelo de Análise Modular do Discurso	24
4. Percurso de análise	26
CAPÍTULO 2: Estudo da forma de organização informacional	29
1. Escola de Praga (Daneš)	29
2. Forma de organização informacional	32
3. Forma de organização informacional e produção de inferências	41
4. Análise do corpus	51
4.1. Seção Brasil do dia 05/01/2005	52
4.2. Seção Brasil do dia 12/01/2005	64
5. Conclusão	83
CAPÍTULO 3: Estudo da forma de organização tópica	86
1. Módulo hierárquico e forma de organização relacional	87
2. Análise do corpus	97
2.1. Seção Brasil do dia 05/01/2005	99
2.2. Seção Brasil do dia 12/01/2005	111

2.3. Considerações sobre a acoplagem das estruturas informacional e hierárquico-relacional	132
3. Módulo referencial	132
4. Análise do corpus	150
4.1. Seção Brasil do dia 05/01/2005	151
4.2. Seção Brasil do dia 12/01/2005	162
4.3. Considerações sobre a acoplagem das estruturas informacional e conceitual	182
CAPÍTULO 4: Conclusão	184
BIBLIOGRAFIA	187
ANEXOS	192
Anexo A: corpus segmentado em atos	192
Anexo B: estruturas informacionais	203
Anexo C: estruturas hierárquico-relacionais	220
Anexo D: estruturas conceituais	240

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: estrutura informacional dos atos (01-11) do texto “Tem até antimíssil”	37
Figura 2: estrutura informacional completa dos atos (01-11) do texto “Tem até antimíssil”	40
Figura 3: estrutura informacional dos atos (01-08) do texto “Turma do barulho”	48
Figura 4: estrutura informacional dos atos (67-70) do texto “Por que eles querem presidir a Câmara”	50
Figura 5: estrutura informacional dos atos (01-06) do texto “Sandálias da humildade”	52
Figura 6: estrutura informacional dos atos (01-06) do texto “Fantasmas maranhenses”	54
Figura 7: estrutura informacional dos atos (24-25) do texto “Fantasmas maranhenses”	54
Figura 8: estrutura informacional dos atos (52-53) do texto “Fantasmas maranhenses”	55
Figura 9: estrutura informacional dos atos (84-85) do texto “Fantasmas maranhenses”	55
Figura 10: estrutura informacional dos atos (108-112) do texto “Fantasmas maranhenses”	55
Figura 11: estrutura informacional dos atos (45-48) do texto “Sandálias da humildade”	56
Figura 12: estrutura informacional dos atos (01-06) do texto “Fantasmas maranhenses”	57
Figura 13: estrutura informacional dos atos (01-04) do texto “Uma vitória da parceria tucano-petista”	58
Figura 14: estrutura informacional dos atos (01-04) do texto “Sandálias da humildade”	59
Figura 15: estrutura informacional dos atos (49-50) do texto “Sandálias da humildade”	59
Figura 16: estrutura informacional dos atos (59-60) do texto “Sandálias da humildade”	59
Figura 17: estrutura informacional dos atos (05-08) do texto “Uma vitória da parceria tucano-petista”	60

Figura 18: estrutura informacional dos atos (30-31) do texto “Sandálias da humildade”	61
Figura 19: estrutura informacional dos atos (51-55) do texto “Sandálias da humildade”	61
Figura 20: estrutura informacional dos atos (29-35) do texto “Uma vitória da parceria tucano-petista”	62
Figura 21: estrutura informacional dos atos (56-58) do texto “Sandálias da humildade”	64
Figura 22: estrutura informacional dos atos (12-15) do texto “Turma do barulho”	65
Figura 23: estrutura informacional dos atos (23-24) do texto “Por que eles querem presidir a Câmara”	66
Figura 24: estrutura informacional dos atos (28-33) do texto “Turma do barulho”	67
Figura 25: estrutura informacional dos atos (04-07) do texto “Turma do barulho”	67
Figura 26: estrutura informacional dos atos (19-27) do texto “Turma do barulho”	68
Figura 27: estrutura informacional dos atos (67-70) do texto “Por que eles querem presidir a Câmara”	69
Figura 28: estrutura informacional dos atos (28-33) do texto “Turma do barulho”	70
Figura 29: estrutura informacional dos atos (67-70) do texto “Por que eles querem presidir a Câmara”	70
Figura 30: estrutura informacional dos atos (17-22) do texto “Gorda gente brasileira”	71
Figura 31: estrutura informacional dos atos (67-70) do texto “Por que eles querem presidir a Câmara”	73
Figura 32: estrutura informacional dos atos (28-33) do texto “Turma do barulho”	73
Figura 33: estrutura informacional dos atos (01-06) do texto “Tem até antimíssil”	74
Figura 34: estrutura informacional dos atos (46-50) do texto “Por que eles querem presidir a Câmara”	75
Figura 35: estrutura informacional dos atos (17-22) do texto “Gorda gente brasileira”	76
Figura 36: estrutura informacional dos atos (11-15) do texto “Tem até antimíssil”	77
Figura 37: estrutura informacional dos atos (17-22) do texto “Gorda gente brasileira”	78
Figura 38: estrutura informacional dos atos (12-17) do texto “A casa do presidente”	80

Figura 39: estrutura informacional dos atos (17-22) do texto “Gorda gente brasileira”	80
Figura 40: estrutura informacional dos atos (30-33) do texto “A casa do presidente”	81
Figura 41: estrutura informacional dos atos (01-02) do texto “Tem até antimíssil”	82
Figura 42: estrutura hierárquica dos atos (01-15) do texto “Sandálias da humildade”	91
Figura 43: estrutura hierárquico-relacional dos atos (01-15) do texto “Sandálias da humildade”	95
Figura 44: acoplagem das estruturas informacional e hierárquico-relacional dos atos (01-15) do texto “Sandálias da humildade”	100
Figura 45: macro-estrutura hierárquico-relacional do texto “Fantasmas maranhenses”	101
Figura 46: acoplagem das estruturas informacional e hierárquico-relacional dos atos (01-23) do texto “Fantasmas maranhenses”	102
Figura 47: acoplagem das estruturas informacional e hierárquico-relacional dos atos (24-51) do texto “Fantasmas maranhenses”	102
Figura 48: acoplagem das estruturas informacional e hierárquico-relacional dos atos (24-69) do texto “Fantasmas maranhenses”	103
Figura 49: acoplagem das estruturas informacional e hierárquico-relacional dos atos (70-89) do texto “Fantasmas maranhenses”	104
Figura 50: acoplagem das estruturas informacional e hierárquico-relacional dos atos (90-116) do texto “Fantasmas maranhenses”	105
Figura 51: acoplagem das estruturas informacional e hierárquico-relacional dos atos (01-08) do texto “Uma vitória da parceria tucano-petista”	107
Figura 52: macro-estrutura hierárquico-relacional do texto “Sandálias da humildade”	108
Figura 53: acoplagem das estruturas informacional e hierárquico-relacional dos atos (30-48) do texto “Sandálias da humildade”	109
Figura 54: acoplagem das estruturas informacional e hierárquico-relacional dos atos (49-60) do texto “Sandálias da humildade”	110
Figura 55: macro-estrutura hierárquico-relacional do texto “Turma do barulho”	112
Figura 56: acoplagem das estruturas informacional e hierárquico-relacional dos atos (01-11) do texto “Turma do barulho”	113

Figura 57: acoplagem das estruturas informacional e hierárquico-relacional dos atos (12-27) do texto “Turma do barulho”	114
Figura 58: acoplagem das estruturas informacional e hierárquico-relacional dos atos (28-60) do texto “Turma do barulho”	115
Figura 59: acoplagem das estruturas informacional e hierárquico-relacional dos atos (65-86) do texto “Por que eles querem presidir a Câmara”	117
Figura 60: acoplagem das estruturas informacional e hierárquico-relacional dos atos (17-20) do texto “Gorda gente brasileira”	118
Figura 61: acoplagem das estruturas informacional e hierárquico-relacional dos atos (65-86) do texto “Por que eles querem presidir a Câmara”	120
Figura 62: acoplagem das estruturas informacional e hierárquico-relacional dos atos (28-60) do texto “Turma do barulho”	121
Figura 63: acoplagem das estruturas informacional e hierárquico-relacional dos atos (01-15) do texto “Tem até antimíssil”	122
Figura 64: macro-estrutura hierárquico-relacional da Is(25-64) do texto “Por que eles querem presidir a Câmara”	123
Figura 65: acoplagem das estruturas informacional e hierárquico-relacional dos atos (46-62) do texto “Por que eles querem presidir a Câmara”	124
Figura 66: macro-estrutura hierárquico-relacional da Is(01-50) do texto “Gorda gente brasileira”	126
Figura 67: acoplagem das estruturas informacional e hierárquico-relacional dos atos (17-20) do texto “Gorda gente brasileira”	127
Figura 68: acoplagem das estruturas informacional e hierárquico-relacional dos atos (21-50) do texto “Gorda gente brasileira”	128
Figura 69: acoplagem das estruturas informacional e hierárquico-relacional dos atos (01-06) do texto “A casa do presidente”	129
Figura 70: macro-estrutura hierárquico-relacional da Is(01-29) do texto “A casa do presidente”	130
Figura 71: acoplagem das estruturas informacional e hierárquico-relacional dos atos (01-04) do texto “Tem até antimíssil”	131
Figura 72: representação conceitual da seção Brasil da revista <i>Veja</i>	139
Figura 73: representação conceitual do texto jornalístico da seção Brasil da revista <i>Veja</i>	140
Figura 74: estrutura conceitual do texto “Fantasmas maranhenses”	143

Figura 75: estrutura conceitual do texto “Sandálias da humildade”	144
Figura 76: estrutura conceitual do texto “Uma vitória da parceria tucano-petista”	145
Figura 77: estrutura conceitual da seção Brasil do dia 05/01/2005	147
Figura 78: acoplagem das estruturas informacional e conceitual dos atos (01-06) do texto “Sandálias da humildade”	152
Figura 79: acoplagem das estruturas informacional e conceitual de atos dos textos “Fantasmas maranhenses” e “Sandálias da humildade”	155
Figura 80: acoplagem das estruturas informacional e conceitual de atos dos textos “Fantasmas maranhenses” e “Sandálias da humildade”	156
Figura 81: acoplagem das estruturas informacional e conceitual dos atos (01-08) do texto “Uma vitória da parceira tucano-petista”	159
Figura 82: acoplagem das estruturas informacional e conceitual de atos dos textos “Sandálias da humildade” e “Uma vitória da parceria tucano-petista”	160
Figura 83: acoplagem das estruturas informacional e conceitual de atos do texto “Turma do barulho”	163
Figura 84: acoplagem das estruturas informacional e conceitual de atos dos textos “Por que eles querem presidir a Câmara” e “Turma do barulho”	164
Figura 85: acoplagem das estruturas informacional e hierárquico-relacional dos atos (28-33) do texto “Turma do barulho”	166
Figura 86: acoplagem das estruturas informacional e conceitual de atos dos textos “Por que eles querem presidir a Câmara” e “Turma do barulho”	168
Figura 87: acoplagem das estruturas informacional e conceitual dos atos (17-22) do texto “Gorda gente brasileira”	170
Figura 88: acoplagem das estruturas informacional e conceitual de atos dos textos “Por que eles querem presidir a Câmara”, “Turma do barulho” e “Gorda gente brasileira”	172
Figura 89: acoplagem das estruturas informacional e conceitual dos atos (01-06) do texto “Tem até antimíssil”	174
Figura 90: acoplagem das estruturas informacional e conceitual de atos dos textos “Por que eles querem presidir a Câmara” e “Tem até antimíssil”	175
Figura 91: acoplagem das estruturas informacional e conceitual de atos dos textos “Por que eles querem presidir a Câmara”, “Gorda gente brasileira” e “Tem até antimíssil”	177

Resumo

Este trabalho parte da hipótese de que, na revista *Veja*, a ordem de apresentação dos textos da seção Brasil, seção dedicada à abordagem de acontecimentos da política nacional, não é fruto do acaso. Ao contrário, defende-se a hipótese de que, na *Veja*, o seqüenciamento dos textos pertencentes à seção Brasil constitui uma importante estratégia por meio da qual a revista busca guiar a construção de sentidos do leitor, sem assumir de forma explícita um posicionamento político e ideológico. Por ser essa estratégia um fenômeno discursivo complexo, adotou-se o Modelo de Análise Modular do Discurso como instrumento de análise, uma vez que esse modelo leva em conta não só as informações de ordem lingüística, mas também as de ordem textual e situacional que entram em jogo na constituição do discurso. O estudo dessa estratégia discursiva diz respeito, principalmente, à forma como se dá o tratamento da informação. No modelo teórico-metodológico adotado, o tratamento da informação é focalizado na descrição da forma de organização tópica. Com a análise das etapas dessa forma de organização, será possível evidenciar que o seqüenciamento dos textos da seção Brasil é um recurso de que a revista *Veja* se vale para tentar direcionar a interpretação do leitor, com a intenção de levá-lo a compartilhar sua visão de acontecimentos políticos nacionais.

Résumé

Ce travail part de l'hypothèse selon laquelle, dans la revue *Veja*, l'ordre de présentation des textes de la section *Brasil*, section consacrée à l'abordage d'événements de la politique nationale, n'est pas fruit du hasard. Au contraire, on défend l'hypothèse selon laquelle, dans *Veja*, la « mise en séquence » des textes appartenant à la section *Brasil* constitue une importante stratégie au moyen de laquelle la revue cherche à guider la construction de sens du lecteur, sans assumer de manière explicite un positionnement politique et idéologique. Étant donné que cette stratégie est un phénomène discursif complexe, on adopte ici comme instrument d'analyse le Modèle d'Analyse Modulaire du Discours, parce que ce modèle prend en compte non seulement des informations d'ordre linguistique, mais aussi des informations d'ordre textuel et situationnel qui entrent en jeu dans la constitution du discours. L'étude de cette stratégie discursive relève, principalement, de la manière dont est présenté le traitement des informations. Dans le modèle adopté, l'étude du traitement des informations se fait par le biais de la description de la forme d'organisation topicale. Au moyen de l'analyse des étapes de cette forme d'organisation, il sera possible de montrer que la « mise en séquence » des textes de la section *Brasil* est une ressource dont la revue *Veja* peut se servir pour essayer d'influencer l'interprétation du lecteur, dans le but de l'amener à partager sa vision des événements politiques nationaux.

Apresentação

Este trabalho tem por objetivo analisar uma hipótese acerca de uma importante estratégia discursiva de que a revista *Veja* parece se utilizar para direcionar a forma como o leitor interpretará os acontecimentos do mundo político apresentados pela revista. Acredito que, na *Veja*, a ordem de apresentação dos textos da seção Brasil, seção dedicada à abordagem de acontecimentos da política nacional, não é fruto do acaso. Ao contrário, defendo que a ordem de apresentação dos textos (ou o seu seqüenciamento) pode influenciar a forma como o leitor interpretará as informações que cada texto traz.

A partir dessa hipótese geral, esta pesquisa apresenta a seguinte organização:

O primeiro capítulo traz a colocação do problema. Segundo a hipótese que se defende aqui, o seqüenciamento dos textos da seção Brasil configura-se como uma estratégia discursiva decorrente de duas características próprias de uma revista de informação, como *Veja*. Se, de um lado, *Veja* é um produto que precisa ser consumido pelo maior número de consumidores, de outro, *Veja* tem o compromisso social de informar o cidadão. Essas características levariam a revista a buscar recursos para compartilhar com o leitor o seu sistema de valores, sem, no entanto, assumir um posicionamento político e ideológico explicitamente marcado. Um desses recursos ou estratégias seria o seqüenciamento dos textos da seção Brasil, com o qual *Veja* tentaria dizer sem dizer, isto é, tentaria guiar a interpretação do leitor. Ainda nesse capítulo, trato da constituição do corpus deste trabalho, justificando a escolha de duas edições de *Veja*. Por fim, apresento o modelo teórico-metodológico escolhido para fornecer os instrumentos com que realizar a pesquisa: o Modelo de Análise Modular do Discurso.

O segundo capítulo apresenta a primeira etapa da pesquisa. Adotando uma abordagem discursiva da forma de organização informacional, busco mostrar como o seqüenciamento dos textos da seção Brasil pode permitir que as informações de um texto já lido influenciem a compreensão das informações do texto que se lê em seguida. Para isso, identifico, em cada seção Brasil, as informações da memória discursiva com origem em um texto que podem ser retomadas posteriormente, durante a leitura de um

outro texto. Aponto ainda, nessa etapa, as inferências que podem surgir desse processo de retomada de informações da memória discursiva dos interlocutores.

No terceiro capítulo, apresento a segunda etapa da pesquisa. Nessa etapa, os resultados obtidos na primeira são aprofundados, com o objetivo de se chegar à descrição completa de uma forma de organização complexa do discurso, a forma de organização tópica. Por meio dessa etapa, o estudo de fatores textuais e conceituais permitirá justificar e explicar o processo de retomada de informações de um texto, durante a leitura de outro texto, bem como as inferências que podem resultar desse processo.

O quarto capítulo apresenta a conclusão da pesquisa. Nele, são apresentados os resultados que este trabalho pôde alcançar, assim como seus desenvolvimentos possíveis.

CAPÍTULO 1: Introdução

1. Colocação do problema

As mídias de informação¹ atuam como um organismo cuja prática obedece a uma finalidade dupla ou ambígua. Se, por um lado, esse organismo busca atender uma demanda social, produzindo um objeto de saber para informar o cidadão/leitor, por outro lado ele age como uma empresa, produzindo um objeto a ser consumido pelo maior número possível de consumidores. Essa dupla finalidade levou as mídias a desenvolver estratégias discursivas, especializadas em fazer com que um acontecimento comentado a partir do sistema de valores de um jornal, por exemplo, pudesse ser apreendido como a própria expressão da realidade. Essas estratégias foram desenvolvidas, portanto, com a função de fazer parecer que os objetos (seres, lugares, situações) apresentados pelas mídias estão em seu estado de “acontecimento bruto”, camuflando a sua condição de “acontecimento interpretado” ou objeto de discurso² (Simunic, 2004, p. 80). Fazendo parecer que um acontecimento apresenta-se em seu estado bruto, um jornal tenta, ao mesmo tempo, mostrar um compromisso de informar a instância cidadã de modo objetivo e imparcial (compromisso ligado à sua finalidade cívica de produzir um objeto de saber) e ocultar o recorte ideológico implicado em toda apreensão da realidade por meio da linguagem (recorte ideológico ligado à sua finalidade comercial de produzir um objeto de consumo).

O discurso das mídias de informação caracteriza-se, assim, pela escolha de estratégias que visem a criar efeitos de sentido para influenciar o destinatário, seja este leitor, ouvinte ou telespectador, transformando-o em consumidor fiel do produto que comercializam. Como se vê, o discurso de todo veículo de comunicação é construído em função de um destinatário, o qual deve ser persuadido, por meio de estratégias

¹ Entendo por “mídias de informação” “o conjunto dos suportes tecnológicos que têm o papel social de difundir as informações relativas aos acontecimentos que se produzem no mundo-espço público: imprensa, rádio e televisão” (Charaudeau, 2006, p. 21).

² Conforme Mondada (2001, p. 67), “os interlocutores elaboram *objetos de discurso*, i. e. entidades que não são concebidas como expressões referenciais em relação especular com objetos do mundo ou com sua representação cognitiva, mas entidades que são interativa e discursivamente produzidas pelos participantes ao fio de sua enunciação”. Ainda segundo a autora (idem), “os objetos de discurso são, portanto, entidades constituídas nas e pelas formulações discursivas dos participantes: é no e pelo discurso que são colocados, delimitados, desenvolvidos, transformados os objetos de discurso, que (...) emergem e se elaboram progressivamente na dinâmica discursiva”.

discursivas, de que a versão da realidade que se propõe é a própria realidade. Esse discurso é produzido, portanto, com o intuito de levar o destinatário a compartilhar a visão de mundo do veículo de comunicação que o construiu.

Entretanto, embora as mídias se valham de estratégias de captação e de persuasão do destinatário, elas não possuem garantias de que tais estratégias serão eficazes no seu trabalho de produzir os efeitos de sentido pretendidos. Isso porque as mídias constroem seu discurso em função de um destinatário que acreditam ser adequado a suas intenções e não em função do destinatário real ou empírico. A distinção entre o destinatário imaginado pela instância de produção (as mídias) e o destinatário dito real ou empírico é importante e pode ser definida da seguinte forma: a instância de produção desconhece as condições de interpretação do destinatário real, porque ignora os conhecimentos de que dispõe, o grau de interesse que pode ter por uma notícia, etc. Por isso, a instância de produção se vale de instrumentos, como as sondagens e outros tipos de pesquisas, para obter um mínimo de segurança quanto a essas condições de interpretação. Com a imagem fornecida por esses instrumentos, a instância de produção constrói para si uma representação de destinatário ou um destinatário ideal, o qual constituirá uma referência para a produção do seu discurso. Porém, como os instrumentos que as mídias utilizam para conhecer o destinatário real não fornecem dele uma imagem exata, não há garantias seguras de que as estratégias elaboradas pelas mídias para construir seu discurso alcançarão os efeitos esperados (Charaudeau, 2006). De qualquer modo, é com base em uma representação do destinatário, ou em um destinatário ideal, que a instância de produção pensa as estratégias de captação e de persuasão com as quais constrói seu discurso³.

Um importante recurso de que as mídias se valem para alcançar a meta de captar e de persuadir o destinatário que imaginam ser o seu leitor, ouvinte ou telespectador é a criação de um discurso que pareça objetivo. Ao se relatar um fato de forma objetiva, cria-se a impressão de que o fato apresenta-se ao destinatário tal como aconteceu e tenta-se apagar a maneira como a realidade foi interpretada segundo o sistema de valores de um jornal (Hernandes, 2006). Uma das estratégias que as mídias utilizam

³ Para um estudo mais aprofundado da distinção entre destinatário ideal e destinatário real, ver Charaudeau (2006). Para uma discussão acerca da noção de leitor ideal, bem como do alcance dessa noção como conceito teórico em diferentes autores (Eco, Greimas, Barthes), ver Mari (2002).

para criar esse efeito de objetividade é a encenação da voz dos outros. Conforme Tétu (2002, p. 193), “a forma canônica do jornal contemporâneo não é ‘eu digo isto’, mas ‘X disse isto’”. O uso da terceira pessoa configura-se como uma estratégia por meio da qual as mídias tentam fazer crer que o seu discurso não é construído a partir de escolhas políticas e ideológicas. Além da terceira pessoa, diálogos, fotografias e filmagens também são estratégias com as quais as mídias buscam persuadir o destinatário de que é a própria realidade que fala, quando ele lê, ouve ou vê uma notícia. Ao tratar da construção do discurso científico, Mondada (1995) faz uma observação que pode ser aplicada à maneira como o jornalista constrói seu discurso: “A factualidade de um enunciado não lhe é conferida por fatos exteriores, mas pelo método utilizado pelo locutor para a produzir”. No discurso de ambos os profissionais – cientista e jornalista –, não há uma relação especular entre o texto e a realidade. A “factualidade” de um enunciado, isto é, a impressão de que os fatos se apresentam no enunciado tal como ocorreram provém de uma construção da realidade, construção que se dá no e pelo discurso, por meio do emprego de estratégias como as que foram mencionadas.

Com o emprego de estratégias como essas, as mídias buscam conquistar a credibilidade do leitor e ocultar o sistema de valores que comanda a percepção e o relato dos fatos, pois formatam o mundo num discurso aparentemente imparcial. Isso significa que, não podendo “se revelar como um ator social atuante interessado nos aspectos sociopolíticos e nas conseqüências do que noticia” (Hernandes, 2006, p. 30), a mídia “aperfeiçoou mecanismos que ‘comunicam’ o que é mais ou menos importante” (idem, p. 83). Esses “mecanismos que comunicam” devem ser entendidos como as estratégias de que as mídias lançam mão para dizer sem dizer, isto é, estratégias empregadas para guiar a percepção do leitor, indicando o que deve ou não deve ser valorizado, sem que seja necessário assumir abertamente uma posição.

Estratégias como as que foram mencionadas, ligadas aos aspectos textuais e lingüísticos do discurso midiático e ao trabalho de diagramação⁴ de um jornal ou revista, têm merecido a atenção de estudiosos tanto da análise do discurso (Kerbrat-Orecchioni, 1997, Simunic, 2004, Charaudeau, 2006, Hernandez, 2006) quanto da comunicação

⁴ “Diagramar é, em termos gerais, organizar e manifestar gráfica e plasticamente as unidades noticiosas a partir das necessidades da *edição*” (Hernandes, 2006, p. 186). Edição, por sua vez, diz respeito à “seleção, organização e montagem de todos os elementos que devem formar uma revista” (idem, p. 84).

(Moiullaud, 2002, Tétu, 2002). De modo geral, subjaz ao trabalho desses estudiosos a idéia de que “a visão de mundo do jornal paira sobre seu produto e é indissociável de qualquer um dos seus recursos expressivos e de seus conteúdos” (Hernandes, 2006, p. 29). É essa idéia que leva Kerbrat-Orecchioni (1997, p. 131) a dizer que “o discurso jornalístico se caracteriza precisamente pelo fato de que, mesmo quando ele não recorre a procedimentos tão visíveis, carrega claramente a marca do lugar ideológico de onde fala o emitente”. Compartilhando dessa mesma idéia, este trabalho levanta a hipótese de que, na revista *Veja*, a ordem de publicação (ou o seqüenciamento) dos textos pertencentes à seção Brasil⁵ não é aleatória, constituindo, ao contrário, uma importante estratégia por meio da qual a revista busca guiar a construção de sentidos do leitor, sem assumir de forma explícita um posicionamento político e ideológico.

Em hipótese, essa estratégia funcionaria da seguinte maneira: considerando que todo objeto de comunicação é concebido para funcionar como “uma máquina eficiente de atração do público-alvo” (Hernandes, 2006, p. 47), o repertório de recursos utilizados por *Veja* para atrair a atenção do leitor e “capturá-lo” visa a assegurar que toda uma edição da revista será lida do começo ao fim. Ainda que a atitude dos leitores reais ou empíricos, muitas vezes, contrarie o efeito que se busca com tais recursos (a leitura ininterrupta de uma edição desde o seu primeiro texto até o último), esse é o efeito que se pretenderia alcançar, no momento em que se elabora uma edição, para a qual a referência de leitor é o leitor ideal. Partindo, então, do pressuposto de que toda a edição será lida, os responsáveis pela montagem de uma edição da *Veja* podem se ver livres de um obstáculo de que se falou anteriormente e contra o qual se chocam todos os profissionais que têm o trabalho de elaborar um objeto de comunicação: o desconhecimento dos saberes de que dispõe o leitor. Os responsáveis por *Veja* não têm condições de conhecer todos os saberes de que o leitor dispõe em sua memória. Porém, se há o pressuposto de que o leitor lerá toda uma edição do começo ao fim, eles têm condições de saber, por exemplo, que as informações trazidas pela entrevista das páginas amarelas (a qual abre todas as edições da revista) já estão presentes na memória do leitor, no momento em que ele lê a seção “Cartas” (a qual, em todas as edições, aparece algumas páginas depois da entrevista das páginas amarelas).

⁵ A seção intitulada Brasil é a parte da revista *Veja* dedicada à abordagem de acontecimentos da política nacional.

O mesmo, segundo nossa hipótese, aconteceria no interior de uma seção e, particularmente, no interior da seção Brasil, objeto de estudo deste trabalho. Não é possível que os responsáveis pela produção da *Veja* conheçam com precisão os saberes que os leitores possuem, mas, pressupondo que os recursos empregados para atrair e “segurar” o leitor serão eficazes, é possível conhecer um subconjunto desses saberes, justamente aqueles fornecidos por textos da própria seção Brasil. Dessa forma, é possível pressupor, nessas circunstâncias ideais⁶, que as informações pertencentes ao primeiro texto de uma seção Brasil constituem um subconjunto das informações de que o leitor dispõe em sua memória discursiva⁷, no momento da leitura do segundo texto dessa mesma seção, bem como é possível pressupor que as informações dos dois primeiros textos da seção constituem um subconjunto das informações que o leitor possui, no momento da leitura do terceiro texto, e assim sucessivamente até o último texto da mesma seção. Essa pressuposição é fundamental para que se defenda a hipótese de que o seqüenciamento dos textos da seção Brasil pode funcionar como uma estratégia discursivo-persuasiva. Ao tratar de artigos de imprensa, dizem Favez, Richard e Windisch (apud Simunic, 2004, p. 120) que “a importância de um artigo não existe em si”, porque seu meio participa de sua existência. Isto é, o texto em análise pode sofrer a influência ou os efeitos dos textos que o cercam. A consideração desses autores aponta para o fato de que os textos componentes de um objeto de comunicação, como a revista *Veja*, não têm uma existência autônoma, podendo as informações de um texto já lido influenciarem a interpretação do texto que se lê em seguida. O que o seqüenciamento dos textos da seção Brasil almejaria, enquanto estratégia, é direcionar essa influência, a fim de guiar a interpretação dos textos pelo leitor.

Neste trabalho, objetiva-se, então, defender que a seção Brasil é montada com o intuito de fazer com que os efeitos de sentido ou as inferências que se produzem durante a leitura de um texto sejam fortemente influenciados pelo subconjunto de informações estocadas na memória discursiva que têm origem no(s) texto(s) anteriormente lido(s) e pertencente(s) à mesma seção. Portanto, acredita-se que o seqüenciamento dos textos de uma seção Brasil não seja fruto do acaso, mas, sim, pensado em termos do impacto que

⁶ As circunstâncias que chamo de “ideais” são aquelas que envolvem a montagem de uma seção Brasil ou de toda uma edição da revista *Veja*, nas quais os jornalistas-editores têm como alvo de suas estratégias discursivas o leitor ideal.

⁷ A noção de memória discursiva será mais bem definida no item 2 do próximo capítulo. Por ora, é suficiente saber que essa noção compreende os diversos pré-requisitos culturais que são úteis para os interlocutores conduzirem uma atividade dedutiva.

terá junto ao leitor. A revista não pode assumir explicitamente o seu sistema de valores e a sua visão de mundo, uma vez que, como já exposto, essa assunção comprometeria a sua finalidade cívica de produzir um objeto de saber. Por isso, ela precisa encontrar estratégias discursivas, como, por exemplo, o seqüenciamento dos textos da seção Brasil, que direcionem a interpretação do leitor, levando-o a inferir o que a revista não pode dizer, sob pena de pôr em risco a sua credibilidade.

2. Constituição do corpus

O interesse em investigar o seqüenciamento dos textos da seção Brasil, da revista *Veja*, como uma estratégia discursiva é decorrente de duas características da revista. A primeira é a de que *Veja* é a maior publicação do gênero “revista semanal de informação” no país. A revista produz 1.103.073 exemplares de cada edição, os quais alcançam 7.544.000 leitores⁸. A segunda característica é a de que *Veja* sempre se mostrou comprometida em apresentar e em comentar acontecimentos relativos à política nacional, seja no âmbito estadual, seja no âmbito federal. Uma prova disso é a grande quantidade de capas que dão destaque a reportagens da seção Brasil. O interesse da revista em tratar de assuntos políticos e o grande número de leitores que possui permitem perceber que *Veja* é um veículo de comunicação que pode ter um papel importante na forma como uma parcela expressiva da população interpreta os acontecimentos do mundo político. Ter esse papel importante junto a uma parcela expressiva da população parece ser um dos objetivos que *Veja* busca alcançar, o que se comprova pela declaração, extraída do site da própria revista⁹, segundo a qual “VEJA tem o poder de mudar o rumo de eleições, investigar fatos com propriedade e formar opinião”. Isso explica por que é importante investigar estratégias, como o seqüenciamento dos textos da seção Brasil, das quais *Veja* parece se valer para tentar compartilhar com o leitor sua visão dos acontecimentos políticos nacionais.

⁸ Esses dados estão disponíveis no site http://veja.abril.com.br/idade/publiabril/midiakit/pdf/VEJA_argumentacao.pdf (último acesso realizado em dezembro de 2007)

⁹ http://veja.abril.com.br/idade/publiabril/midiakit/pdf/VEJA_argumentacao.pdf

Neste trabalho, serão analisadas as seções Brasil de duas edições da revista *Veja*: a do dia 05/01/2005 e a do dia 12/01/2005¹⁰. A análise das seções Brasil de duas edições seguidas tem como justificativa mostrar que o seqüenciamento dos textos é uma estratégia recorrente de que *Veja* se utiliza e não um fenômeno característico de apenas uma ou outra edição. Já a escolha dessas edições se deve à busca por edições que não se localizassem em um período de grande efervescência política. Em períodos de efervescência política, as seções da imprensa dedicadas à cobertura de acontecimentos do mundo político costumam concentrar a atenção na apresentação e no comentário de um assunto dominante, de grande repercussão. O momento em que as edições escolhidas foram produzidas não se caracteriza por nenhum assunto político de grande repercussão, como aconteceria meses depois, em meados de 2005, quando a imprensa de modo geral e a revista *Veja* em particular abordaram de maneira quase exclusiva os casos de corrupção do chamado “escândalo do mensalão”.

A seção Brasil do dia 05/01/2005 se compõe de três textos¹¹. O texto que abre a seção intitula-se “Fantasmas maranhenses” e denuncia a participação do então governador do Maranhão José Reinaldo Tavares e de pessoas ligadas a ele no desvio de verbas destinadas à construção de estradas no estado. O segundo texto, “Sandálias da humildade”, aborda a questão do crescimento da economia brasileira. Conforme o seu autor, o presidente Lula e o então ministro José Dirceu deveriam calçar as “sandálias da humildade”, por pensarem que conduzir o desenvolvimento do país é uma tarefa fácil. Além disso, o autor traz explicações para a taxa de expansão econômica do Brasil ter sido superior a 5% em 2004 e faz previsões negativas sobre a taxa de expansão dos próximos anos. O terceiro e último texto intitula-se “Uma vitória da parceria tucano-petista” e diz respeito ao acordo firmado entre o governo petista e a oposição tucana, que permitiu a aprovação do projeto que cria as parcerias público-privadas (PPPs). O texto traz esclarecimentos sobre o funcionamento das PPPs e oferece argumentos favoráveis a essa forma de parceria entre o governo e a iniciativa privada.

¹⁰ Os textos de cada uma das seções Brasil encontram-se segmentados em atos – a unidade mínima de análise do modelo adotado na pesquisa (ver item 2, capítulo 2) – no anexo A deste trabalho.

¹¹ Ver anexo A.

Já a seção Brasil do dia 12/01/2005 se compõe de cinco textos¹². O primeiro intitula-se “Por que eles querem presidir a Câmara” e trata da disputa entre Virgílio Guimarães e Luiz Eduardo Greenhalgh pelo posto de candidato do PT à presidência da Câmara dos Deputados. Além disso, o texto descreve as vantagens que o cargo oferece àquele que ocupa a cadeira de presidente da Câmara. O segundo texto da seção, intitulado “Turma do barulho”, aponta Marta Suplicy como líder de um grupo de políticos do PT que vem há tempos desafiando a direção nacional do partido. O texto enumera as atitudes ou rebeldias do grupo contra as determinações partidárias e expõe quais são os seus planos para os próximos anos. O terceiro texto, “Gorda gente brasileira”, traz os resultados de uma pesquisa do IBGE sobre o número de brasileiros que passam fome. Os resultados dessa pesquisa contrariam os números divulgados pelo programa Fome Zero sobre a quantidade de famintos no país. Segundo o autor, os números do Fome Zero são exagerados e foram usados nos discursos da campanha presidencial de Lula com objetivos políticos. O quarto texto intitula-se “Tem até antimíssil” e descreve as características que fazem do novo avião presidencial um dos aviões mais modernos que existem. O quinto e último texto, intitulado “A casa do presidente”, aborda a polêmica causada pelas férias que um dos filhos de Lula e os seus amigos passaram em Brasília. De acordo com o texto, a oposição prometeu abrir investigação, para que o dinheiro oficial gasto pelos jovens fosse devolvido. Entretanto, o texto esclarece que o Palácio da Alvorada, onde os jovens ficaram hospedados, é a casa do presidente e que Lula, portanto, pode receber no palácio as pessoas que quiser convidar.

3. Modelo de Análise Modular do Discurso

A colocação dos textos da seção Brasil numa certa seqüência como uma estratégia de persuasão coloca-se como um fenômeno discursivo complexo, do qual participam não apenas informações de ordem lingüística. Para investigar essa estratégia, o analista precisa dispor de um instrumento teórico e metodológico que leve em conta ainda as informações de ordem textual e situacional que entram em jogo na constituição desse fenômeno discursivo. Ou seja, para a investigação da estratégia que se vale do seqüenciamento dos textos da seção Brasil, o material lingüístico, o universo de

¹² Ver anexo A.

referência e a estrutura de cada texto têm igual importância. Por isso, um modelo de análise adequado para a realização do estudo dessa estratégia deve fornecer os instrumentos necessários para a descrição das informações lingüísticas, textuais e situacionais envolvidas tanto na construção quanto na interpretação dos textos de uma seção Brasil.

Em vista dessas exigências, o Modelo de Análise Modular do Discurso, em sua versão atual (Roulet, 1999a, Roulet, 1999b, Roulet, Filliettaz e Grobet, 2001, Filliettaz e Roulet 2002, Marinho, 2004, Roulet, 2007, Soares, 2007), surge como um quadro teórico dotado de instrumentos próprios para o estudo que aqui se pretende realizar.

Trata-se de um modelo global, cuja concepção metodológica visa a reunir, em uma mesma abordagem da complexidade da organização do discurso, as contribuições de pesquisadores que se centraram em aspectos isolados dessa organização. Essa postura integradora do modelo se manifesta na sua capacidade de propor o diálogo entre pesquisas desenvolvidas no quadro de diferentes disciplinas: Lingüística (Baktin, Kerbrat-Orecchioni), Sociologia (Goffman, Schegloff), Filosofia (Habermas, Ricoeur), Psicologia (Vygotsky, Bronckart). O esforço pela criação de um modelo, ao mesmo tempo, tão amplo e preciso justifica-se pela constatação de que “a construção e a interpretação do discurso são submetidas a três tipos de restrições: restrições que podemos chamar **situacionais**, ligadas ao universo de referência e à situação de interação; restrições **lingüísticas**, ligadas à sintaxe e ao léxico da (ou das) variedade(s) de língua(s) utilizada(s), e restrições **textuais**, ligadas à estrutura hierárquica do texto” (Roulet, Filliettaz e Grobet, 2001, p. 44). Por essas razões, o modelo modular constitui um instrumento de análise sofisticado, que permite integrar e articular, numa perspectiva cognitivo-interacionista, as dimensões lingüística, textual e situacional da organização do discurso.

Reconhecendo que o discurso é um objeto cuja organização e cujo funcionamento envolvem aspectos de diferentes dimensões, Roulet (Roulet, Filliettaz e Grobet, 2001) encontra no estudo modular de sistemas complexos, proposto por Simon, um método satisfatório para dar conta de modo simples, progressivo e sistemático da organização do discurso. De acordo com esse método, um objeto complexo pode ser decomposto em um certo número de subsistemas de informações. A identificação e a combinação dos

subsistemas permitem a compreensão progressiva do objeto complexo que deu origem a esses subsistemas (Filliettaz e Roulet, 2002).

Ao aplicar esse método ao estudo do discurso, o modelo modular parte da hipótese de que é possível descrever o sistema da língua independentemente da situação de interação em que ela é utilizada, assim como é possível descrever as estruturas sintáticas de um texto sem fazer referência à estrutura conceitual que subjaz a esse texto. Descritas de modo independente as informações que participam da organização do discurso, o modelo modular postula ainda que essas informações podem ser combinadas, a fim de se descreverem os diferentes aspectos envolvidos na produção e na interpretação dessa organização complexa que é o discurso. Dessa forma, a abordagem modular “implica uma dupla exigência: a) decompor a organização complexa do discurso em um número limitado de sistemas (ou módulos) reduzidos a informações simples e b) descrever de maneira tão precisa quanto possível a forma como essas informações simples podem ser combinadas para dar conta das diferentes formas de organização dos discursos analisados” (Roulet, Filliettaz e Grobet, 2001, p. 42).

Conforme a metodologia adotada pelo modelo modular, identificam-se inicialmente os módulos que entram na composição dos discursos. Um módulo é definido como um sistema de informações elementares, o qual deve fornecer a descrição de um domínio específico da organização discursiva. Essa descrição deve ser exaustiva, coerente, econômica e independente da descrição do domínio de que se ocupam outros módulos (Roulet, Filliettaz e Grobet, 2001, Filliettaz e Roulet, 2002). Nessa abordagem, parte-se da hipótese de que cada dimensão do discurso se constitui de módulos. Assim, a dimensão lingüística se constitui dos módulos lexical e sintático; a dimensão textual se constitui do módulo hierárquico; e a dimensão situacional se constitui dos módulos interacional e referencial.

Posteriormente, procura-se mostrar como as informações resultantes do estudo dos módulos se combinam em formas de organização do discurso. Na produção e na interpretação de toda forma discursiva, as informações de origem modular se inter-relacionam em unidades complexas de análise, que são as formas de organização. No modelo modular, distinguem-se dois tipos de formas de organização: as elementares e

as complexas. As formas de organização elementares (fono-prosódica, semântica, relacional, informacional, enunciativa, seqüencial e operacional) resultam da combinação ou acoplagem de informações extraídas dos módulos. Já as formas de organização complexas (periódica, tópica, polifônica, composicional e estratégica) resultam da combinação ou acoplagem de informações extraídas dos módulos e das formas de organização elementares e/ou complexas.

Nesta breve apresentação do Modelo de Análise Modular do Discurso, percebe-se que esse modelo, desenvolvido por Roulet e sua equipe, é um instrumento cuja aplicação no estudo da complexidade discursiva mostra-se bastante abrangente. Isso porque, “com a ajuda de um número limitado de unidades, relações e princípios gerais, visa poder ser aplicado a todas as formas de discurso possíveis e realizáveis – dialógico e monológico, escrito e oral, espontâneo ou fabricado, literário ou não literário – em línguas naturais” (Marinho 2004).

4. Percurso de análise

No modelo modular, o tratamento da informação se dá principalmente no estudo da forma de organização complexa tópica. Para se proceder a uma descrição adequada de uma estratégia discursiva que se vale do seqüenciamento dos textos da seção Brasil, será preciso percorrer as duas principais etapas de análise dessa forma de organização¹³.

Na primeira etapa, a acoplagem dos módulos **lexical**, **hierárquico** e **referencial** permitirá o estudo da forma de organização elementar **informacional**. Essa forma de organização oferece, basicamente, uma descrição estática e linear do modo como ocorrem a continuidade e a progressão das informações que são ativadas ao longo de um discurso (Roulet, Filliettaz e Grobet, 2001, Marinho, 2004).

¹³ Embora a expressão “estratégia discursiva”, que figura no título e em diversas passagens desta pesquisa, possa criar a expectativa de que realizarei a descrição da forma organização estratégica, o estudo aqui proposto não ultrapassa os limites da descrição da forma de organização tópica do discurso. Neste trabalho, o sentido que se dá à expressão “estratégia discursiva” se aproxima daquele que lhe atribuem, de modo geral, os estudos em Análise do Discurso, para os quais as estratégias discursivas dizem respeito às manobras linguageiras postas em prática pelo locutor para produzir determinados efeitos ou conseqüências sobre o interlocutor (Menezes, 2006). Isso não impede, porém, que o estudo aqui realizado constitua, em pesquisas futuras, uma etapa preliminar do estudo da gestão das posições acionais dos interlocutores de que se ocupa a forma de organização estratégica no Modelo de Análise Modular do Discurso (Roulet, Filliettaz e Grobet, 2001).

Na segunda etapa, em que se completa o estudo da forma de organização tópica, os resultados obtidos na primeira serão combinados inicialmente com informações extraídas da forma de organização **relacional**, resultante da acoplagem dos módulos **lexical**, **hierárquico** e **referencial**. Posteriormente, os resultados da primeira etapa serão combinados com informações extraídas do módulo **referencial**. Nessa segunda etapa, busca-se aprofundar a análise estática da forma de organização informacional, por meio da análise dinâmica do modo como os interlocutores geram a escolha e o encadeamento das informações que foram introduzidas ao longo da interação. Com o estudo da forma de organização tópica, pretende-se, conforme Marinho (2004, p. 96), “dar conta da hierarquia, do encadeamento, da continuidade informacional e ainda das relações de derivação existentes entre os objetos de discurso que são ativados no texto, assim como se pretende explicar a gestão desses objetos de discurso no desenvolvimento das interações”.

Ao realizar o estudo da forma de organização tópica dos textos componentes de cada uma das seções Brasil do corpus desta pesquisa, busco analisar especificamente:

- a) a ancoragem das informações de um texto em informações da memória discursiva com origem no(s) texto(s) anterior(es), bem como as inferências que podem surgir dessa ancoragem (1ª etapa).
- b) a acoplagem das estruturas informacional e hierárquico-relacional, a fim de verificar se o lugar ocupado pelas informações de um texto na estrutura hierárquico-relacional aponta para a sua saliência na memória discursiva e, portanto, para a sua possível retomada, no momento da leitura de textos seguintes (2ª etapa).
- c) a acoplagem das estruturas informacional e conceitual, a fim de verificar se as linhas conceituais subjacentes aos textos de cada seção justificam a ancoragem e as inferências mencionadas no item (a) (2ª etapa).

CAPÍTULO 2: Estudo da forma de organização informacional

O estudo da forma de organização informacional, no sistema de análise modular do discurso, tem como objetivo dar conta da continuidade e da progressão das informações que são ativadas em todo tipo de discurso, monológico ou dialógico. Mais precisamente, o objetivo dessa forma de organização é chegar à estrutura informacional do discurso, em que são descritas as diferentes formas de progressões informacionais que se manifestam na sucessão dos atos. Este capítulo visa, inicialmente, a dar uma apresentação detalhada da forma de organização informacional, expondo e discutindo a definição de alguns conceitos (item 2). Em seguida, essa forma de organização é combinada com a Teoria da Relevância (item 3), na busca pelos instrumentos adequados para a realização deste trabalho. Após tornar conhecidos os instrumentos de análise, o capítulo apresenta o estudo do corpus desta pesquisa (item 4), tendo como meta apontar a maneira como o seqüenciamento dos textos da seção Brasil da revista *Veja* pode funcionar como estratégia discursiva, na tentativa de influenciar a construção de sentidos do leitor.

Antes, porém, de descrever de maneira detida a forma de organização informacional e os conceitos que a ela se relacionam, acredito ser importante apresentar, ainda que brevemente, a abordagem na qual o modelo modular se baseou para chegar à atual concepção dessa forma de organização do discurso. O conhecimento da sua fundamentação teórica permitirá uma melhor compreensão da proposta utilizada atualmente.

1. Escola de Praga (Daneš)

Os primeiros estudos da organização informacional, no Modelo de Análise Modular (MAM), se apoiaram na abordagem de Combettes e Tomassone, que se vale dos trabalhos da Escola de Praga, e se apoiaram na abordagem de Daneš, um dos pesquisadores dessa Escola (Grobet, 2000, Marinho, 2002). A abordagem de Daneš surge como uma tentativa de integrar a análise da estrutura temática do enunciado e do discurso, uma vez que, com as noções de tema e rema e de progressões temáticas, esse autor busca descrever “a escolha e a ordenação dos temas dos enunciados, sua

concatenação e hierarquia mútuas, bem como seu relacionamento com os hipertemas de unidades textuais superiores (como parágrafo, capítulo...), com todo o texto e com a situação” (Marinho, 2002, p. 188).

De acordo com a orientação mais geral da Escola de Praga, “toda oração serve para realizar duas operações básicas e irredutíveis, que descrevemos na linguagem de todos os dias mediante os predicados ‘falar de’ e ‘dizer de’” (Ilari, 1992, p. 29). O primeiro desses predicados indicaria o papel do tema e o segundo, o papel do rema. Para Daneš (apud Liberato, 1980), o tema, além de poder ser definido como “aquilo sobre o que se fala no enunciado”, definição que se identifica com o predicado “falar de”, pode ser definido também como “a informação já conhecida ou dada que funciona como ponto de partida do enunciado”. Da mesma maneira, o rema, que pode ser definido como “o que se diz do tema”, definição que se identifica com o predicado “dizer que”, pode ser definido como “a informação nova que constitui o centro do enunciado”.¹⁴ Embora o caráter dado ou a “dadidade” de um tema possa ser considerado como “decorrente da recuperabilidade da informação [trazida pelo tema] no contexto ou no saber partilhado dos interlocutores” (Grobet, 2000, p. 50), Daneš (1974) ressalta a dificuldade de se avaliar o caráter “dado” ou conhecido de uma informação. Por esse motivo, ele sublinha que essa avaliação é uma questão de grau, já que uma informação não é necessariamente compartilhada pelos dois interlocutores.

O importante a observar é que, embora as proposições de Daneš sejam um tanto vagas, fica claro que a sua definição do tema como ponto de partida do enunciado ou como informação dada se deve ao fato de que, para ele, a escolha do tema está ligada à informação introduzida anteriormente no discurso (Daneš, 1974). É essa forma de compreender a noção de tema que permite ao autor ultrapassar o limite do enunciado e estudar as progressões temáticas entre os vários enunciados de um texto.

Com base no estudo de textos autênticos, escritos em tcheco, alemão e inglês, Daneš (1974) verifica a existência de três progressões temáticas, que devem ser consideradas como princípios abstratos:

¹⁴ O problema das várias definições que tema e rema têm merecido de autores da Escola de Praga e de outros autores é discutido de forma detalhada por Grobet (2000, p. 16-24). Em português, encontram-se discussões acerca desse problema em Liberato (1980) e em Ilari (1992).

- (1) *Progressão linear*: esse tipo de progressão é o mais elementar e ocorre quando o rema de um enunciado se torna o tema do enunciado seguinte.
- (2) *Progressão com um tema constante*: esse tipo de progressão ocorre quando uma série de enunciados apresenta um mesmo tema, isto é, “a um mesmo tema são acrescentadas novas informações remáticas em enunciados que se sucedem” (Marinho, 2002, p. 188).
- (3) *Progressão com temas derivados de um hipertema*: esse tipo de progressão é mais complexo que os anteriores e ocorre quando os temas de uma seqüência de enunciados derivam de um mesmo hipertema, ou seja, os temas de uma seqüência de enunciados se organizam em torno de um hipertema que pode ser explícito ou implícito.

Como foi dito, esses três tipos de progressões temáticas são princípios abstratos. Em textos autênticos, eles podem aparecer combinados, dando origem a variações dos tipos básicos. Dessas variações, as mais importantes são a progressão por ruptura temática e a progressão que implica temas provenientes de um rema fracionado. A primeira delas é uma variação da progressão linear e ocorre quando se omite um enunciado na cadeia de progressão temática por ser o conteúdo desse enunciado tão evidente que a sua menção pode parecer redundante e desnecessária. A segunda dessas variações resulta da combinação da progressão linear e da progressão com tema constante e ocorre quando o rema de um enunciado traz dois elementos que funcionam, cada um deles, como temas de enunciados seguintes (Marinho, 2002, Grobet, 2000).

Embora a abordagem de Daneš apresente o mérito de ultrapassar o limite da estrutura temática do enunciado e de buscar dar conta das progressões entre os enunciados, ela se mostra inadequada para o tratamento de textos dialógicos e de textos monológicos complexos. Em primeiro lugar, Daneš toma como unidade de análise o enunciado, se valendo, para sua delimitação, das fronteiras que sinalizam no texto escrito a frase (letra maiúscula e ponto final). Entretanto, os meios prosódicos e lexicais de pontuação do texto oral, bem como as características próprias da oralidade, como interrupções, hesitações e inserções, mostram que a frase não é uma unidade satisfatória para o estudo dos diálogos. Um segundo problema que apresenta a abordagem de Daneš diz respeito à

multiplicidade de temas que um mesmo enunciado pode apresentar. Ainda que se pudessem analisar os vários temas de um enunciado por meio da combinação dos tipos básicos de progressão temática, essa análise situaria todos os temas num mesmo plano e não daria conta de explicar com precisão a eventual hierarquia entre eles. Um último obstáculo ao emprego da teoria de Daneš ao estudo de diálogos e de textos monológicos complexos está ligado à questão dos temas implícitos. Nem sempre os enunciados trazem os temas explicitados por traços lingüísticos. Na abordagem de Daneš, se um enunciado não traz o tema de forma explícita, ele simplesmente não possui tema (Grobet, 2000, p. 55-58).

Esses e outros problemas ligados a essa abordagem tradicional evidenciaram que o seu emprego é adequado apenas à análise da estrutura de textos escritos e pouco complexos. Essa constatação levou à proposição de mudanças no modo de se conceber a organização informacional, no sistema de análise modular do discurso. Foi preciso desenvolver a abordagem de Daneš, para se chegar ao modelo atual. Esse modelo, que será apresentado no próximo item, é, ao mesmo tempo, próximo da abordagem tradicional (por se apoiar em algumas de suas noções) e distante dela (por evitar os obstáculos encontrados por essa abordagem).

2. Forma de organização informacional

Como exposto anteriormente, o estudo da forma de organização informacional, no quadro do MAM, tem como objetivo dar conta da continuidade e da progressão informacional do discurso. Mais especificamente, o objetivo desse estudo é analisar a estrutura informacional de cada unidade mínima de referência (o ato) e descrever a sua inserção na estrutura do discurso, através das formas de progressão informacional que se observam na sucessão dos atos.

Como se vê, o objetivo do estudo dessa forma de organização não difere essencialmente daquele da abordagem de Daneš. Em ambos os modelos, busca-se dar conta da estrutura informacional do discurso, ultrapassando o limite restrito de uma unidade mínima de análise, enunciado ou ato. O que, porém, difere um modelo do outro é o alcance das análises que possibilitam. Buscando afastar os problemas encontrados pela abordagem tradicional, apontados no item anterior, o MAM se valeu de proposições de Chafe e de

Berrendoner, para poder descrever a estrutura informacional de discursos orais ou escritos, monológicos ou dialógicos.

O tratamento de todas essas formas de discursos é possível, porque, para o modelo modular, o estudo da continuidade e da progressão informacional não se faz mediante a observação dos encadeamentos entre os constituintes mínimos do texto, ou seja, os atos. Esse estudo se realiza por meio da descrição dos encadeamentos entre cada ato do discurso e informações da memória discursiva. A memória discursiva, segundo Berrendoner (1983, p. 230-231), compreende “os diversos pré-requisitos culturais (normas comunicativas, lugares argumentativos, saberes enciclopédicos comuns, etc) que servem de axiomas aos interlocutores para conduzir uma atividade dedutiva” e é alimentada tanto pelos acontecimentos extralingüísticos como pelas enunciações sucessivas que constituem o discurso. Com o estudo da forma de organização informacional, busca-se, assim, descrever os encadeamentos entre os atos de um discurso, oral ou escrito, monológico ou dialógico, e as informações que foram previamente estocadas na memória discursiva dos interlocutores.

Com base na noção de memória discursiva e na distinção proposta por Chafe (apud Roulet, 1996, Marinho, 2002) entre informações inativa, semi-ativa e ativada¹⁵, bem como na sua hipótese de que a consciência humana focaliza apenas uma idéia de cada vez (“*only one idea constraint*”), Roulet propõe uma análise que não considera apenas as marcas lingüísticas do texto. Roulet (1996, p. 18) postula que “cada ato introduz uma informação dita então ativada e que a introdução dessa informação implica ao menos um ponto de ancoragem na memória discursiva, sob a forma de uma informação semi-ativa, que pode ser verbalizada ou não”. Dessa forma, cada ato ativa uma informação que ocupa temporariamente o centro da atenção dos interlocutores e que se ancora em pelo menos uma informação da memória discursiva.

¹⁵ Chafe (1980, p. 10) considerava que uma informação dada é “informação que um falante assume estar na consciência do ouvinte no momento da fala”. Conforme Grobet (2000, p. 19), essa noção de informação dada “foi retomada sob um ângulo cognitivo por Chafe (1994) com a noção de ‘estado de ativação’ que remete ao estatuto presumido de um referente na consciência do interlocutor (uma informação pode ser inativa, semi-ativa ou ativa)”. De acordo com Marinho (2002, p. 190), “a informação ativa [ou ativada] é entendida como a informação que já se encontra no foco de consciência do interlocutor num determinado momento; a informação semi-ativa é a que se encontra na consciência periférica do interlocutor, um conceito do qual se tem *background awareness*, mas que não está sendo diretamente focalizada; a informação inativa é a que se encontra na memória de longo termo, e não está sendo focalizada nem direta nem periféricamente”.

Nos primeiros trabalhos do modelo modular sobre a forma de organização informacional (Roulet, 1996, Grobet, 1996), essa informação ativada em cada ato recebeu o nome de “objeto de discurso”. Porém, mais recentemente (Grobet, 1999a, Grobet, 1999b, Grobet, 2000, Roulet, Fillietaz e Grobet, 2001), percebeu-se que o termo “objeto de discurso” era insatisfatório, porque ele designa entidades discursivas semântico-referenciais que não são ligadas à unidade do ato. Por esse motivo, o termo “objeto de discurso” foi substituído pelo termo “propósito”, o qual é considerado mais adequado para designar a informação de tipo proposicional que é ativada pelo ato.

A noção de propósito poderia, como ressalta Grobet (2000), ser associada àquela de rema, tal como definida na abordagem de Combettes e Tomasone, a qual se refere à informação apresentada como nova, isto é, à informação não mencionada anteriormente. Entretanto, o propósito não precisa ser necessariamente uma informação nova, devendo ser apenas uma informação sobre a qual se focaliza momentaneamente a atenção dos interlocutores. A novidade do propósito resulta, conforme Grobet (2000), da sua relação com as informações da memória discursiva¹⁶.

A relação do propósito com as informações da memória discursiva acontece em termos de ancoragem. Como foi dito, o ato ativa uma informação, o propósito, a qual deve necessariamente se ancorar em pelo menos uma informação da memória discursiva ou ponto de ancoragem. Não se trata de uma regra, mas de uma condição resultante do fato de que as informações que vão sendo introduzidas/ativadas num texto, escrito ou falado, monológico ou dialógico, não surgem “do nada”. Elas sempre se ancoram explicita ou implicitamente nos domínios de referência já evocados no cotexto, como acontece em textos monológicos ou dialógicos, ou no domínio de referência constituído pela situação de comunicação, como acontece de forma predominante nos textos dialógicos. E tanto as informações que têm origem no cotexto, quanto as que têm origem na situação de comunicação são recobertas pela noção de memória discursiva. Assim, para o MAM, cada ato introduz/ativa uma informação, o propósito, o qual se ancora em pelo menos um ponto de ancoragem constituído por uma informação semi-ativa, portanto acessível,

¹⁶ Na abordagem de Daneš (1974), o rema, assim como o propósito, não precisa ser um elemento novo. A sua novidade pode ser resultante da relação que mantém com o tema. Para uma discussão acerca das definições de tema e de rema em Daneš, ver Grobet (2000, p. 49-58).

da memória discursiva. Esse ponto de ancoragem pode ter sua origem no contexto, na situação de comunicação ou mesmo nas inferências que podem surgir de um ou de outro (Marinho, 2005).

Conforme Grobet (2000), um propósito pode ter diversos pontos de ancoragem, situados em diferentes níveis da memória discursiva. Desses pontos de ancoragem, há os que se situam num nível imediato, enquanto outros se situam num nível mais profundo, chamado *d'arrière-fond*. Essa distinção é importante, porque ela permite tratar a multiplicidade de elementos temáticos que um mesmo segmento lingüístico pode apresentar (Grobet, 2000). O ponto de ancoragem imediato é constituído pela informação mais diretamente acessível da memória discursiva na qual o propósito se encadeia. Esse ponto de ancoragem é igualmente chamado de tópico, o qual é definido por Grobet (Roulet, Fillietaz e Grobet, 2001, p. 255) como “uma informação identificável e presente na consciência dos interlocutores, que constitui, para cada ato, o ponto de ancoragem mais imediatamente pertinente, mantendo uma relação de a propósito (“*aboutness*”) com a informação ativada por esse ato”. Já o ponto de ancoragem *d'arrière-fond*, ou ponto de ancoragem de segundo plano¹⁷, é constituído por informações que, como disse, se situam em níveis mais profundos da memória discursiva. Essas informações, embora também sejam semi-ativas ou acessíveis, não atuam diretamente no encadeamento dos propósitos.

De acordo com Marinho (2002), distinguir o ponto de ancoragem imediato e o de segundo plano constitui um problema para a análise informacional, uma vez que essa distinção não é clara. Porém, o que diferencia o ponto de ancoragem imediato do de segundo plano é o fato de que o propósito de um ato diz respeito ao tópico, ou seja, é a respeito das informações que constituem o tópico que falamos. Por essa razão, o ponto de ancoragem de segundo plano não atua diretamente no encadeamento dos propósitos.

Os pontos de ancoragem imediatos, os tópicos, podem ser verbalizados no discurso por traços anafóricos, como pronomes ou expressões definidas. Esses traços são chamados de traços tópicos. Entretanto, em textos monológicos complexos e, principalmente, em diálogos, os tópicos podem ficar implícitos, isto é, podem não ser verbalizados por

¹⁷ Como escolho traduzir doravante.

traço tópico. Quando isso ocorre, para encontrar o tópico é preciso buscar a informação mais diretamente acessível ou mais imediatamente pertinente no contexto ou na situação de comunicação em que o propósito se ancora (Marinho, 2005). Já o ponto de ancoragem de segundo plano, por ser uma informação que se situa num nível menos imediato da memória discursiva, aparece necessariamente marcado no discurso por um traço (Grobet, 2000).

O estudo da forma de organização informacional de um discurso se faz mediante a combinação das noções de ato, pontos de ancoragem e propósito. Como foi possível observar, o tópico, nessa abordagem, não é um elemento textual, mas uma informação pertencente à memória discursiva dos interlocutores, cuja seleção acontece de forma retroativa: “cada ato ativa um objeto de discurso [ou propósito] que incrementa a memória discursiva, a qual passa a conter as informações nas quais o ato posterior pode se encadear (os pontos de ancoragem)” (Marinho, 2002, p. 195). A informação mais imediatamente pertinente na qual o ato se encadeia é o tópico. Se houver outras informações nas quais o ato possa se encadear, além do tópico, essas informações constituirão pontos de ancoragem de segundo plano.

Antes de tratar dos tipos de progressão informacional, que descrevem a forma como o ato ou a informação que ele ativa se encadeia ao tópico, transcrevo a seguir a parte inicial de um dos textos componentes do meu corpus¹⁸, a fim de tornar mais claras as considerações feitas até aqui. De acordo com as convenções de transcrição da organização informacional (Roulet, 1999b, Grobet, 2000, Marinho, 2002), os atos são numerados e os traços que verbalizam o tópico são apresentados em **negrito**; o tópico assim verbalizado aparece entre colchetes, depois do traço. Quando o tópico é implícito, ou seja, não verbalizado por traço tópico, ele aparece entre parênteses, no início do ato. Os termos apresentados em *itálico* são os traços de ponto de ancoragem de segundo plano.

¹⁸ As estruturas informacionais resultantes das análises de cada um dos textos componentes das seções Brasil do corpus encontram-se no anexo B deste trabalho.

- (01) A fotografia que ilustra esta reportagem foi feita em Dallas, no Texas, no mês passado.¹⁹
- (02) É **a primeira imagem** [a fotografia que ilustra esta reportagem] do novo avião do presidente Lula a ser divulgada desde que ele ficou pronto.
- (03) **O jato** [o novo avião do presidente Lula], salvo algum imprevisto técnico, aterrissa no Brasil nesta semana
- (04) **A aeronave** [o novo avião do presidente Lula], fabricada pela Airbus na Alemanha, vai substituir o Boeing 707, conhecido como Sucatão,
- (05) **que** [Sucatão] hoje é usado pelo *presidente* em suas viagens internacionais.
- (06) **O Sucatão** [Sucatão] tem mais de três décadas de uso,
- (07) (Sucatão) já deu sustos monumentais em autoridades
- (08) (Sucatão) e não opera em vôos comerciais nos Estados Unidos desde 1983.
- (09) (Sucatão) É tão barulhento que está proibido de pousar em muitos aeroportos americanos e europeus.
- (10) **O novo Airbus presidencial** [o novo avião do presidente Lula] é um dos aviões mais modernos que existem.

Figura 1: estrutura informacional dos atos (01-10) do texto “Tem até antimíssil”.

O tópico do ato (02) tem origem na informação *a fotografia que ilustra esta reportagem*, a qual foi ativada no ato anterior, e é verbalizado pelo traço tópico *a primeira imagem*. Os atos (03) e (04) apresentam os traços tópicos *o jato* e *a aeronave*, respectivamente, que indicam a ancoragem dos propósitos desses atos no tópico constituído pela informação *o novo avião do presidente Lula*, ativada no ato (02). Com o ato (04), ocorre a estocagem na memória discursiva da informação *o Boeing 707, conhecido como Sucatão*. Essa informação funciona como tópico para a seqüência dos atos (05), (06), (07), (08) e (09), porque todos esses atos ativam informações que dizem respeito ao avião Sucatão. Dessa seqüência de atos, apenas o (05) e o (06) apresentam traços tópicos. Nos outros, o tópico permanece implícito, já que a grande acessibilidade desse ponto de ancoragem imediato não traz problemas para a sua identificação, tornando desnecessária a sua verbalização por meio de traços²⁰. O tópico do ato (10) é constituído pela informação mais distante *o novo avião presidencial*, ativada no ato (02) e cuja última retomada se fez com o ato (04). O tópico do ato (10) é verbalizado pelo traço *o novo Airbus presidencial*. Dos atos transcritos acima, o único cujo propósito se

¹⁹ Embora seja evidente a ancoragem do ato (01) em um elemento constitutivo da reportagem (a fotografia que a ilustra), a seleção do tópico desse ato não será feita, uma vez que o estudo da ancoragem em informações com origem em imagens levanta problemas particulares que extrapolam os limites deste trabalho.

²⁰ Nem sempre a grande acessibilidade de um tópico implica ou explica a ausência de marcas lingüísticas desse tópico. Outros fatores, como a estrutura do texto ou os aspectos sociais da interação, participam da forma de se explicitar o ponto de ancoragem (escolha do traço) ou da opção por mantê-lo implícito. Para uma discussão mais detalhada a respeito da não-correspondência entre o grau de acessibilidade do tópico e a escolha do traço tópico e dos outros fatores que podem participar dessa escolha, ver Grobet (2000, p. 140-156). Porém, no caso em análise, o critério da acessibilidade do tópico parece dar conta de explicar a ausência de traços tópicos nos atos (07), (08) e (09).

ancora em uma informação de segundo plano é o ato (05). O tópico desse ato, como foi dito, é constituído pela informação *Sucatóo*, ativada no ato precedente. Essa informação, *Sucatóo*, participa diretamente no encadeamento entre os atos (04) e (05), porque o propósito ativado pelo ato (05) diz respeito a ela. O termo *o presidente* constitui, no entanto, um traço de ponto de ancoragem, na medida em que o ato a que pertence se ancora na informação *o presidente Lula*, já estocada na memória discursiva e com origem no ato (02). Mas, como essa informação não participa diretamente do encadeamento do ato (05) nos propósitos de atos anteriores, interpreto que a informação *o presidente Lula* constitui um ponto de ancoragem de segundo plano, ao qual o ato (05) se ancora por meio do traço *o presidente*. Essa interpretação se confirma com o auxílio de um teste em que se reformula o ato, com a aplicação de marcas de topicalização, tais como “quanto a”, “no que se refere a”, “a propósito de”²¹. Com a reformulação do ato (05) em (a) e (b)

- a) quanto ao *Sucatóo*, ele hoje é usado pelo presidente em suas viagens internacionais;
- b) quanto ao presidente, o *Sucatóo* é hoje usado por ele em sua viagens internacionais,

confirma-se que a informação da memória discursiva mais imediatamente pertinente à qual o ato se ancora é *Sucatóo* e que a informação *o presidente Lula* constitui um ponto de ancoragem de segundo plano.

O estudo da forma de organização informacional se completa com a análise dos tipos de progressões informacionais ou modos de encadeamento que se observam na sucessão dos atos. Essa análise se faz, como ressalta Grobet (Roulet, Fillietaz e Grobet, 2001, p. 258), “a partir do critério **da origem do tópico**”. Feita a seleção do tópico ao qual a informação ativada pelo ato se ancora, é possível classificar o modo de encadeamento

²¹ Além do teste da reformulação, há outros, como o da negação e o da interrogação, cujo objetivo é extrair o tópico e o propósito ou o tema e o rema, conforme a abordagem adotada. Ainda com o auxílio desses testes, é possível distinguir, em alguns casos, o tópico e o ponto de ancoragem de segundo plano, como no ato (05), em análise, já que essas noções se definem mutuamente. Para uma discussão acerca do alcance de tais testes, ver Grobet (2000, p. 122-127), Marinho (2002, p. 198-200) e Ilari (1992, cap. 2).

que caracteriza essa ancoragem. Os modos de encadeamento considerados pelo MAM (Grobet, 2000, Roulet, Fillietaz e Grobet, 2001) são:

- (01) *Encadeamento ou progressão linear*: esse tipo de progressão ocorre quando o tópico tem origem no propósito que precede o ato, ou seja, quando ele tem origem na informação que acaba de ser ativada. Essa progressão é a mais freqüente e pode implicar um tópico explícito ou implícito (não marcado por traço tópico).

- (02) *Encadeamento ou progressão com tópico constante*: esse tipo de progressão ocorre quando uma sucessão de atos se ancora num mesmo tópico. Conforme Marinho (2002, p. 196), essa progressão “implica geralmente (mas não necessariamente) um tópico explícito, verbalizado por um pronome ou por uma retomada lexical”.

- (03) *Encadeamento à distância*: esse tipo de progressão é descrito como uma variante da progressão linear e ocorre quando o tópico não tem origem no propósito que acaba de ser ativado, mas tem origem num propósito mais distante.

Descritos os modos de encadeamento considerados pelo MAM, é possível aplicá-los ao trecho transcrito anteriormente, a fim de verificar o tipo de progressão que caracteriza a ancoragem de cada ato ao seu tópico. Completando as convenções de transcrição mencionadas há pouco, no quadro abaixo os atos ocupam a coluna da esquerda e o tipo de progressão informacional, a coluna da direita.

(01) A fotografia que ilustra esta reportagem foi feita em Dallas, no Texas, no mês passado.	
(02) É a primeira imagem [a fotografia que ilustra esta reportagem] do novo avião do presidente Lula a ser divulgada desde que ele ficou pronto.	Progressão linear
(03) O jato [o novo avião do presidente Lula], salvo algum imprevisto técnico, aterrissa no Brasil nesta semana.	Progressão linear
(04) A aeronave [o novo avião do presidente Lula], fabricada pela Airbus na Alemanha, vai substituir o Boeing 707, conhecido como Sucatão,	Tópico constante
(05) que [Sucatão] hoje é usado pelo <i>presidente</i> em suas viagens internacionais.	Progressão linear
(06) O Sucatão [Sucatão] tem mais de três décadas de uso,	Tópico constante
(07) (Sucatão) já deu sustos monumentais em autoridades	Tópico constante
(08) (Sucatão) e não opera em vôos comerciais nos Estados Unidos desde 1983.	Tópico constante
(09) (Sucatão) É tão barulhento que está proibido de pousar em muitos aeroportos americanos e europeus.	Tópico constante
(10) O novo Airbus presidencial [o novo avião do presidente Lula] é um dos aviões mais modernos que existem.	Encadeamento à distância

Figura 2: estrutura informacional completa dos atos (01-10) do texto “Tem até antimíssil”.

A estrutura informacional, tal como exemplificada no quadro acima, constitui o resultado da análise da organização informacional de um discurso. Através dela, é possível observar o tópico em que cada ato se ancora, a presença ou não de traços que verbalizam o tópico e os pontos de ancoragem de segundo plano, bem como o modo como cada ato se encadeia ao tópico. Para completar a análise do texto transcrito acima, resta apenas explicar os modos de encadeamento. Os atos (02) e (03) se ancoram nos seus tópicos por progressão linear, uma vez que, como se viu, os tópicos desses atos têm origem nos propósitos dos atos imediatamente precedentes. Como o ato (04) se ancora no tópico do ato (03), o tipo de progressão que caracteriza essa ancoragem é a progressão com tópico constante. O ato (05) se encadeia por progressão linear ao tópico, constituído por informação do ato anterior, o ato (04). A seqüência dos atos (06), (07), (08) e (09) se ancora na informação da memória discursiva que constitui o tópico do ato (05). Essa ancoragem caracteriza a progressão com tópico constante. Como o tópico do ato (10) tem origem no propósito de um ato mais distante, o ato (02), o tipo de progressão que caracteriza essa ancoragem é o encadeamento à distância. A estrutura informacional não se ocupa da descrição dos modos de encadeamento dos atos em pontos de ancoragem de segundo plano.

Tal como descrita, a forma de organização informacional resulta da acoplagem de informações de diferentes módulos: do hierárquico (responsável pela determinação da unidade mínima de análise, o ato), do lexical (responsável pela descrição das marcas da estrutura informacional) e do referencial (responsável pela determinação dos pontos de ancoragem dessas marcas). O estudo da forma de organização informacional, do qual

resulta a estrutura informacional, oferece uma descrição linear, que se aproxima da abordagem proposta por Berthoud & Mondada (1995, p. 205), uma vez que, para as autoras, as dinâmicas tópicas, por se manifestarem em materiais discursivos contextualizados e não em frases isoladas, “demandam uma abordagem que integre os diferentes níveis de análise e de complexidade”.

Para justificar e aprofundar o conjunto dos fenômenos informacionais, apenas constatados na estrutura informacional, é necessário proceder à acoplagem dessa estrutura com informações de outros módulos e formas de organização. Essas acoplagens, que visam a ultrapassar a linearidade da análise da organização informacional, dizem respeito à forma de organização tópica do discurso, a qual será abordada no capítulo seguinte. Antes disso, será necessário, ainda neste capítulo, relacionar o estudo da forma de organização informacional com a produção de inferências (item 3), para proceder à análise do corpus (item 4).

3. Forma de organização informacional e produção de inferências

Tal como descrita no item anterior, a forma de organização informacional busca estudar o processo de ancoragem que caracteriza a introdução e o fluxo das informações ao longo do discurso. Esse estudo acontece basicamente através da seleção obrigatória dos tópicos e da seleção facultativa dos pontos de ancoragem de segundo plano do propósito de cada ato. A seleção do ponto de ancoragem e a sua classificação (tópico ou de segundo plano) pode levantar problemas, porque nem sempre o texto traz marcas lingüísticas que sinalizem a ancoragem do propósito do ato em informações da memória discursiva ou nem sempre essas marcas indicam com precisão qual ou quais informações funcionam como pontos de ancoragem tópica. Isso significa que nem sempre o tópico é verbalizado e que muitas informações da memória discursiva podem funcionar como ponto de ancoragem de segundo plano de um mesmo ato. Essas observações conduzem à constatação de que as inferências desempenham papel importante na organização informacional.

O que se pretende mostrar neste item é que a busca pela identificação do ponto de ancoragem, seja ele tópico ou de segundo plano, requer do interlocutor a realização de

inferências, ou seja, de operações cognitivas em que proposições novas resultam da ancoragem do propósito de um ato em informações da memória discursiva. Conforme Coscarelli (1999, p. 103), “essas operações ocorrem quando o leitor relaciona as palavras, organizando redes conceituais no interior do texto, mas também quando o leitor busca informações em suas experiências para com elas recuperar os elementos faltosos do texto”. Adotando postura semelhante, Koch (2005, p. 97) considera que “as inferências constituem estratégias cognitivas por meio das quais o ouvinte ou leitor, partindo da informação veiculada pelo texto e levando em conta o contexto (em sentido amplo), constrói novas representações mentais e/ou estabelece uma ponte entre segmentos textuais, ou entre informação explícita e informação não explicitada no texto”. A produção de inferências têm, portanto, como ponto de partida as informações trazidas pelo texto, as quais se relacionam ou, nos termos do MAM, se ancoram em informações da memória discursiva.

Entretanto, o simples reconhecimento da importância das inferências na organização informacional não me parece suficiente, já que a própria noção de inferência apresenta grande complexidade²². Além disso, essa noção recebeu uma atenção especial em versões anteriores do MAM (Roulet, 1997), de cujo estudo se ocupava a forma de organização inferencial, resultante da combinação de informações lingüísticas e referenciais. Atualmente, porém, o modelo postula que o estudo das inferências não participa da descrição da forma de organização informacional, sendo necessário apenas para a descrição da forma de organização relacional, responsável pelo estudo das relações de discurso²³. Esses motivos me levaram a buscar contribuições da Teoria da Relevância, abordagem pragmático-cognitiva, para qual inferência e contexto são noções centrais.

Tomando como ponto de partida o modelo inferencial de Grice (1975), Sperber e Wilson desenvolvem uma abordagem voltada para a interpretação dos enunciados em contexto. Segundo essa abordagem, os indivíduos prestam atenção apenas em fenômenos que lhes parecem relevantes. Como explicam Silveira e Feltes (1999, p. 37),

²² Para uma discussão acerca das várias definições que a noção de inferência tem recebido, ver Coscarelli (1999, cap. 4) e Dell'isola (1991).

²³ “As vantagens teóricas da organização inferencial (...) não fazem dela uma abordagem diretamente utilizável, em seu estado atual, para estudar a identificação do tópico e a estrutura informacional” (Grobet, 2000, p. 129).

os autores da Teoria da Relevância (TR) “partem da idéia de que comumente prestamos atenção a estímulos que, em alguma medida, vêm ao encontro de nossos interesses ou se ajustam às circunstâncias do momento”. Por trás dessa idéia, está o Princípio da Relevância, segundo o qual “todo ato de comunicação ostensiva comunica a presunção de sua própria relevância ótima” (Sperber e Wilson, 1995, p. 158). Esse princípio, que visa a substituir as máximas de Grice (Wilson e Sperber, 1991), estabelece que o estímulo ostensivo do locutor é relevante o suficiente para merecer o esforço de processamento do destinatário. Dessa forma, a comunicação acontece quando o locutor produz um estímulo com o objetivo de tornar manifesto para ele e para o ouvinte uma intenção informativa. Dito de outra forma, o locutor, ao produzir um enunciado-estímulo, torna mutuamente manifesto para ele e para o ouvinte que ele quer tornar mutuamente manifesto um conjunto de suposições. O enunciado passa a ser visto, então, como uma evidência direta e ostensiva da intenção informativa do falante (Silveira e Feltes, 1999).

Para a TR, se a comunicação é ostensiva do ponto de vista do falante, ela é inferencial do ponto de vista do ouvinte. Isso porque um enunciado, quando atinge o nível da atenção do ouvinte, leva à construção e à manipulação de representações mentais. Em outras palavras, as informações do enunciado-estímulo que estão no foco de atenção do ouvinte podem se combinar com informações já estocadas em sua memória e dar origem a suposições e inferências. Essas suposições e inferências resultantes da compreensão de um enunciado são chamadas, na TR, de efeitos contextuais.

Conforme Sperber e Wilson (1995), os efeitos contextuais são suposições resultantes da interação de uma informação nova, ou recentemente introduzida na memória de curto termo, com informações pertencentes à representação de mundo do indivíduo²⁴. Os efeitos contextuais são, portanto, suposições cuja novidade não está nem na informação recentemente introduzida, nem na informação já existente, mas na combinação de ambas. Esses efeitos implicam uma alteração ou mudança nas crenças do indivíduo (Silveira e Feltes, 1999). Dessa forma, a relevância de um estímulo depende da quantidade de efeitos contextuais que ele permite produzir, ou seja, um estímulo

²⁴ “Uma representação do mundo é um estoque de suposições com alguma organização interna” (Sperber e Wilson, 1995, p. 104).

ostensivo será relevante se permitir a produção de efeitos contextuais²⁵ e se, conseqüentemente, levar à modificação da representação que o indivíduo tem do mundo.

É preciso ressaltar o papel do contexto no surgimento dos efeitos contextuais. Na TR, o contexto usado para processar novas informações é visto como “um subconjunto de suposições velhas do indivíduo, com o qual novas suposições se combinam para produzir uma variedade de efeitos contextuais” (Sperber e Wilson, 1995, p. 132). Na busca por efeitos contextuais que justifiquem o processamento da nova informação, o indivíduo seleciona, das suposições que formam a sua representação do mundo, um subconjunto de suposições necessárias para interpretar essa nova informação. O contexto constitui, portanto, o ambiente cognitivo do indivíduo.

O ambiente cognitivo é formado por aquelas suposições mentalmente representadas sobre o mundo que são necessárias para a comunicação, porque afetam e restringem a compreensão do enunciado. Sperber e Wilson (1995) esclarecem que a escolha do contexto, ou seja, das informações que constituem o ambiente cognitivo do indivíduo não é arbitrária. Conforme os autores (op. cit., p. 138), “a organização da memória enciclopédica do indivíduo e a atividade mental na qual está engajado limitam a classe de contextos potenciais da qual o atual contexto pode ser escolhido num dado momento”. Isso significa que a seleção do contexto é guiada pela busca por efeitos contextuais ou pela busca por relevância: para se contextualizar uma informação nova, escolhem-se aquelas informações presentes na memória que permitam o surgimento de uma maior quantidade de efeitos contextuais. A expectativa do indivíduo de que a informação em processamento seja relevante faz com que ele selecione um contexto que justifique essa expectativa, ou seja, um contexto que maximize a relevância do

²⁵ Os efeitos contextuais podem ocorrer de três formas diferentes: por implicação contextual, por fortalecimento ou enfraquecimento de suposições e por eliminação de suposições contraditórias. Uma suposição que surge por implicação contextual resulta da combinação de informações ou suposições já existentes com informações ou suposições novas. Ela resulta, portanto, da contextualização da suposição nova no contexto de suposições já existentes. O segundo tipo de efeito contextual consiste na modificação de uma suposição já existente. Aqui, não há a obtenção de uma suposição nova, mas, sim, o fortalecimento ou o enfraquecimento de uma suposição anteriormente formada. O último tipo de efeito contextual consiste na eliminação de uma suposição, quando esta se contradiz com outra. A contextualização de uma suposição num contexto que a contradiz pode levar à eliminação de uma suposição já existente ou mesmo da suposição nova. O que importa é que aquela para a qual se têm menos evidências seja eliminada (Sperber e Wilson, 1995, Marinho, 2002).

enunciado ao permitir a produção de muitos efeitos contextuais. Ainda segundo os autores, as informações da memória escolhidas para constituir o contexto podem ter diversas origens: podem ter origem no enunciado prévio ou num mais distante, no ambiente físico, na memória enciclopédica, etc (op. cit.). Como se pode notar, o contexto nessa abordagem não é visto como algo dado de antemão. Ao contrário, a relevância é que é vista como dada, já que a expectativa dos indivíduos por relevância é uma constante, enquanto o contexto é visto como uma variável.

Um último fator importante para a busca por relevância diz respeito ao esforço de processamento. Toda atividade mental exige algum esforço ou dispêndio de energia, em termos de percepção, memória e inferência. Esse esforço requerido por toda atividade mental está numa relação comparativa com os benefícios ou efeitos contextuais que são alcançados (Wilson e Sperber, 2005). Conforme Moeschler (1995), “a relevância não é uma noção absoluta, mas é um conceito comparativo, definido da seguinte maneira: quanto mais um enunciado produz efeitos contextuais, mais ele é relevante; quanto mais ele demanda esforço cognitivo, menos ele é relevante”. Assim, um enunciado cujos efeitos contextuais podem ser obtidos com poucos esforços de processamento é mais relevante do que um outro cujos efeitos demandam uma quantidade maior de esforços para serem alcançados.

Entretanto, Silveira e Feltes (1999) ressaltam que há situações comunicativas em que um esforço adicional é recompensado com uma maior quantidade de efeitos contextuais. As autoras acreditam que esse modo de funcionamento da mente pode ser comparado à situação em que se tenta curvar uma barra de metal. Pode-se curvar a barra com facilidade até certo ponto, mas a curvatura completa da barra só se consegue com esforço adicional. Nesse caso, um melhor resultado requer um dispêndio maior de esforços. Essa situação é exemplificada pelas autoras com o seguinte exemplo (Silveira e Feltes, 1999, p. 45-46):

A: Um uísque?

B: Sou mórmon.

O esforço necessário para se compreender a resposta indireta de B é maior do que o necessário para se compreender uma resposta direta como “Sim” ou “Não”. Porém, com

a resposta indireta, B presume que as informações “Uísque é uma bebida alcoólica” e “Mórmons não bebem álcool” fazem parte da memória enciclopédica de A e que podem, por isso, vir a constituir o contexto de interpretação de sua resposta. Caso A selecione essas informações para contextualizar a resposta de B, ele obterá a seguinte suposição: “B não bebe álcool”. Essa suposição, que se integra ao contexto de interpretação selecionado por A, permite a ele concluir: “B não quer uísque”. E permite concluir a informação adicional: “B não quer qualquer tipo de bebida alcoólica”. Assim, um dispêndio maior de esforços cognitivos foi compensado com a produção de mais efeitos contextuais.

Como se vê, a relevância é uma noção comparativa, que depende do equilíbrio entre efeitos contextuais e esforços cognitivos (Marinho, 2002). Um enunciado é mais relevante, se os efeitos contextuais alcançados demandam poucos esforços cognitivos para serem realizados. Mas um dispêndio maior de esforços pode vir a ser recompensado com a produção de mais efeitos contextuais. Dessa forma, para a TR, compreender um enunciado significa encontrar sua relevância (Wilson, 2006), o que implica, por parte daquele que interpreta, o trabalho de construir sentidos (ou de produzir efeitos contextuais), a partir do processamento do material lingüístico num contexto formado por um subconjunto de informações da memória, selecionado para tal fim²⁶.

A TR e a forma de organização informacional podem ser relacionadas, com o objetivo de mostrar que a identificação do ponto de ancoragem – tópico ou de segundo plano – se refere à construção do contexto e requer do interlocutor a produção de inferências, isto é, de operações cognitivas em que proposições novas resultam da ancoragem do propósito de um ato em informações da memória discursiva. O relacionamento das noções de ambas as abordagens é possível, devido à concepção cognitiva compartilhada

²⁶ A noção de compreensão como um processo ativo, por meio do qual se constroem sentidos, não é adotada unicamente pelos autores da Teoria da Relevância. Para Koch (2005, p. 97), “todo processo de compreensão pressupõe (...) atividades do ouvinte/leitor, de modo que se caracteriza como um processo ativo e contínuo de construção – e não apenas de reconstrução –, no qual as unidades de sentido ativadas a partir do texto se conectam a elementos suplementares de conhecimento extraídos de um modelo global também ativado em sua memória”. Marcuschi (1988, p. 52), por sua vez, admite que “a compreensão é um processo complexo que envolve percepção de elementos visuais, seleção de saliências textuais, predição de hipóteses, confratação e testagem das hipóteses, confirmação ou reconstrução para chegar a um produto final”. Para outros trabalhos em que se faz presente a noção de compreensão como processo de construção de sentidos, ver van Dijk (1992), Kleiman (1996), Koch (2006).

pela noção de contexto na TR e pela noção de ponto de ancoragem na organização informacional. Tanto o contexto quanto o ponto de ancoragem são informações que pertencem à memória dos interlocutores e que podem ter diversas origens: contexto, enquadre espaço-temporal, inferências, etc. Na abordagem da TR, o destinatário seleciona um subconjunto das informações presentes em sua memória (enciclopédica ou de curto termo), para com elas formar o contexto de interpretação que produzirá o máximo de efeitos contextuais com o mínimo de esforços de processamento. Na abordagem da organização informacional, a informação ativada pelo ato, o propósito, se ancora em, pelo menos, uma informação da memória discursiva, o tópico, e pode se ancorar em diversas outras informações da memória discursiva, os pontos de ancoragem de segundo plano.

Ao relacionar as duas abordagens, percebe-se que elas podem ser complementares, na medida em que os pontos de ancoragem, sejam eles o tópico ou os pontos de ancoragem de segundo plano, são informações da memória discursiva que o interlocutor seleciona para construir o contexto de interpretação da informação ativada pelo ato. Nessa perspectiva, a seleção dos pontos de ancoragem é guiada pela busca por relevância: procedo à constituição do contexto de interpretação do enunciado, ou seja, procedo à seleção do tópico e dos pontos de ancoragem de segundo plano do propósito, porque presumo que o ato é relevante o suficiente para merecer o meu esforço de processamento.

Nesta etapa do trabalho, verifico se informações da memória discursiva com origem em um texto jornalístico podem ser selecionadas para fazer parte do contexto de interpretação de outro texto jornalístico, ambos pertencentes à mesma seção Brasil da revista *Veja*. Em outros termos, busco verificar se informações estocadas na memória discursiva quando da leitura de um texto de uma seção Brasil podem funcionar como ponto de ancoragem para informações que serão ativadas no texto seguinte da mesma seção.

O relacionamento da TR com a forma de organização informacional é importante para esta pesquisa, pois o estudo da ancoragem do propósito de um ato em informações da memória discursiva não pode, a meu ver, prescindir de uma concepção cognitiva e dinâmica da noção de contexto, tal como proposta pela TR, ainda mais quando o objeto

de estudo é a seção de uma revista. Numa seção, os textos não têm uma existência autônoma, porque cada um deles está “cercado” por outros que podem influenciar a interpretação do leitor. Assim, a ancoragem do ato de um texto em informações estocadas na memória discursiva quando da leitura de outro texto, ambos pertencentes a uma mesma seção, pode influenciar a produção de sentidos, na medida em que novas informações passam a fazer parte do contexto de interpretação do ato.

Este trabalho, portanto, só pode ser realizado, se se adotar uma concepção cognitiva e dinâmica de contexto e se se levar em conta a importância das inferências. Aqui, defendo que a combinação da forma de organização informacional e de contribuições da TR fornece os instrumentos adequados para a realização deste estudo, em que se levanta a hipótese de que o seqüenciamento dos textos de uma seção pode funcionar como estratégia de convencimento do leitor. Para conferir como esse processo de ancoragem acontece antes de proceder ao estudo do corpus, apresento um exemplo de análise. Abaixo, observa-se a estrutura informacional da parte inicial do segundo texto da seção do dia 12/01/2005.

- (01) Eles já são uma espécie de facção informal do PT.
(02) (facção informal do PT) Liderado pela ex-prefeita de São Paulo Marta Suplicy,
(03) **o grupo** [facção informal do PT] formado pelos ex-secretários municipais Jilmar Tatto, Rui Falcão e Valdemir Garreta, pelo vereador Arselino Tatto e pelo marido da petista, Luis Favre, vem há tempos desafiando a direção nacional do partido.
(04) (o grupo) Na semana passada,
(05) **o grupo** [o grupo] deu nova mostra de rebeldia:
(06) (o grupo) apoiou o candidato dissidente dos tucanos Roberto Trípoli à presidência da Câmara dos Vereadores de São Paulo,
(07) enquanto **o presidente nacional do PT, José Genoíno** [membro da direção nacional do partido], trabalhava para eleger Ricardo Montoro, candidato do prefeito José Serra.
(08) **A atitude dos rebeldes** [o apoio ao candidato dissidente dos tucanos Roberto Trípoli à presidência da Câmara dos Vereadores de São Paulo, enquanto o presidente nacional do PT, José Genoíno, trabalhava para eleger Ricardo Montoro, candidato do prefeito José Serra.] irritou a *cúpula petista*.

Figura 3: estrutura informacional dos atos (01-08) do texto “Turma do barulho”.

Nesse fragmento, em (08) tem-se que a expressão “a atitude dos rebeldes” é o traço tópico, porque sinaliza a ancoragem do ato em que aparece na informação mais imediatamente pertinente, constituída pelo propósito dos atos (06) e (07). O propósito desses atos constitui, portanto, o tópico do ato (08), porque *o apoio ao candidato dos tucanos* (propósito dos atos (06) e (07) é *a atitude dos rebeldes que irritou a cúpula petista* (propósito do ato (08). A estrutura informacional do ato (08) mostra ainda que a

expressão “a cúpula petista” é um traço de ponto de ancoragem de segundo plano, porque indica o encadeamento do ato em que aparece em alguma informação da memória discursiva. Essa informação tem origem nesse mesmo trecho, mais especificamente no ato (03), e é verbalizada nesse ato pela expressão “a direção nacional do partido”. A ancoragem do ato (08) nessa informação do ato (03) é necessária para a compreensão do fragmento. Isso porque, caso o leitor não realize essa ancoragem, não compreenderá que a expressão “a cúpula petista” estabelece uma relação de correferência com a informação verbalizada pela expressão “a direção nacional do partido” e não compreenderá que a cúpula petista que se irritou com o grupo de Marta é a direção nacional do partido que esse mesmo grupo vem desafiando há tempos.

Com o auxílio da TR, percebe-se que a interpretação do ato (08), isto é, a contextualização da informação ativada pelo ato (08), implica a busca na memória discursiva das informações que permitam a produção de efeitos contextuais com pouco esforço de processamento. Intuitivamente, a seleção de informações com origem no próprio texto parece exigir um dispêndio menor de energia mental do que o requerido pela seleção de informações com outras origens. Dessa forma, o tópico (o propósito dos atos (06) e (07)) e o ponto de ancoragem de segundo plano (a expressão “a direção nacional do partido”, originária do ato (03)) formam um contexto para a interpretação do ato (08), interpretação que não demanda grandes esforços cognitivos para ser realizada. A contextualização, ou seja, o encadeamento do ato (08) nos seus pontos de ancoragem pode dar origem ao seguinte efeito contextual: *a cúpula petista que se irritou com a atitude dos rebeldes é a direção nacional do partido que esses mesmos rebeldes vêm desafiando há tempos.*

Entretanto, informações com outras origens podem ser selecionadas para fazer parte do contexto de interpretação do ato (08), porque a noção de contexto adotada neste trabalho é, como foi dito, dinâmica. Na busca por mais efeitos contextuais que justifiquem o processamento do ato (08), novas informações podem ser incorporadas ao contexto desse ato. Isso significa que o ato (08) pode se encadear em outros pontos de ancoragem de segundo plano²⁷. Levando-se em conta que uma das expectativas dos produtores de

²⁷ Conforme foi dito no item anterior, o propósito de um ato pode se ancorar em múltiplas informações localizadas em níveis mais profundos da memória discursiva (os pontos de ancoragem de segundo plano).

Veja é a leitura contínua de toda a edição (ver capítulo 1, item 1), as informações introduzidas no primeiro texto da seção Brasil podem tornar-se pontos de ancoragem de segundo plano para as informações introduzidas no segundo texto. Assim, o ato (08) do segundo texto da seção (“A atitude dos rebeldes irritou a cúpula petista”) pode encontrar pontos de ancoragem de segundo plano no primeiro texto da mesma seção. Nesse texto, o fragmento formado pelos atos (67-70) traz informações sobre a decisão do presidente Lula de vetar a candidatura de Virgílio Guimarães para o cargo de presidente da Câmara dos Deputados.

<p>(67) (Virgílio Guimarães) Até então favorito para o cargo, (68) o mineiro Virgílio [Virgílio Guimarães], que foi relator da reforma tributária e já dividiu um apartamento com o então deputado Lula durante a Constituinte, se rebelou (69) (Virgílio Guimarães) e afirma que levará sua candidatura até o fim. (70) Ele [Virgílio Guimarães] não se conforma por ter sido vetado pelo Planalto e por Lula.</p>

Figura 4: estrutura informacional dos atos (67-70) do texto “Por que eles querem presidir a Câmara”.

Considerando-se que o presidente Lula é a figura de maior destaque da cúpula petista, o traço de ponto de ancoragem “a cúpula petista”, pertencente ao ato (08) do segundo texto, também pode indicar a ancoragem desse ato nas informações sobre o presidente, ativadas no fragmento acima, pertencente ao primeiro texto da seção. Embora a ativação das informações sobre o presidente demande mais esforços cognitivos, tendo em vista a menor acessibilidade desse ponto de ancoragem, o acréscimo dessas informações ao contexto de interpretação do ato (08) pode resultar no seguinte efeito contextual: *como o presidente Lula faz parte da cúpula petista, ele também se irritou com a atitude dos rebeldes*. No entanto, é preciso constatar que a ancoragem do ato (08) do segundo texto em informações do primeiro não é necessária para a compreensão desse ato. Essa é uma ancoragem apenas possível, uma vez que a compreensão do ato (08) não depende dela. Mesmo que as informações sobre o presidente Lula, ativadas no primeiro texto, não sejam selecionadas pelo leitor para fazer parte do contexto do ato (08) do segundo, ainda assim esse ato poderá ser compreendido.

A partir desse exemplo, percebe-se que, na seção Brasil, a ancoragem do ato de um texto em uma informação com origem em outro texto não é necessária para a compreensão desse ato. Por esse motivo, faz-se necessário o estabelecimento da

distinção entre o que ao longo deste trabalho chamarei de ancoragem necessária e ancoragem possível. A ancoragem da informação ativada em um ato em um ponto de ancoragem é necessária quando essa ancoragem é fundamental para a compreensão do ato. No exemplo analisado, o propósito do ato (08) “A atitude dos rebeldes irritou a cúpula petista” se ancora de forma necessária no tópico, constituído pelo propósito dos atos (06) e (07) e marcado pelo traço “a atitude dos rebeldes”, e no ponto de ancoragem de segundo plano constituído pela informação “a direção nacional do partido” (ativada no ato (03)) e marcado pelo traço “a cúpula petista”. Caso o propósito do ato (08) não encontre esses pontos de ancoragem na memória discursiva, a compreensão desse ato ficará prejudicada.

Por outro lado, a ancoragem da informação ativada em um ato em um ponto de ancoragem é considerada apenas possível quando essa ancoragem não é imprescindível para a compreensão do ato. No exemplo analisado, o propósito do ato (08), pertencente ao segundo texto da seção, se ancora de forma possível em outro ponto de ancoragem de segundo plano, constituído por informações do primeiro texto. Essa ancoragem possível também é marcada no ato (08) pelo traço “a cúpula petista”. Mesmo que o propósito do ato (08) não encontre esse ponto de ancoragem na memória discursiva, ainda assim o ato poderá ser compreendido.

Nos próximos itens, as análises, dedicadas ao estudo da ancoragem entre os textos de cada seção do corpus, irão focar o papel de traços lingüísticos que, assim como o traço “a cúpula petista”, indicam a ancoragem necessária e a ancoragem possível do ato a que pertencem em diferentes informações da memória discursiva.

4. Análise do corpus

Os dois itens seguintes serão dedicados à análise do corpus. O primeiro deles propõe a análise dos textos que compõem a seção Brasil do dia 05/01/2005, e o segundo propõe a análise dos textos que compõem a seção Brasil do dia 12/01/2005. Como exposto no capítulo 1, um objeto de comunicação, como *Veja*, é concebido para funcionar como “uma máquina eficiente de atração do público-alvo” (Hernandes, 2006, p. 47), o que implica a expectativa, por parte daqueles que a produzem, de que toda uma edição da revista será lida do começo ao fim. Por isso, os textos das seções serão analisados na

ordem ou seqüência em que aparecem na revista. Como um texto pode apresentar um número muito grande de pontos de ancoragem de segundo plano com origem no texto anterior da mesma seção, foram extraídos, para apresentação e discussão nos próximos itens, apenas alguns exemplos de análise de cada texto das duas seções do corpus desta pesquisa.

4.1. Seção Brasil do dia 05/01/2005

Tal como se mostrou no capítulo 1 (item 2), a seção Brasil do dia 05/01/2005 é formada por três textos. O primeiro texto, “Fantasmas maranhenses”, denuncia a participação do então governador do Maranhão José Reinaldo Tavares e de pessoas ligadas a ele no desvio de verbas destinadas à construção de estradas no estado. O texto seguinte se intitula “Sandálias da humildade” e aborda a questão do crescimento da economia brasileira. De acordo com o autor, o presidente Lula e o então ministro José Dirceu deveriam calçar as “sandálias da humildade”, por pensarem que conduzir o desenvolvimento do país é uma tarefa fácil. O terceiro e último, intitulado “Uma vitória da parceria tucano-petista”, diz respeito ao acordo firmado entre o governo petista e a oposição tucana, que permitiu a aprovação do projeto que cria as parcerias público-privadas (PPPs). O texto traz esclarecimentos sobre o funcionamento das PPPs e oferece argumentos favoráveis a essa forma de parceria entre o governo e a iniciativa privada.

A figura abaixo apresenta a estrutura informacional dos atos iniciais do segundo texto da seção, aquele que trata do crescimento da economia:

- (01) O presidente Lula deveria calçar as sandálias da humildade.
- (02) (O presidente Lula) Imagina que pode reger o desenvolvimento do país
- (03) (Imagina que pode reger o desenvolvimento do país) como Moisés abriu o mar em duas metades.
- (04) (O presidente Lula) Disse que 2005 será um ano com “mar de almirante e céu de brigadeiro”.
- (05) **José Dirceu** [membro do governo Lula], ministro-chefe da casa civil, é pior.
- (06) (José Dirceu) Acredita que *o crescimento brasileiro* depende do número de horas que ele trabalha por dia.

Figura 5: estrutura informacional dos atos (01-06) do texto “Sandálias da humildade”.

O propósito do ato (06) se encadeia no ponto de ancoragem de segundo plano constituído pela informação da memória discursiva *o desenvolvimento do país*, que tem origem no ato (02). Esse encadeamento é marcado no ato (06) pela expressão definida *o crescimento brasileiro*. Interpreto que a ancoragem do ato (06) na informação com origem no ato (02) é necessária para a compreensão do fragmento em análise. Essa interpretação se deve ao fato de que a expressão *o crescimento brasileiro* estabelece uma relação de correferência com a entidade verbalizada pela expressão *o desenvolvimento do país*. Caso o leitor não estabeleça essa relação, não compreenderá que, do ponto de vista do autor, Lula e J. Dirceu têm um comportamento semelhante em relação a um mesmo fenômeno: ambos os políticos imaginam que podem comandar sozinhos e com facilidade o crescimento brasileiro ou o desenvolvimento do país. A compreensão do ponto de vista do autor resulta, portanto, da ancoragem necessária do ato (06) na informação *o desenvolvimento do país*, que tem origem no ato (02). Em outros termos, para produzir os efeitos contextuais desejados pelo autor, o leitor precisa processar a informação do ato (06) num contexto de que faz parte a informação do ato (02). A suposição ou efeito contextual resultante da contextualização do ato (06) no ato (02) será a compreensão do ponto de vista do autor, segundo o qual ambos os políticos acreditam que comandar o crescimento brasileiro é uma tarefa fácil. A produção desse efeito contextual envolve pouco esforço de processamento, tendo em vista o fato de que a informação do ato (02) em que o ato (06) se ancora foi recentemente estocada na memória discursiva e pode, por isso, ser facilmente recuperada.

Entretanto, a busca por uma produção maior de efeitos contextuais pode levar o leitor a incrementar o contexto de interpretação do ato (06), acrescentando ao contexto inicial outras informações estocadas na memória discursiva. A percepção de que o ato (06) se ancora em outras informações da memória discursiva tem a ver com a seleção das informações que farão parte do contexto de interpretação do ato. Essa seleção, segundo Sperber e Wilson (1995), não é arbitrária e diz respeito à organização da memória enciclopédica do indivíduo e à atividade mental em que está engajado. Isso significa que a seleção do contexto do ato (06) pode variar de leitor para leitor e que até um mesmo leitor, ao ler a informação contida em (06) em situações diferentes, pode selecionar diferentes contextos para interpretá-lo.

Considerando que uma das expectativas dos produtores de *Veja* é que as informações do primeiro texto constituam um subconjunto das informações estocadas na memória discursiva do leitor no momento da leitura do segundo texto, a expressão *o crescimento brasileiro* pode indicar a ancoragem do ato (06), pertencente ao segundo texto da seção, nas informações da memória discursiva que têm origem no fragmento abaixo, extraído do primeiro texto da seção, no qual se descreve a pobreza do estado do Maranhão:

- (01) Pobre Maranhão.
- (02) **O estado** [Maranhão] tem o pior índice de desenvolvimento humano do Brasil,
- (03) (Maranhão) a renda per capita mais baixa do país
- (04) (Maranhão) e está na ponta do ranking dos indicadores sociais negativos.
- (05) (Maranhão) Metade da população não tem água encanada ou esgoto
- (06) (Metade da população) e vive abaixo da linha da pobreza.

Figura 6: estrutura informacional dos atos (01-06) do texto “Fantasmas maranhenses”.

O contexto de interpretação do ato (06) do segundo texto era formado inicialmente apenas pela informação do ato (02) do mesmo texto. Porém, a informação do ato (06) de que J. Dirceu acredita que o crescimento brasileiro depende do número de horas que ele trabalha por dia pode se ancorar nas informações do fragmento acima relativas à pobreza do Maranhão. Acrescentar ao contexto inicial do ato (06) as informações do fragmento do primeiro texto pode levar ao surgimento da seguinte suposição:

Se comandar o crescimento ou o desenvolvimento do país fosse tarefa fácil como Lula e Dirceu pensam, o Maranhão não seria um estado tão pobre e com tantos problemas.

Essa suposição é resultante da contextualização do ato (06) no contexto formado pelas informações do ato (02) do segundo texto e pelas informações dos atos (01-06) do primeiro texto. Mas, para compor o contexto do ato (06), ao qual a suposição acima é incorporada, podem ser selecionadas ainda as informações dos fragmentos abaixo do primeiro texto, todos eles referentes às denúncias de corrupção contra o então governador do estado José Reinaldo Tavares.

- (24) **O governo** [o governador José Reinaldo Tavares] contratou vinte obras fantasmas,
- (25) (vinte obras fantasmas) ligando quarenta povoados em doze municípios, uma maneira de tragar dinheiro público a conta-gotas.

Figura 7: estrutura informacional dos atos (24-25) do texto “Fantasmas maranhenses”.

(52) **As fraudes a conta-gotas** [informação cotextual – O governo contratou vinte obras fantasmas. (...) O dinheiro que sumiu é mais que o dobro da arrecadação mensal do município] podem chegar a 20 milhões de reais.
(53) **O governador José Reinaldo** [O governador José Reinaldo] não soube responder à pergunta sobre onde foi parar o dinheiro das obras.

Figura 8: estrutura informacional dos atos (52-53) do texto “Fantasmas maranhenses”.

(84) (empresas que efetivamente executaram obras, mas que não receberam o pagamento) Surge nesse ponto da fantasmagoria maranhense um novo monstro, primo-irmão das estradas irreais com contrato real.
(85) Trata-se **das obras reais com contratos fantasmas** [um novo monstro, primo-irmão das estradas irreais com contrato real].

Figura 9: estrutura informacional dos atos (84-85) do texto “Fantasmas maranhenses”.

(108) Segundo **Murad** [Ricardo Murad],
(109) **os empresários** [que participavam do esquema para desviar recursos através de obras fantasmas] ficavam com 20% do valor liberado
(110) e **o restante** [do valor liberado] era encaminhado a pessoas ligadas ao governo.
(111) “**Os empresários** [os empresários] me disseram que o dinheiro desviado foi entregue à primeira-dama”,
(112) (“Os empresários me disseram que o dinheiro desviado foi entregue à primeira-dama”,) acusa Murad.

Figura 10: estrutura informacional dos atos (108-112) do texto “Fantasmas maranhenses”.

Da contextualização ou da ancoragem do ato (06) do segundo texto nesse conjunto maior de informações ativadas no primeiro, pode surgir a seguinte suposição:

O crescimento econômico não depende apenas de Dirceu e de Lula, mas depende principalmente do uso sério e responsável do dinheiro público que é repassado para cada estado. Com o emprego adequado das verbas públicas, será possível investir na malha rodoviária do país, da qual dependem o crescimento brasileiro e a diminuição dos problemas econômicos e sociais de estados pobres como o Maranhão.

A ancoragem do ato (06) nas informações dos fragmentos do primeiro texto não é uma ancoragem necessária e sim possível, uma vez que a ancoragem do ato (06) em informações do primeiro texto e as suposições que dela resultam não são fundamentais para a compreensão do conteúdo informacional do ato (06). Ainda que o leitor não ancore esse ato em informações do primeiro texto, ele poderá compreender o segundo texto e, mais especificamente, poderá compreender o conteúdo informacional de (06).

Além disso, a ancoragem desse ato em informações do primeiro texto implica um esforço de processamento maior do que o requerido pela ancoragem necessária do ato (06) na informação do ato (02) do segundo texto. Entretanto, esse esforço adicional é recompensado pela produção de uma quantidade maior de inferências ou efeitos contextuais e, conseqüentemente, por uma mudança no estado inicial dos conhecimentos do leitor. Além disso, a disposição do texto “Sandálias da humildade” depois do texto “Fantasmas maranhenses” só funcionará como uma estratégia de direcionamento da produção de inferências do leitor, se este realizar essas ancoragens possíveis. Isso porque é pouco provável que inferências semelhantes às que foram descritas sejam realizadas sem a ancoragem do ato (06) do segundo texto em informações do primeiro texto.

O próximo fragmento, cuja estrutura informacional passo a analisar, também pertence ao segundo texto da seção. Nesse fragmento, o autor apresenta previsões negativas sobre a taxa de expansão econômica do Brasil para os próximos anos.

(45) (a taxa de expansão do Brasil cairá de mais de 5% ao ano para 3,7%.) Nos próximos anos,
(46) **o Brasil** [o Brasil] continuará mantendo um desempenho que irá se aproximando gradativamente dos 3% anuais até 2007,
(47) (Nos próximos anos, o Brasil continuará mantendo um desempenho que irá se aproximando gradativamente dos 3% anuais até 2007,) conforme previsão do Deutsche Bank Research.
(48) É **uma taxa medíocre** [3% anuais até 2007] para um emergente com *as desigualdades que se observam entre nós*.

Figura 11: estrutura informacional dos atos (45-48) do texto “Sandálias da humildade”.

A expressão em itálico *as desigualdades que se observam entre nós*, no ato (48), indica que a informação trazida por esse ato se ancora em um ponto de ancoragem de segundo plano da memória discursiva, que, como já se sabe, pode ter diversas origens: cotexto, memória enciclopédica, etc. Até a parte do texto em que aparecem os atos transcritos acima, o autor não havia feito nenhuma menção a desigualdades sociais. Portanto, o ponto de ancoragem de segundo plano em que o ato (48) se encadeia não tem origem no cotexto. Entretanto, a organização interna da memória enciclopédica associa aos conceitos *Brasil* e *desenvolvimento do país*, ativados várias vezes ao longo do texto, a informação de que no Brasil há desigualdades sociais. O autor, ao introduzir o ato (48), supõe que essa informação sobre o Brasil está presente na memória do leitor e conta com a sua capacidade de ancorar o ato (48), por meio da expressão *as desigualdades*

que se observam entre nós, na informação acerca das desigualdades sociais que existem no país. A ancoragem do ato (48) nessa informação é necessária para a compreensão desse ato, porque, caso ela não seja feita, o leitor não compreenderá que o autor se refere às desigualdades sociais ou econômicas do Brasil e não a outro tipo de desigualdades. Embora a ancoragem aconteça numa informação da memória enciclopédica, que não foi, portanto, recentemente estocada, a informação de que no Brasil há desigualdades sociais parece ser de fácil acesso e a sua recuperação envolve pouco esforço de processamento, tendo em vista o fato de que os conceitos *Brasil* e *desenvolvimento do país* já haviam sido ativados anteriormente.

A busca por maximizar a relevância do ato (48), ou seja, a busca por uma maior produção de inferências pode levar o leitor a selecionar outras informações de sua memória discursiva para compor o contexto de interpretação do ato (48). Em outras palavras, acredito que a expressão *as desigualdades que se observam entre nós* pode indicar a ancoragem do ato (48) em outras informações da memória discursiva. Essas informações têm origem no primeiro texto da seção, mais precisamente nos seus atos iniciais, já apresentados anteriormente e reproduzidos a seguir:

- | |
|--|
| <p>(01) Pobre Maranhão.
(02) O estado [Maranhão] tem o pior índice de desenvolvimento humano do Brasil,
(03) (Maranhão) a renda per capita mais baixa do país
(04) (Maranhão) e está na ponta do ranking dos indicadores sociais negativos.
(05) (Maranhão) Metade da população não tem água encanada ou esgoto
(06) (Metade da população) e vive abaixo da linha da pobreza.</p> |
|--|

Figura 12: estrutura informacional dos atos (01-06) do texto “Fantasmas maranhenses”.

As informações de que no Brasil há desigualdades sociais constituem um contexto inicial no qual o ato (48) do segundo texto foi interpretado. Agora, a esse contexto inicial o leitor pode somar as informações dos atos (01-06) do primeiro texto, referentes à pobreza do Maranhão, porque, conforme expectativa dos que produzem a seção Brasil, essas informações já foram estocadas na memória discursiva do leitor. Com a ancoragem do ato (48) nesse conjunto de informações em estado semi-ativo da memória discursiva, constituído pela informação de que existem desigualdades sociais no país e pelas informações dos atos (01-06) do primeiro texto, é possível que o leitor derive suposição semelhante a esta:

A taxa de crescimento do Brasil, um país com tantas desigualdades sociais, precisará ser maior, para que estados como o Maranhão possam resolver seus problemas econômicos e sociais.

A ancoragem do ato (48) do segundo texto da seção nas informações dos atos (01-06) do primeiro não é necessária, já que a interpretação do ato não depende dessa ancoragem. A sua realização, além disso, implica um dispêndio maior de esforços cognitivos do que a ancoragem do ato (48) na informação da memória discursiva de que o Brasil é um país onde existem desigualdades sociais. Porém, somente com a ancoragem do ato (48) em informações do primeiro texto é que o leitor poderá produzir suposição semelhante à que foi explicitada acima.

O fragmento, cuja estrutura informacional analiso em seguida, se constitui dos atos iniciais do terceiro e último texto da seção. Esse texto trata do projeto que cria as parcerias público-privadas (PPPs).

(01) Um acordo fechado na madrugada de 22 de dezembro entre o governo petista e a oposição tucana mostrou ser possível a cooperação suprapartidária na política,
(02) (Um acordo fechado na madrugada de 22 de dezembro entre o governo petista e a oposição tucana mostrou ser possível a cooperação suprapartidária na política,) a despeito do histórico de fisiologia e de obstrução na relação entre Congresso e presidentes no país.
(03) **O acordo** [um acordo] permitiu a aprovação do projeto que cria as parcerias público-privadas (PPPs), mecanismo no qual *o presidente Luiz Inácio Lula da Silva* deposita enorme esperança
(04) (O acordo permitiu a aprovação do projeto que cria as parcerias público-privadas (PPPs), mecanismo no qual o presidente Luiz Inácio Lula da Silva deposita enorme esperança) para modernizar a debilitada infra-estrutura brasileira.

Figura 13: estrutura informacional dos atos (01-04) do texto “Uma vitória da parceria tucano-petista”.

O terceiro ato do fragmento traz a expressão *o presidente Luiz Inácio Lula da Silva*. Essa expressão atua como traço que indica que o ato em que aparece se ancora em alguma informação da memória discursiva. Nos dois primeiros atos, não se fez menção ao presidente Lula, mas se fez menção ao governo petista, informação à qual o presidente Lula está associado. Por essa razão, o ato (03) se ancora na informação *o governo petista*, ativada no ato (01). Essa ancoragem é marcada no ato (03) pelo traço *o presidente Luiz Inácio Lula da Silva*. A relação entre esse traço e a informação a que ele faz referência é indireta, porque não há relação de correferência entre as informações marcadas pela expressão anafórica *o presidente Luiz Inácio Lula da Silva* e pela

expressão *o governo petista*, sendo, portanto, um caso de anáfora associativa²⁸. Interpreto que essa ancoragem é necessária para a compreensão do propósito do ato (03), porque, se o leitor não associar o presidente Lula ao governo petista, não entenderá as razões que o levam a depositar esperanças num acordo firmado entre o governo petista e a oposição tucana.

Como foi dito, os atos (01) e (02) do fragmento do terceiro texto da seção não fazem referência direta ao presidente Lula, mas os atos (01-04), (49-50) e (59-60) do segundo texto se referem a ele:

(01) O presidente Lula deveria calçar as sandálias da humildade.
(02) (O presidente Lula) Imagina que pode reger o desenvolvimento do país
(03) (Imagina que pode reger o desenvolvimento do país) como Moisés abriu o mar em duas metades.
(04) (O presidente Lula) Disse que 2005 será um ano com “mar de almirante e céu de brigadeiro”.

Figura 14: estrutura informacional dos atos (01-04) do texto “Sandálias da humildade”.

(49) **Palocci** [Antonio Palocci] sabiamente está calado.
(50) **Lula e José Dirceu** [o presidente Lula e José Dirceu] deveriam seguir-lhe o exemplo.

Figura 15: estrutura informacional dos atos (49-50) do texto “Sandálias da humildade”.

(59) Conclusão: não é hora de **Lula e Dirceu** [o presidente Lula e José Dirceu] ficarem comemorando vitórias que só existem em sua imaginação.
(60) Um pouco de humildade não **lhes** [o presidente Lula e José Dirceu] faria mal neste momento.

Figura 16: estrutura informacional dos atos (59-60) do texto “Sandálias da humildade”.

Os propósitos dos atos (01-04) dizem respeito à facilidade com que, segundo o autor, Lula acredita que pode reger o desenvolvimento do país. Os atos (49-50) concluem a parte do texto em que o autor aponta algumas previsões sobre problemas que a

²⁸ Segundo Neves (2006, p. 106), a anáfora associativa é um tipo particular de anáfora nominal não-correferencial, com a qual “introduz-se como conhecido um referente que ainda não foi explicitamente mencionado no cotexto anterior, mas que pode ser identificado com base em informação introduzida previamente no universo de discurso (...)”. A autora dá como exemplo um texto em que as expressões “os pneus”, “a direção” e “o freio” retomam o referente anteriormente introduzido “o carro”. A retomada que acontece por esse tipo de anáfora apresenta duas características que Apothéloz (2003, p. 75) considera próprias da retomada por anáfora associativa: (i) há certa dependência interpretativa entre a expressão anafórica e um referente introduzido anteriormente e (ii) não há correferência entre a expressão anafórica e a expressão que designou o referente introduzido anteriormente. Para uma discussão maior sobre o assunto, ver Apothéloz & Reichler-Béguelin (1999), Charolles (1999), Apothéloz (2003) e Neves (2006).

economia brasileira poderá enfrentar nos anos seguintes. E os atos (59-60) concluem o texto. Considerando que o acordo mencionado nos atos iniciais do terceiro texto visa a captar recursos financeiros para a realização de obras de infra-estrutura, acredito que as informações dos fragmentos acima, pertencentes ao segundo texto da seção, podem funcionar como ponto de ancoragem para o ato (03) do terceiro texto. Isso porque essas informações do segundo texto dizem respeito à forma como Lula trata a questão do desenvolvimento do país. Dito de outra forma, espera-se que o leitor selecione informações de sua memória discursiva com origem no segundo texto, para compor o contexto de interpretação do propósito do ato (03) do terceiro texto.

Ao ancorar o ato (03) do terceiro texto nas informações do segundo texto, por meio do traço *o presidente Luiz Inácio Lula da Silva*, o leitor pode produzir a seguinte suposição:

O presidente Lula deposita enorme esperança no acordo firmado entre seu governo e a oposição tucana, para modernizar a infra-estrutura brasileira. Talvez essa esperança do presidente no acordo justifique a sua crença de que pode reger o desenvolvimento do país com facilidade. A sua declaração de que 2005 será um ano com “mar de almirante e céu de brigadeiro” talvez se deva à confiança no acordo, confiança que não o faz ficar calado como Palocci.

Embora a ancoragem do ato (03) do terceiro texto nas informações do segundo texto seja possível, não sendo necessária e fundamental para a compreensão desse ato, e demande uma quantidade maior de esforços cognitivos, ela permite a produção de inferências que dificilmente seriam produzidas de outra forma.

Prosseguindo na análise do terceiro texto da seção, apresento a estrutura informacional dos atos (05-08) desse mesmo texto:

(05) (O acordo permitiu a aprovação do projeto que cria as parcerias público-privadas (PPPs), mecanismo no qual o presidente Luiz Inácio Lula da Silva deposita enorme esperança para modernizar a debilitada infra-estrutura brasileira.) Num desfecho raro,
(06) **a versão final do projeto** [o projeto] concilia o que há de melhor na proposta *do governo* com as melhores sugestões *da oposição*:
(07) (a versão final do projeto) permite a retomada de obras
(08) (a versão final do projeto permite a retomada de obras) sem que se estimulem a corrupção e o descontrole de gastos.

Figura 17: estrutura informacional dos atos (05-08) do texto “Uma vitória da parceria tucano-petista”.

As expressões em itálico no ato (06) funcionam como traços de ponto de ancoragem de segundo plano que indicam que esse ato se ancora necessariamente em duas informações da memória discursiva. As informações em que o ato (06) se ancora são *governo petista* e *oposição tucana*, ambas originárias do ato (01): “Um acordo fechado na madrugada de 22 de dezembro entre o governo petista e a oposição tucana mostrou ser possível a cooperação suprapartidária na política”. No ato (06), a expressão *o governo* retoma *o governo petista*, e a expressão *a oposição* retoma *a oposição tucana*. A ancoragem do ato (06) nas informações com origem no ato (01) é necessária, porque, se o leitor não perceber a relação correferencial que há entre os traços anafóricos e as informações retomadas, não compreenderá que o governo e a oposição de que o ato (06) trata são o governo petista e a oposição tucana, mencionados no ato (01).

Os traços *o governo* e *a oposição* podem indicar ainda que a informação ativada pelo ato (06) do terceiro texto encontra outros pontos de ancoragem na memória discursiva, os quais têm origem no segundo texto da seção. A ativação da informação sobre o governo e da informação sobre a oposição, no ato (06), pode levar o leitor a recuperar outras informações sobre essas mesmas entidades, estocadas anteriormente em sua memória discursiva, quando da leitura do segundo texto. O segundo texto trouxe as seguintes informações sobre o governo petista e sobre a oposição tucana:

(30) **O Brasil** [O Brasil] chegou ao fim do ano com uma taxa anual de expansão econômica acima de 5%,
(31) (O Brasil chegou ao fim do ano com uma taxa anual de expansão econômica acima de 5%,) graças a um conjunto de fatores que pouco têm a ver com o governo do PT.

Figura 18: estrutura informacional dos atos (30-31) do texto “Sandálias da humildade”.

(51) Em dois anos de **governo** [o governo do PT],
(52) **o PT** [o governo do PT] conseguiu sucesso na economia,
(53) (Em dois anos de governo, o PT conseguiu sucesso na economia,) copiando ajuizadamente a política inaugurada por FHC.
(54) (o governo do PT) Na área social,
(55) nem sequer copiar **o PT** [o governo do PT] conseguiu.

Figura 19: estrutura informacional dos atos (51-55) do texto “Sandálias da humildade”.

O governo petista é mencionado explicitamente nos fragmentos acima, por meio das expressões *o PT* e *o governo do PT*. Já a oposição é mencionada apenas uma vez e de forma indireta, por meio da expressão *FHC*, a qual se compõe das iniciais do nome do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso, um dos membros da oposição tucana.

Contextualizando o ato (06) do terceiro texto nas informações dos fragmentos acima, pertencentes ao segundo, o leitor pode chegar a uma suposição semelhante a esta:

O governo do PT não consegue gerir o Brasil sozinho. Por isso, precisa conciliar sua proposta com as sugestões da oposição tucana ou precisa copiar a política de governos tucanos.

A ancoragem do ato (06) do terceiro texto em informações do segundo não é necessária para a compreensão desse ato. Ainda que o leitor não selecione informações do segundo texto, ele poderá compreender o ato (06) do terceiro. Porém, a suposição mostrada acima muito dificilmente seria produzida sem a ancoragem desse ato em informações originárias do texto anterior. Em outros termos, a suposição acima resulta da contextualização do ato (06) do terceiro texto no conjunto das informações reativadas da memória discursiva que têm origem nos atos (30-31) e (50-55) do segundo texto. É, portanto, o seqüenciamento dos textos dessa seção que possibilitou a produção dessa suposição ou inferência.

Passo a analisar agora a estrutura informacional de um fragmento que também pertence ao terceiro e último texto da seção. Com o fragmento abaixo, o autor conclui uma série de argumentos favoráveis à aprovação do projeto das Parcerias Público-Privadas (PPPs). Segundo seus argumentos, o projeto é a solução para os problemas de infraestrutura do país, porque viabilizará reformas nas rodovias e o aumento da malha ferroviária.

(29) (o governo) Sozinho,
(30) **o governo** [o governo] não tem dinheiro para essas obras de infra-estrutura.
(31) Não se trata apenas de **um problema federal** [não ter dinheiro para essas obras de infra-estrutura].
(32) (Não se trata apenas de um problema federal.) Angustiados com *a mesma falta de investimentos*,
(33) (Angustiados com a mesma falta de investimentos,) governadores tucanos como o paulista Geraldo Alckmin e o mineiro Aécio Neves fizeram suas próprias PPPs
(34) (governadores tucanos) e esperavam pela legislação federal
(35) para adaptá-**las** [as PPPs] e colocá-**las** [as PPPs] em prática.

Figura 20: estrutura informacional dos atos (29-35) do texto “Uma vitória da parceria tucano-petista”.

Interpreto que a expressão *a mesma falta de investimentos*, no ato (32), é um traço de ponto de ancoragem de segundo plano que indica que esse ato se ancora necessariamente na informação sobre a falta de dinheiro do governo para obras de infraestrutura, a qual tem origem nos atos (29-30). A ancoragem do ato (32) na informação dos atos (29-30) não se baseia numa relação de correferência entre duas informações. Na verdade, o traço *a mesma falta de investimentos* categoriza o conjunto da informação trazido pelos atos (29-30), ao reativá-lo da memória discursiva. O autor, ao se valer da expressão *a mesma falta de investimentos*, busca sumarizar²⁹ uma informação da memória discursiva que ele acredita ser identificável e acessível para o leitor. Essa informação é formada pelos propósitos dos atos (29-30). O traço *a mesma falta de investimentos* retoma toda a informação de que, sozinho, o governo não tem dinheiro para as obras de infra-estrutura, descritas no cotexto. Embora essa ancoragem não se baseie numa relação de correferência entre as informações envolvidas, a sua realização não demanda grande quantidade de esforços cognitivos, se se levar em consideração a recente estocagem na memória discursiva da informação que funciona como ponto de ancoragem. Além disso, essa ancoragem é necessária, porque, caso ela não seja feita, o leitor não compreenderá que a falta de investimentos de que o autor trata no ato (06) diz respeito à falta de dinheiro do governo para as obras de infra-estrutura, mencionada nos atos (29-30).

Interpreto que o traço *a mesma falta de investimentos* indica ainda a ancoragem do ato em que aparece, o ato (32) do terceiro texto, numa informação da memória discursiva que tem origem no segundo texto da seção, mais precisamente nos atos cuja estrutura informacional transcreve-se a seguir. No fragmento abaixo, o autor do segundo texto aponta as razões que o levam a crer que para o governo do PT reger o desenvolvimento do país não é fácil como Lula imagina:

²⁹ A categorização de porções textuais por meio de expressões anafóricas recebe variadas denominações: sumarização, encapsulamento, rotulação, e acontece sempre que “um sintagma nominal funciona como uma paráfrase resumidora para uma porção precedente do texto”, porção que “pode ser de extensão e complexidade variada (um parágrafo inteiro ou apenas uma sentença)” (Conte, 2003, p. 178). Para discussões detalhadas sobre o assunto, ver Conte (2003), Koch (2006) e Neves (2006).

(56) **As reformas estruturais para melhorar a gestão da máquina pública e a eficiência dos serviços** [o desenvolvimento do país] foram largadas pelo meio do caminho.
(57) (As reformas estruturais foram largadas pelo meio do caminho) Estradas, portos e ferrovias estão caindo aos pedaços.
(58) **O investimento, mola do crescimento,** [o desenvolvimento do país requer investimentos] continua abaixo do necessário.

Figura 21: estrutura informacional dos atos (56-58) do texto “Sandálias da humildade”.

A ancoragem do ato (32) do terceiro texto nas informações desse fragmento, pertencente ao segundo, se justifica, porque tanto o propósito do ato quanto o fragmento tratam da falta de investimentos do governo federal em obras de infra-estrutura. Ao disporem o texto “Uma vitória da parceria tucano-petista” (terceiro texto) depois do texto “Sandálias da humildade” (segundo texto), os elaboradores de *Veja* permitem ao leitor selecionar as informações do fragmento do segundo texto para fazer parte do contexto de interpretação do ato (32) do terceiro e produzir inferência semelhante a esta:

O governo petista não tem dinheiro. Por isso, não investe o suficiente na construção e na manutenção de obras de infra-estrutura do país e deixa inacabadas reformas estruturais. A solução para essa falta de investimentos é o projeto das parcerias público-privadas (PPPs), projeto que já vinha sendo colocado em prática por governadores tucanos.

Essa inferência requer uma quantidade maior de esforços cognitivos para ser realizada, porque envolve a ancoragem do ato de um texto em informações já estocadas na memória discursiva quando da leitura de um texto anterior. Além disso, a ancoragem do ato (32) do terceiro texto em informações do segundo texto da seção não é necessária para a compreensão desse ato. Entretanto, inferências do tipo da que foi explicitada acima só poderão ser construídas, caso o leitor realize essa ancoragem.

4.2. Seção Brasil do dia 12/01/2005

Como se mostrou no capítulo 1 (item 2), a seção Brasil do dia 12/01/2005 se compõe de cinco textos. O primeiro intitula-se “Por que eles querem presidir a Câmara” e trata da disputa entre Virgílio Guimarães e Luiz Eduardo Greenhalgh pelo posto de candidato do PT à presidência da Câmara dos Deputados. O texto também descreve as vantagens que o cargo oferece àquele que ocupa a cadeira de presidente da Câmara. O segundo

texto da seção, intitulado “Turma do barulho”, aponta Marta Suplicy como líder de um grupo de políticos do PT, que vem há tempos desafiando a direção nacional do partido. O texto enumera as atitudes ou rebeldias do grupo contra as determinações partidárias e expõe quais são os seus planos para os próximos anos. O terceiro texto, “Gorda gente brasileira”, traz os resultados de uma pesquisa do IBGE sobre o número de brasileiros que passam fome. Os resultados dessa pesquisa contrariam os números divulgados pelo programa Fome Zero sobre a quantidade de famintos no país. Segundo o autor, os números do Fome Zero são exagerados e foram usados nos discursos da campanha presidencial de Lula com objetivos políticos. O quarto texto intitula-se “Tem até antimíssil” e descreve as características que fazem do novo avião presidencial um dos aviões mais modernos que existem. O quinto e último texto, intitulado “A casa do presidente”, aborda a polêmica causada pelas férias que um dos filhos de Lula e os seus amigos passaram em Brasília.

O fragmento, cuja estrutura informacional se apresenta abaixo, pertence ao segundo texto da seção, o qual aponta Marta Suplicy como líder de um grupo de políticos “rebeldes” do PT:

- (12) A “**banda heavy metal da Marta**” [os rebeldes], como petistas vêm chamando o grupo da ex-prefeita, por causa de seu estilo barulhento e métodos bruscos, tem duas pretensões para os próximos anos:
- (13) (duas pretensões para os próximos anos) infernizar a vida do prefeito recém-empossado José Serra
- (14) (duas pretensões para os próximos anos) e fortalecer o nome de Marta como candidata ao governo estadual em 2006.
- (15) O **senador Aloizio Mercadante** [político do PT] é hoje o preferido da direção nacional para o *pleito*.

Figura 22: estrutura informacional dos atos (12-15) do texto “Turma do barulho”.

A expressão *o pleito*, no ato (15), indica que esse ato se ancora na informação *o governo estadual*, que tem origem no ato anterior. A relação entre a expressão anafórica *o pleito* e a informação retomada *o governo estadual* não é correferencial, uma vez que *o pleito* se refere à disputa pelo cargo de governador estadual e não ao governo estadual em si. Entre a expressão ou traço anafórico e a informação retomada, não existe correferência, mas existe uma relação de dependência interpretativa. A ancoragem do ato (15) na informação do ato anterior, marcada pelo traço *o pleito*, é necessária para a compreensão do ato em que o traço aparece, porque apenas com a realização dessa ancoragem o leitor poderá compreender que o senador Aloizio Mercadante é o preferido

da direção nacional para ser o candidato do PT na disputa pelo cargo de governador estadual.

O traço *o pleito*, no ato (15) do segundo texto da seção, pode indicar também a ancoragem desse ato em outra informação da memória discursiva, a qual tem origem no ato (24) do primeiro texto da seção.

(23) (João Paulo Cunha) É cotado para integrar a equipe ministerial do governo Lula (24) (João Paulo Cunha) e também consta da relação dos aspirantes a candidato ao governo de São Paulo.

Figura 23: estrutura informacional dos atos (23-24) do texto “Por que eles querem presidir a Câmara”.

Esses atos trazem argumentos que justificam a opinião do autor do texto de que o cargo de presidente da Câmara dos Deputados pode aumentar a importância política daquele que o ocupa. Conforme os argumentos trazidos pelos atos acima, João Paulo Cunha, então presidente da Câmara, era considerado “uma estrela em ascensão” (ato 22), porque era cotado para integrar a equipe ministerial do governo Lula e porque constava da relação dos aspirantes a candidato ao governo de São Paulo.

A ancoragem do ato (15) do segundo texto na informação do ato (24) do primeiro de que João Paulo Cunha também aspira ao cargo de governador de São Paulo pode levar o leitor a derivar uma suposição semelhante a esta:

A quantidade de políticos (A. Mercadante, M. Suplicy e J. P. Cunha) interessada em ser o candidato do PT ao cargo de governador de São Paulo em 2006 e a preferência do partido por A. Mercadante podem causar novos atos de rebeldia de M. Suplicy e de seu grupo.

A ancoragem do ato (15) do segundo texto na informação do ato (24) do primeiro não é necessária à compreensão do ato (15), mas a suposição ou inferência explicitada acima é resultante dessa ancoragem. O que, portanto, favorece o surgimento dessa inferência é a existência, na memória discursiva, da informação ativada em (24) no momento da leitura de (15). Em outros termos, o que favorece o surgimento dessa inferência é o seqüenciamento dos textos da seção Brasil, o qual, segundo as expectativas da instância de produção, possibilita que a informação do ato (24) do texto “Por que eles querem

presidir a Câmara” constitua um subconjunto das informações de que o leitor dispõe na memória ao ler o texto “Gorda gente brasileira”, ao qual pertence o ato (15).

A figura abaixo apresenta a estrutura informacional de um fragmento também pertencente ao segundo texto da seção:

(28) **Lula** [Lula] tem tolerado *as rebeldias de Marta e sua turma*.
(29) (Marta) Em público,
(30) **ela** [Marta] diz que o “espírito democrático” do presidente Lula lhe permite discordar de certas orientações partidárias.
(31) (Marta) Intimamente,
(32) (Intimamente) não teme desafiar *Brasília*,
(33) (Marta) porque sabe que, a despeito da vontade inicial e do peso político do presidente e de seu grupo, será da burocracia do PT a definição do nome do candidato do partido ao governo paulista em 2006.

Figura 24: estrutura informacional dos atos (28-33) do texto “Turma do barulho”.

Nesse trecho, há dois traços de ponto de ancoragem que gostaria de analisar. Trato primeiramente da expressão *as rebeldias de Marta e sua turma*, a qual se encontra no ato (28). Interpreto que essa expressão é um traço que indica a ancoragem do ato (28) em informações que têm origem em porções maiores do cotexto e não em atos isolados. Acredito que esse traço atua como uma expressão sumarizadora³⁰ das informações do cotexto sobre as rebeldias de Marta e sua turma. As porções do cotexto em que se encontram essas informações são as seguintes:

(04) (o grupo) Na semana passada,
(05) **o grupo** [o grupo] deu nova mostra de rebeldia:
(06) (o grupo) apoiou o candidato dissidente dos tucanos Roberto Trípoli à presidência da Câmara dos Vereadores de São Paulo,
(07) enquanto **o presidente nacional do PT, José Genoíno** [membro da direção nacional do partido], trabalhava para eleger Ricardo Montoro, candidato do prefeito José Serra.

Figura 25: estrutura informacional dos atos (04-07) do texto “Turma do barulho”.

³⁰ Ver nota 29.

- (19) **Marta** [Marta Suplicy] conseguiu o barulho desejado ao não pagar uma dívida vencida de 145 milhões de reais com o Tesouro Nacional
- (20) (Marta Suplicy) e deixar no caixa da prefeitura meros 16.000 reais para seu sucessor começar a tocar a administração.
- (21) **A desfeita maior** [Marta conseguiu o barulho desejado ao não pagar uma dívida vencida de 145 milhões de reais com o Tesouro Nacional e deixar no caixa da prefeitura meros 16.000 reais para seu sucessor começar a tocar a administração.] foi com o povo paulistano,
- (22) (A desfeita maior foi com o povo paulistano,) e não propriamente com Serra.
- (23) **Outras bombas de explosão retardada** [Marta conseguiu o barulho desejado ao não pagar uma dívida vencida de 145 milhões de reais com o Tesouro Nacional e deixar no caixa da prefeitura meros 16.000 reais para seu sucessor começar a tocar a administração.] também foram encontradas por Serra e seus auxiliares nas gavetas da prefeitura.
- (24) Entre **elas** [outras bombas de explosão retardada],
- (25) **a decisão da prefeita** [outras bombas de explosão retardada] de não reconhecer uma dívida de 1 bilhão de reais do município, uma manobra técnica para escapar dos rigores da Lei de Responsabilidade Fiscal.
- (26) (uma dívida de 1 bilhão de reais do município) Reconhecida ou não,
- (27) **a dívida** [uma dívida de 1 bilhão de reais do município] terá que ser paga por Serra.

Figura 26: estrutura informacional dos atos (19-27) do texto “Turma do barulho”.

A ancoragem do ato (28) nas informações dos fragmentos acima é necessária para a compreensão desse ato, porque, caso ela não seja feita, o leitor não compreenderá que o que o autor categoriza como *as rebeldias de Marta e sua turma* são as informações apresentadas anteriormente nos atos (04-07) e (19-27). Em outras palavras, se essa ancoragem não for feita, o leitor não compreenderá que as atitudes de Marta e de seu grupo constituem, para o autor do texto, rebeldias contra o partido a que pertencem.

Esse exemplo é particularmente esclarecedor de uma das principais funções da categorização operada por meio de expressões referenciais plenas. Ao mesmo tempo em que recupera uma informação ou um conjunto de informações já estocadas na memória discursiva, a expressão atribui às informações recuperadas novas propriedades. Conforme Neves (2006, p. 102), “a categorização representa o ponto de vista do falante naquele determinado momento da construção do discurso”. Dessa forma, a categorização tem atuação importante tanto na retomada de informações já conhecidas, quanto na introdução de informações novas. No exemplo em análise, a expressão *as rebeldias de Marta e sua turma* retoma informações do cotexto já conhecidas do leitor e introduz a informação de que, para o autor, as informações retomadas do cotexto são rebeldias contra o partido.

O traço *as rebeldias de Marta e sua turma* indica ainda a ancoragem do ato (28) do segundo texto em outra informação da memória discursiva. Essa informação tem origem num trecho do primeiro texto da seção, reproduzido abaixo. O trecho se refere à decisão de Virgílio Guimarães de continuar na disputa pelo cargo de presidente da Câmara dos Deputados, independentemente da vontade da cúpula petista de que o candidato do PT ao cargo seja Luiz Eduardo Greenhalgh.

(67) (Virgílio Guimarães) Até então favorito para o cargo,
(68) **o mineiro Virgílio** [Virgílio Guimarães], que foi relator da reforma tributária e já dividiu um apartamento com o então deputado Lula durante a Constituinte, se rebelou
(69) (Virgílio Guimarães) e afirma que levará sua candidatura até o fim.
(70) **Ele** [Virgílio Guimarães] não se conforma por ter sido vetado pelo Planalto e por Lula.

Figura 27: estrutura informacional dos atos (67-70) do texto “Por que eles querem presidir a Câmara”.

A ancoragem do ato (28) do segundo texto nas informações do fragmento acima, retirado do primeiro texto, não é necessária para a compreensão do conteúdo informacional desse ato. Mas, caso o leitor selecione as informações dos atos (67-70) para participar do contexto de interpretação do ato (28), ele poderá produzir a seguinte suposição:

Lula é tolerante com os políticos do PT que se rebelam contra as determinações partidárias, porque permite que V. Guimarães leve a sua candidatura até o fim e porque não toma providências contra as atitudes de Marta e sua turma.

O surgimento dessa inferência é favorecido pela presença, na memória discursiva, das informações ativadas nos atos (67-70) no momento da leitura do ato (28). Assim, o seqüenciamento dos textos dessa seção Brasil favorece o surgimento da inferência, porque, segundo as expectativas da instância de produção, ele possibilita que as informações dos atos (67-70) do texto “Por que eles querem presidir a Câmara” constituam um subconjunto das informações de que o leitor dispõe na memória ao ler o ato (28), pertencente ao texto “Gorda gente brasileira”.

Retomo o fragmento que vai do ato (28) ao ato (33) do segundo texto, para apresentar o outro traço de ponto de ancoragem que acredito ser merecedor de análise:

- (28) **Lula** [Lula] tem tolerado *as rebeldias de Marta e sua turma*.
 (29) (Marta) Em público,
 (30) **ela** [Marta] diz que o “espírito democrático” do presidente Lula lhe permite discordar de certas orientações partidárias.
 (31) (Marta) Intimamente,
 (32) (Intimamente) não teme desafiar *Brasília*,
 (33) (Marta) porque sabe que, a despeito da vontade inicial e do peso político do presidente e de seu grupo, será da burocracia do PT a definição do nome do candidato do partido ao governo paulista em 2006.

Figura 28: estrutura informacional dos atos (28-33) do texto “Turma do barulho”.

No ato (32), *Brasília* funciona como traço que marca a ancoragem necessária do ato em que aparece na informação da memória discursiva *o presidente Lula*, que tem origem no ato (30). Também aqui não há uma relação de correferência entre o traço e a informação retomada. Ao se valer do nome da capital do país, o autor do texto supõe que a informação de que Brasília é a sede do governo federal e, conseqüentemente, do presidente da república pertence aos conhecimentos enciclopédicos do leitor e será por este ativada. Isso porque o autor espera que o leitor seja capaz de selecionar apenas as propriedades ligadas ao conceito *Brasília* que são relevantes para construir o contexto de interpretação do ato (32). Feita essa seleção, o leitor poderá compreender o ato (32) como uma afirmação de que Marta não teme desafiar o presidente Lula. Caso o leitor não realize a ancoragem do ato (32) na informação *o presidente Lula*, com origem no ato (30), ele não poderá compreender a informação contida no ato (32).

Além de marcar a ancoragem do ato (32) numa informação com origem no próprio texto em que esse ato aparece, o traço *Brasília* pode marcar a ancoragem do ato (32) do segundo texto nas informações que têm origem no fragmento abaixo, já apresentado anteriormente e pertencente ao primeiro texto da seção:

- (67) (Virgílio Guimarães) Até então favorito para o cargo,
 (68) **o mineiro Virgílio** [Virgílio Guimarães], que foi relator da reforma tributária e já dividiu um apartamento com o então deputado Lula durante a Constituinte, se rebelou
 (69) (Virgílio Guimarães) e afirma que levará sua candidatura até o fim.
 (70) **Ele** [Virgílio Guimarães] não se conforma por ter sido vetado pelo Planalto e por Lula.

Figura 29: estrutura informacional dos atos (67-70) do texto “Por que eles querem presidir a Câmara”.

Esse fragmento traz informações sobre o presidente Lula, as quais podem ser selecionadas para compor o contexto de interpretação do ato (32) do segundo texto. Caso essa seleção aconteça, isto é, caso o ato (32) se ancore também nas informações dos atos (67-70) do primeiro texto, o leitor pode chegar à seguinte suposição:

V. Guimarães e M. Suplicy se rebelam contra as determinações partidárias, porque eles não temem desafiar o presidente Lula.

A ancoragem do ato (32) do segundo texto em informações do primeiro demanda um gasto maior de energia mental ou esforços cognitivos e não é necessária para a compreensão do ato (32). Entretanto, a sua realização implica a possibilidade de se produzir a suposição explicitada acima. Dito de outra forma, contextualizar o ato (32) do segundo texto nas informações dos atos (67-70) do primeiro demanda uma quantidade maior de esforços cognitivos, a qual é, no entanto, recompensada com a produção de mais efeitos contextuais. Esses efeitos contextuais suplementares só são possíveis, porque, conforme as expectativas dos produtores de *Veja*, as informações ativadas em (67-70) já foram incorporadas à memória discursiva do leitor, quando da leitura do ato (32).

O fragmento, cuja estrutura informacional analiso a seguir, pertence ao terceiro texto da seção, o qual faz uma comparação dos números de uma pesquisa do IBGE e do programa Fome Zero sobre a quantidade de brasileiros que passam fome.

- (17) Durante **a campanha que o levaria à Presidência** [Contexto: o programa Fome Zero foi idealizado pelo governo Lula. Daí a grande acessibilidade do referente Lula.],
(18) [Durante a campanha que o levaria à Presidência,] Lula repetiu os números que lhe foram passados pelos assessores.
(19) (Lula) Informava ao país que havia 53 milhões de brasileiros com fome.
(20) **Seus subordinados ligados ao Fome Zero** [os assessores] lambuzavam-se deliciosamente nessa escandalosa multidão de famintos.
(21) (Durante a campanha que o levaria à Presidência, Lula repetiu os números que lhe foram passados pelos assessores. Informava ao país que havia 53 milhões de brasileiros com fome. Seus subordinados ligados ao Fome Zero lambuzavam-se deliciosamente nessa escandalosa multidão de famintos.) Em dezembro passado,
(22) (Em dezembro passado,) saiu uma pesquisa do IBGE que desmente *o Fome Zero*.

Figura 30: estrutura informacional dos atos (17-22) do texto “Gorda gente brasileira”.

A expressão *o Fome Zero*, no ato (22), constitui um traço de ponto de ancoragem de segundo plano que marca a ancoragem necessária desse ato na informação *o Fome Zero*, a qual tem origem no ato (20). A mesma expressão *o Fome Zero* é utilizada para verbalizar o traço anafórico e a informação retomada, o que evidencia a relação de correferência que se estabelece entre o traço e a informação da memória discursiva.

Mas é possível interpretar que o traço *o Fome Zero* indica ainda a ancoragem do ato em que aparece, o ato (22) do terceiro texto, em outras informações semi-ativas da memória discursiva. A pesquisa do IBGE desmente o Fome Zero, porque desmente os números sobre famintos que foram apresentados por aqueles que cuidaram do programa, ou seja, ela desmente os números apresentados pelos assessores de Lula, ligados ao Fome Zero. Se Lula, em sua campanha à presidência, repetiu os números repassados pelos assessores, conclui-se que a pesquisa desmente não só os números do Fome Zero, mas desmente também a própria fala de Lula sobre o número de brasileiros que passam fome. A conclusão de que a pesquisa do IBGE desmente a fala de Lula implica a seleção da informação *Lula*, com origem no ato (18) do terceiro texto, para fazer parte do contexto de interpretação do ato (22), também pertencente ao terceiro texto. Isto é, a suposição de que a pesquisa desmente a parte do discurso da campanha presidencial em que Lula repete os números de seus assessores depende da ancoragem do ato (22) na informação *Lula* do ato (18), ancoragem marcada pelo traço *o Fome Zero*. Portanto, da ancoragem do ato (22) numa informação do ato (18), ambos pertencentes ao mesmo texto, pode surgir a seguinte suposição:

A pesquisa do IBGE sobre o número de brasileiros que passam fome desmente o número apresentado por aqueles que cuidaram do programa Fome Zero. Como os números do Fome Zero foram usados por Lula na campanha presidencial, conclui-se que a pesquisa do IBGE desmente parte da fala de Lula e que, conseqüentemente, este se valeu de números não confiáveis durante a campanha que o levaria à presidência.

Interpreto ainda que o traço *o Fome Zero* indica a ancoragem do ato (22) do terceiro texto da seção em outras informações da memória discursiva. Considerando que a suposição mostrada acima se incorpora ao contexto de interpretação do ato (22), acredito que as informações dos fragmentos abaixo também podem ser incorporadas a ele:

(67) (Virgílio Guimarães) Até então favorito para o cargo,
(68) **o mineiro Virgílio** [Virgílio Guimarães], que foi relator da reforma tributária e já dividiu um apartamento com o então deputado Lula durante a Constituinte, se rebelou
(69) (Virgílio Guimarães) e afirma que levará sua candidatura até o fim.
(70) **Ele** [Virgílio Guimarães] não se conforma por ter sido vetado pelo Planalto e por Lula.

Figura 31: estrutura informacional dos atos (67-70) do texto “Por que eles querem presidir a Câmara”.

(28) **Lula** [Lula] tem tolerado *as rebeldias de Marta e sua turma*.
(29) (Marta) Em público,
(30) **ela** [Marta] diz que o “espírito democrático” do presidente Lula lhe permite discordar de certas orientações partidárias.
(31) (Marta) Intimamente,
(32) (Intimamente) não teme desafiar *Brasília*,
(33) (Marta) porque sabe que, a despeito da vontade inicial e do peso político do presidente e de seu grupo, será da burocracia do PT a definição do nome do candidato do partido ao governo paulista em 2006.

Figura 32: estrutura informacional dos atos (28-33) do texto “Turma do barulho”.

Os trechos que vão do ato (67) ao (70) e do ato (28) ao (33) já foram apresentados anteriormente e pertencem, respectivamente, ao primeiro e ao segundo textos da seção. Ambos os trechos tratam da relação de insubordinação de políticos do PT – M. Suplicy e V. Guimarães – com o presidente Lula.

Considerando que a suposição anteriormente explicitada de que a pesquisa do IBGE desmente a fala de Lula foi incorporada ao contexto do ato (22) do terceiro texto, é possível a seleção das informações dos fragmentos acima como parte do contexto desse ato. Se o ato (22) do terceiro texto pode se ancorar na informação *Lula* do ato (18), também pertencente ao terceiro texto, dando origem à suposição mostrada acima, interpreto que o ato (22) também pode se ancorar em outras informações sobre Lula com origem no primeiro e no segundo textos da seção. A ancoragem do ato (22) nas informações dos fragmentos acima pode levar o leitor a produzir uma suposição semelhante a esta:

Durante a campanha presidencial, Lula se valeu de números sobre a quantidade de famintos que, algum tempo depois, foram desmentidos por uma pesquisa do IBGE. E hoje, após ter conseguido se eleger presidente, Lula enfrenta atos de rebeldia por parte de políticos de seu partido.

Essa suposição, assim como a suposição anterior de que a pesquisa do IBGE desmente a fala de Lula não são necessárias para a compreensão do ato (22) do terceiro texto, porque, ainda que essas suposições não sejam produzidas, o leitor pode compreender esse ato. Além disso, a ancoragem do ato (22) na informação *Lula* do ato (18), também pertencente ao terceiro texto, e em informações de textos anteriores demanda um alto custo de processamento ou muitos esforços cognitivos. No entanto, esse dispêndio maior de esforços cognitivos é recompensado com a produção das suposições descritas. A meu ver, é o seqüenciamento dos textos da seção que viabiliza a produção de suposições como essas. Por meio dele, as informações ativadas nos atos (67-70) do primeiro texto e nos atos (28-33) do segundo constituem, de acordo com as expectativas da instância de produção, um subconjunto das informações de que o leitor dispõe na memória discursiva ao ler o ato (22) do terceiro texto da seção. Esse subconjunto de informações pode ser reativado no momento da leitura desse ato (22), tornando possível a produção de inferências.

Passo a analisar agora a estrutura informacional de um fragmento constituído pelos atos iniciais do quarto texto da seção, em que se descrevem as características do novo avião presidencial:

- (01) A fotografia que ilustra esta reportagem foi feita em Dallas, no Texas, no mês passado.
(02) É **a primeira imagem** [a fotografia que ilustra esta reportagem] do novo avião do presidente Lula a ser divulgada desde que ele ficou pronto.
(03) **O jato** [o novo avião do presidente Lula], salvo algum imprevisto técnico, aterrissa no Brasil nesta semana.
(04) **A aeronave** [o novo avião do presidente Lula], fabricada pela Airbus na Alemanha, vai substituir *o Boeing 707, conhecido como Sucatão*,
(05) **que** [Sucatão] hoje é usado pelo presidente em suas viagens internacionais.

Figura 33: estrutura informacional dos atos (01-05) do texto “Tem até antimíssil”.

A expressão *o Boeing 707, conhecido como Sucatão* funciona como um traço de ponto de ancoragem de segundo plano que indica a ancoragem do ato (04) numa informação da memória discursiva, resultante de uma inferência. Interpreto que esse traço marca a ancoragem necessária do ato em que aparece na inferência que é viabilizada pela informação *o novo avião do presidente Lula*, com origem no ato (02). Entre *o Boeing 707, conhecido como Sucatão* e *o novo avião do presidente Lula* não existe uma relação direta, porque não há correferência entre as entidades expressas pelos SNs. Mas, ao se

valer da expressão *o novo avião do presidente Lula*, o autor supõe que essa expressão poderá funcionar como desencadeadora do seguinte cálculo inferencial: se digo que a fotografia que ilustra a reportagem é a primeira imagem do novo avião do presidente Lula é porque há um antigo avião presidencial. A expressão *o Boeing 707, conhecido como Sucatão* se ancora, portanto, na informação, resultante do cálculo inferencial, de que há um antigo avião presidencial. Mas a informação de que há um antigo avião presidencial pode recuperar da memória discursiva a informação de que o antigo avião presidencial é o Sucatão, se essa informação pertencer aos conhecimentos enciclopédicos do leitor. Se ela pertencer, a expressão *o Boeing 707, conhecido como Sucatão* ancora na informação, também resultante do cálculo inferencial, de que há um antigo avião presidencial, o qual se chama Sucatão. Essa ancoragem é necessária para a compreensão do ato (04) e justifica o emprego da expressão definida *o Boeing 707, conhecido como Sucatão* para categorizar uma informação que não foi verbalizada no cotexto. Mesmo na ausência de antecedente, o autor utiliza uma expressão definida, que é marca de continuidade (Grobet, 1996). Essa utilização se explica pela possibilidade de a expressão definida se ancorar na informação resultante do cálculo inferencial.

Interpreto que o traço *o Boeing 707, conhecido como Sucatão* pode indicar ainda a ancoragem do ato (04) do quarto texto em informações da memória discursiva que têm origem em textos anteriores da seção. O fragmento abaixo pertence ao primeiro texto e traz algumas das razões pelas quais, segundo o autor, tantos deputados disputam o cargo de presidente da Câmara dos Deputados.

(46) **A Câmara** [Casa] tem números gigantescos
(47) (A Câmara) e oferece uma vida bem melhor a seu presidente do que aos outros 512 ocupantes da Casa.
(48) **O orçamento anual** [da Câmara] é de 2,3 bilhões de reais, valor superior à arrecadação de todos os municípios brasileiros,
(49) (todos os municípios brasileiros) com exceção de São Paulo e do Rio de Janeiro.
(50) **A residência oficial do presidente** [da Câmara] fica num terreno de 9.000 metros quadrados, à beira do lago Paranoá.

Figura 34: estrutura informacional dos atos (46-50) do texto “Por que eles querem presidir a Câmara”.

Acredito que o propósito do ato (04) do quarto texto possa se ancorar nas informações do fragmento acima do primeiro texto. Essa ancoragem pode ter como justificativa o fato de que os propósitos tanto do ato quanto do fragmento apresentam vantagens que o

cargo de presidente da Câmara dos Deputados e o de presidente da república oferecem aos seus ocupantes. Ao presidente da Câmara é dada a oportunidade de viver numa residência luxuosa e de administrar um orçamento de 2,3 bilhões de reais. Ao presidente da república é dada a oportunidade de substituir o Boeing 707, conhecido como Sucatão, por uma aeronave fabricada pela Airbus na Alemanha. Da contextualização do ato (04) do quarto texto nas informações do fragmento do primeiro texto, pode surgir a seguinte suposição:

Deputados petistas, como V. Guimarães e L. E. Greenhalgh, disputam a presidência da Câmara dos deputados para usufruir de seus números gigantescos e da boa vida que a Câmara oferece ao seu presidente. A presidência da república também oferece vantagens e mordomias ao ocupante do cargo, como, por exemplo, trocar o antigo avião presidencial por uma aeronave moderna, fabricada na Alemanha.

Essa suposição é incorporada ao contexto de interpretação do ato (04) do quarto texto, o qual pode encontrar ainda outro ponto de ancoragem com origem num texto anterior da seção. O fragmento abaixo pertence ao terceiro texto, aquele que apresenta a pesquisa do IBGE e que antecede o texto sobre o novo avião presidencial.

- (17) Durante **a campanha que o levaria à Presidência** [Contexto: o programa Fome Zero foi idealizado pelo governo Lula. Daí a grande acessibilidade do referente Lula.],
(18) [Durante a campanha que o levaria à Presidência,] Lula repetiu os números que lhe foram passados pelos assessores.
(19) (Lula) Informava ao país que havia 53 milhões de brasileiros com fome.
(20) **Seus subordinados ligados ao Fome Zero** [os assessores] lambuzavam-se deliciosamente nessa escandalosa multidão de famintos.
(21) (Durante a campanha que o levaria à Presidência, Lula repetiu os números que lhe foram passados pelos assessores. Informava ao país que havia 53 milhões de brasileiros com fome. Seus subordinados ligados ao Fome Zero lambuzavam-se deliciosamente nessa escandalosa multidão de famintos.) Em dezembro passado,
(22) (Em dezembro passado,) saiu uma pesquisa do IBGE que desmente o Fome Zero.

Figura 35: estrutura informacional dos atos (17-22) do texto “Gorda gente brasileira”.

Acredito ser possível a ancoragem do propósito do ato (04) do quarto texto nas informações do fragmento acima, pertencente ao terceiro, porque no terceiro texto fala-se de números que foram usados por Lula na campanha que o levou à presidência e no ato (04) do quarto texto fala-se que o novo avião do presidente Lula substituiu o antigo

avião presidencial. Ao incorporar as informações do fragmento acima no contexto do ato (04) do quarto texto, o leitor pode chegar à seguinte suposição:

Deputados petistas, como V. Guimarães e L. E. Greenhalgh disputam a presidência da Câmara dos deputados para usufruir de seus números gigantescos e da boa vida que a Câmara oferece ao seu presidente. Da mesma forma, Lula, se valendo de números não confiáveis sobre a quantidade de famintos no país, disputou e ganhou a presidência da república, para usufruir das mordomias que o cargo oferece, como, por exemplo, trocar o antigo avião presidencial por uma aeronave moderna, fabricada na Alemanha.

Como exposto anteriormente, numa seção, a ancoragem do conteúdo informacional do ato de um texto em informações que têm origem em outros textos não é necessária para a compreensão do conteúdo informacional do ato; além disso, pode demandar um dispêndio maior de energia mental em termos de raciocínio e atenção. Porém, esse trabalho maior na realização de uma ancoragem que não é necessária para a compreensão é recompensado com a produção de uma quantidade maior de suposições ou inferências, as quais dificilmente seriam realizadas sem a ancoragem do ato em informações de outros textos da seção.

O fragmento, cuja estrutura informacional analiso a seguir, também pertence ao quarto texto da seção:

- (10) **O novo Airbus presidencial** [o novo avião do presidente Lula] é um dos aviões mais modernos que existem.
(11) (O novo Airbus presidencial) Comprado por 57 milhões de dólares, o equivalente a 154 milhões de reais,
(12) **o Airbus** [O novo Airbus presidencial] terá estréia internacional em grande estilo.
(13) É **nele** [O novo Airbus presidencial] que Lula vai viajar a Davos, na Suíça,
(14) (Lula vai viajar a Davos, na Suíça) para participar do Fórum Econômico Mundial, *o encontro anual que reúne governantes dos países ricos e líderes das grandes empresas multinacionais.*

Figura 36: estrutura informacional dos atos (10-14) do texto “Tem até antimíssil”.

No ato (14), há um aposto que traz especificações para a informação *o Fórum Econômico Mundial* e que se constitui de um SN modificado por um adjetivo seguido de uma oração. O aposto *o encontro anual que reúne governantes dos países ricos e líderes das grandes empresas multinacionais* desempenha duas funções no ato (14): ao mesmo tempo em que introduz informações não conhecidas do leitor sobre o Fórum

Econômico Mundial, ele remete o leitor à informação constituída por esse Fórum, indicando que o ato permanece no mesmo domínio de informações. Por isso, interpreto que todo o aposto constitui um traço que marca a ancoragem do propósito do ato (14) na informação *Fórum Econômico Mundial*, a qual tem origem no próprio ato (14). Essa ancoragem é necessária para a compreensão do ato, porque, caso o leitor não estabeleça a relação correferencial entre o aposto e a informação sobre a qual traz informações, o propósito do ato não será compreendido.

É possível que o traço constituído pelo aposto indique ainda a ancoragem do ato (14) em outras duas informações da memória discursiva. A primeira delas tem origem no próprio texto “Tem até antimíssil” e se constitui da informação *Lula*, introduzida no ato anterior. Ao selecionar a informação *Lula* para fazer parte do contexto de interpretação do ato (14), o leitor pode chegar a uma suposição semelhante a esta:

Se Lula, o presidente do Brasil, vai participar de um encontro que reúne governantes de países ricos, o Brasil é um país rico.

Essa suposição passa a fazer parte do contexto do ato (14) do quarto texto, o qual pode ainda encontrar o outro ponto de ancoragem mencionado. Esse ponto de ancoragem tem origem no fragmento abaixo, já apresentado há pouco e pertencente ao terceiro texto da seção.

- | |
|--|
| <p>(17) Durante a campanha que o levaria à Presidência [Contexto: o programa Fome Zero foi idealizado pelo governo Lula. Daí a grande acessibilidade do referente Lula.],</p> <p>(18) [Durante a campanha que o levaria à Presidência,] Lula repetiu os números que lhe foram passados pelos assessores.</p> <p>(19) (Lula) Informava ao país que havia 53 milhões de brasileiros com fome.</p> <p>(20) Seus subordinados ligados ao Fome Zero [os assessores] lambuzavam-se deliciosamente nessa escandalosa multidão de famintos.</p> <p>(21) (Durante a campanha que o levaria à Presidência, Lula repetiu os números que lhe foram passados pelos assessores. Informava ao país que havia 53 milhões de brasileiros com fome. Seus subordinados ligados ao Fome Zero lambuzavam-se deliciosamente nessa escandalosa multidão de famintos.) Em dezembro passado,</p> <p>(22) (Em dezembro passado,) saiu uma pesquisa do IBGE que desmente o Fome Zero.</p> |
|--|

Figura 37: estrutura informacional dos atos (17-22) do texto “Gorda gente brasileira”.

Ao selecionar as informações do fragmento acima como parte do contexto do ato (14) do quarto texto, o leitor pode produzir a seguinte suposição:

Se Lula anunciou que há 53 milhões de pessoas passando fome no país, o Brasil não é um país rico. Portanto, não faz sentido a participação de Lula no Fórum Econômico Mundial, o encontro que reúne governantes dos países ricos e líderes das grandes empresas multinacionais. Mas, se o número de pessoas que passam fome é bem menor, tal como mostrou a pesquisa do IBGE, a participação de Lula no encontro justifica-se, já que o Brasil não é um país de famintos. Por outro lado, torna-se evidente que os números usados por Lula, durante a campanha, não são confiáveis e que só foram usados com o fim de elegê-lo presidente.

A produção desse efeito contextual demanda uma grande quantidade de esforços de processamento, devido à complexidade dos cálculos inferenciais envolvidos na sua produção. A força da suposição de que o Brasil é um país rico, porque Lula vai participar do Fórum, incorporada anteriormente ao contexto do ato (14), é testada. O teste da força dessa suposição se dá com a ancoragem do propósito do ato (14) nas informações do fragmento (17-22) do terceiro texto, informações relativas à pesquisa do IBGE que desmentiu os números do Fome Zero. A partir dessa ancoragem, confirma-se a suposição de que o Brasil é um país rico, já que o número de famintos é menor do que o divulgado por Lula, e confirma-se a suposição de que os números do Fome Zero, usados por Lula em sua campanha, não são confiáveis. Embora esse percurso envolva muitos esforços cognitivos, a sua realização é recompensada com a produção de mais efeitos contextuais. O que torna viável a produção desses efeitos é, como já foi dito anteriormente, o seqüenciamento dos textos da seção, porque, segundo as expectativas da instância de produção, ele possibilita que informações anteriormente introduzidas no terceiro texto funcionem como pontos de ancoragem para o propósito do ato (14) do quarto texto, podendo levar ao surgimento de inferência parecida com a que foi explicitada acima.

A estrutura informacional que analiso a seguir pertence a um fragmento do quinto e último texto de seção, o qual diz respeito às férias que um dos filhos de Lula e seus amigos passaram em Brasília. Na parte do texto transcrita abaixo, o autor traz argumentos para justificar a sua opinião expressa no contexto de que há uma boa dose de exagero na reação da oposição de pedir que o dinheiro oficial gasto pelos jovens seja devolvido.

- (12) Durante **o mandato** [do presidente],
 (13) **o Palácio da Alvorada** [o Palácio da Alvorada] *é a casa do presidente*.
 (14) (o Palácio da Alvorada) É seu “lar”,
 (15) para usar **uma palavra** [“lar”] de conotações mais fortes.
 (16) Não existem impedimentos legais para **ele** [o presidente] receber as visitas que desejar ali,
 (17) (Não existem impedimentos legais para ele receber as visitas que desejar ali,) ainda que sejam amigos do filho.

Figura 38: estrutura informacional dos atos (12-17) do texto “A casa do presidente”.

Interpreto que a expressão *a casa do presidente* constitui um traço que marca a ancoragem necessária do propósito do ato em que aparece, o ato (13), na informação *o Palácio da Alvorada*, que tem origem no próprio ato (13) e no ato (03). O ato (03) traz a informação de que o filho do presidente e o grupo de amigos “Hospedaram-se no Palácio da Alvorada”. A ancoragem do propósito do ato (13) na informação *o Palácio da Alvorada* é necessária para a compreensão do ato, porque, através dessa ancoragem, o leitor compreende que o Palácio da Alvorada, onde se hospedaram o filho de Lula e o grupo de amigos, é a casa do presidente e que, por isso, a oposição exagerou nas suas reclamações.

Interpreto ainda que o traço *a casa do presidente* indica a ancoragem do conteúdo informacional do ato (13) em informações que têm origem no terceiro texto da seção, mais precisamente no fragmento abaixo:

- (17) Durante **a campanha que o levaria à Presidência** [Contexto: o programa Fome Zero foi idealizado pelo governo Lula. Daí a grande acessibilidade do referente Lula.],
 (18) [Durante a campanha que o levaria à Presidência,] Lula repetiu os números que lhe foram passados pelos assessores.
 (19) (Lula) Informava ao país que havia 53 milhões de brasileiros com fome.
 (20) **Seus subordinados ligados ao Fome Zero** [os assessores] lambuzavam-se deliciosamente nessa escandalosa multidão de famintos.
 (21) (Durante a campanha que o levaria à Presidência, Lula repetiu os números que lhe foram passados pelos assessores. Informava ao país que havia 53 milhões de brasileiros com fome. Seus subordinados ligados ao Fome Zero lambuzavam-se deliciosamente nessa escandalosa multidão de famintos.) Em dezembro passado,
 (22) (Em dezembro passado,) saiu uma pesquisa do IBGE que desmente o Fome Zero.

Figura 39: estrutura informacional dos atos (17-22) do texto “Gorda gente brasileira”.

Tanto o ato (13) do quinto texto quanto o fragmento acima do terceiro trazem informações sobre o presidente Lula, o que justifica a ancoragem possível do propósito do ato (13) nas informações do fragmento. O leitor, ao realizar essa ancoragem, isto é,

ao contextualizar o ato (13) do último texto da seção nas informações do fragmento do terceiro texto, pode chegar à seguinte suposição:

Embora Lula tenha se valido de números não confiáveis para chegar à presidência, o fato de ele ser agora o presidente da república faz com que o Palácio da Alvorada, que é um patrimônio público, possa ser usado por ele e por quem ele quiser, como se fosse propriedade particular. Portanto, as críticas da oposição ao uso pessoal que Lula faz do Palácio da Alvorada são exageradas.

O que se percebe com a ancoragem do conteúdo informacional do ato (13) do último texto da seção em informações de outro texto da mesma seção é que o leitor pode selecionar informações da memória discursiva sobre a informação ativada por um ato, para produzir mais inferências. Assim, o seqüenciamento dos textos da seção faz com que informações do terceiro texto sobre Lula constituam parte das informações presentes na memória discursiva no momento da leitura do ato (13) do último texto da seção. O seqüenciamento pode viabilizar, portanto, o surgimento da inferência apresentada acima, porque informações do terceiro texto podem atuar como ponto de ancoragem para o propósito de um ato do último texto.

Passo a analisar agora um trecho que também pertence ao quinto e último texto da seção. Nesse trecho, o autor traz um contra-argumento à sua opinião de que houve exagero nas reclamações da oposição. Segundo ele, nem todas as reclamações da oposição são exageradas, porque um avião e uma lancha oficiais não deveriam ter sido usados pelos jovens.

(30) Se **as reclamações sobre a farra juvenil em Brasília** [A oposição prometeu abrir uma investigação e pedir a devolução de todo o dinheiro oficial gasto na estada brasiliense dos jovens.] têm onde se apoiar,
(31) (Se as reclamações sobre a farra juvenil têm onde se apoiar,) *é no uso de um avião e de uma lancha com bandeira oficial.*
(32) **Esses veículos** [um avião e uma lancha com bandeira oficial] circulam segundo regras estritas,
(33) (um avião e uma lancha com bandeira oficial) e não deveriam ter sido usados para divertir a patota de Luís Cláudio.

Figura 40: estrutura informacional dos atos (30-33) do texto “A casa do presidente”.

No ato (31), a expressão *o uso de um avião e de uma lancha com bandeira oficial* funciona como traço que marca a ancoragem do propósito do ato em que aparece na informação da memória discursiva de que o filho do presidente e seus amigos se hospedaram no Palácio da Alvorada, a qual tem origem no ato (03). A ancoragem não é

direta, porque não há relação de correferência entre o traço e a informação retomada, mas ela é necessária para a compreensão do ato (31). Ancorar esse ato na informação de que os jovens se hospedaram no Palácio da Alvorada significa compreender que o “uso” do Palácio da Alvorada é permitido por ser o Palácio a casa do presidente, mas o mesmo não vale para veículos com bandeira oficial, como a lancha e o avião que foram usados por eles.

O traço *o uso de um avião e de uma lancha com bandeira oficial* pode indicar ainda a ancoragem do propósito do ato (31) do quinto texto na informação que tem origem no segundo ato do quarto texto da seção.

(01) A fotografia que ilustra esta reportagem foi feita em Dallas, no Texas, no mês passado.
(02) É a **primeira imagem** [a fotografia que ilustra esta reportagem] do novo avião do presidente Lula a ser divulgada desde que ele ficou pronto.

Figura 41: estrutura informacional dos atos (01-02) do texto “Tem até antimíssil”.

O que torna essa ancoragem possível é o fato de que tanto o ato (02) acima quanto o ato (31) do último texto trazem informações sobre aviões oficiais. No ato (02) do quarto texto, fala-se do novo avião presidencial; no ato (31) do quinto texto, fala-se do avião oficial usado pelo filho do presidente e por amigos nas suas férias em Brasília. Embora os atos não tratem do mesmo avião oficial, é possível que o leitor incorpore ao contexto de interpretação do ato (31) do quinto texto a informação do ato (02) do quarto texto e chegue à seguinte suposição:

Dos patrimônios públicos a que o presidente tem acesso, apenas o Palácio da Alvorada pode ser usado por Lula e por quem ele permitir como propriedade particular. Apesar de o avião descrito no quarto texto ter sido categorizado como *o novo avião do presidente Lula*, veículos oficiais, como o novo avião presidencial ou aquele usado nas férias do filho de Lula, pertencem à FAB e devem ser usados apenas nas viagens oficiais de integrantes do governo.

A ancoragem do propósito do ato (31) do último texto em informações do texto anterior não é necessária à compreensão do ato e implica um gasto maior de esforços cognitivos. Porém, essa ancoragem permite ao leitor a derivação de suposições ou inferências que provavelmente não seriam produzidas de outra forma. Também aqui o que favorece a produção da inferência mostrada acima é a existência, na memória discursiva, da

informação ativada em (02) no momento da leitura de (31). Isso porque, como já discutido, o seqüenciamento dos textos da seção Brasil permite, conforme as expectativas da instância de produção, que a informação ativada no ato (02) do texto “Tem até antimíssil” constitua um subconjunto das informações da memória discursiva, em que o propósito do ato (31) do texto “A casa do presidente” poderá se ancorar.

5. Conclusão

Este capítulo teve como objetivo mostrar que o seqüenciamento dos textos na seção Brasil é utilizado pela revista *Veja* como uma estratégia discursiva, por meio da qual se tenta influenciar a construção de sentidos do leitor. Utilizando como instrumento de análise a forma de organização informacional e valendo-me de contribuições da Teoria da Relevância, pude constatar que, em cada uma das seções analisadas, as informações ativadas com a leitura do primeiro texto podem funcionar como pontos de ancoragem para as informações ativadas com a leitura do segundo texto e assim sucessivamente. A razão disso é que as informações de um texto podem permanecer na memória discursiva do leitor e, por isso, podem ser selecionadas para participar do contexto de interpretação do texto seguinte. Dessa forma, o seqüenciamento possibilita que informações ativadas em um texto de uma seção Brasil constituam um subconjunto das informações de que o leitor dispõe na memória ao ler o texto que aparece em seguida na mesma seção.

As análises efetuadas neste capítulo permitiram ver que, numa seção, o ato de um texto pode apresentar traços lingüísticos que indicam a ancoragem do ato em diferentes informações localizadas em níveis menos imediatos da memória discursiva, informações que, no MAM, são chamadas de pontos de ancoragem de segundo plano. Cada um dos traços que foi objeto de análise indica uma ancoragem necessária e uma ou mais ancoragens possíveis. Na maior parte dos casos estudados, o propósito de um ato se ancora de forma necessária em informações que têm origem no próprio texto de que esse ato faz parte, sendo essa uma ancoragem fundamental para a compreensão do ato. Em todos os casos analisados, a ancoragem do ato de um texto em informações com origem em outro texto da seção é uma ancoragem possível, porque, mesmo que essa ancoragem não seja feita, ainda assim o ato poderá ser compreendido. Mas, mesmo não sendo necessária à compreensão do ato e implicando um gasto maior de esforços cognitivos, a ancoragem possível permite ao leitor a derivação de suposições ou

inferências que provavelmente não seriam produzidas de outra forma. Acredito que a instância de produção tenha a expectativa de que ancoragens possíveis, tais como as que foram descritas, sejam realizadas pelo leitor. Somente assim a estratégia de dispor os textos em determinada seqüência será eficaz. Caso o leitor realize de fato essas ancoragens possíveis, confirmando a expectativa da instância de produção, ele sofrerá uma modificação no seu estado inicial de conhecimento, devido à produção de inferências. Essas inferências poderão não ser (e muito certamente não serão) idênticas às que foram apresentadas, mas, assim como essas, elas poderão ser formatadas segundo o ponto de vista ou o sistema de valores e crenças do veículo de comunicação.

A distinção entre a ancoragem necessária e a ancoragem possível pode ser precisada com mais clareza, se se considerar o tipo de inferência envolvido em cada uma dessas ancoragens. A realização da ancoragem necessária parece envolver as inferências que Coscarelli (1999) chama de *conectivas* e que Brown e Yule (1983) chamam de *bridging* ou *missing links*. Essas inferências são importantes “para preencher lacunas que ajudem o leitor a compreender as relações entre as partes do texto” (Coscarelli, 1999, p. 126) e, quando realizadas num nível mais local, como na interpretação de um ato, são responsáveis pela compreensão das anáforas, sejam elas correferenciais ou associativas. Já a realização da ancoragem possível parece envolver as inferências que Coscarelli (1999) chama de elaborativas e que Brown e Yule (1983) chamam de *elaboratives* ou *evaluatives*. Essas inferências seriam menos automáticas e envolveriam um custo maior de processamento para serem realizadas, como se observou nas análises feitas anteriormente. As inferências elaborativas são aquelas que não desempenham papel determinante no estabelecimento da compreensão de um ato. Porém, Coscarelli (1999, p. 109) esclarece que, embora essas inferências não sejam necessárias para o estabelecimento da coerência local, “isso não significa que elas não sejam necessárias no estabelecimento da coerência global”. A razão disso é que as inferências elaborativas podem ter um papel estratégico na geração de informações úteis na interpretação global do texto³¹.

No caso específico das seções Brasil, as inferências resultantes da ancoragem possível do ato de um texto numa informação que tem origem em outro texto podem ser úteis na

³¹ Para uma definição mais adequada das inferências conectivas e elaborativas, ver Coscarelli (1999, cap. 4) e Brown e Yule (1983).

compreensão global da seção e são responsáveis pelo sucesso da estratégia discursiva que dispõe os textos da seção Brasil em uma seqüência X. Somente por meio da realização dessas inferências, é possível construir relações de analogia ou de causa e conseqüência entre informações ativadas pelos vários textos de uma seção. Defendo que é a expectativa de que essas inferências poderão ser feitas que leva os produtores de *Veja* a dispor os textos da seção Brasil em determinada seqüência. Caso as inferências decorrentes de ancoragens possíveis não sejam realizadas, a disposição dos textos em uma seqüência específica não funcionaria como estratégia de persuasão do leitor.

No próximo capítulo, os resultados obtidos nesta etapa do trabalho serão aprofundados. Com a acoplagem da forma de organização informacional a outros módulos e formas de organização do discurso, será possível desenvolver o estudo da forma de organização tópica. O estudo dessa forma de organização permitirá verificar o grau de saliência na memória discursiva das informações que funcionam como ponto de ancoragem e permitirá justificar as inferências que podem surgir a partir das ancoragens de um ato nos seus pontos de ancoragem, inferências apenas apontadas neste capítulo. O estudo da forma de organização tópica terá, portanto, como objetivo evidenciar se o seqüenciamento ou a ordem de apresentação das reportagens na seção Brasil é de fato um recurso importante de que a revista *Veja* se vale para tentar guiar a construção de sentidos do leitor.

CAPÍTULO 3: Estudo da forma de organização tópica

No Modelo de Análise Modular do Discurso, a descrição da forma de organização informacional constitui uma primeira etapa do estudo da forma de organização tópica. Com o estudo da segunda etapa dessa forma de organização, do qual se ocupa este capítulo, busca-se ultrapassar a linearidade da estrutura informacional, acoplando-a a estruturas resultantes da análise de outros módulos e formas de organização do discurso. Somente com a descrição da estrutura informacional, não é possível dar conta da hierarquia e das relações de derivação existentes entre os propósitos ativados ao longo de um texto, porque essa estrutura apresenta a ancoragem de cada ato em informações da memória discursiva de forma linear (Roulet, 1996, Roulet, 1999a). A descrição da hierarquia e das relações de derivação entre os propósitos de um texto, objetivos que o estudo da segunda etapa da forma de organização tópica busca alcançar, depende da acoplagem da estrutura informacional com a estrutura hierárquico-relacional (resultante do estudo do módulo hierárquico e da forma de organização relacional) e com a estrutura conceitual (resultante do estudo do módulo referencial). Nessa segunda etapa de análise, a acoplagem das estruturas informacional e hierárquico-relacional permite descrever a hierarquia dos propósitos, apontando quais são principais e quais são subordinados. Já a acoplagem das estruturas informacional e conceitual descreve as relações de derivação e as linhas referenciais observáveis entre propósitos primeiros e derivados.

Com o avanço no estudo da forma de organização tópica das seções Brasil que compõem o corpus desta pesquisa, acredito ser possível defender a hipótese do seqüenciamento como uma estratégia persuasiva utilizada por *Veja* para direcionar a construção de sentidos de seu leitor. Isso porque, neste capítulo, busco trazer explicações para as ancoragens e as inferências que foram apenas descritas na primeira etapa do estudo da organização tópica. Nesta etapa, a descrição de quais propósitos são principais e quais são subordinados, à qual se chega com a acoplagem das estruturas informacional e hierárquico-relacional, fornecerá evidências a respeito do grau de acessibilidade na memória discursiva das informações que funcionam como pontos de ancoragem. Além disso, a descrição das relações de derivação e das linhas referenciais entre o propósito e seus pontos de ancoragem, a qual se obtém com a acoplagem das

estruturas informacional e conceitual, permitirá que se expliquem o encadeamento do propósito nos pontos de ancoragem, bem como as inferências que podem surgir desse encadeamento.

Dessa forma, procedo à combinação da estrutura informacional com outros planos de organização do discurso, tendo como objetivo trazer explicações para os fenômenos que foram constatados na análise da forma de organização informacional. No item 1, apresento, de modo sucinto, o módulo hierárquico e a forma de organização relacional. No item 2, estudo o corpus desta pesquisa, a partir da acoplagem das estruturas informacional e hierárquico-relacional. No item 3, descrevo brevemente o módulo referencial, para em seguida, no item 4, analisar o corpus, a partir da acoplagem das estruturas informacional e conceitual.

1. Módulo hierárquico e forma de organização relacional

No Modelo de Análise Modular (MAM), o módulo hierárquico é o responsável por definir as categorias e as regras que permitem gerar as estruturas hierárquicas de todo tipo de texto, dialógico ou monológico, oral ou escrito. Esse módulo tem como base a hipótese de que toda interação verbal se caracteriza por um processo de negociação em que os interactantes iniciam proposições, reagem a elas e as ratificam. Conforme Roulet (Roulet, Fillietaz e Grobet, 2001, p. 57), “toda intervenção linguageira (cumprimento, pedido, asserção, etc) constitui uma PROPOSIÇÃO, que desencadeia um processo de negociação entre os interactantes”. Essa negociação conjunta dos interactantes leva à construção de unidades textuais complexas. Assim, a toda unidade textual subjaz um processo de negociação, e é esse processo que as estruturas geradas no módulo hierárquico buscam reconstruir e tornar visíveis. O desenvolvimento e o encerramento do processo de negociação, de que a estrutura hierárquica é o resultado ou “a face emergente” (Roulet e Pires, 2001), se ligam a dois tipos de restrições: a restrição de completude monológica e a restrição de completude dialógica. A primeira diz respeito à necessidade de que cada fase do processo de negociação – proposição, reação ou ratificação – seja elaborada de modo suficientemente claro e completo, a fim de que seja possível o desenvolvimento da negociação. A outra restrição, a de completude

dialógica, diz respeito ao alcance do duplo acordo, com o qual ambos os interactantes concordam com o encerramento do processo de negociação.

As estruturas hierárquicas são formadas pelos três tipos de constituintes que os interactantes produzem em toda interação verbal: trocas, intervenções e atos. A troca constitui a unidade textual máxima e é formada por intervenções, que refletem as várias proposições, reações e ratificações de uma negociação. A intervenção constitui uma unidade constitutiva da troca e pode ser formada por apenas um ato principal, mas, mais frequentemente, a intervenção apresenta uma configuração complexa, da qual participam outras intervenções, atos e até mesmo trocas. O ato, por fim, constitui a unidade textual mínima e pode ser definido como a menor unidade delimitada por uma e outra passagem da memória discursiva³². O ato, de cuja descrição se ocupa o módulo hierárquico, não deve ser confundido com o ato de fala. Como explica Marinho (2007, p. 40), “a Teoria dos Atos de Fala considerava os atos isoladamente e propunha uma definição de ato ilocucionário que provinha de uma abordagem metodológica ascendente e que de fato remetia à proposição gramatical”. Por essa razão, o ato, definido como unidade textual mínima ou unidade mínima do processo de negociação, não se confunde com o ato de fala.

Para que se proponha a estrutura hierárquica de um discurso, é necessário, logo de início, segmentá-lo em atos. Entretanto, a segmentação de uma produção discursiva em atos levanta problemas práticos, que podem ser solucionados com o emprego de instrumentos heurísticos provenientes de outros módulos e formas de organização do discurso (Roulet e Pires, 2001). Assim, a segmentação em atos do corpus desta pesquisa se fez com a utilização de alguns critérios básicos propostos pelo modelo para se encontrar a fronteira entre dois atos. A passagem pela memória discursiva, que caracteriza essa fronteira, é indicada no discurso pela possibilidade de se utilizar indiferentemente como anáfora um pronome ou uma expressão definida para marcar a correferência; no discurso escrito, ela é indicada também por sinais gráficos, como o ponto final; a passagem pela memória discursiva pode ser indicada ainda pela presença

³² A memória discursiva é definida como “conjunto de saberes conscientemente partilhados pelos interlocutores” (Berrendonner, 1983:230). Conforme foi dito no capítulo anterior, ela compreende “os diversos pré-requisitos culturais (normas comunicativas, lugares argumentativos, saberes enciclopédicos comuns, etc) que servem de axiomas aos interlocutores para conduzir uma atividade dedutiva”, bem como “as enunciações sucessivas que constituem o discurso” (Roulet, Fillietaz e Grobet, 2001, p. 23).

de conectores ou pela possibilidade de inseri-los, uma vez que os conectores sinalizam freqüentemente a existência de relações entre um ato e uma informação da memória discursiva com origem em outro ato³³.

Com a estrutura hierárquica, é possível a descrição das hierarquias e das relações que os constituintes do texto – trocas, intervenções e atos – estabelecem entre si. Essas relações, conforme o módulo hierárquico, são de três tipos: dependência, interdependência e independência. Existe uma relação de dependência entre dois constituintes, quando a presença de um deles está ligada à presença do outro, ou seja, quando a presença de um depende da presença do outro. O constituinte dependente é chamado de subordinado e pode ser suprimido sem comprometer a estrutura global do texto; o outro constituinte é chamado de principal e exprime uma informação necessária para o texto. Existe uma relação de interdependência entre dois constituintes, quando um deles não pode existir sem o outro. Para Marinho (2004), constitui um exemplo desse tipo de relação “uma intervenção de resposta que tem sua existência dependente da de uma intervenção de pergunta e vice-versa”. Finalmente, existe uma relação de independência, quando a presença de um constituinte não está ligada à presença de outro, isto é, quando a presença de um não depende da presença de outro. Exemplos desse tipo de relação são as intervenções ou os atos coordenados.

Como já se sabe, o corpus deste trabalho é formado pelos textos de duas seções Brasil da revista *Veja*. Trata-se de textos que não se configuram explicitamente como dialogais, porque não são produzidos por dois interlocutores e não apresentam dois enunciadores principais. Para o MAM, os textos dessa natureza, isto é, os textos ditos monologais, correspondem a uma das fases do processo de negociação entre autor e leitor. Ao tratar do texto acadêmico escrito, Marinho (2006) considera que “cada texto apresenta uma estrutura de intervenção, semelhante à de uma resposta a uma questão anteriormente apresentada – a proposta, pelo professor, de produção do texto”. Já os textos que constituem o meu corpus podem ser vistos como intervenções que correspondem à fase inicial de um processo de negociação – a proposição. Por serem

³³ Como o corpus deste trabalho se constitui de textos escritos, a sua segmentação em atos não apresentou os problemas que impõe a segmentação de textos orais, por exemplo. Também não se fez necessária a adoção de outros critérios além daqueles já propostos pelo MAM para a delimitação dos atos. Por esses motivos, não estendo a discussão sobre a delimitação da unidade textual mínima, o ato. Para uma discussão aprofundada sobre o assunto, remeto o leitor aos seguintes trabalhos: Rossari (1996), Grobet (2000, p. 77-96), Roulet, Fillietaz e Grobet (2001, p. 58-71) e Marinho (2007).

textos jornalísticos que abordam questões relativas à política nacional, esses textos informam, mas também trazem asserções polêmicas. Essas asserções podem motivar o prosseguimento da negociação entre autor e leitor com uma reação deste, a qual pode ganhar diferentes formas textuais: o leitor pode reagir à proposição inicial do autor enviando a este um e-mail ou escrevendo à revista um texto para ser publicado na seção “Cartas”. A negociação pode se encerrar aqui ou pode ter seqüência com uma ratificação do autor à reação do leitor, a qual também pode se dar por diferentes formas textuais: e-mail, carta, etc. Cada uma das fases do processo de negociação entre autor e leitor pode ser analisada, portanto, como uma intervenção complexa. Tendo como objetivo atingir a completude monológica, o autor de um texto jornalístico produz uma intervenção formada por outras intervenções, as quais, por sua vez, são formadas por uma nova intervenção seguida de outra intervenção ou de um ato, etc.

Para tornar mais claras as observações feitas até agora sobre o módulo hierárquico, proponho a estrutura hierárquica do trecho abaixo, que constitui o parágrafo inicial de um dos textos do meu corpus, o qual se intitula “Sandálias da humildade”.

(01) O presidente Lula deveria calçar as sandálias da humildade. (02) Imagina que pode reger o desenvolvimento do país (03) como Moisés abriu o mar em duas metades. (04) Disse que 2005 será um ano com “mar de almirante e céu de brigadeiro”. (05) José Dirceu, ministro-chefe da casa civil, é pior. (06) Acredita que o crescimento brasileiro depende do número de horas que ele trabalha por dia. (07) “Vou trabalhar dia e noite de uma maneira persistente (08) para que o crescimento (de 2005) seja pelo menos 1% a mais do que a previsão do Ipea (de 3,8%)”, (09) disse o ministro. (10) Dirceu não tem comando algum sobre a máquina econômica da nação. (11) Ele pode trabalhar 24 horas por dia que a economia brasileira ficará exatamente no mesmo lugar. (12) Para Dirceu, (13) sandálias não bastam. (14) No caso dele, de extrema presunção, (15) só mesmo pés descalços, como os das carmelitas, fariam efeito sobre sua vaidade.

A segmentação desse trecho em atos não levantou maiores problemas. Para a sua realização, foram suficientes os critérios anteriormente apontados, por meio dos quais se busca a passagem pela memória discursiva, que caracteriza a fronteira entre dois atos. A descrição das relações que os constituintes desse parágrafo estabelecem entre si pode ser representada na seguinte estrutura hierárquica (Ap = ato principal, As = ato subordinado, Ip = intervenção principal, Is = intervenção subordinada):

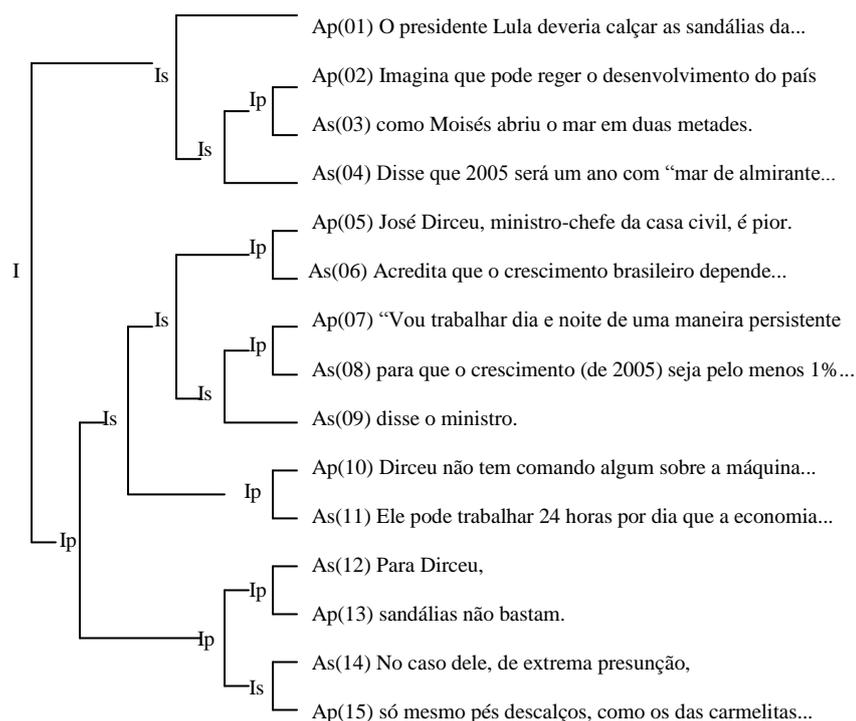


Figura 42: estrutura hierárquica dos atos (01-15) do texto "Sandálias da humildade".

Nesse parágrafo inicial, o autor expõe seu ponto de vista, o qual será desenvolvido ao longo do texto. Ele acredita que o presidente Lula deveria "calçar as sandálias da humildade", ou seja, ser mais humilde. Essa idéia é trazida logo no ato (01), ao qual se liga uma intervenção subordinada, formada pelos atos (02-04). Essa intervenção busca apresentar argumentos que apóiem a idéia do ato (01): *o presidente Lula deveria ser mais humilde, porque acredita que pode reger o desenvolvimento do país com facilidade*. Em seguida, o autor introduz uma grande intervenção formada pelos atos (05-15), toda dedicada a defender a idéia de que o comportamento de J. Dirceu é ainda pior do que o do presidente Lula e de que ele, J. Dirceu, não tem comando sobre a máquina econômica do país. Essa grande intervenção, por trazer um argumento contrário à idéia inicialmente apresentada nos atos (01-04), subordina retroativamente a intervenção (01-04) e possui, então, o estatuto de principal. Nessa grande intervenção, os atos (05) e (06) trazem a opinião do autor de que o comportamento de J. Dirceu é pior do que o do presidente Lula. Para reforçar essa opinião, o autor acredita ser necessário apresentar como argumento uma declaração do próprio J. Dirceu, em que ele afirma que vai trabalhar dia e noite para que o crescimento econômico seja maior. Essa declaração é trazida na intervenção (07-09), a qual é subordinada em relação à

intervenção (05-06). A intervenção (10-11) apresenta um argumento do autor que vai contra a crença de J. Dirceu de que o crescimento econômico depende do número de horas que ele trabalha por dia. A crença de J. Dirceu é apresentada na intervenção (05-09), a qual é subordinada à intervenção (10-11), que traz o argumento contrário do autor. A intervenção (12-15) funciona como uma conclusão para a grande intervenção em que se fala de J. Dirceu – atos (05-15). Por isso, a intervenção (12-15) é principal em relação à intervenção formada pelos atos (05-11). Na intervenção principal (12-15), os atos (12) e (13) trazem a opinião de que, para J. Dirceu, sandálias da humildade não bastam, e os atos (14) e (15) trazem um argumento que reforça essa opinião.

Roulet (Roulet, Filliettaz e Grobet, 2001) ressalta que, para propor a estrutura hierárquica de uma troca ou de uma intervenção ou para validar a estrutura proposta, o analista pode recorrer a diversos instrumentos. Desses instrumentos fazem parte a supressão de constituintes subordinados, a presença de um conector ou a possibilidade de inseri-lo e as indicações dadas pela pontuação. Para validar a estrutura hierárquica proposta acima, recorro à supressão de constituintes subordinados, mantendo apenas os atos que carregam o sentido principal do texto. Se um dado constituinte pode ser suprimido sem comprometer o sentido global do texto, esse constituinte tem o estatuto de subordinado.

(01) O presidente Lula deveria calçar as sandálias da humildade. (02) Imagina que pode reger o desenvolvimento do país (03) como Moisés abriu o mar em duas metades. (05) José Dirceu, ministro-chefe da casa civil, é pior. (10) Dirceu não tem comando algum sobre a máquina econômica da nação. (12) Para Dirceu, (13) sandálias não bastam.

A estrutura hierárquica, tal como proposta pelo módulo hierárquico, não deve ser vista como uma combinatória formal. Como foi dito, ela busca evidenciar o processo de negociação que subjaz a toda interação verbal. Ela constitui, portanto, uma hipótese interpretativa desse processo. Por essa razão, o trabalho do analista não deve ser o de propor a estrutura hierárquica “correta”, uma vez que, por se tratar de uma hipótese interpretativa, muitas estruturas, correspondendo a diferentes interpretações, são possíveis para uma mesma troca ou intervenção. Conforme Roulet (1999a), um dos principais méritos da estrutura hierárquica é obrigar o analista a explicitar a sua interpretação.

No MAM, as informações do módulo hierárquico podem ser acopladas às informações de outros módulos – lexical e referencial –, para se proceder ao estudo da forma de organização relacional do discurso. Essa forma de organização busca, num primeiro momento, identificar as relações ilocucionárias e interativas genéricas entre os constituintes da estrutura hierárquica e informações da memória discursiva e busca, num momento posterior, determinar a relação específica entre um constituinte em particular e uma informação da memória discursiva.

A identificação das relações ilocucionárias e interativas genéricas se baseia numa lista reduzida de categorias, as quais são consideradas suficientes para descrever todas as formas de discurso, tanto dialógico como monológico. Ao se utilizar dessas categorias, o modelo evita estabelecer a priori uma quantidade excessiva das relações específicas que podem ser encontradas num dado texto e consegue extrair generalizações importantes relativas à organização desse texto (Roulet, 2002, Roulet, 2003). Com essas categorias de relações genéricas, é possível extrair o que Roulet (2002) chama de “o perfil relacional de um discurso”, em que se evidenciam as relações dominantes de sua organização. A noção de argumento, por exemplo, é utilizada como categoria genérica para recobrir as relações interativas denominadas de causa, explicação, justificação, argumento potencial, etc. De acordo com Roulet (Roulet, Filliettaz e Grobet, 2001, p. 168), “a noção de relação genérica está ligada à existência de classes de marcadores lingüísticos, como as construções sintáticas e os conectores”. Assim, a relação interativa de argumento pode ser marcada no discurso por conectores como *porque*, *pois*, *aliás*, etc. Da mesma forma, a relação ilocucionária de pedido pode ser marcada por uma construção sintática imperativa.

Na forma de organização relacional, as relações ilocucionárias caracterizam as intervenções que constituem as trocas. Essas relações podem ser iniciativas ou reativas, dependendo do lugar da intervenção na estrutura hierárquica³⁴. Roulet (Roulet, Filliettaz e Grobet, 2001) distingue três categorias genéricas de relações ilocucionárias iniciativas (interrogação, pedido e informação) e distingue duas categorias genéricas de relações ilocucionárias reativas (resposta e ratificação). Diferentemente do que se postula na

³⁴ “A primeira intervenção de uma troca é ligada à segunda por uma relação ilocucionária iniciativa; a última intervenção de uma troca é ligada à precedente por uma relação ilocucionária reativa; e cada intervenção intermediária é ligada à precedente por uma relação ilocucionária reativa e à próxima por uma relação ilocucionária iniciativa” (Roulet, 2006, p. 120).

Teoria dos Atos de Fala, as relações ilocucionárias iniciativas e reativas no MAM não caracterizam atos isolados, mas as intervenções constitutivas das trocas, intervenções que, como se viu na descrição do módulo hierárquico, podem assumir configurações complexas.

As relações interativas, por sua vez, caracterizam os constituintes das intervenções. Na forma de organização relacional, distinguem-se oito categorias genéricas de relações interativas: argumento, contra-argumento, reformulação, topicalização, sucessão, preparação, comentário e clarificação. O estabelecimento das categorias genéricas de relações interativas se justifica pelo fato de que o locutor, na tentativa de satisfazer o princípio de completude monológica, pode produzir intervenções complexas. Nessas intervenções, o locutor pode introduzir argumentos para reforçar um ponto de vista, rejeitar uma idéia com a apresentação de contra-argumentos, fazer comentários sobre partes de seu texto, reformular idéias, tornando-as mais claras para seu interlocutor, enumerar os sucessivos eventos de uma narração, etc (Roulet, 2006).

De acordo com Marinho (2003, p. 5), “o tipo de vínculo que se estabelece entre um constituinte discursivo e um estado da memória discursiva pode (...) ser sinalizado por marcas cuja função é explicitar a relação”. As marcas mais freqüentes das relações interativas são as seguintes:

1. Nas relações de argumento: porque, pois, uma vez que, se, portanto, assim, aliás, devido a, etc.
2. Nas relações de contra-argumento: mas, porém, embora, conquanto, mesmo que, no entanto, etc.
3. Nas relações de reformulação: ou seja, ou melhor, isto é, enfim, em suma, finalmente, etc.
4. Nas relações de topicalização: quanto a, no que se refere a ou o deslocamento à esquerda.
5. Nas relações de sucessão: em seguida, depois, etc.

As relações de preparação, de comentário e de clarificação não apresentam marcas específicas. A sua determinação deve ser feita com base em informações de ordem referencial e em certos postulados do modelo (Marinho, 2003). Assim, quando a relação

interativa não for marcada lingüisticamente e quando não for possível a introdução de marcas para indicá-la, ela será de preparação, se o constituinte subordinado preceder o principal; será de comentário, se o constituinte subordinado suceder o principal; e será de clarificação, se o constituinte subordinado que segue o principal for uma troca aberta por uma questão.

Para exemplificar a análise das relações interativas genéricas³⁵, reproduzo a seguir a estrutura hierárquica apresentada anteriormente, à qual acrescento indicações sobre as relações interativas³⁶. Os constituintes dessa estrutura hierárquico-relacional se ligam a informações da memória discursiva que têm origem no próprio texto por meio de quatro categorias de relações interativas: argumento = arg, contra-argumento = c-arg, topicalização = top e comentário = com.

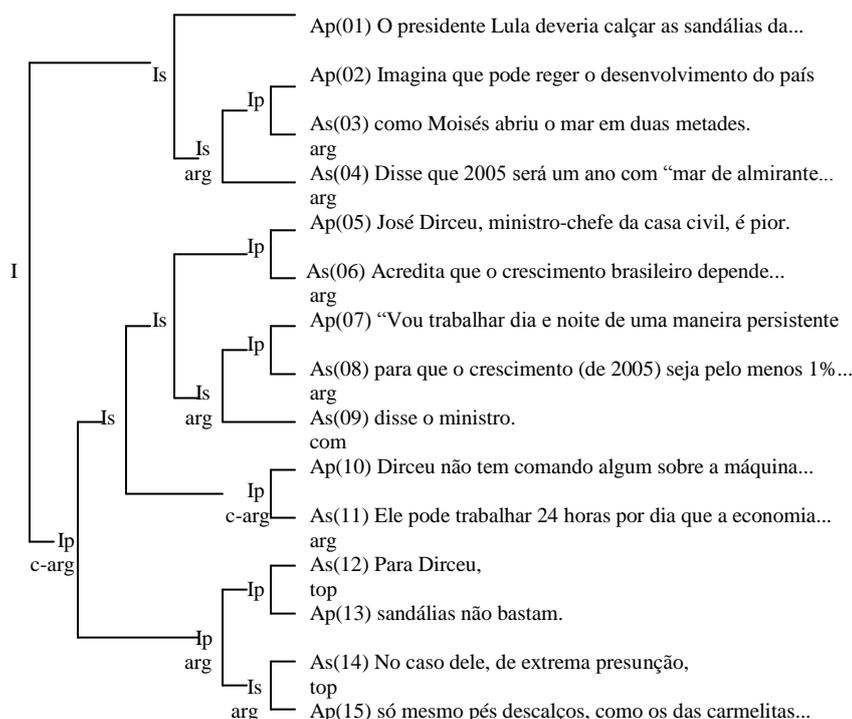


Figura 43: estrutura hierárquico-relacional dos atos (01-15) do texto “Sandálias da humildade”.

Descrevo inicialmente a Is(01-04), na qual se fala do presidente Lula. Ao Ap(01) se liga a Is(02-04) por uma relação de argumento, a qual poderia ser explicitada com a inserção

³⁵ Não apresento exemplo de análise das relações ilocucionárias genéricas, uma vez que o corpus desta pesquisa se constitui exclusivamente de textos monológicos. Para exemplos de análise das relações ilocucionárias genéricas, ver Roulet, Filliettaz e Grobet (2001), Roulet (2003, 2006).

³⁶ As estruturas hierárquico-relacionais resultantes das análises de todos os textos componentes de cada uma das seções Brasil do corpus encontram-se no anexo C deste trabalho.

do conector *porque*: o presidente Lula deveria calçar as sandálias da humildade, *porque* imagina que pode reger o desenvolvimento do país... Na Is(02-04), o As(04) se liga à Ip(02-03) por uma relação de argumento. Essa Ip é formada pelo Ap(02) e pelo As(03), os quais se ligam por uma relação de argumento marcada pelo conector *como*. À Is(01-04) se liga a grande Ip(05-15), na qual se fala de J. Dirceu. Essas intervenções estão ligadas por uma relação de contra-argumento, a qual poderia ser marcada pelo conector *mas*: Is(01-04), *mas* J. Dirceu, ministro-chefe da casa civil, é pior. O As(06) se liga ao Ap(05) por uma relação de argumento. À Ip formada pelos atos (05) e (06) se liga a Is(07-09) por uma relação de argumento. Essa Is é formada pela Ip(07-08) e pelo As(09), ligados por uma relação de comentário. Na Ip(07-08), o As(08) se liga ao Ap(07) por uma relação de argumento, marcada pelo conector *para que*. À Is formada pelos atos (05-09) se liga a Ip(10-11) por uma relação de contra-argumento. Essa Ip é formada pelo Ap(10) e pelo As(11), os quais estão ligados por uma relação de argumento. A Ip(12-15) se liga à Is(05-11) por uma relação de argumento, a qual poderia ser explicitada pelo conector *portanto*. A Ip(12-15) é formada pela Ip(12-13) e pela Is(14-15), as quais estão ligadas por uma relação de argumento. A Ip(12-13) e a Is(14-15) apresentam a mesma organização relacional: um As que precede o Ap e que se liga a ele por uma relação de topicalização.

A análise da organização relacional genérica desse texto forneceu uma descrição das relações interativas entre os seus constituintes e informações da memória discursiva, todas com origem no próprio texto. Com essa descrição, foi possível extrair o “perfil relacional” do texto, em que se percebe o predomínio da relação de argumento sobre as demais e a importância de uma das duas relações de contra-argumento, articulando a grande intervenção em que se fala de J. Dirceu e a intervenção inicial em que se fala do presidente Lula. A esquematização a que se chegou ao final dessa análise pode ser combinada com informações de outras formas de organização do discurso. Por exemplo, as informações da forma de organização relacional podem ser combinadas com informações da forma de organização informacional, descrita no capítulo anterior, para se descreverem as funções da estrutura informacional e de suas marcas no nível da estrutura hierárquico-relacional do discurso (Roulet, Filliettaz e Grobet, 2001).

Mas, como foi dito, o estudo da forma de organização relacional se faz em dois momentos. A descrição das relações ilocucionárias e interativas específicas entre um

constituente textual e uma informação da memória discursiva se faz num momento posterior à análise das relações genéricas. Na interpretação de um texto, é importante distinguir, por exemplo, as seqüências em que a relação de argumento é marcada por conector daquelas que não o são; é importante distinguir também as seqüências em que a relação de argumento é marcada por *porque* daquelas que são marcadas por *pois*, *portanto*, *aliás*, etc (Roulet, Filliettaz e Grobet, 2001). Na análise da forma de organização relacional, o estudo das especificidades de cada relação é feito com a aplicação de um princípio geral de cálculo inferencial, em função das propriedades lingüísticas e contextuais dos constituintes do texto³⁷.

Tal como se apresentou, a descrição da forma de organização relacional de um texto requer a acoplagem de informações lingüísticas (provenientes dos módulos lexical e sintático sobre conectores e construções sintáticas), textuais (relativas à hierarquia dos constituintes do texto) e situacionais (provenientes do módulo referencial sobre as informações estocadas na memória discursiva) e deve ser realizada em dois momentos. No primeiro, identificam-se as relações ilocucionárias e interativas entre os constituintes da estrutura hierárquica e informações da memória discursiva, com base em um número reduzido de categorias genéricas. No segundo momento, procede-se ao cálculo inferencial, que permite a determinação da relação específica entre um constituinte textual e uma informação da memória discursiva.

2. Análise do corpus

Os dois itens que seguem serão dedicados à análise do corpus desta pesquisa. O objetivo nesta etapa é ultrapassar a linearidade da estrutura informacional descrita no capítulo anterior, acoplando-a à estrutura hierárquico-relacional. Mais especificamente e em conformidade com os objetivos deste trabalho, busco evidências de que os pontos de ancoragem de segundo plano, apenas apontados no capítulo anterior, são informações que, uma vez estocadas na memória discursiva, podem ser reativadas posteriormente, ao

³⁷ Na descrição da forma de organização tópica, da qual se ocupa este trabalho, são suficientes as informações resultantes da análise das relações textuais genéricas, não sendo necessário o cálculo da relação específica entre um constituinte textual e uma informação da memória discursiva. Para uma explicação detalhada de como esse cálculo é realizado, ver Roulet, Filliettaz e Grobet (2001). Para análises em que esse cálculo se faz necessário, ver Marinho (2003), Roulet, Filliettaz e Grobet (2001), Roulet, (2003).

longo da leitura de cada seção Brasil em estudo. Essas evidências podem ser obtidas com a acoplagem de informações hierárquico-relacionais e informacionais, porque o lugar ocupado por um constituinte na estrutura hierárquico-relacional pode indicar o grau de acessibilidade na memória discursiva da informação que ativa – o propósito (Roulet, 1996, Grobet, 2000, Grobet, 2002). A combinação de informações hierárquico-relacionais e informacionais indica que os propósitos ativados por constituintes principais são mais acessíveis, apresentando, portanto, uma maior possibilidade de serem reativados ulteriormente (Marinho, 2002). A contribuição específica dessa acoplagem para este trabalho está no fato de que ela permite perceber que, ao longo da leitura dos textos que formam uma seção Brasil, os propósitos ativados em constituintes principais do primeiro texto apresentam uma possibilidade maior de funcionarem como pontos de ancoragem para informações ativadas no texto seguinte e assim sucessivamente.

É preciso deixar claro que nesta etapa não se busca a explicação para a ancoragem dos atos nos pontos de ancoragem, nem a explicação para as inferências que podem surgir dessa ancoragem. O que se busca são evidências que indiquem o grau de acessibilidade, na memória discursiva, dos pontos de ancoragem do ato de um texto que têm origem nesse mesmo texto e em outro(s) texto(s), pertencente(s) à mesma seção Brasil. Para explicar a ancoragem e as inferências, será preciso completar a descrição da forma de organização tópica com o estudo do módulo referencial, o que será feito mais adiante.

Para viabilizar a conclusão deste trabalho, apenas uma parte dos casos analisados no capítulo anterior será retomada nesta etapa. Para que se tenha uma compreensão global das duas seções Brasil que formam o corpus deste trabalho, optei por escolher um exemplo de análise de cada texto. Assim como no capítulo anterior, não será analisada a ancoragem do primeiro texto de cada seção em informações de outros textos, porque, uma vez que o objetivo é investigar o seqüenciamento de textos enquanto estratégia, a análise dos textos de cada seção será feita conforme a ordem em que eles foram publicados. Na seção 2.1., proponho a análise dos textos que compõem a seção Brasil da revista *Veja* do dia 05/01/2005; na seção 2.2., proponho a análise dos textos que compõem a seção Brasil da revista *Veja* do dia 12/01/2005.

2.1. Seção Brasil do dia 05/01/2005

O trecho reproduzido abaixo se constitui dos quinze atos iniciais do segundo texto da seção, cujo título é “Sandálias da humildade” e cujo assunto abordado é o crescimento da economia brasileira.

(01) O presidente Lula deveria calçar as sandálias da humildade. (02) Imagina que pode reger o desenvolvimento do país (03) como Moisés abriu o mar em duas metades. (04) Disse que 2005 será um ano com “mar de almirante e céu de brigadeiro”. (05) José Dirceu, ministro-chefe da casa civil, é pior. (06) ► Acredita que *o crescimento brasileiro* depende do número de horas que ele trabalha por dia. (07) “Vou trabalhar dia e noite de uma maneira persistente (08) para que o crescimento (de 2005) seja pelo menos 1% a mais do que a previsão do Ipea (de 3,8%)”, (09) disse o ministro. (10) Dirceu não tem comando algum sobre a máquina econômica da nação. (11) Ele pode trabalhar 24 horas por dia que a economia brasileira ficará exatamente no mesmo lugar. (12) Para Dirceu, (13) sandálias não bastam. (14) No caso dele, de extrema presunção, (15) só mesmo pés descalços, como os das carmelitas, fariam efeito sobre sua vaidade.

Ao analisar esse trecho no capítulo anterior, mostrei que a expressão definida “o crescimento brasileiro”, no ato (06) apontado com a seta, funciona como um traço que indica a ancoragem necessária desse ato na informação “o desenvolvimento do país”, informação que tem origem no ato (02). Na análise da estrutura informacional desse trecho, foi dito que essa ancoragem é necessária, porque dela depende a compreensão de que a expressão “o crescimento brasileiro” estabelece uma relação de correferência com o referente da expressão “o desenvolvimento do país”. Foi dito ainda que, caso o leitor não realize essa ancoragem, não compreenderá que, para o autor, Lula e J. Dirceu têm um comportamento semelhante em relação a um mesmo fenômeno, porque ambos imaginam que podem comandar sozinhos e com facilidade o crescimento brasileiro ou o desenvolvimento do país.

Tendo como objetivo mostrar que a hierarquia dos propósitos pode contribuir para a ancoragem necessária do ato (06) no ponto de ancoragem constituído pela informação “o desenvolvimento do país”, com origem no ato (02), procedo à acoplagem das estruturas informacional e hierárquico-relacional desse trecho. Com a estrutura abaixo, chega-se a uma configuração, com a qual é possível visualizar os propósitos principais e subordinados, assim como as relações interativas que intervêm na organização tópica.

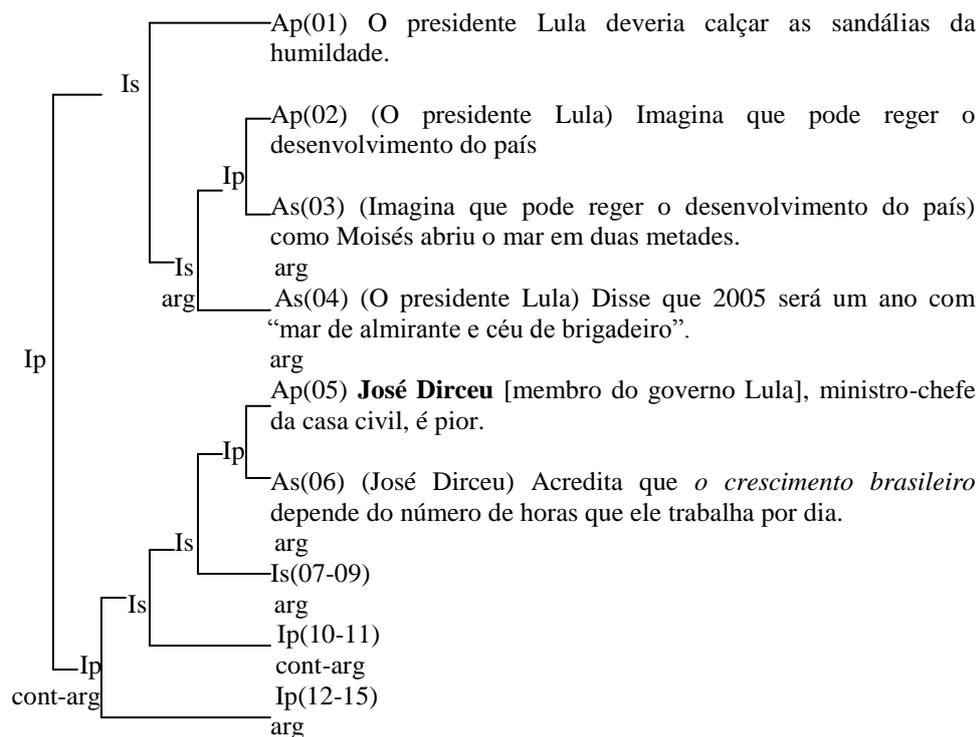


Figura 44: acoplamento das estruturas informacional e hierárquico-relacional dos atos (01-15) do texto “Sandálias da humildade”.

A hierarquia entre os propósitos, exposta nessa estrutura, parece contribuir para a ancoragem necessária do ato (06) na informação trazida pelo ato (02). O propósito deste ato é principal em relação ao propósito do ato (03), que funciona como um argumento para o ato (02). Além disso, a intervenção de que o ato (02) faz parte também apresenta o estatuto de constituinte principal da estrutura. Portanto, o lugar que o propósito do ato (02) ocupa na estrutura evidencia a sua maior acessibilidade e a grande chance de o leitor estabelecer a relação de correferência entre o traço de ponto de ancoragem de segundo plano “o crescimento brasileiro”, no ato (06), e a informação “o desenvolvimento do país”, no ato (02).

No capítulo anterior, foi dito que a proximidade entre o ato (06) e o ponto de ancoragem no ato (02) pode justificar a grande acessibilidade desse ponto de ancoragem. Com a acoplamento das estruturas informacional e hierárquico-relacional, percebe-se a existência de mais um fator que contribui para a maior acessibilidade da informação ativada pelo ato (02), que é o estatuto de principal desse constituinte na estrutura do texto.

Além de indicar a ancoragem necessária do ato (06) do segundo texto na informação “o desenvolvimento do país”, o traço “o crescimento brasileiro” pode indicar a ancoragem possível desse ato em informações da memória discursiva, que têm origem no primeiro texto da seção, intitulado “Fantasmas maranhenses”³⁸. Mais precisamente, foi dito no capítulo precedente que os constituintes (01-06), (24-25), (51-53), (84-85) e (108-112) do primeiro texto trazem informações que podem funcionar como possíveis pontos de ancoragem para o ato (06) do segundo texto. Tendo também como objetivo mostrar que o lugar dessas informações na estrutura hierárquico-relacional pode contribuir para essa ancoragem, marcada no ato (06) pela expressão “o crescimento brasileiro”, descrevo a seguir a macro-estrutura do primeiro texto, dando maior atenção aos constituintes (01-06), (24-25), (51-53), (84-85) e (108-112), em cujas informações o ato (06) do segundo texto pode se ancorar.

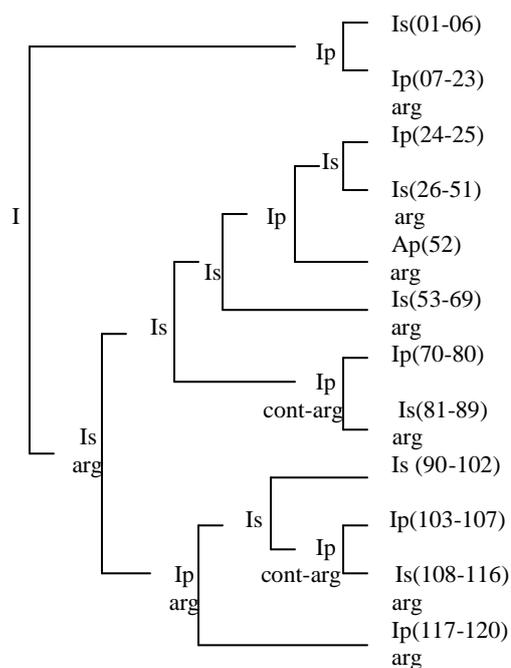


Figura 45: macro-estrutura hierárquico-relacional do texto “Fantasmas maranhenses”.

O autor inicia o texto introduzindo uma intervenção que vai do ato (01) ao (06), em que são descritas as características que fazem do Maranhão um dos estados mais pobres do país. Em seguida, a intervenção formada pelos atos (07-23) traz as promessas que foram

³⁸ O texto “Fantasmas maranhenses” denuncia a participação do então governador maranhense José Reinaldo Tavares e de pessoas ligadas a ele no desvio de verbas destinadas à construção de estradas no estado.

feitas pelo governador, para diminuir a pobreza do estado, e traz a denúncia de corrupção, a qual será explicitada e a discutida em todo o restante do texto. A intervenção (07-23) tem o estatuto de principal, porque subordina a intervenção (01-06), e se liga a esta intervenção subordinada por uma relação de argumento, como se vê de forma detalhada na estrutura abaixo.

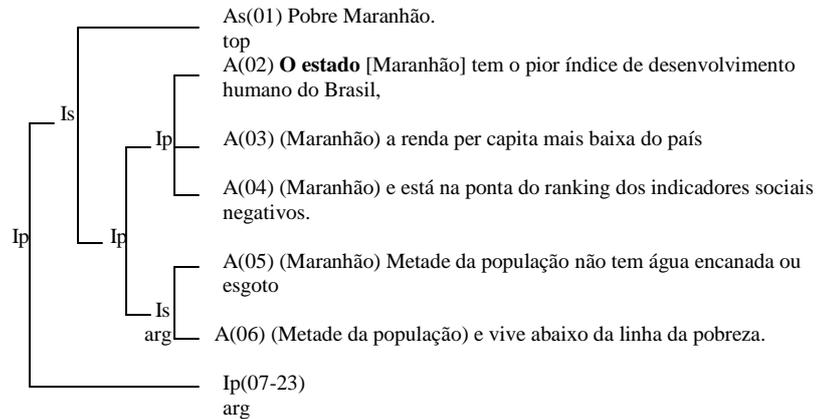


Figura 46: acoplagem das estruturas informacional e hierárquico-relacional dos atos (01-23) do texto “Fantasmas maranhenses”.

Com a Ip(07-23), o autor defende a idéia de que a corrupção no estado é decorrente da pobreza que caracteriza o Maranhão: o Maranhão é um estado que possui sérios problemas econômicos e sociais (Is(01-06)), *por isso* o governador J. R. Tavares se valeu de falsas promessas sobre investimentos no estado, para desviar dinheiro público (Ip (07-23)).

Nos atos (24) e (25), o autor apresenta de forma mais clara a denúncia contra o governador do estado.

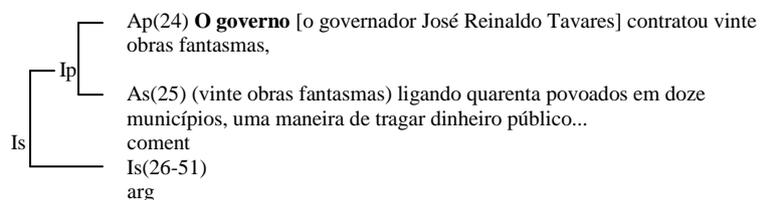


Figura 47: acoplagem das estruturas informacional e hierárquico-relacional dos atos (24-51) do texto “Fantasmas maranhenses”.

É interessante notar que o traço tópico “o governo”, no ato (24), indica que o tópico desse ato é a informação constituída pelo governador J. R. Tavares, uma vez que, até esse momento, o referente “o governo” não havia sido introduzido. Portanto, a informação mais imediatamente acessível ou mais saliente na memória discursiva à qual o ato (24) se liga é o governador J. R. Tavares. Essa ancoragem permite interpretar que o autor, ao dizer “o governo contratou vinte obras fantasmas”, tem o governador como alvo principal de sua denúncia e não o órgão administrativo “governo”, formado por um conjunto heterogêneo de funcionários. Os atos (24) e (25) formam uma intervenção principal, para a qual a Is(26-51) traz argumentos que visam a apoiar a afirmação contida na Ip(24-25).

A grande intervenção (24-51) é subordinada ao Ap(52), o qual apresenta uma conclusão para todas as informações da Is em que ele se liga, dizendo que as fraudes descritas anteriormente podem chegar a 20 milhões de reais. Embora os atos (24) e (25) estejam distantes do ato (52) na linearidade do texto, o estatuto principal da intervenção (24-25) em relação à grande Is(26-51) favorece a ancoragem à distância do Ap(52) na informação ativada pelos atos (24) e (25), informação que constitui o tópico do ato (52). Segundo Roulet (1996), a facilidade de acesso a um ponto de ancoragem na memória discursiva pode ser determinada pela proximidade de um dado nível na estrutura hierárquica. Essas relações podem ser observadas nesta estrutura:

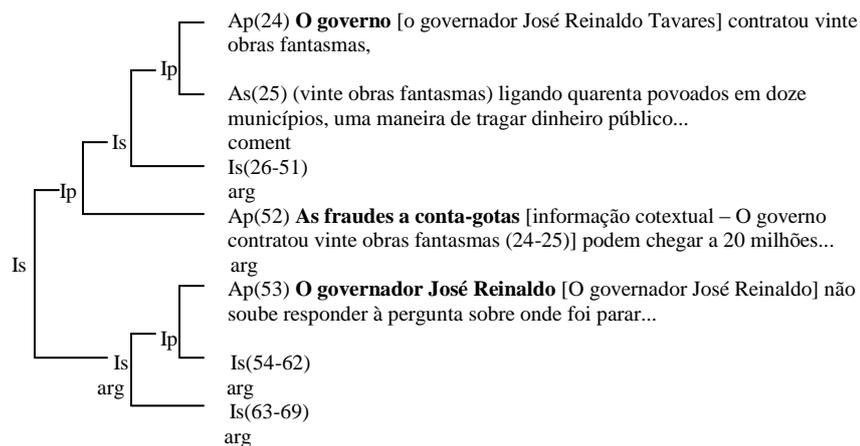


Figura 48: acoplagem das estruturas informacional e hierárquico-relacional dos atos (24-69) do texto “Fantasmas maranhenses”.

A estrutura acima permite ver ainda que, no ato (53), é dito que o governador não soube responder à pergunta sobre onde foi parar o dinheiro das obras fantasmas. Esse ato é

principal em relação à intervenção (54-62), porque essa intervenção apresenta o governador passando a responsabilidade da resposta para o secretário de infra-estrutura e para um empreiteiro.

Na intervenção formada pelos atos (70-80), o autor informa o anúncio do governador de que vai investigar as obras realizadas no estado nos dez anos anteriores à denúncia das obras fantasmas e traz uma declaração do presidente do sindicato dos empreiteiros. Nessa declaração, o presidente do sindicato manifesta o seu espanto diante dos vários casos de corrupção no estado. Essa intervenção (70-80) é principal, porque subordina a intervenção (81-89), que se liga à Ip(70-80) por uma relação de argumento.

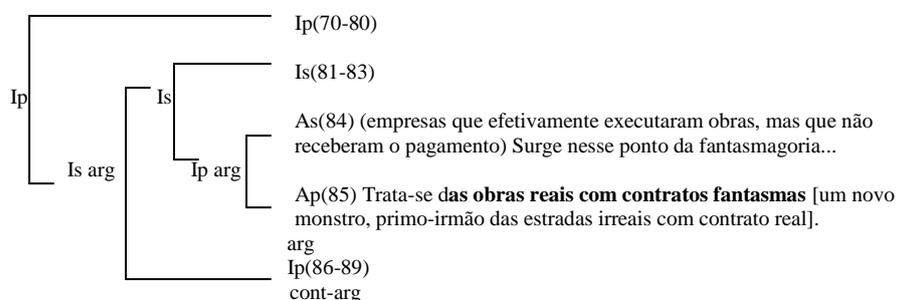


Figura 49: acoplagem das estruturas informacional e hierárquico-relacional dos atos (70-89) do texto “Fantasmas maranhenses”.

Na Is(81-89), representada nessa figura, o autor apresenta uma nova denúncia de corrupção, feita pelo presidente do sindicato dos empreiteiros, e apresenta a reação do governador a essa nova denúncia. Essa denúncia, que se encontra sintetizada na Ip(84-85), se refere a empresas que realizaram obras, mas que não receberam o pagamento por elas. Como mostra a estrutura acima, a intervenção formada pelos atos (84-85) tem o estatuto de principal, porque subordina retroativamente a intervenção (81-83), em que se menciona pela primeira vez o novo caso de corrupção. A Ip(84-85) funciona, portanto, como uma conclusão ou síntese para a intervenção (81-85). Nessa conclusão, o autor compara a nova denúncia sobre obras reais com contratos fantasmas com a denúncia feita em intervenções anteriores sobre obras fantasmas com contratos reais. A intervenção (86-89) apresenta a reação do governador em relação à nova denúncia: segundo ele, as obras, se foram feitas, o foram por iniciativa das empresas, porque não existem contratos entre elas e o governo.

Na intervenção formada pelos atos (90-102), o autor informa que o governador atribui as denúncias de fraude à sua “cruzada de transformação”, que vai contra o poder da família Sarney no estado do Maranhão. Entretanto, com a intervenção seguinte, formada pelos atos (103-116), o autor introduz argumentos contrários à intervenção (90-102) em que o governador acusou a família Sarney. Porque a intervenção (103-116) traz contra-argumentos, ela é principal em relação à intervenção (90-102). Na Ip(103-116), o autor apresenta acusações de Ricardo Murad, cunhado de Roseana Sarney, contra o governador e contra sua esposa, a primeira-dama. Essas acusações se concentram na Ip(108-110) e na Ip(111-112), em que Murad descreve o modo como ocorriam os desvios de verbas. É possível visualizar essas relações na estrutura a seguir:

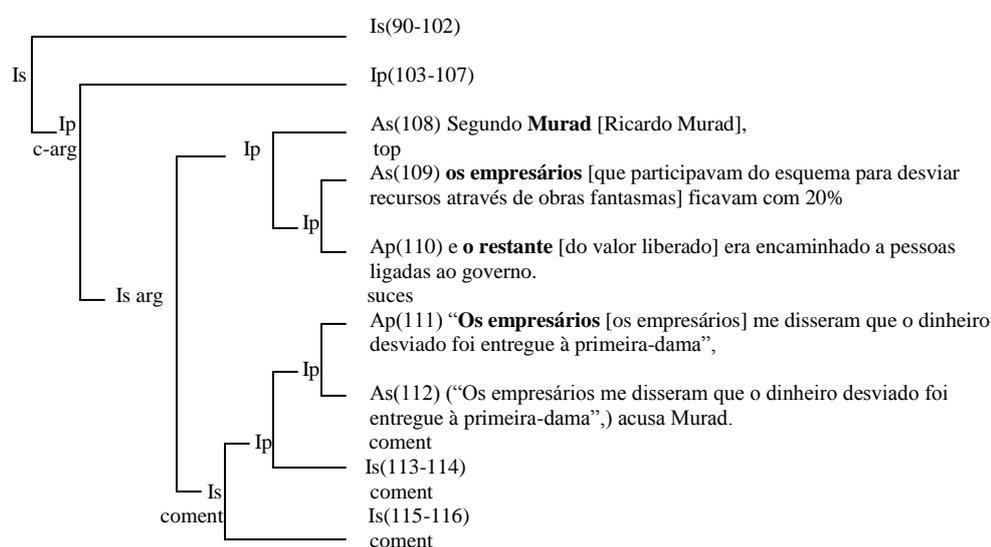


Figura 50: acoplagem das estruturas informacional e hierárquico-relacional dos atos (90-116) do texto “Fantasmas maranhenses”.

A intervenção formada pelos quatro últimos atos, a Ip(117-120), subordina a grande Is(90-116) e conclui o texto (ver figura 45).

Na descrição da macro-estrutura em que informações hierárquico-relacionais e informacionais são acopladas, as informações do primeiro texto que podem funcionar como pontos de ancoragem para o ato (06) do segundo têm o estatuto de principais, com exceção das informações ativadas pela Is(01-06). A análise da hierarquia dos propósitos ativados pelo primeiro texto permite observar, assim, quais propósitos podem estar mais acessíveis na memória discursiva. Essa maior acessibilidade favorece a ancoragem do

ato (06) do segundo texto nesses propósitos ativados no primeiro. Quanto à Is(01-06), ela não apresenta o estatuto de principal, mas é um dos constituintes de maior importância da grande intervenção introdutória, a Ip(01-23), a qual tem o estatuto de principal e à qual todo o restante do texto está subordinado (ver figura 45). A participação da Is(01-06) na composição da Ip(01-23) indica que as informações ativadas nessa Ip podem apresentar um grau maior de saliência na memória discursiva em relação às demais informações trazidas pelo texto, o que pode favorecer a ancoragem do ato (06) do segundo texto nos propósitos dos atos (01-06) do primeiro.

A seguir, transcrevo os oito atos iniciais do terceiro e último texto da seção. Esse texto se intitula “Uma vitória da parceria tucano-petista” e trata do acordo firmado entre o governo petista e a oposição tucana, para a aprovação do projeto que cria as parcerias público-privadas, as PPPs.

(01) Um acordo fechado na madrugada de 22 de dezembro entre o governo petista e a oposição tucana mostrou ser possível a cooperação suprapartidária na política, (02) a despeito do histórico de fisiologia e de obstrução na relação entre Congresso e presidentes no país. (03) O acordo permitiu a aprovação do projeto que cria as parcerias público-privadas (PPPs), mecanismo no qual o presidente Luiz Inácio Lula da Silva deposita enorme esperança (04) para modernizar a debilitada infra-estrutura brasileira. (05) Num desfecho raro, (06) ► a versão final do projeto concilia o que há de melhor na proposta do *governo* com as melhores sugestões da *oposição*: (07) permite a retomada de obras (08) sem que se estimulem a corrupção e o descontrole de gastos.

Na análise desse trecho efetuada no capítulo anterior, mostrei a ancoragem necessária do ato (06) em duas informações da memória discursiva: “o governo petista” e “a oposição tucana”, ambas com origem no ato (01). Essas informações são verbalizadas no ato (06) pelas expressões “o governo” e “a oposição”, respectivamente. Agora, procedo à acoplagem das estruturas informacional e hierárquico-relacional desse trecho, tendo como objetivo verificar se a estrutura do texto pode favorecer a ancoragem do ato (06) em informações do ato (01).

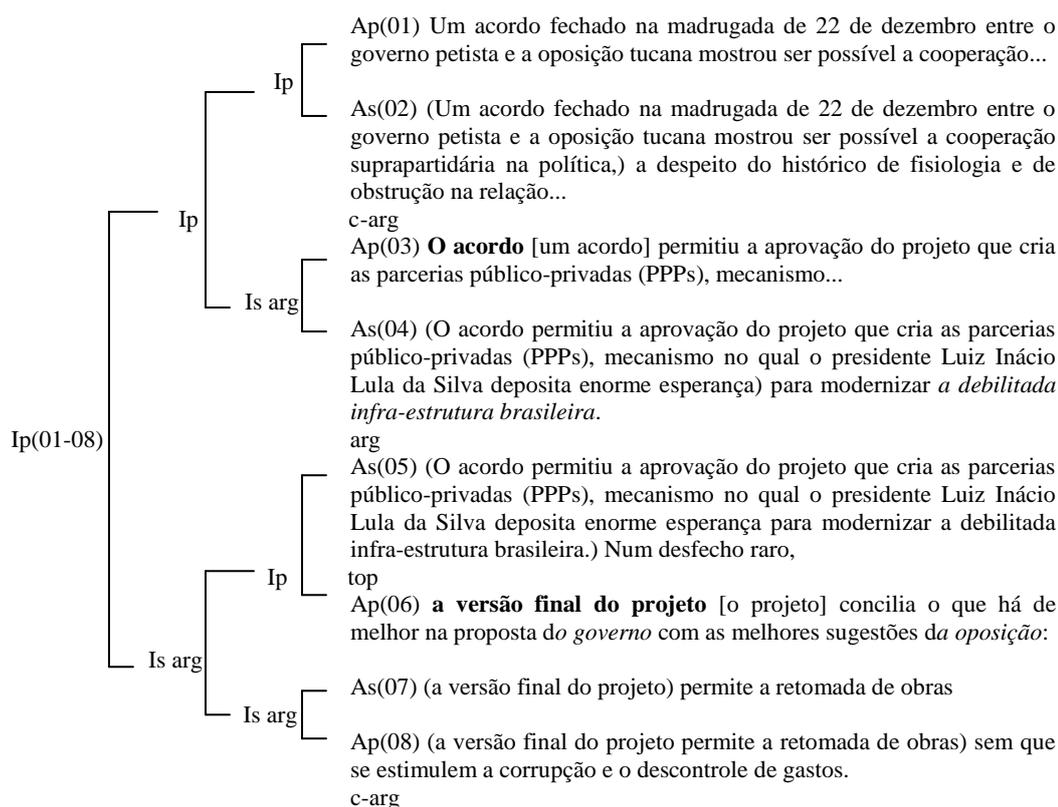


Figura 51: acoplagem das estruturas informacional e hierárquico-relacional dos atos (01-08) do texto “Uma vitória da parceria tucano-petista”.

A análise da hierarquia dos propósitos desse trecho mostra que o ato (01), de cujo propósito fazem parte as informações retomadas pelo ato (06), é principal em relação ao ato em que se liga e é constituinte de uma intervenção principal. O lugar ocupado pelo ato (01) na estrutura evidencia a grande acessibilidade das informações que ele traz e, conseqüentemente, evidencia a possibilidade de esse ato funcionar como origem dos pontos de ancoragem do ato (06), o qual também apresenta o estatuto de principal. Dessa forma, a estrutura resultante da acoplagem de informações hierárquicas, relacionais e informacionais permite perceber que o estabelecimento da relação de correferência entre os traços “o governo” e “a oposição”, do ato (06), e as informações “o governo petista” e “a oposição tucana”, originárias do ato (01), é favorecido pela hierarquia dos propósitos ativados nesse trecho.

No capítulo precedente, mostrei também que os traços “o governo” e “a oposição” indicam ainda a ancoragem possível do ato (06) do terceiro texto em informações da memória discursiva que têm origem nos atos (30-31) e (51-55) do segundo texto da

seção Brasil. A seguir, apresento a macro-estrutura do segundo texto, o qual se intitula “Sandálias da humildade”³⁹.

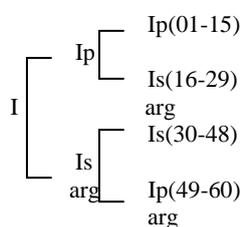


Figura 52: macro-estrutura hierárquico-relacional do texto “Sandálias da humildade”.

Descrevo de maneira reduzida a macro-estrutura do segundo texto da seção, dando maior atenção aos constituintes cujas informações que carregam podem funcionar como pontos de ancoragem do ato (06) do terceiro texto da seção.

O autor inicia o texto com uma intervenção formada pelos quinze primeiros atos, na qual diz que o presidente Lula e J. Dirceu deveriam “calçar as sandálias da humildade”, porque acreditam que podem comandar o desenvolvimento do país sozinhos e com facilidade⁴⁰. Essa intervenção tem o estatuto de principal, porque a ela o autor liga a Is(16-29) por uma relação de argumento. Nessa Is, o autor busca reforçar a sua opinião de que Lula e Dirceu não têm comando sobre o desenvolvimento do país, dizendo que o único ministro que teve atuação direta no crescimento da economia foi o da Fazenda, Antônio Palocci. Ainda nessa Is, o autor ressalta que é preciso entender que Palocci tem limitações e que sozinho ele não é capaz de fabricar o desenvolvimento. A grande intervenção formada pelos atos (30-60) é subordinada à intervenção (01-29), porque ela traz argumentos favoráveis à opinião defendida nesta intervenção de que Lula e Dirceu não têm comando sobre o crescimento da economia brasileira e de que Palocci não tem condições de fabricar o desenvolvimento sozinho.

A estrutura a seguir, em que se representa de forma mais detalhada a Is(30-48), descreve a intervenção formada pelos atos (30-31), em que o autor apresenta a opinião de que a taxa de expansão econômica do país ter ultrapassado 5% se deve a um conjunto de

³⁹ O texto “Sandálias da humildade” aborda a questão do crescimento da economia.

⁴⁰ Para uma descrição detalhada de como o autor articula os constituintes da intervenção formada pelos quinze primeiros atos do segundo texto, ver a análise proposta anteriormente no item 1 deste capítulo.

fatores que pouco têm a ver com o governo do PT. Essa intervenção e, portanto, os propósitos dos atos (30) e (31) apresentam o estatuto de principais, porque a essa intervenção se liga a Is(32-36), a qual é dedicada a descrever esses fatores e a dizer que foi o crescimento da economia internacional que reativou a economia interna do país.

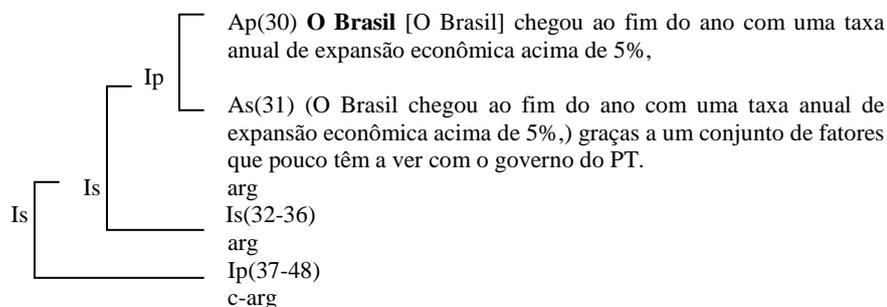


Figura 53: acoplagem das estruturas informacional e hierárquico-relacional dos atos (30-48) do texto “Sandálias da humildade”.

Ainda com base nessa estrutura, a intervenção formada pelos atos (30-36) é subordinada à Ip(37-48), na qual o autor faz previsões negativas sobre a economia do país em 2005, apoiando-se no argumento de que a economia mundial deverá se desacelerar.

Porque o crescimento econômico não se deve ao governo do PT e porque as previsões sobre a economia em 2005 são negativas, o autor introduz uma intervenção em que diz que Lula e Dirceu deveriam ficar calados, numa alusão às declarações feitas por ambos e apresentadas na Ip(01-15) de que reger o desenvolvimento do país é uma tarefa fácil. Essa intervenção que o autor introduz é formada pelos atos (49-50) e a ela se subordina a intervenção (51-58), que traz argumentos que visam a reforçar a opinião expressa na Ip(49-50), como mostra a estrutura a seguir.

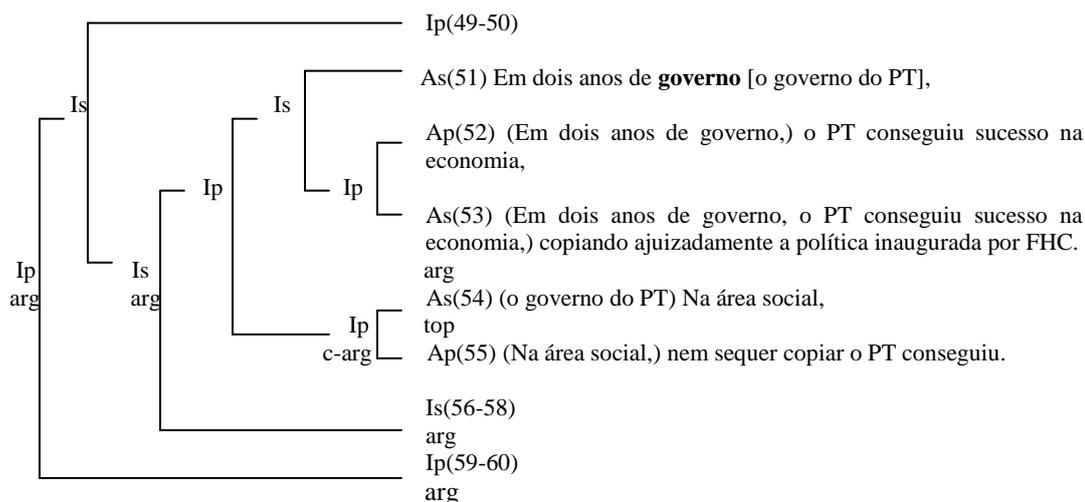


Figura 54: acoplagem das estruturas informacional e hierárquico-relacional dos atos (49-60) do texto “Sandálias da humildade”.

Por meio dessa estrutura, percebe-se que uma das intervenções que formam a Is(51-58) é a Ip(51-55), cujas informações podem constituir pontos de ancoragem para o ato (06) do terceiro texto. Nessa Ip, o autor declara que o governo do PT conseguiu sucesso na economia, porque copiou a política inaugurada no governo de FHC. Com essa declaração, que tem lugar na Is(51-53), o autor acrescenta um argumento àquele já expresso de que a elevação da taxa de expansão econômica acima de 5% se deveu a um crescimento da economia internacional. Com a Ip(54-55), introduz-se um contra-argumento às informações contidas na Is(51-53), segundo o qual o governo do PT na área social nem sequer conseguiu copiar o governo de FHC. A relação de contra-argumento entre a Is(51-53) e a Ip(54-55) poderia ser marcada pelo conector *mas*: em dois anos de governo, o PT conseguiu sucesso na economia, copiando ajuizadamente a política inaugurada por FHC (Is(51-53)), *mas*, na área social, nem sequer copiar o PT conseguiu (Ip(54-55)).

A intervenção (59-60) subordina toda a intervenção (49-58), porque ela traz uma conclusão para as informações expressas na Is(49-58).

Com a análise da macro-estrutura do segundo texto da seção, constata-se que as informações desse texto que podem funcionar como pontos de ancoragem do ato (06) do terceiro texto ocupam constituintes principais. Essa análise, feita com a acoplagem de informações hierárquicas, relacionais e informacionais, indica a maior acessibilidade

das informações contidas na Ip(30-31) e na Ip(51-55), porque os propósitos dos atos que as formam são principais em relação aos propósitos dos atos das intervenções em que se ligam. Assim, a maior acessibilidade dos atos (30-31) e (51-55) do segundo texto da seção constitui um fator que colabora para a ancoragem do ato (06) do terceiro texto nas informações que ativam.

2.2. Seção Brasil do dia 12/01/2005

O trecho transcrito abaixo pertence ao segundo texto da seção, intitulado “Turma do barulho”. Nesse texto, Marta Suplicy é apontada como líder de um grupo de políticos do PT, que vem há tempos desafiando a direção nacional do partido.

(28) ► Lula tem tolerado *as rebeldias de Marta e sua turma*. (29) Em público, (30) ela diz que o “espírito democrático” do presidente Lula lhe permite discordar de certas orientações partidárias. (31) Intimamente, (32) ► não teme desafiar *Brasília*, (33) porque sabe que, a despeito da vontade inicial e do peso político do presidente e de seu grupo, será da burocracia do PT a definição do nome do candidato do partido ao governo paulista em 2006.

No capítulo anterior, foram analisados dois traços de ponto de ancoragem de segundo plano existentes nesse trecho. O primeiro traço se constitui da expressão “as rebeldias de Marta e sua turma”, encontrada no ato (28), e o segundo se constitui da expressão “Brasília”, encontrada no ato (32). Foi dito que o primeiro traço de ponto de ancoragem indica a ancoragem necessária do ato (28) em informações que têm origem em porções maiores do cotexto, porque o traço “as rebeldias de Marta e sua turma” funciona como um elemento sumarizador dessas porções cotextuais. As porções sumarizadas pelo traço vão do ato (04) ao (07) e do ato (19) ao (27). Foi dito também que o traço de ponto de ancoragem “Brasília” indica a ancoragem necessária do ato (32) na informação “o presidente Lula”, cuja origem é o ato (30). Conforme a análise informacional do trecho acima, efetuada anteriormente, a ancoragem do traço “Brasília” na informação “o presidente Lula” exige a presença de certos conhecimentos na memória do leitor referentes ao fato de que Brasília é a capital federal, onde reside o presidente do país. Esses conhecimentos são fundamentais para o estabelecimento da relação entre “Brasília” e “o presidente Lula”, sem a qual não se compreende que, segundo o autor, o

que Marta Suplicy não teme desafiar é o presidente Lula e não a sede do governo federal.

Agora, verifico se o lugar ocupado pelos atos-origem dos pontos de ancoragem de segundo plano dos atos (28) e (32) na estrutura resultante da combinação de informações hierárquico-relacionais e informacionais justifica a maior acessibilidade e, conseqüentemente, a retomada desses pontos de ancoragem na memória discursiva. Para alcançar esse objetivo, procedo à descrição da macro-estrutura hierárquico-relacional do texto “Turma do barulho”, dando maior atenção aos atos (28-33) e às porções do cotexto retomadas pelo traço “as rebeldias de Marta e sua turma”, as quais vão do ato (04) ao (07) e do ato (19) ao (27). A macro-estrutura de todo o texto é representada na figura abaixo.

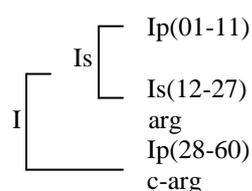


Figura 55: macro-estrutura hierárquico-relacional do texto “Turma do barulho”.

Ao analisar de forma mais detalhada a estrutura da Ip(01-11), observa-se que os três atos iniciais do texto formam uma intervenção, na qual o autor apresenta Marta Suplicy como a líder de um grupo de políticos do PT que vem há tempos desafiando a direção do partido. Tal como mostra a próxima figura, essa intervenção constituída pelos três atos iniciais do texto subordina a intervenção formada pelos atos (04-07), a qual traz argumentos favoráveis à afirmação do autor de que o grupo desafia a direção do PT. Nessa intervenção, o autor apresenta a mais nova mostra de rebeldia do grupo: o apoio ao candidato dos tucanos Roberto Trípoli, enquanto o presidente nacional do PT trabalha para eleger outro candidato. A intervenção formada pelos atos (01-07) é principal em relação à Is(08-11), na qual o autor diz que a atitude do grupo de políticos liderados por Marta Suplicy causou a irritação da cúpula petista, porque foi contrária aos interesses do partido.

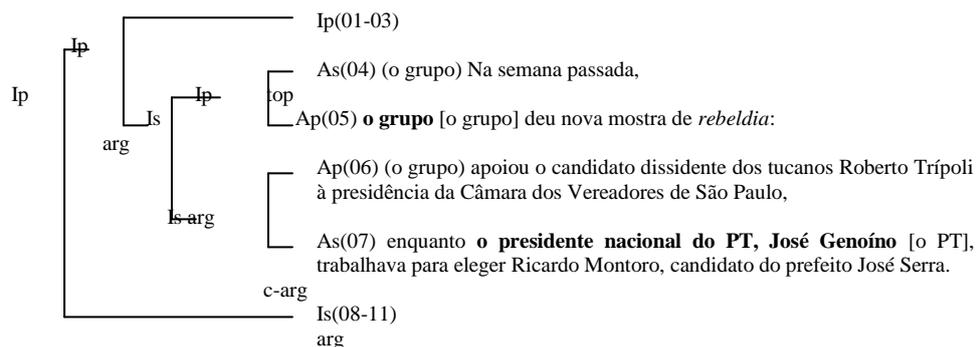


Figura 56: acoplagem das estruturas informacional e hierárquico-relacional dos atos (01-11) do texto “Turma do barulho”.

A grande intervenção formada pelos atos (12-27) apresenta argumentos em favor da opinião de que os políticos liderados por Marta Suplicy formam um grupo que se rebela contra as determinações da cúpula petista. Por isso, ela é subordinada à Ip(01-11) (ver figura 55). A estrutura seguinte mostra que uma das intervenções que formam a Is(12-27) é a Ip(12-15), em que o autor aponta as pretensões dos políticos rebeldes para os próximos anos; a outra é a Is(16-27). Essa intervenção é formada pela Ip(16-18), em que o autor compara os políticos liderados por Marta Suplicy às bandas de *heavy metal*, em virtude das suas pretensões, que vão contra os planos do PT, e do estilo “barulhento” que os caracteriza, e é formada pela Is(19-27). A estrutura abaixo mostra que, nessa Is(19-27), o autor apresenta duas atitudes do grupo de políticos, as quais funcionam como argumentos que comprovam a afirmação de que eles se comportam como uma banda de metaleiros. Essas duas atitudes são expressas nas intervenções coordenadas (19-22) e (23-27). A primeira diz respeito à decisão de M. Suplicy, quando ainda ocupava o cargo de prefeita de São Paulo, de não pagar uma dívida de 145 milhões de reais. A segunda diz respeito à sua decisão, também quando prefeita de São Paulo, de não reconhecer uma dívida do município de um bilhão de reais.

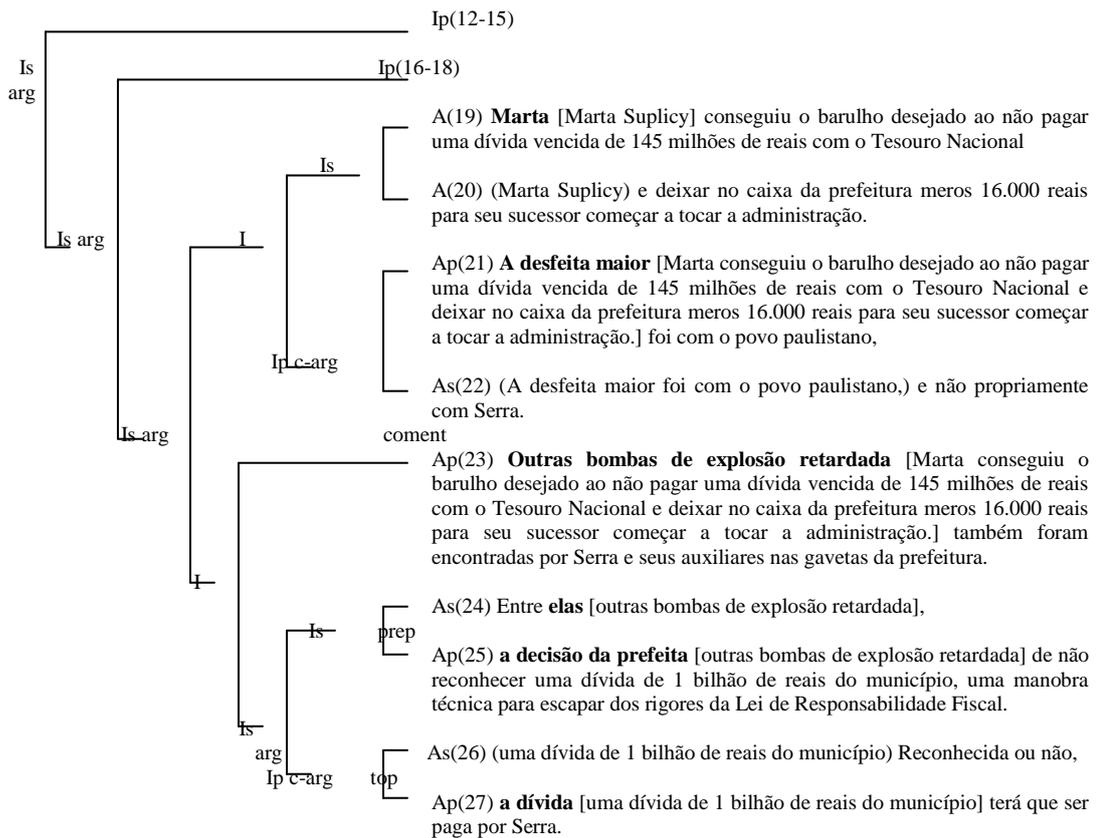


Figura 57: acoplagem das estruturas informacional e hierárquico-relacional dos atos (12-27) do texto “Turma do barulho”.

A grande intervenção formada pelos atos (01-27) é subordinada à Ip(28-60), a qual funciona como um contra-argumento ao que se disse na Is(01-27) (ver figura 55). O grupo de políticos liderado por Marta Suplicy vem há tempos desafiando a direção nacional do partido (informação que resume toda a Is(01-27)); *entretanto*, Lula tem tolerado as rebeldias de Marta e sua turma, os quais já planejam estratégias para conquistar o governo de São Paulo (informação que resume a Ip(28-60)).

Com a análise da Ip(28-60), representada na próxima figura, é possível ver que o ato (28), em que se diz que Lula tem tolerado as rebeldias de Marta e sua turma, subordina a Is(29-33) por uma relação de argumento. Na intervenção formada pelos atos (29) e (30), o autor atribui à Marta Suplicy a declaração de que o “espírito democrático” do presidente Lula permite a ela discordar de certas orientações partidárias. Na estrutura abaixo, percebe-se que a intervenção formada pelos atos (31-33) subordina retroativamente a Is(29-30), porque introduz um contra-argumento aos propósitos ativados pelos atos (29) e (30). Na Ip(31-33), o autor diz que Marta e seu grupo se

rebelam contra o partido, porque ela não teme desafiar Brasília (o presidente Lula), uma vez que a decisão sobre o nome do candidato do partido ao governo de São Paulo depende da burocracia do PT e não da vontade do presidente.

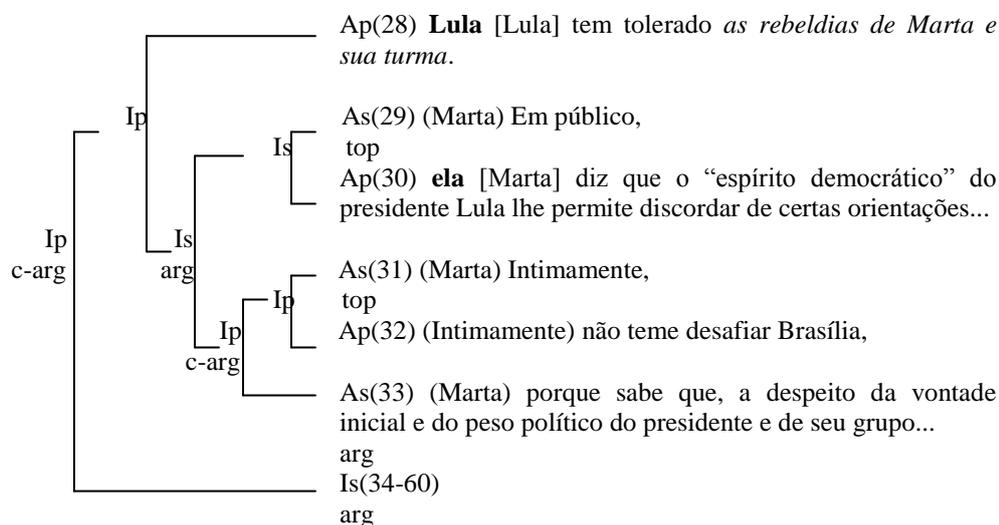


Figura 58: acoplamento das estruturas informacional e hierárquico-relacional dos atos (28-60) do texto "Turma do barulho".

Essa estrutura mostra ainda que a **Ip(28-33)** subordina a **Is(34-60)**, na qual o autor traz explicações sobre as normas internas do PT para a escolha dos candidatos e apresenta a estratégia de Marta e de seu grupo para alcançar seus objetivos.

A descrição da macro-estrutura resultante da acoplamento de informações hierárquico-relacionais e informacionais permite observar qual o estatuto dos propósitos em que os atos (28) e (32) se ancoram de forma necessária por meio dos traços de ponto de ancoragem "as rebeldias de Marta e sua turma" e "Brasília", respectivamente. O traço "as rebeldias de Marta e sua turma" indica a ancoragem do ato (28) na **Is(04-07)** e na **Is(19-27)**. Embora a **Is(04-07)** tenha o estatuto de subordinada, ela é constituinte de uma intervenção principal, a **Ip(01-07)**, a qual, por sua vez, também é constituinte de uma intervenção principal, a **Ip(01-11)** (ver figura 56). Portanto, o lugar ocupado pela **Is(04-07)** parece ser um fator que contribui para a maior acessibilidade dos propósitos ativados nessa intervenção, porque apresentam um alto grau de saliência na memória discursiva.

Já a Is(19-27), além de ser um constituinte que apresenta o estatuto de subordinado, ela faz parte de uma intervenção subordinada, a Is(16-27) (ver figura 57). O lugar ocupado pela Is(19-27) não justifica, portanto, a ancoragem do ato (28) nos propósitos ativados nessa intervenção. O que parece ser fator que justifica essa ancoragem é a recente estocagem dos propósitos dos atos que constituem a Is(19-27) na memória discursiva, quando da leitura do ato (28). Aqui, a proximidade entre o ato (28) e a Is(19-27), origem do ponto de ancoragem, constitui um fator de maior importância para a ancoragem do que a hierarquia dos propósitos.

Quanto ao traço “Brasília”, ele indica a ancoragem necessária do ato (32) na informação “o presidente Lula”, cuja origem é o ato (30). O propósito do ato (30), de que faz parte a informação “o presidente Lula”, é de fácil acesso na memória discursiva por duas razões. A primeira é o fato de ele ter sido recentemente estocado na memória discursiva e a segunda razão é o seu estatuto de principal, que faz dele um propósito mais acessível do que os que apresentam o estatuto de subordinado, tal como representado na figura 58.

Mas a análise dos pontos de ancoragem de segundo plano dos atos (28) e (32) do segundo texto, realizada no capítulo anterior, mostrou ainda que os traços “as rebeldias de Marta e sua turma” e “Brasília” indicam a ancoragem possível dos atos em que aparecem em outras informações da memória discursiva, as quais têm origem no primeiro texto da seção, o qual se intitula “Por que eles querem presidir a Câmara”⁴¹. O que se constatou foi que tanto o ato (28) quanto o ato (32) podem se ancorar nos propósitos dos atos (67-70) do primeiro texto. Como esses atos constituem uma pequena intervenção, não descrevo a macro-estrutura de todo o primeiro texto, mas apenas a intervenção da qual um dos constituintes é a intervenção formada pelos atos (67-70).

⁴¹ O texto “Por que eles querem presidir a Câmara” trata da disputa entre Virgílio Guimarães e Luiz Eduardo Greenhalgh pelo posto de candidato do PT à presidência da Câmara dos Deputados.

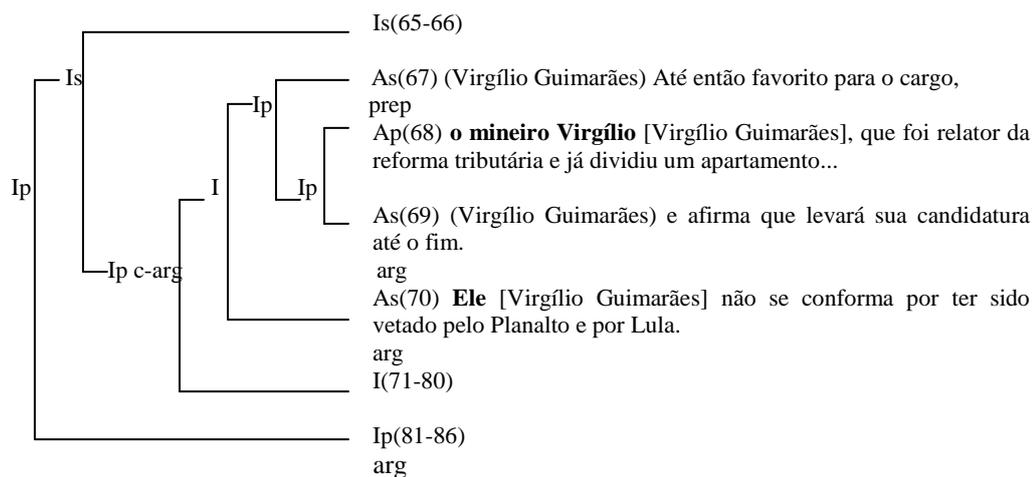


Figura 59: acoplamento das estruturas informacional e hierárquico-relacional dos atos (65-86) do texto “Por que eles querem presidir a Câmara”.

A Ip(65-86), cuja macro-estrutura apresento acima, constitui a grande intervenção conclusiva do primeiro texto da seção. Nela, a intervenção formada pelos atos (65-66) traz a informação de que L. E. Greenhalgh foi o escolhido pelo Planalto e pela cúpula petista para ser o candidato do PT na disputa pela presidência da Câmara. A intervenção (65-66) é subordinada à Ip(67-80), porque esta apresenta argumentos contrários às informações trazidas pela Is(65-66). A Ip(67-80) é formada pelas intervenções coordenadas I(67-70) e I(71-80). Os propósitos dos atos que constituem a I(67-70) trazem as informações de que V. Guimarães, até então favorito para o cargo, se rebelou contra a decisão final do Planalto e de Lula e de que ele levará sua candidatura até o fim. Já os propósitos dos atos que constituem a I(71-80) apresentam os obstáculos à candidatura de Greenhalgh, o qual, segundo o autor, enfrenta a resistência dos mais conservadores e é definido como arrogante por alguns. A intervenção formada pelos constituintes descritos até agora, a Is(65-80), é subordinada à Ip(81-86). Essa Ip apresenta as vantagens e as desvantagens que o cargo de presidente da Câmara reserva ao vencedor da disputa: o vencedor conquistará poder, influência e visibilidade, mas, à exceção de Aécio Neves, nenhum dos ex-presidentes alçou vôos maiores.

A análise da macro-estrutura da Ip(65-86) fornece evidências que justificam a ancoragem possível dos atos (28) e (32) do segundo texto nas informações ativadas pelos atos que compõem a I(67-70). Embora essa intervenção seja coordenada em relação à intervenção a que se liga, a I(67-70) é um dos constituintes de uma

intervenção principal, a Ip(67-80). O lugar ocupado pela I(67-70) pode justificar, portanto, a ulterior retomada das informações que carrega, quando da leitura dos atos (28) e (32) do segundo texto.

O fragmento que reproduzo abaixo pertence ao terceiro texto da seção. Esse texto, cujo título é “Gorda gente brasileira”, apresenta os resultados de uma pesquisa do IBGE sobre o número de brasileiros que passam fome, resultados que contrariam os números divulgados pelo programa Fome Zero.

(17) Durante a campanha que o levaria à Presidência, (18) Lula repetiu os números que lhe foram passados pelos assessores. (19) Informava ao país que havia 53 milhões de brasileiros com fome. (20) Seus subordinados ligados ao Fome Zero lambuzavam-se deliciosamente nessa escandalosa multidão de famintos. (21) Em dezembro passado, (22) ► saiu uma pesquisa do IBGE que desmente o *Fome Zero*.

No capítulo precedente, constatou-se que o traço de ponto de ancoragem o *Fome Zero* indica a ancoragem necessária do ato (22), apontado com a seta, na informação da memória discursiva “o Fome Zero”, que tem origem no ato (20). Embora a proximidade entre o traço presente no ato (22) e o ato (20), origem do ponto de ancoragem, já constitua uma justificativa razoável para ancoragem do ato (22) na informação “o Fome Zero”, acredito que a hierarquia dos propósitos também seja um fator relevante a ser considerado. Por essa razão, apresento a estrutura resultante da acoplagem de informações hierárquico-relacionais e informacionais da intervenção da qual o ato (20) faz parte, a fim de verificar se o estatuto desse ato também constitui fator que contribui para a acessibilidade do propósito que ativa.

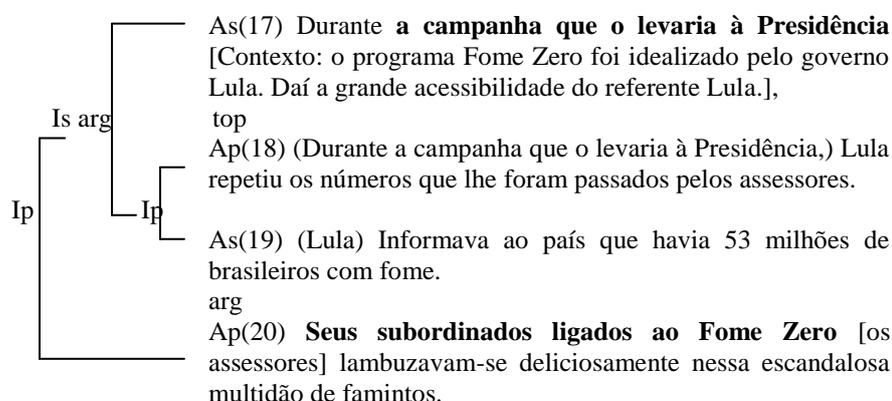


Figura 60: acoplagem das estruturas informacional e hierárquico-relacional dos atos (17-20) do texto “Gorda gente brasileira”.

A estrutura acima permite perceber que nessa pequena intervenção o propósito do ato (20) é principal em relação aos propósitos dos atos (17-19). Assim, o estatuto principal da informação trazida por (20) evidencia que ela pode ter um grau maior de acessibilidade na memória discursiva em relação às informações trazidas pela intervenção a que se liga, não havendo maiores dificuldades para sua posterior reativação. Embora a proximidade entre os atos (20) e (22) seja um fator relevante para a ancoragem necessária do propósito do ato (22) na informação “o Fome Zero”, proveniente do ato (20), o estatuto principal deste ato também é um fator que merece ser considerado.

No capítulo anterior, mostrei ainda que o traço de ponto de ancoragem *o Fome Zero*, no ato (22) do terceiro texto, pode indicar também a ancoragem possível desse ato em outras informações da memória discursiva. A primeira delas tem origem no ato (18) do próprio texto “Gorda gente brasileira” e se constitui da informação “Lula”. Foi dito que é possível interpretar que, se Lula, em sua campanha à presidência, repetiu os números repassados pelos assessores, a pesquisa do IBGE desmente não só os números do Fome Zero, mas desmente também a fala de Lula sobre o número de brasileiros que passam fome. Esse percurso inferencial funciona como uma evidência da possibilidade de se ancorar o ato (22) na informação “Lula”, cuja origem é o ato (18). A hierarquia dos propósitos ativados na pequena intervenção apresentada há pouco (figura 60) constitui uma evidência suplementar dessa possibilidade: o ato (18) é um constituinte que possui o estatuto de principal e que faz parte de um outro constituinte que também possui o estatuto de principal, a Ip(18-19). Portanto, o lugar do propósito do ato (18) na hierarquia dos propósitos indica a possibilidade de ele ser acessado na memória discursiva com mais facilidade para a realização do percurso inferencial apontado.

As outras informações em que o ato (22) do terceiro texto se ancora de forma possível têm origem nos dois primeiros textos da seção e também se referem ao presidente Lula ou a situações de que ele é uma das personagens. Há pouco, descrevi a macro-estrutura da Ip(65-86) do primeiro texto (figura 59). Como um dos constituintes dessa Ip é a origem de um dos possíveis pontos de ancoragem do ato (22) do terceiro texto,

reproduzo a seguir a macro-estrutura da Ip(65-86) do texto “Por que eles querem presidir a Câmara”, o primeiro texto da seção em análise.

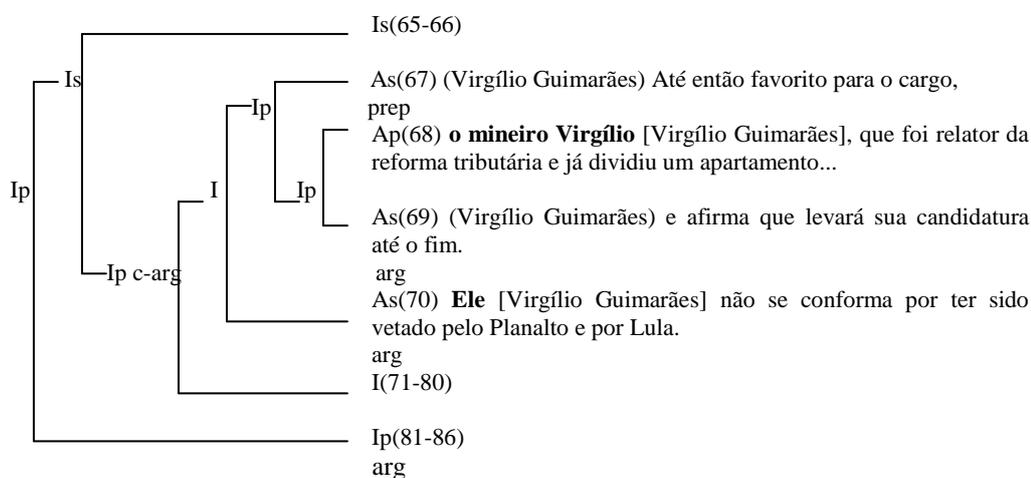


Figura 61: acoplamento das estruturas informacional e hierárquico-relacional dos atos (65-86) do texto “Por que eles querem presidir a Câmara”.

Os atos (67-70) de que apresento a estrutura informacional constituem a intervenção que pode ser origem de um dos pontos de ancoragem do ato (22) do terceiro texto. Nessa intervenção do primeiro texto, o autor diz que V. Guimarães era o favorito para ser o candidato do PT ao cargo de presidente da Câmara dos Deputados. Mas, como o Planalto e a cúpula petista escolheram L. E. Greenhalgh para ser o candidato do partido (informação ativada pela Is(65-66)), V. Guimarães se rebelou contra a vontade do Planalto e de Lula e decidiu levar sua candidatura até o fim. Como Lula é uma das figuras contra as quais V. Guimarães se rebela, a informação ou o conceito “Lula” tem papel fundamental em toda a I(67-70). Apesar de os atos (67-70) formarem uma intervenção que é coordenada em relação à I(71-80), essa intervenção é um dos constituintes de uma intervenção principal, a Ip(67-80), o que pode contribuir para que a informação ativada pela I(67-70) seja retomada, quando da leitura do ato (22) do terceiro texto da seção.

A última informação da memória discursiva em que o ato (22) do terceiro texto pode se ancorar tem origem nos atos (28-33) do segundo texto. Como a macro-estrutura de todo o segundo texto foi analisada anteriormente (figura 55), apresento apenas a macro-estrutura da intervenção da qual um dos constituintes é a intervenção formada pelos atos (28-33).

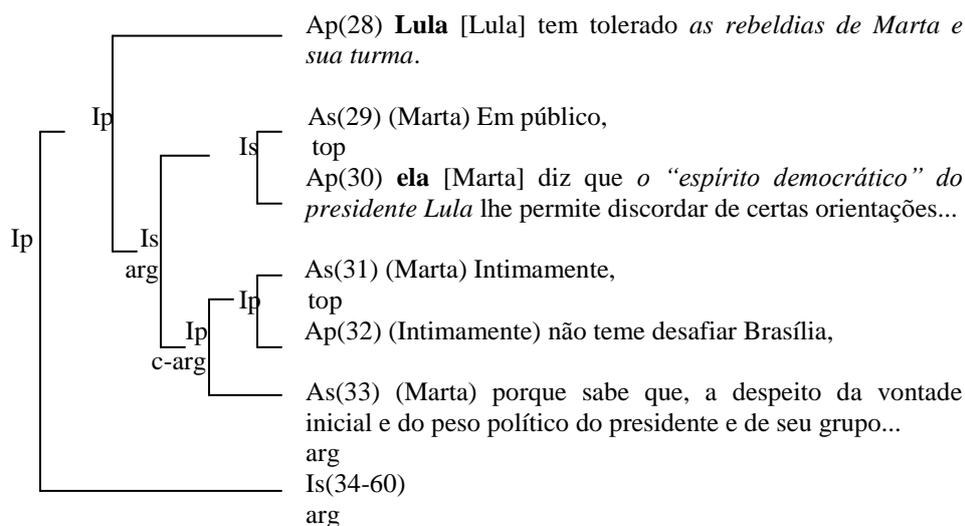


Figura 62: acoplagem das estruturas informacional e hierárquico-relacional dos atos (28-60) do texto “Turma do barulho”.

Não descrevo em detalhes as relações que se estabelecem entre os constituintes da Ip(28-33), porque essa descrição já foi realizada neste item, com a figura 58. Considero suficiente dizer que essa intervenção traz as informações de que Lula tem tolerado as rebeldias de Marta e sua turma e de que, segundo Marta Suplicy, o “espírito democrático” do presidente Lula permite a ela discordar de certas orientações partidárias. Além disso, é dito nessa intervenção que Marta Suplicy não teme desafiar Brasília (o presidente Lula), porque a decisão sobre o nome do candidato do PT ao governo de São Paulo, cargo almejado por ela, depende da burocracia do PT e não da vontade de Lula. Nessa intervenção do segundo texto, assim como na I(67-70) do primeiro texto, Lula é a figura contra a qual um político do PT se rebela ou com a qual mantém uma relação de insubordinação, tendo também papel fundamental nessa Ip(28-33). O estatuto principal da Ip(28-33) e da intervenção de que faz parte, a Ip(28-60), é um fator de ordem textual ou hierárquica que pode contribuir para que as informações da Ip(28-33) do segundo texto sejam reativadas, quando da leitura do ato (22) do terceiro texto da seção Brasil.

O fragmento que passo a analisar pertence ao quarto texto da seção. Esse texto, que se intitula “Tem até antimíssil”, descreve as características do novo avião presidencial.

(01) A fotografia que ilustra esta reportagem foi feita em Dallas, no Texas, no mês passado. (02) É a primeira imagem no novo avião do presidente Lula a ser divulgada desde que ele ficou pronto. (03) O jato, salvo algum imprevisto técnico, aterrissa no Brasil nesta semana. (04) ► A aeronave, fabricada pela Airbus na Alemanha, vai substituir o *Boeing 707*, conhecido como *Sucatão*, (05) que hoje é usado pelo presidente em suas viagens internacionais.

A análise desse trecho, efetuada no capítulo anterior, apontou o SN *o Boeing 707, conhecido como Sucatão* como um traço que indica a ancoragem necessária do ato (04), indicado com a seta, numa inferência, a qual é viabilizada pela informação “o novo avião do presidente Lula”, originária do ato (02). Para a realização dessa ancoragem, é preciso um cálculo inferencial, segundo o qual se digo que a fotografia que ilustra a reportagem é a primeira imagem do novo avião do presidente Lula (propósito do ato (02)) é porque há um antigo avião presidencial. O ato (04) se ancora, portanto, na informação de que há um antigo avião presidencial. Esse cálculo encontra na estrutura hierárquica do fragmento acima um fator que contribui para a sua efetivação, devido à hierarquia dos propósitos ativados no fragmento.

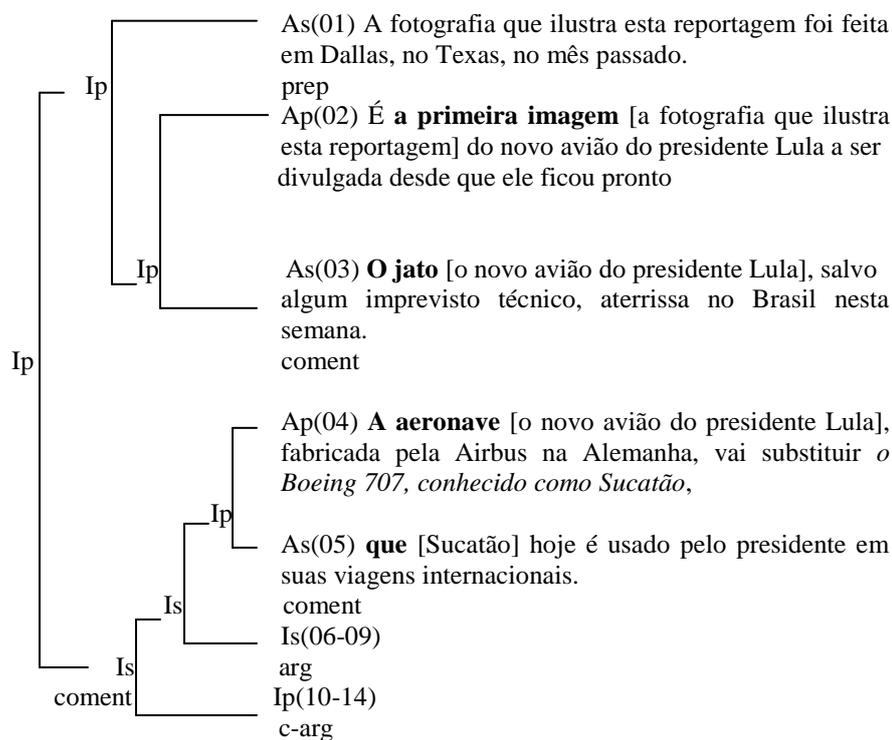


Figura 63: acoplagem das estruturas informacional e hierárquico-relacional dos atos (01-15) do texto “Tem até antimíssil”.

Com essa estrutura, é possível ver que tanto o ato (04), ao qual pertence o traço *o Boeing 707, conhecido como Sucatão*, quanto o ato (02), origem da informação “o novo

avião do presidente Lula”, apresentam o estatuto de principais e são constituintes de intervenções principais. Essa proximidade de nível na estrutura hierárquica favorece o acesso ao propósito do ato (02) na memória discursiva, quando da leitura do ato (04), e contribui, conseqüentemente, para a realização da inferência em que o ato (04) se ancora.

A análise do trecho inicial do quarto texto da seção, realizada no capítulo precedente, mostrou ainda que o traço *o Boeing 707, conhecido como Sucatão* indica a ancoragem possível do ato (04) em outras informações da memória discursiva que têm origem em textos da mesma seção. No primeiro texto da seção, aquele que trata da disputa entre V. Guimarães e L. E. Greenhalgh pelo posto de candidato do PT à presidência da Câmara dos Deputados, a intervenção formada pelos atos (46-62) apresenta vantagens próprias do cargo de presidente da Câmara, que são responsáveis por atrair tantos candidatos. No capítulo anterior, disse ser possível a ancoragem do ato (04) do quarto texto nas informações da intervenção (46-62), uma vez que tanto o ato (04) quanto essa intervenção apresentam vantagens materiais que o cargo de presidente da Câmara e o de presidente da República oferecem a seus ocupantes. Ao presidente da República é dada a oportunidade de substituir o Boeing 707 por uma aeronave fabricada pela Airbus na Alemanha (informação do ato (04) do quarto texto), e ao presidente da Câmara é dada a oportunidade de viver numa residência luxuosa e de administrar um orçamento de 2,3 bilhões de reais (síntese das informações ativadas na intervenção (46-62) do primeiro texto). A seguir, apresento a macro-estrutura da Is(25-64) do primeiro texto da seção, da qual um dos constituintes é a intervenção (46-62).

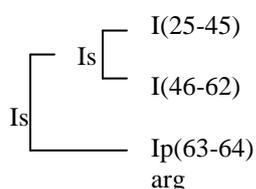


Figura 64: macro-estrutura hierárquico-relacional da Is(25-64) do texto “Por que eles querem presidir a Câmara”.

Toda a intervenção (25-64) é dedicada à descrição das vantagens que motivam a disputa pelo cargo de presidente da Câmara dos Deputados por vários políticos. Na intervenção formada pelos atos (25-45), o autor descreve as vantagens relativas ao poder do presidente da Câmara: é ele quem decide o que entra ou não na pauta de votação e é ele

quem define o ritmo das apurações de irregularidades na Câmara. Na intervenção formada pelos atos (46-62), que é coordenada em relação à anterior, o autor descreve as vantagens materiais relativas aos “números gigantesco” que cercam a vida do presidente da Câmara. A estrutura abaixo representa a descrição detalhada das relações entre os propósitos dos atos que formam a I(46-62).

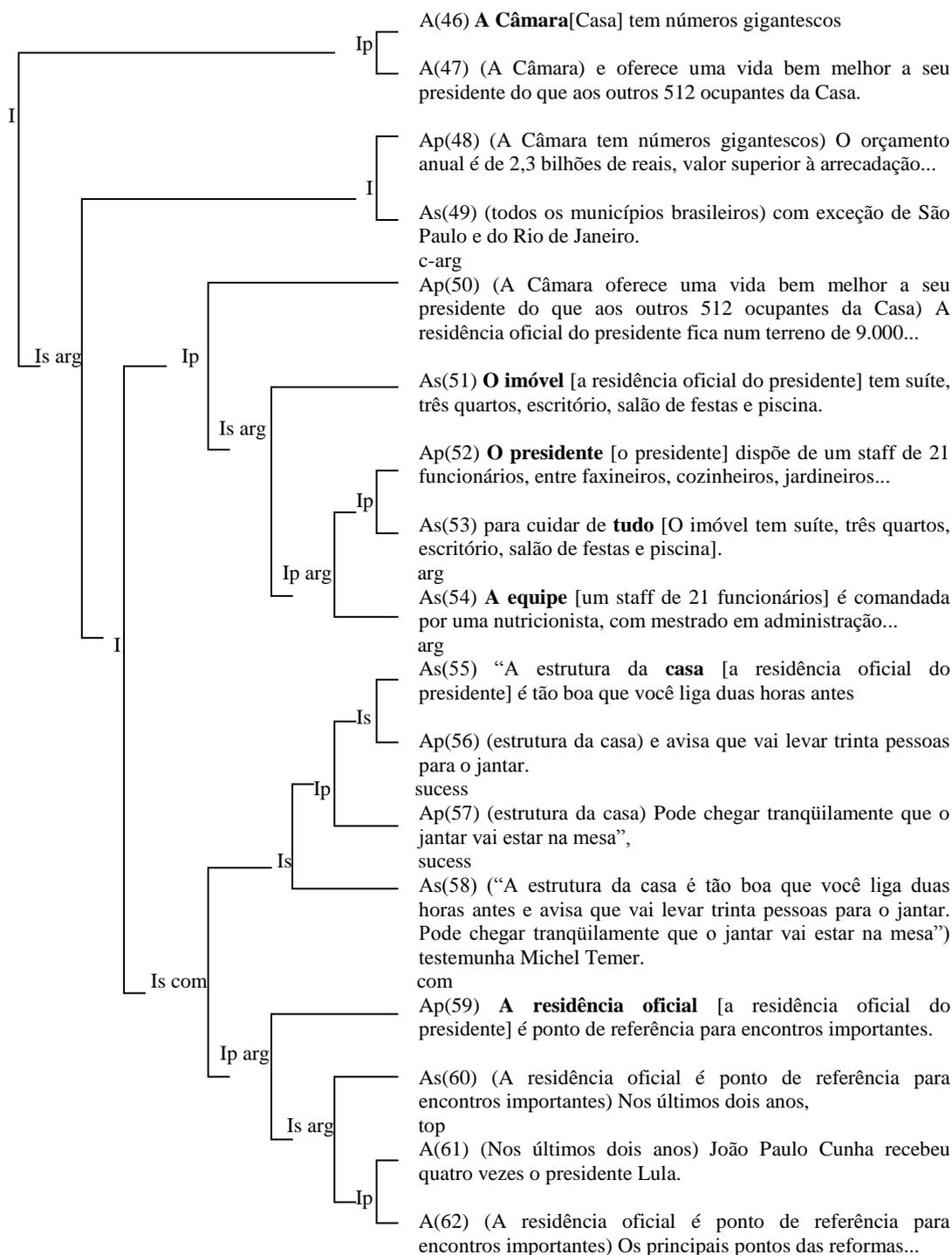


Figura 65: acoplagem das estruturas informacional e hierárquico-relacional dos atos (46-62) do texto “Por que eles querem presidir a Câmara”.

A intervenção formada pelos atos (46-47) traz as informações de que a Câmara tem números gigantescos e de que a vida do seu presidente é bem melhor do que a dos outros deputados. A intervenção (46-47) é principal em relação à Is (48-62), porque esta é dedicada a trazer argumentos que justifiquem a afirmação feita na Ip (46-47). A Câmara tem números gigantescos e oferece uma vida melhor a seu presidente (Ip (46-47)), *porque* o orçamento anual da Câmara é de 2,3 bilhões de reais (I (48-49)) e *porque* a residência oficial do presidente é muito luxuosa (I (50-62)).

Com a pequena intervenção formada pelos atos (63-64) (figura 64), o autor subordina retroativamente a grande Is(25-62), porque conclui tudo o que disse nesta intervenção, ao afirmar que, “com tantos atrativos, é natural que não faltem interessados em ocupar a cadeira de presidente” (Ip(63-64))⁴².

Com a análise da macro-estrutura da Is(25-64) do primeiro texto da seção, observa-se que o estatuto da intervenção (46-62), possível origem de pontos de ancoragem do ato (04) do quarto texto, não aponta para a maior ou menor acessibilidade do conjunto das informações nela presentes. O motivo é que a I(46-62) estabelece uma relação de coordenação com a I(25-45). Isso significa que, em termos de saliência na memória discursiva, a I (25-45) e a I (46-62) compartilham um grau de acessibilidade similar. Entretanto, a hierarquia dos propósitos ativados na I(46-62) mostra que há propósitos que são principais em relação a outros e que, por isso, há informações dessa intervenção que apresentam um grau de acessibilidade maior do que outras. Assim, é possível que as informações trazidas pela Ip(46-47) fiquem mais acessíveis na memória discursiva do que as informações trazidas por toda a intervenção que subordina, a Is (48-62). Essa intervenção subordinada se compõe basicamente de duas intervenções coordenadas, a I (48-49) e a I (50-62). É possível que o ato mais principal na estrutura hierárquica de cada uma das intervenções coordenadas, ou seja, o ato principal que é constituinte de intervenções principais ative um propósito mais facilmente acessível na memória discursiva. Esses atos são o Ap (48), na I (48-49), e o Ap (50), na I (50-62). Dessa forma, a hierarquia dos propósitos da I(46-62) mostra que os propósitos ativados pelos

⁴² Vale observar que, com o emprego da expressão “tantos atrativos” no ato (63), o autor sumariza todas as informações contidas na grande Is(25-62), uma vez que as vantagens relativas ao poder do presidente e aos números que o cercam são categorizadas e transformadas em referente com o uso da expressão “tantos atrativos”. Com esse recurso próprio da forma de organização informacional, o autor indica que concluirá uma porção do texto, tornando desnecessária a marcação da relação argumentativa entre a Is(25-62) e a Ip(63-64) por meio de um conector conclusivo como o “portanto”.

atos constituintes da Ip (46-47) e pelos atos principais (48) e (50) são as informações mais acessíveis da I(46-62). É importante observar que o conjunto das informações ativadas pela Ip (46-47) e pelos atos (48) e (50) sintetiza as informações expressas em toda a I (46-62):

A Câmara tem números gigantescos e oferece uma vida bem melhor a seu presidente do que aos outros 512 ocupantes da Casa (Ip (46-47)). O orçamento anual é de 2,3 bilhões de reais, valor superior à arrecadação de todos os municípios brasileiros (Ap (48)). A residência oficial do presidente fica num terreno de 9.000 metros quadrados, à beira do lago Paranoá (Ap (50)).

Essa síntese é uma evidência de que as informações trazidas por esses constituintes principais são indispensáveis à compreensão da I(46-62), ficando, portanto, mais salientes ou acessíveis na memória discursiva. A maior acessibilidade dessas informações contribui para a sua posterior recuperação, quando da leitura do ato (04) do quarto texto. Com a análise da hierarquia dos propósitos da Is(25-64), percebe-se que nem todas as informações que carrega são igualmente acessíveis e que apenas um subconjunto delas poderá funcionar como ponto de ancoragem para o ato (04) do quarto texto.

No capítulo anterior, verificou-se ainda que o ato (04) do quarto texto se ancora de forma possível em outro ponto de ancoragem na memória discursiva, o qual tem origem no terceiro texto da seção. Mais especificamente, esse ponto de ancoragem tem sua origem nos atos (17-22) do texto “Gorda gente brasileira”⁴³. Apresento abaixo a macro-estrutura da intervenção do terceiro texto, da qual os atos (17-22) são constituintes, a fim de verificar se a hierarquia dos propósitos contribui para a ancoragem do ato (04) do quarto texto em informações do terceiro.

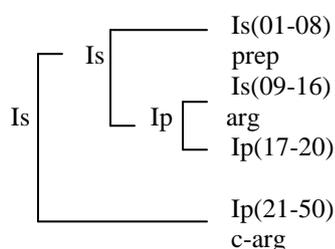


Figura 66: macro-estrutura hierárquico-relacional da Is(01-50) do texto “Gorda gente brasileira”.

⁴³ O texto “Gorda gente brasileira” compara os números de uma pesquisa do IBGE e do programa Fome Zero sobre a quantidade de brasileiros que passam fome.

Nessa estrutura, observa-se que a intervenção formada pelos atos (01-08) atua como uma preparação para a intervenção formada pelos atos (09-20), sendo, portanto, subordinada a esta. Na Ip(09-20), a Is(09-16) traz a opinião do autor de que os responsáveis pelo programa só se sentem confortáveis com cifras altas, porque, para quantificar o número de famintos no Brasil, não aceitam nada inferior a 50 milhões de pessoas. A Is(09-16) funciona como um argumento para a Ip(17-20). A próxima figura apresenta a descrição detalhada das relações entre os propósitos dos atos dessa intervenção principal.

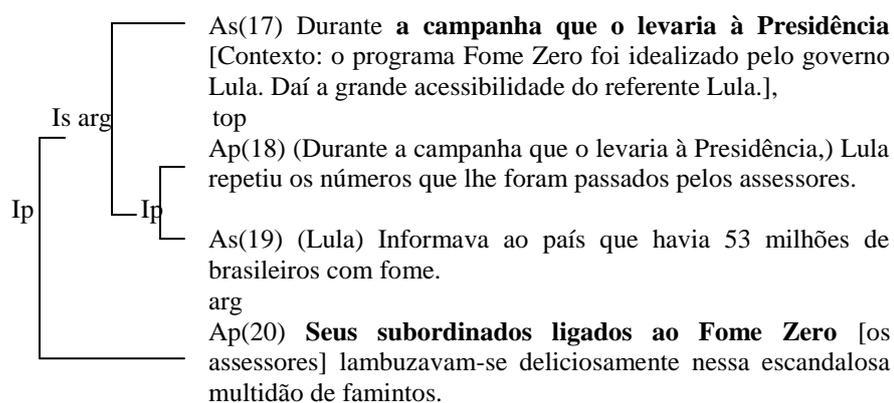


Figura 67: acoplagem das estruturas informacional e hierárquico-relacional dos atos (17-20) do texto “Gorda gente brasileira”.

Nessa intervenção principal, o autor introduz o referente “Lula”, dizendo que, durante a campanha que o levaria à presidência, Lula repetiu os números do programa Fome Zero e informou ao país que havia 53 milhões de brasileiros com fome. A estrutura acima mostra que as informações ligadas ao referente “Lula” estão contidas na Is(17-19). Essa intervenção funciona como um argumento para o ato (20), porque explica a afirmação trazida nesse ato de que os subordinados de Lula “lambuzavam-se deliciosamente” na multidão de famintos mencionada pelo então candidato à presidência.

A intervenção formada pelos atos (21-50) se liga à intervenção (01-20) por uma relação de contra-argumento (figura 66), porque se dedica basicamente a apresentar a pesquisa do IBGE e a defender a opinião de que o método utilizado pelos pesquisadores do instituto é mais adequado e idôneo do que o do programa Fome Zero. Como mostra a estrutura abaixo, com a intervenção principal formada pelos atos (21-22), o autor

introduz pela primeira vez o referente “pesquisa do IBGE” por meio da expressão indefinida “uma pesquisa do IBGE”, dizendo que ela desmente o Fome Zero⁴⁴.

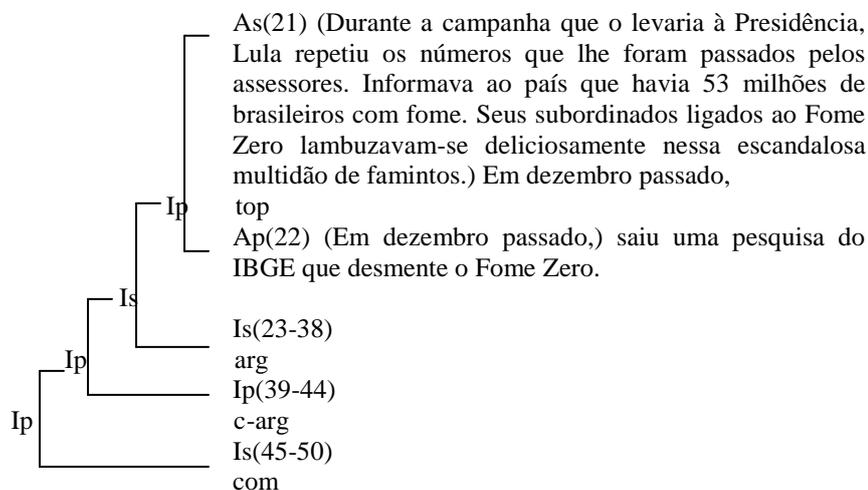


Figura 68: acoplamento das estruturas informacional e hierárquico-relacional dos atos (21-50) do texto “Gorda gente brasileira”.

A Ip(21-22) subordina toda a Is(23-38), a qual descreve detalhadamente o método utilizado pelo IBGE e apresenta o resultado da pesquisa. Toda a grande intervenção formada pelos atos (21-38) se subordina à Ip(39-44), porque esta intervenção apresenta a reação dos responsáveis pelo Fome Zero contra “a visão positiva proporcionada pelo levantamento do IBGE”. À intervenção formada pelos atos (21-44) segue um comentário relativo à diferença entre os resultados das pesquisas que calculam o número de desnutridos no país. Segundo o autor, essa diferença se deve à metodologia utilizada.

O que a análise da macro-estrutura da Is(01-50) permite visualizar é que os atos (17-22) são constituintes de intervenções principais. Isso significa que, na hierarquia dos propósitos ativados pelos atos que formam a Is(01-50), os propósitos dos atos (17-22) podem apresentar um grau maior de saliência na memória discursiva e podem, conseqüentemente, ter uma maior chance de virem a ser reativados, quando da leitura do ato (04) do quarto texto.

⁴⁴ Como se viu anteriormente, a análise da organização informacional do ato (20) desse fragmento mostrou a ancoragem possível desse ato na informação “Lula”. Dessa ancoragem pode surgir a inferência de que a pesquisa do IBGE desmente não só o Fome Zero, mas também a própria fala de Lula, o qual repetiu os números que lhe foram passados pelos responsáveis pelo Fome Zero.

O fragmento que apresento a seguir pertence ao quinto e último texto da seção. Esse texto intitula-se “A casa do presidente” e trata basicamente das férias que o filho de Lula e amigos passaram em Brasília e da polêmica que o fato causou.

(30) Se as reclamações sobre a farra juvenil em Brasília têm onde se apoiar, (31) ► é no uso de um avião e de uma lancha com bandeira oficial. (32) Esses veículos circulam segundo regras estritas, (33) e não deveriam ter sido usados para divertir a patota de Luís Cláudio.

Ao analisar esse trecho no capítulo anterior, disse que a expressão definida *o uso de um avião e de uma lancha com bandeira oficial* funciona como um traço que indica a ancoragem necessária do ato (31), apontado com a seta, na informação de que o filho do presidente e seus amigos se hospedaram no Palácio da Alvorada, informação que tem origem no ato (03): “Hospedaram-se no Palácio da alvorada”. Essa ancoragem é necessária, porque dela depende a compreensão de que, se o “uso” do Palácio da Alvorada é permitido por ser o palácio a casa do presidente, o mesmo não vale para veículos com bandeira oficial, como a lancha e o avião que foram usados pelos jovens. Como tenho feito até o momento, apresento a seguir a estrutura da intervenção da qual o ato (03), em cujo propósito o ato (31) necessariamente se ancora, é um dos constituintes, para verificar se o lugar ocupado pelo ato (03) na estrutura favorece o acesso à informação que ativa. Essa estrutura se constitui dos seis atos iniciais do texto “A casa do presidente”.

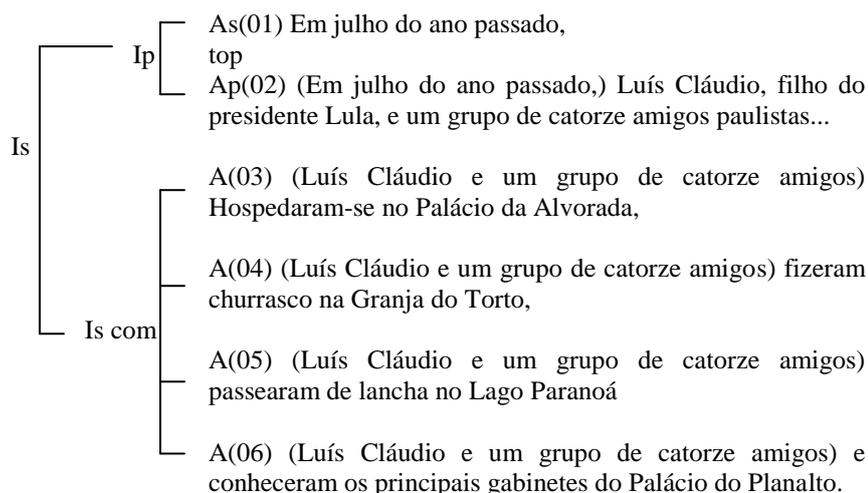


Figura 69: acoplagem das estruturas informacional e hierárquico-relacional dos atos (01-06) do texto “A casa do presidente”.

O que a estrutura acima permite constatar é que o lugar ocupado pelo ato (03) não aponta para a maior acessibilidade da informação que ativa, uma vez que ele é coordenado em relação aos atos em que se liga e é um dos constituintes de uma intervenção subordinada. Essas propriedades do ato (03) atuam como indicadores de que a informação que ativa, ou seja, o seu propósito apresenta um baixo grau de saliência na memória discursiva, o que pode dificultar a sua posterior reativação, quando da leitura do ato (31). Entretanto, é importante considerar que a intervenção apresentada na figura acima, a Is (01-06), é um dos constituintes de uma intervenção subordinada, a Is (01-10), a qual se liga a uma intervenção principal, a Ip (11-29). Essa Ip (11-29) é toda dedicada a defender a opinião de que o “uso” do Palácio da Alvorada é legal, uma vez que o palácio é a casa do presidente. Essas relações podem ser visualizadas na macro-estrutura abaixo.

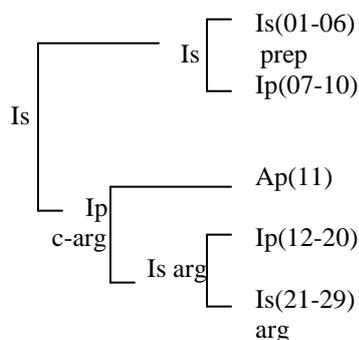


Figura 70: macro-estrutura hierárquico-relacional da Is(01-29) do texto “A casa do presidente”.

Como disse, a Is (01-06) de que faz parte o ato (03) é um dos constituintes da Is (01-10), a qual, por sua vez, se liga à Ip (11-29). Toda essa intervenção principal é dedicada a apresentar argumentos que justifiquem a opinião expressa no ato (11) de que a oposição exagerou ao pedir a devolução do dinheiro gasto pelos jovens em suas férias em Brasília: (11) “Há uma boa dose de exagero nessa reação”. Como argumentos em favor dessa opinião, o autor diz que o Palácio da Alvorada é a casa do presidente (Ap (13)) e que não existem, portanto, impedimentos legais para ele receber ali as visitas que desejar (Ap (16)). Além disso, o autor, na Is (21-29), faz uma comparação entre a finalidade do Palácio da Alvorada e a da Casa Branca, dizendo que esta é também local de trabalho do presidente, mas que as festas familiares ali são uma tradição. Portanto, a estrutura acima mostra que dos referentes introduzidos pelos atos (03), (04), (05) e (06) apenas o referente introduzido pelo ato (03) – o Palácio da Alvorada – é reativado

posteriormente na Ip (11-29). O autor reativa esse referente da memória discursiva, para defender a idéia de que o “uso” do Palácio da alvorada é adequado e permitido por lei e de que a oposição exagerou em sua reação.

Como a reativação do referente “Palácio da alvorada” tem lugar na Ip (11-29), acredito que a ancoragem do ato (31) na informação de que o filho de Lula e amigos se hospedaram no palácio é favorecida pela proximidade entre esse ato (31) e a Ip (11-29), na qual se discute a adequação do “uso” do Palácio da Alvorada pelos jovens. Dessa forma, o que favorece a ancoragem necessária do ato (31) na informação de que o filho de Lula e amigos se hospedaram no Palácio da Alvorada parece ser a recente reativação dessa informação na Ip(11-29) e não o estatuto do ato (03) “Hospedaram-se no Palácio da Alvorada”.

No capítulo anterior, a análise do ato (31) do último texto mostrou ainda que esse ato pode se ancorar de forma possível em outro ponto de ancoragem na memória discursiva. Esse ponto de ancoragem tem origem no ato (02) do quarto texto, o qual descreve as características do novo avião presidencial. Para verificar se a hierarquia dos propósitos ativados no quarto texto indica a maior ou menor acessibilidade do propósito ativado pelo ato (02), procedo à acoplagem das estruturas hierárquico-relacional e informacional somente dos três primeiros atos do texto “Tem até antimíssil”.

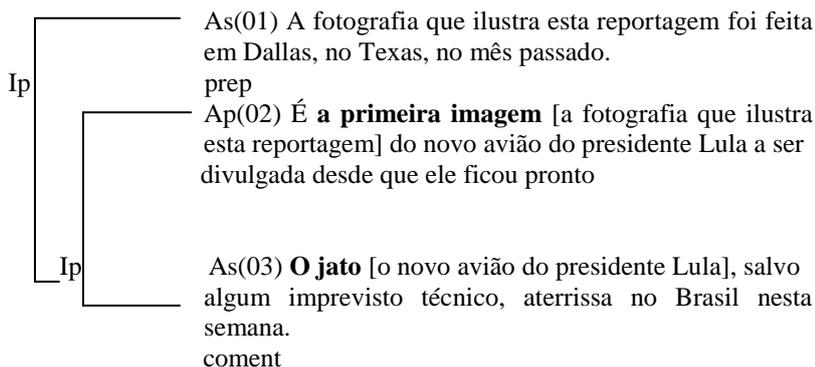


Figura 71: acoplagem das estruturas informacional e hierárquico-relacional dos atos (01-03) do texto “Tem até antimíssil”.

Nessa estrutura, a informação ativada pelo ato (02) de que a fotografia que ilustra a reportagem é a primeira imagem do novo avião do presidente Lula ocupa o lugar mais alto na hierarquia dos propósitos ativados na Ip(01-03). O propósito do ato (02) é

principal em relação a todos os outros propósitos, porque esse ato apresenta o estatuto de principal e porque as intervenções de que é constituinte em vários níveis da estrutura também apresentam o estatuto de principais. Portanto, o lugar ocupado pelo ato (02) indica que o propósito que ativa possui um alto grau de acessibilidade na memória discursiva, podendo ser facilmente reativado, quando da leitura do ato (31) do quinto texto.

2.3. Considerações sobre a acoplagem das estruturas informacional e hierárquico-relacional

As análises efetuadas nos dois itens precedentes tiveram o objetivo de mostrar que as relações entre os constituintes do texto, tal como representadas na estrutura hierárquico-relacional, indicam o grau maior ou menor de acessibilidade dos propósitos ativados por esses constituintes na memória discursiva. Assim, o fato de um propósito ter sua origem num constituinte principal pode favorecer a sua posterior retomada, quando da leitura de um ato. No caso da leitura dos textos componentes de uma seção Brasil, haverá uma maior possibilidade de os propósitos ativados em constituintes principais do primeiro texto funcionarem como pontos de ancoragem para informações ativadas no segundo e assim sucessivamente.

Entretanto, a indicação do grau de acessibilidade de um ponto de ancoragem na memória discursiva não explica, por si só, a ancoragem, nem as inferências que dela podem surgir. Por essa razão, o estudo da forma de organização tópica precisa se desenvolver com a acoplagem de informações próprias da forma de organização informacional com informações próprias do módulo referencial. A seguir, no item 3, apresento uma breve descrição do módulo referencial, para em seguida, no item 4, completar a descrição da forma de organização tópica do corpus desta pesquisa, combinando informações referenciais e informacionais.

3. Módulo referencial

A existência do módulo referencial no Modelo de Análise Modular responde à necessidade de que os estudos sobre a organização do discurso se inscrevam “em uma

perspectiva praxeológica e cognitiva mais vasta” (Roulet, 1995, p. 129). Uma vez que, conforme Filliettaz (Roulet, Filliettaz e Grobet, 2001, p. 97), “a validade de um programa de pesquisa em análise do discurso repousa em grande parte sobre sua capacidade de questionar as relações que as produções languageiras mantêm com as situações nas quais são produzidas”, a problemática da referência discursiva ocupa um lugar central na reflexão sobre a organização do discurso, proposta pela abordagem modular⁴⁵. A atenção dada a essa problemática leva o modelo a considerar que a análise referencial não se reduz a um único questionamento. Ao contrário, ela remete a um vasto conjunto de fatores, o qual obriga o modelo a constatar que a análise referencial não se limita apenas ao estudo do componente praxeológico⁴⁶ das produções discursivas, necessitando, por isso, do estudo do componente conceitual.

Em vista dessas exigências, o módulo referencial é definido como o responsável no modelo modular pela descrição das relações que o discurso mantém com o mundo no qual é produzido, bem como das relações que ele mantém com o(s) mundo(s) que representa. Conforme Roulet (1996, p. 22), “esses mundos podem analisados em **representações mentais** de tipo **praxeológico**, para as ações, e de tipo **conceitual**, para os seres e as coisas”. Assim, esse módulo busca dar conta, de um lado, das ações languageiras e não-languageiras realizadas ou designadas pelos parceiros de uma interação e, de outro lado, dos conceitos ativados em tais ações. O tratamento em um mesmo módulo de entidades aparentemente distintas como as ações e os conceitos se justifica pela relação de interdependência que as caracteriza. De fato, uma mesma representação mental pode ser descrita sob o ponto de vista praxeológico ou sob o ponto de vista conceitual. Segundo Filliettaz (1996), a representação de “livro”, por exemplo, pode ser descrita por meio de propriedades conceituais, tais como “autor”, “idioma”, “coleção”. A mesma representação de “livro” pode ser descrita ainda por meio de um percurso acional, tal como “escrever o livro”, “editar o livro”, “ler o livro”. Numa situação específica, as propriedades conceituais e os percursos acionais ligados a uma representação mental se acham relacionados. Isso porque, assim como não se concebe a

⁴⁵ O lugar central que a problemática da referência, de que se ocupa o módulo referencial, assume no modelo modular pode ser verificado por meio da seguinte consideração de Roulet acerca da arquitetura global do modelo: “Trata-se de uma arquitetura heterárquica, autorizando acoplagens entre todos os módulos, mas que atribui um lugar central aos módulos sintático, hierárquico e referencial (...); são eles que determinam as estruturas que sustentam o discurso e que dão conta da nossa capacidade de produzir uma infinidade respectivamente de frases, de textos e de representações mentais” (Roulet, 1996, p. 12).

⁴⁶ No MAM, os adjetivos praxeológico e acional são sinônimos.

ação sem os conceitos nela implicados, também não se concebem os conceitos fora da ação que os mobiliza (Roulet, Filliettaz e Grobet, 2001).

No estudo do módulo referencial, considera-se que as ações e os conceitos são parcialmente regulados por expectativas tipificantes. De acordo com Filliettaz (Roulet, Filliettaz e Grobet, 2001, p. 105), “os acontecimentos passados deixam traços na experiência do presente”. A existência desses traços ou marcas de acontecimentos passados indica que “as relações dos indivíduos com seu ambiente não são radicalmente ‘inventadas’ por eles, mas necessariamente ‘mediadas’ por indexações sociais e conhecimentos coletivos interiorizados”. As expectativas tipificantes, decorrentes da existência desses traços, não exercem um determinismo forte sobre o desenvolvimento das interações. Ao contrário, elas explicitam expectativas provenientes de experiências passadas, compartilhadas intersubjetivamente, cuja função é orientar os indivíduos. Nas interações efetivamente realizadas, os interactantes mobilizam as expectativas tipificadas, atualizando-as em configurações particulares. Essas configurações particulares podem ser definidas como o produto emergente da negociação instaurada entre os interactantes ao longo de um dado discurso. Dessa maneira, o módulo referencial se ocupa tanto da descrição de representações esquemáticas (praxeológicas e conceituais), referentes às expectativas tipificantes subjacentes ao discurso, quanto da descrição de estruturas emergentes (praxeológicas e conceituais), referentes às configurações particulares e resultantes de realidades discursivas específicas (Filliettaz, 1996, Roulet, Filliettaz e Grobet, 2001).

Trato inicialmente do componente praxeológico (acional) das produções discursivas, apresentando de modo sucinto a concepção e os instrumentos de análise próprios desse componente, conforme a abordagem modular.

Na tentativa de descrever os elos que as produções languageiras mantêm com as atividades sociais, o módulo referencial trata da diversidade e da complexidade das situações de interação (Filliettaz, 1997). Para dar conta dessa diversidade e dessa complexidade, o módulo referencial deve alcançar três objetivos, definidos por Filliettaz nos seguintes termos:

- a) Explicitar alguns recursos tipificantes ligados à realização e à identificação de ações no mundo.

- b) Descrever, nas situações de interação efetivas, a natureza e a configuração de “enjeux” acionais do modo como eles contribuem para estruturar as condutas verbais e não-verbais dos interactantes.
- c) Representar, em suas dimensões seqüencial e hierárquica, os processos acionais efetivamente negociados (Roulet, Filliettaz e Grobet, 2001, p. 104).

Cada um desses objetivos dá origem a propostas de descrição e a instrumentos explícitos de análise. Esses instrumentos são a representação praxeológica, decorrente do objetivo (a), o quadro acional, decorrente do objetivo (b), e a estrutura praxeológica, decorrente do objetivo (c)⁴⁷.

A representação praxeológica busca descrever alguns percursos acionais típicos de uma interação. Com essa representação, não se pretende descrever o conjunto de todas as ações que podem efetivamente ser realizadas pelos interactantes, mas, sim, apreender elementos de experiências anteriores, sobre as quais se fundam as condutas presentes (Filliettaz, 1997). Dessa forma, “ela não determina as ações, mas opera como um guia cognitivo subjacente” (Marinho, 2002, p. 243). Como a representação praxeológica resulta de elementos de experiências anteriores, ela não é estritamente individual, devendo ser considerada, portanto, como um construto coletivo, “ao qual devemos atribuir uma validade social” (Roulet, Filliettaz e Grobet, 2001). Assim, à transação de compra e venda de um livro, por exemplo, subjaz uma representação praxeológica que comporta preferencialmente, segundo Roulet (1995) e Filliettaz (Roulet, Filliettaz e Grobet, 2001), as ações de entrar, cumprimentar, comprar/vender um livro, pagar, agradecer, sair.

O quadro acional tem como objetivo descrever as propriedades referenciais de uma interação verbal efetiva, propriedades que dizem respeito aos interactantes e ao modo como eles participam da ação conjunta. Partindo da hipótese de que o engajamento dos participantes do discurso não acontece de forma desorganizada, o quadro acional busca

⁴⁷ Os instrumentos de análise mencionados, os quais buscam analisar o componente praxeológico do discurso, serão descritos a seguir de forma abreviada, uma vez que eles não serão aplicados ao corpus desta pesquisa. A razão dessa escolha tem a ver com o fato de que a descrição da forma de organização tópica, de que este trabalho se ocupa, pode ser realizada de modo satisfatório considerando-se apenas o estudo do componente conceitual do discurso, o qual será descrito mais adiante. Para uma descrição detalhada dos instrumentos próprios do componente praxeológico, ver Filliettaz (1997) e Roulet, Filliettaz e Grobet (2001, cap. 4). Para trabalhos em que esses instrumentos se mostram indispensáveis, ver Roulet (1995), Lanna (2005) e Pires e Lanna (2007).

reconstruir as propriedades ligadas às instâncias agentivas de uma situação de discurso, responsáveis em grande medida pela regulação das produções verbais. No quadro acional, a descrição das propriedades de uma situação específica de discurso se dá por meio da articulação de quatro parâmetros, que são os “enjeux” comuns, as ações participativas, as posições acionais e os complexos motivacionais⁴⁸. Com esse quadro, o módulo referencial busca oferecer um instrumento de análise que seja flexível o suficiente para descrever as particularidades de interações efetivas e que explicita a forma como os interactantes estruturam sua associação momentânea.

A estrutura praxeológica busca representar o desenvolvimento de um percurso acional efetivo. De acordo com Marinho (2002, p. 244), “para descrever uma determinada interação e mostrar como os interlocutores geram as etapas progressivas ligadas às manobras que organizam a sua interação, propõe-se uma estrutura praxeológica”. Frequentemente, o desenvolvimento de uma interação implica um conjunto complexo de condutas seqüencial e hierarquicamente organizadas (Filliettaz, 1997). Para dar conta do caráter seqüencial e hierárquico dos processos acionais efetivamente negociados, a estrutura praxeológica representa as unidades referenciais que participam de sua construção⁴⁹, bem como as relações por meio das quais as unidades se encontram

⁴⁸ Os “enjeux” comuns se referem à finalidade compartilhada pelos interactantes, em torno da qual eles estruturam seu engajamento ou associação momentânea. Conforme Lanna (2005, p. 139), os “enjeux” comuns fornecem “a base comum da intercompreensão e da racionalidade da ação conjunta”. As **ações participativas** dizem respeito aos objetivos individuais de cada um dos interactantes. Mais especificamente, esse parâmetro define “as parcelas interdependentes de responsabilidade que cabem a cada um dos interactantes na emergência de um ‘enjeu’ comum” (Roulet, Filliettaz e Grobet, 2001). As **posições acionais** se referem à representação das identidades participativas que são efetivamente assumidas pelos interactantes. Para se chegar à posição acional ou à identidade dos participantes da interação, é preciso levar em conta o *status* social de cada um deles, os papéis praxeológicos ligados às ações participativas e as faces e os territórios em jogo. Os **complexos motivacionais**, por fim, remetem às razões exteriores à situação de discurso que levam cada um dos interactantes àquele engajamento específico. Esse parâmetro remete, portanto, aos “projetos individuais superordenantes” (Roulet, Filliettaz e Grobet, 2001, p. 117) dos participantes da interação. O quadro acional, resultante da combinação desses quatro parâmetros, apresenta uma configuração própria. Para a visualização da configuração do quadro acional, em função de corpora específicos, remeto o leitor aos seguintes trabalhos: Roulet, Filliettaz e Grobet (2001, p. 112) e Lanna (2005, p. 141).

⁴⁹ As unidades referenciais que participam da construção da estrutura praxeológica são, em ordem decrescente, a incursão, a transação, o episódio, a fase e a ação mínima. A incursão constitui a unidade praxeológica máxima e é formada pela totalidade das condutas que são realizadas numa interação. A transação é uma unidade constitutiva da incursão e é formada pelas condutas ligadas a um foco central ou “objeto transacional”. O episódio e a fase são unidades intermediárias, que buscam dar conta da estruturação hierárquica das condutas que formam a transação. A ação mínima constitui a menor unidade praxeológica e é “guiada cognitivamente por um objetivo ou uma intenção e potencialmente identificável como tal por um co-agente” (Roulet, Filliettaz e Grobet, 2001, p. 121). Para uma definição mais detalhada de cada uma das unidades praxeológicas, ver Roulet, Filliettaz e Grobet (2001, p. 119-122).

ligadas em diferentes níveis da estrutura⁵⁰. Como essa estrutura busca explicitar as propriedades específicas e emergentes de um percurso acional efetivo, ela não deve ser confundida com a representação praxeológica que a subjaz. De fato, essa representação subjacente guia os interlocutores ao longo das ações que se sucedem numa interação (Filliettaz, 1997, Marinho, 2002). Mas a explicitação da forma como essas ações são efetivamente negociadas no desenvolvimento de uma interação específica é feita por meio da estrutura praxeológica.

Além de um componente praxeológico, as produções discursivas mobilizam ainda um componente conceitual. Foi dito anteriormente que não se concebe a ação sem os conceitos que ela implica, porque no desenvolvimento de toda ação linguageira ou não-linguageira representações de conceitos são negociados pelos interactantes. Reconhecendo que um dos objetivos do módulo referencial é refletir sobre a forma como os indivíduos representam mentalmente os objetos, as noções abstratas, os seres e os lugares (Filliettaz, 1996), o modelo modular busca instrumentos de análise suficientemente adequados para a descrição dos recursos de ordem conceitual que são mobilizados ao longo de uma dada situação de discurso. De forma semelhante ao estudo do componente praxeológico, o estudo do componente conceitual busca alcançar objetivos, que dão origem a propostas de descrição e a instrumentos explícitos de análise. Os objetivos podem ser formulados da seguinte maneira:

- a) Explicitar propriedades típicas que se podem atribuir a uma entidade conceitual, as quais resultam de uma mediação seletiva, operada pelas atividades sociais (Roulet, Filliettaz e Grobet, 2001).
- b) Representar, em seus diversos mecanismos de derivação, os percursos conceituais efetivamente negociados numa situação de discurso específica (Roulet, Filliettaz e Grobet, 2001).

⁵⁰ As unidades praxeológicas se ligam por meio das relações de etapa, de reorientação e de interrupção. A relação de etapa indica que um objetivo determinado está sendo executado. A relação de reorientação indica que o objetivo em execução foi mal sucedido, levando os interactantes a uma reorientação local ou global da interação. A relação de interrupção indica o abandono momentâneo ou definitivo de um objetivo. Para uma descrição mais detalhada dessas relações, ver Roulet, Filliettaz e Grobet (2001, p. 122-123).

Os instrumentos de análise com que o módulo referencial busca alcançar esses objetivos são a representação conceitual, decorrente do objetivo (a), e a estrutura conceitual, decorrente do objetivo (b).

A representação conceitual tem por função inventariar e organizar as propriedades típicas que se podem atribuir a um conceito ou referente. Uma hipótese do módulo referencial é a de que os interactantes dispõem de conhecimentos esquemáticos acerca dos objetos, seres e noções, os quais são suscetíveis de ser mobilizados numa interação (Filliettaz e Roulet, 2002). A representação conceitual busca explicitar esses conhecimentos esquemáticos, vistos como propriedades que podem ser atribuídas a conceitos e que se distinguem por um forte grau de tipicidade. É preciso ressaltar que essa representação não busca inventariar as características salientes de um protótipo universalmente partilhado⁵¹. Buscando adotar uma postura que leve em consideração as atividades sociais em que os indivíduos se inserem, Filliettaz (Roulet, Filliettaz e Grobet, 2001, p. 130) observa que “o sub-domínio da vida social na qual a interação acontece opera uma seleção de recursos psicológicos, mobilizados pelos agentes que nela se encontram engajados”. Dessa forma, a representação conceitual, tal como a praxeológica, deve ser entendida como um construto coletivo, resultante de uma seleção operada pelas atividades sociais. É esse modo de conceber a representação conceitual que leva Filliettaz a atribuir ao conceito “livro” diferentes propriedades, conforme o domínio de atividade em que esse conceito é mobilizado. Se, por um lado, a transação de compra e venda de um livro permite a atribuição da propriedade “objeto de saber” ao conceito “livro”, as atividades contábeis, por outro, permitem a atribuição da propriedade “suporte de escrituração contábil” ao mesmo conceito (Roulet, Filliettaz e Grobet, 2001). Isso significa que um mesmo objeto referencial pode dar origem a diferentes representações conceituais, dependendo do sub-domínio da vida social e da atividade em que se mobiliza esse objeto. Entretanto, embora a seleção das propriedades típicas de um conceito dependa das atividades de um sub-domínio da vida social, a representação conceitual é independente de uma situação de discurso específica. Essa

⁵¹ Em versões anteriores do modelo (Filliettaz, 1996), o módulo referencial se valia de postulados da teoria do protótipo. Entretanto, em versões mais recentes (Roulet, Filliettaz e Grobet, 2001, Filliettaz e Roulet, 2002), considera-se que essa teoria não se adapta às exigências do módulo, porque hipóteses radicalmente cognitivistas como as da teoria do protótipo se mostram incompatíveis com a postura interacionista adotada pela abordagem modular (Roulet, Filliettaz e Grobet, 2001).

representação explícita propriedades típicas e não as propriedades negociadas pelos interactantes em situações particulares.

O corpus desta pesquisa se compõe de duas seções Brasil, as quais, por sua vez, são formadas por vários textos jornalísticos. Propor a representação conceitual da seção Brasil e dos textos jornalísticos que dela fazem parte significa inventariar um conjunto de propriedades típicas atribuíveis aos conceitos SEÇÃO BRASIL e TEXTO JORNALÍSTICO DA SEÇÃO BRASIL. Refletindo a minha hipótese sobre quais seriam as propriedades típicas desses conceitos, as representações que proponho a seguir não buscam fazer um levantamento de todo o conjunto das propriedades que se podem associar a eles, mas apenas daquelas que, segundo a minha interpretação, se distinguem por seu forte grau de tipicidade⁵².

A figura abaixo mostra uma representação conceitual da seção Brasil.



Figura 72: representação conceitual da seção Brasil da revista *Veja*.

Independentemente da leitura de uma seção Brasil específica, as experiências anteriores de leitura dessa seção permitem atribuir a ela as propriedades selecionadas na figura acima. Assim, quando se ativa a representação conceitual da seção Brasil da revista *Veja*, alguns conceitos participam dessa representação de modo preferencial. É o que acontece com o conceito PRODUTO MIDIÁTICO (A REVISTA VEJA), do qual a seção Brasil faz parte. Por ser a seção parte de um produto midiático, os atores envolvidos na

⁵² É importante lembrar que, embora refletindo a interpretação do analista, as representações conceituais propostas resultam de conhecimentos coletivos interiorizados e são fruto de experiências anteriores de leitura. Elas não devem ser entendidas, portanto, como criações individuais, elaboradas a partir “do nada”. É provável que a comunidade de leitores da revista *Veja* compartilhe representações conceituais bem semelhantes às propostas neste trabalho.

transformação desse produto em lugar de interação também devem ser atrelados ao conceito central SEÇÃO BRASIL, por meio dos conceitos LEITOR/ INSTÂNCIA DE RECEPÇÃO e PRODUTOR/ INSTÂNCIA MIDIÁTICA. Como a divulgação de informações por uma revista com o alcance de *Veja* está ligada à manutenção ou à modificação de crenças, associa-se ao conceito central o conceito de EDIÇÃO, o qual também está ligado àquele de PRODUTOR/ INSTÂNCIA MIDIÁTICA. Para que a seção tenha o impacto desejado junto aos seus leitores, é preciso editar os textos jornalísticos que vão formar a seção, o que diz respeito à organização e ao preparo do material que chega à redação da revista. Por se tratar de uma seção, espera-se encontrar na seção Brasil de qualquer edição de *Veja* VÁRIOS TEXTOS JORNALÍSTICOS e não apenas um. Espera-se ainda que esses textos tratem de temas ligados à POLÍTICA FEDERAL/ ESTADUAL, uma vez que essa é a seção da revista que aborda os acontecimentos da política nacional. Como se vê, a ativação da representação do conceito SEÇÃO BRASIL dá lugar a uma rede em que diversos conceitos, compartilhados pela comunidade de leitores da revista *Veja*, se encontram conectados.

A próxima figura mostra uma representação conceitual do texto jornalístico da seção Brasil.



Figura 73: representação conceitual do texto jornalístico da seção Brasil da revista *Veja*.

Nessa figura, observam-se os conceitos que se associam de forma mais imediata ao conceito TEXTO JORNALÍSTICO DA SEÇÃO BRASIL. A seção da qual o texto de uma revista faz parte é um conceito que a ele se liga, quando se ativa a sua estrutura conceitual. Da mesma forma que se associa o conceito PRODUTO MIDIÁTICO (A REVISTA *VEJA*) à seção Brasil (figura 72), associa-se o conceito SEÇÃO BRASIL ao texto integrante dessa seção. Também aqui, os atores que participam da transformação do

texto jornalístico em lugar de interação são ligados ao conceito central, por meio dos conceitos JORNALISTA/ INSTÂNCIA MIDIÁTICA e LEITOR/ INSTÂNCIA DE RECEPÇÃO. Por se tratar de um texto pertencente à seção da revista que aborda acontecimentos da política nacional, espera-se que o texto jornalístico da seção Brasil trate de temas ligados à POLÍTICA FEDERAL/ ESTADUAL.

Tal como se mostrou, a representação conceitual tem como objetivo explicitar propriedades que se destacam por seu forte grau de tipicidade, funcionando, portanto, como um esquema cognitivo subjacente ao discurso. Dessa forma, ela não visa a tornar explícitas as propriedades conceituais negociadas pelos interactantes numa interação específica. A explicitação de propriedades efetivamente negociadas é feita por meio da estrutura conceitual.

Em uma interação específica, os conceitos e as propriedades típicas a eles associadas na representação conceitual são articulados e negociados na estrutura conceitual. Em virtude da situação de interação e dos objetivos dos interactantes, ativam-se conceitos presentes na representação esquemática, os quais se atualizam e se articulam em estruturas conceituais emergentes. Como a estrutura emergente visa a explicitar os conceitos efetivamente negociados em uma interação particular, ela busca dar conta não só dos conceitos que podem ser ativados pelo léxico de uma língua e pela sintaxe, mas também dos que podem ser ativados por objetos do mundo ou por ações não-linguageiras, bem como dos que podem resultar de processos inferenciais (Gobet, 2000)⁵³. Com a estrutura emergente, descrevem-se, além dos conceitos ativados numa situação de discurso, os mecanismos de derivação ou as relações observáveis entre esses conceitos, explicitando quais deles são primitivos e quais são derivados (Roulet, Filliettaz e Gobet, 2001). Descrevendo os mecanismos de derivação por meio da relação entre conceitos primitivos e derivados, “a análise da estrutura conceitual permite dar conta dos elos conceituais entre as representações mentais, bem como do papel

⁵³ Vale notar que a postura que integra os processos inferenciais ou as inferências à representação mental do texto não é exclusiva da abordagem modular. Coscarelli (1999, p. 103), se valendo das contribuições de estudiosos da cognição como Kintsch e Garnham, ressalta que “as inferências que o leitor faz durante a leitura tornam-se parte da representação mental do texto como qualquer outra das proposições originais desse”. No quadro da Teoria das Representações Mentais, Reboul (2000) postula que a articulação das representações mentais acontece por meio de operações cognitivas, tais como *fusão, agrupamento e extração*. Essas operações, que “podem ser desencadeadas por dados perceptuais assim como por dados lingüísticos” (Reboul, 2000, p. 15), correspondem a processos inferenciais que, uma vez realizados, vão se integrar à representação do texto (ver Reboul, 2000, Moeschler, 2005).

central de alguns referentes no discurso” (Gobet, 2000, p. 342)⁵⁴. Dessa forma, a estrutura conceitual funciona como um instrumento explícito para se descrever o percurso conceitual efetivamente negociado numa interação.

Na tentativa de tornar mais claras as considerações feitas acerca da estrutura conceitual, proponho a seguir as estruturas conceituais resultantes da análise de cada um dos três textos da seção Brasil, veiculada na revista *Veja* do dia 05/01/2005⁵⁵. Em seguida, proponho a estrutura resultante da análise de toda essa seção Brasil. Cada uma das estruturas constitui uma representação apenas parcial do percurso realizado durante a leitura dos textos da seção, porque um nível maior de detalhamento requereria a representação dos conceitos ativados em cada ato componente dos textos, bem como daqueles provenientes de processos inferenciais, resultando em esquemas de difícil compreensão. Por isso, os conceitos articulados em cada figura são os conceitos que foram ativados em porções maiores dos textos, porções que na estrutura hierárquica correspondem a intervenções.

A figura abaixo apresenta a estrutura conceitual do texto “Fantasmas Maranhenses”.

⁵⁴ Gobet aproxima a noção de conceito primitivo da noção de entidade tópica, tal como proposta por Brown e Yule (1983): “Na estrutura conceitual, a entidade tópica pode ser definida como a representação mental de um referente ativado pelo discurso (ou pela situação), a partir da qual outras informações são derivadas” (Gobet, 2000, p. 343).

⁵⁵ As estruturas conceituais resultantes da análise de cada um dos cinco textos da seção Brasil, veiculada na revista *Veja* do dia 12/01/2005, encontram-se no anexo D deste trabalho.

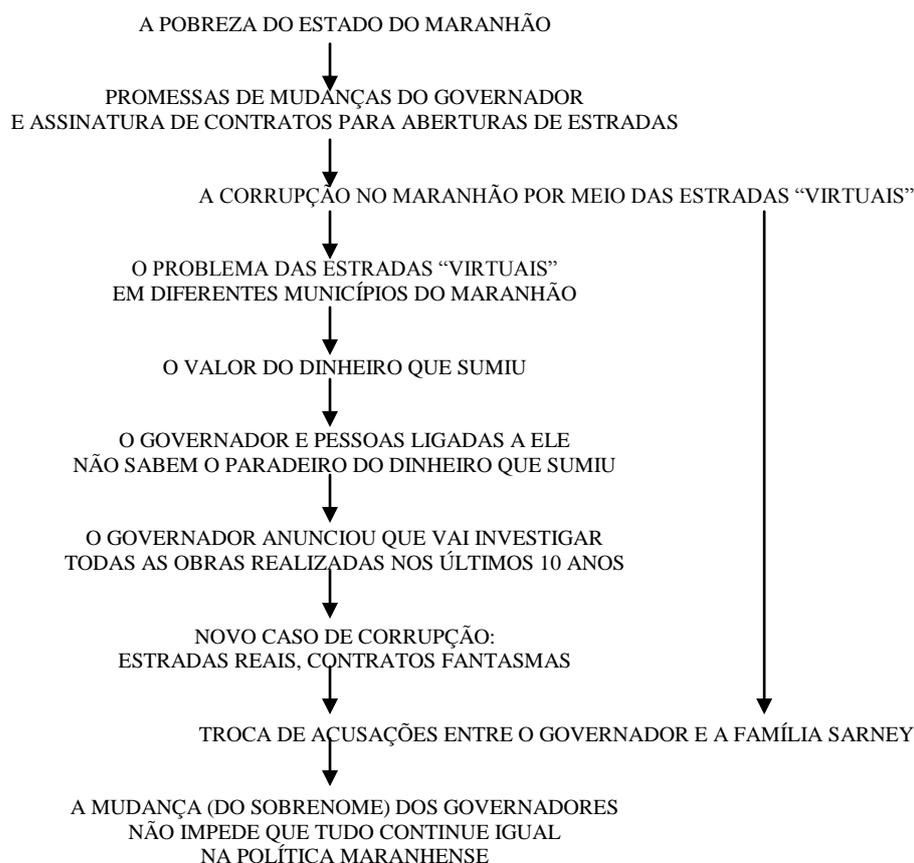


Figura 74: estrutura conceitual do texto “Fantasmas maranhenses”.

Nessa estrutura, as informações sobre A POBREZA DO ESTADO DO MARANHÃO permitiram a ativação do conceito PROMESSAS DE MUDANÇAS DO GOVERNADOR E ASSINATURA DE CONTRATOS PARA ABERTURAS DE ESTRADAS. Entre esses conceitos, observa-se uma relação de causa e consequência: a pobreza do Maranhão justificou ou causou as promessas de mudanças e a assinatura de contratos para aberturas de estradas. Desse conceito sobre as promessas e a assinatura de contratos derivou a principal denúncia de corrupção trazida pelo texto: A CORRUPÇÃO NO MARANHÃO POR MEIO DAS ESTRADAS “VIRTUAIS”. Porque mobilizou esses conceitos, o autor pôde especificar os casos de corrupção, trazendo informações sobre O PROBLEMA DAS ESTRADAS “VIRTUAIS” EM DIFERENTES MUNICÍPIOS DO MARANHÃO. Em seguida, o autor derivou deste conceito a informação sobre O VALOR DO DINHEIRO QUE SUMIU. As justificativas para o sumiço do dinheiro derivaram deste conceito e foram ativadas pelo conceito O GOVERNADOR E PESSOAS LIGADAS A ELE NÃO SABEM O PARADEIRO DO DINHEIRO QUE SUMIU. Em seguida, o autor trouxe a informação sobre o anúncio do governador do Maranhão de que vai

investigar todas as obras realizadas nos últimos dez anos. Como resposta ao anúncio do governador, o autor mobilizou o conceito NOVO CASO DE CORRUPÇÃO: ESTRADAS REAIS COM CONTRATOS FANTASMAS. Deste conceito e do conceito ativado anteriormente sobre a principal denúncia de corrupção do texto (A CORRUPÇÃO NO MARANHÃO POR MEIO DAS ESTRADAS “VIRTUAIS”) derivou a informação TROCA DE ACUSAÇÕES ENTRE O GOVERNADOR E A FAMÍLIA SARNEY. Com base nesta informação, o autor concluiu o texto, mobilizando o conceito A MUDANÇA (DO SOBRENOME) DOS GOVERNADORES NÃO IMPEDE QUE TUDO CONTINUE IGUAL NA POLÍTICA MARANHENSE.

A próxima figura apresenta a estrutura conceitual do texto “Sandálias da humildade”.

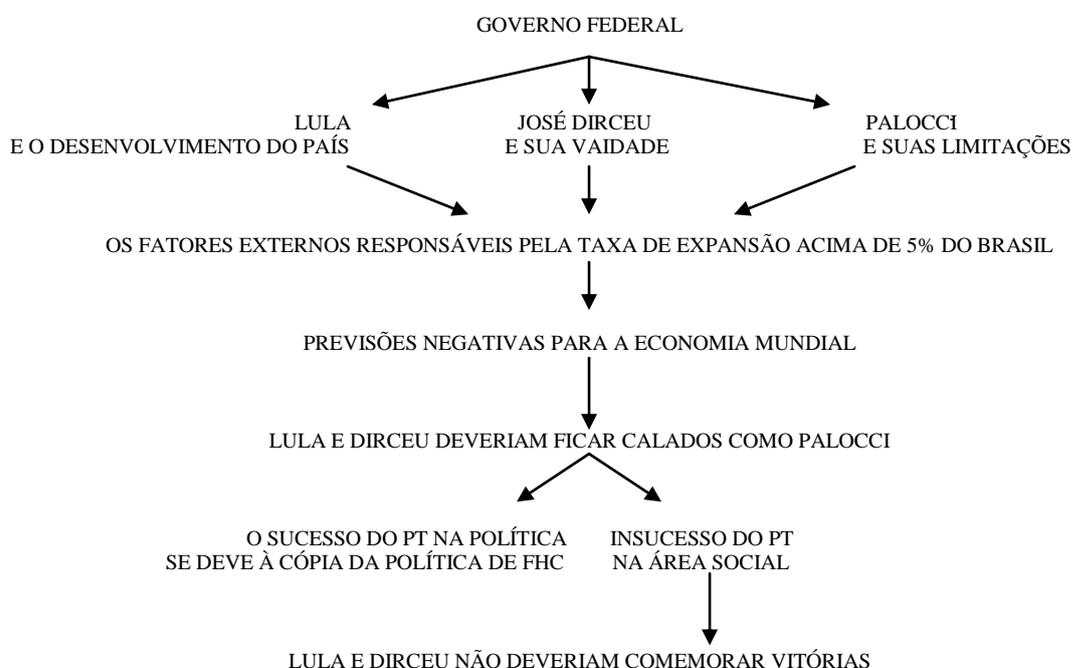


Figura 75: estrutura conceitual do texto “Sandálias da humildade”.

Com o auxílio dessa estrutura, percebe-se que GOVERNO FEDERAL é o conceito de maior importância desse texto, porque dele foi possível derivar as informações sobre LULA E O DESENVOLVIMENTO DO PAÍS, JOSÉ DIRCEU E SUA VAIDADE e PALOCCI E SUAS LIMITAÇÕES. Uma vez que essas informações sobre as principais figuras do então governo foram mobilizadas, o autor pôde dizer que o responsável pelo crescimento do país não foi o governo, mas, sim, fatores externos: OS FATORES EXTERNOS RESPONSÁVEIS PELA TAXA DE EXPANSÃO ACIMA DE 5% DO BRASIL. Para defender a idéia de que o governo não mais

poderá contar com esses fatores externos (“preços agrícolas favoráveis no mercado internacional e a ampliação das exportações”), o autor fez PREVISÕES NEGATIVAS PARA A ECONOMIA MUNDIAL. Em vista dessas previsões, o autor mobilizou a informação de que LULA E DIRCEU DEVERIAM FICAR CALADOS COMO PALOCCI. Desse conselho, o autor derivou os conceitos O SUCESSO DO PT NA POLÍTICA SE DEVE À CÓPIA DA POLÍTICA DE FHC e O INSUCESSO DO PT NA ÁREA SOCIAL. Após falar do insucesso do PT na área social, o autor concluiu o texto, trazendo a informação de que LULA E DIRCEU NÃO DEVERIAM COMEMORAR VITÓRIAS.

A figura a seguir apresenta a estrutura conceitual do texto “Uma vitória da parceria tucano-petista”.

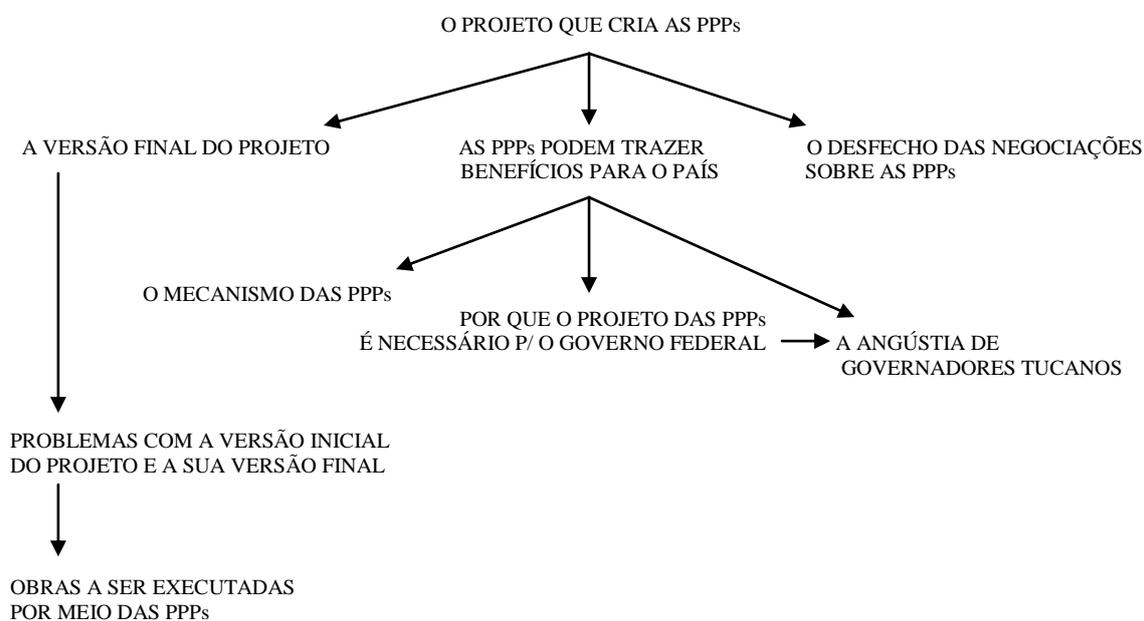


Figura 76: estrutura conceitual do texto “Uma vitória da parceria tucano-petista”.

O conceito O PROJETO QUE CRIA AS PPPs foi apresentado pelo autor logo no início do texto. O seu estatuto de primitivo em relação aos demais indica que ele é o conceito de maior importância nessa estrutura, porque foi em função desse referente que os outros foram introduzidos. Desse conceito primitivo derivaram os conceitos A VERSÃO FINAL DO PROJETO, AS PPPs PODEM TRAZER BENEFÍCIOS PARA O PAÍS e O DESFECHO DAS NEGOCIAÇÕES SOBRE AS PPPs. Essa relação de derivação aconteceu, porque somente depois de introduzir a informação sobre o projeto foi que o autor pôde trazer informações sobre a sua versão final, sobre os benefícios que pode proporcionar e sobre o desfecho em torno

das negociações que deram origem ao projeto. Do conceito A VERSÃO FINAL DO PROJETO derivou um conceito, com o qual o autor trouxe informações sobre problemas apresentados pela versão inicial do projeto e sobre a forma como eles foram solucionados na versão final. Desse conceito derivou um outro, por meio do qual o autor apresentou uma listagem das obras já em vias de ser executadas por meio das PPPs. Do conceito AS PPPs PODEM TRAZER BENEFÍCIOS PARA O PAÍS derivaram três conceitos. O primeiro se referiu ao mecanismo ou funcionamento das parcerias; o segundo se referiu às razões que justificam a realização pelo governo brasileiro desse tipo de parceria; e o terceiro se referiu a Geraldo Alckmin e a Aécio Neves, os quais, angustiados pela falta de recursos federais, fizeram PPPs nos estados que governavam. Uma vez que, segundo o autor, a angústia de governadores tucanos se deve, em parte, à falta de recursos federais, os conceitos POR QUE O PROJETO DAS PPPs É NECESSÁRIO PARA O GOVERNO FEDERAL e A ANGÚSTIA DE GOVERNADORES TUCANOS estão ligados por uma relação de derivação.

A figura abaixo apresenta a estrutura conceitual de toda a seção Brasil que foi veiculada na revista *Veja* do dia 05/01/2005. Como essa estrutura representa o resultado da análise referencial da seção como um todo, os conceitos que nela se articulam são os conceitos mobilizados e ativados nos textos componentes da seção e, portanto, os conceitos apresentados nas três estruturas anteriores. Para facilitar a compreensão da estrutura, as letras (A), (B) e (C), que acompanham cada conceito, correspondem aos textos – “Fantasmas maranhenses”, “Sandálias da humildade” e “Vitória da parceria tucano-petista”, respectivamente – em que cada conceito foi ativado.

Como a descrição completa do percurso conceitual realizado na leitura de cada uma das seções componentes do corpus não faz parte dos objetivos deste trabalho, limito a descrição dessa estrutura à observação de alguns aspectos que me parecem mais pertinentes.

Um primeiro aspecto dessa estrutura que merece ser observado se refere ao fato de que o governo federal constitui um conceito primitivo em relação a todos os demais conceitos da estrutura. Isso significa que o governo federal constitui o referente de maior saliência ou a entidade tópica de maior importância dessa seção em particular. O fato de o conceito O GOVERNO FEDERAL não ter sido ativado logo no primeiro texto (“Fantasmas Maranhenses”), mas apenas nos dois últimos textos da seção não interfere na sua importância conceitual, uma vez que essa estrutura articula os conceitos de forma hierárquica e não linear⁵⁶. Portanto, ainda que um conceito tenha sido ativado nos últimos textos de uma seção, ele pode ser primitivo em relação aos demais.

Outro aspecto a ser considerado é o de que, como a estrutura articula os conceitos de forma hierárquica, o estatuto primitivo ou derivado de um conceito é relativo, podendo um mesmo conceito ser primitivo e derivado. Essa é a condição dos conceitos LULA E O DESENVOLVIMENTO DO PAÍS, JOSÉ DIRCEU E SUA VAIDADE e PALOCCI E SUAS LIMITAÇÕES, ativados no texto “Sandálias da humildade”. Se eles são derivados em relação a O GOVERNO FEDERAL, eles são primitivos em relação a OS FATORES EXTERNOS RESPONSÁVEIS PELA TAXA DE EXPANSÃO ACIMA DE 5% DO BRASIL. Nesse caso específico, os principais membros do então governo – Lula, J. Dirceu e A. Palocci – derivam diretamente do conceito O GOVERNO FEDERAL. Ao representar o governo federal como o conceito do qual derivam os conceitos ligados a Lula, J. Dirceu e A. Palocci, a estrutura representa a relação de hiperonímia que há entre o conceito primitivo e os conceitos que lhe são derivados. Esses conceitos derivados são, por sua vez, primitivos em relação ao conceito OS FATORES EXTERNOS RESPONSÁVEIS PELA TAXA DE EXPANSÃO ACIMA DE 5% DO BRASIL.

⁵⁶ A representação linear das informações ativadas ao longo de uma situação de discurso é feita na estrutura informacional (ver capítulo 2).

Um último aspecto a ser considerado diz respeito às relações de derivação entre conceitos ativados em diferentes textos da seção. O estabelecimento dessas relações repousa sobre percursos inferenciais que o leitor pode realizar. Uma vez que essas relações não são explicitamente marcadas pelos produtores dos textos da seção, cabe ao leitor, em função dos seus objetivos de leitura, realizá-las por meio de inferências ou não as realizar. Assim, a estrutura apresenta o conceito O PROJETO QUE CRIA AS PPPs, ativado no último texto da seção (“Uma vitória da parceria tucano-petista”), como derivado dos conceitos LULA E O DESENVOLVIMENTO DO PAÍS e O INSUCESSO DO PT NA ÁREA SOCIAL, ambos ativados no penúltimo texto (“Sandálias da humildade”). Essa relação de derivação é resultante do seguinte percurso inferencial: *se o governo do PT (do presidente Lula) não está obtendo sucesso na área social, mas ainda assim Lula acredita ser fácil reger o desenvolvimento do país* (informações ativadas no texto “Sandálias da humildade”), *é porque ele deposita esperança no projeto que cria as parcerias público-privadas, as PPPs, para modernizar a infra-estrutura brasileira* (informações ativadas no texto “Uma vitória da parceria tucano-petista”). Embora os autores de ambos os textos não explicitem a relação de derivação entre os conceitos, porque ela resulta de um percurso inferencial cuja produção é de responsabilidade do leitor, acredito que expressões referenciais como “o presidente Lula” e “o governo”, pertencentes aos dois textos, e as situações em que os referentes são representados podem funcionar como uma espécie de “detonadores” desse percurso e, conseqüentemente, da relação de derivação explicitada na estrutura. Dessa forma, os percursos inferenciais que articulam conceitos e que dão origem a outros conceitos são parte integrante da estrutura conceitual (Grobet, 2000. Roulet, Fillietaz e Grobet, 2001). Conforme os objetivos deste trabalho, a acoplagem entre as estruturas conceitual e informacional visa exatamente a trazer explicações sobre a realização de todo esse processo envolvendo inferências.

Com base nas observações realizadas, se a representação conceitual subjacente pode ser vista como um construto coletivo compartilhado pela comunidade de leitores da seção Brasil, a estrutura conceitual pode variar de leitor para leitor, porque representa um percurso específico de interpretação. Nesse percurso específico, os conceitos e propriedades presentes na representação subjacente articulam-se de forma particular por meio de relações de derivação resultantes de processos inferenciais. Assim, conceitos típicos como EDIÇÃO e POLÍTICA FEDERAL/ESTADUAL foram atualizados de forma

específica nas estruturas conceituais emergentes de cada um dos textos e da seção Brasil do dia 05/01/2005.

O módulo referencial, assim descrito, busca dar conta tanto do componente praxeológico, quanto do componente conceitual das situações de discurso, uma vez que seu objetivo maior é descrever as relações que o discurso mantém com o mundo em que é produzido e as relações que ele mantém com os mundos que representa. O alcance de tal objetivo está ligado ao emprego de instrumentos explícitos de análise, destinados ao exame da forma como os interactantes negociam as ações e os conceitos em situações reais de comunicação. Os resultados obtidos com a análise do módulo referencial podem ser combinados com os extraídos de outros módulos e formas de organização, a fim de se descrever a complexidade da organização discursiva.

4. Análise do corpus

Nos itens 2.1 e 2.2, a acoplagem das estruturas informacional e hierárquico-relacional permitiu a indicação do grau de saliência na memória discursiva das informações que funcionam como ponto de ancoragem. Resta agora apreender as linhas referenciais que tornam possível a ancoragem do propósito do ato nos seus eventuais pontos de ancoragem, bem como as inferências que podem surgir dessa ancoragem e que foram apontadas no capítulo anterior. Para isso, é necessário que se proceda à acoplagem das estruturas informacional e conceitual. Neste momento do estudo da forma da organização tópica das seções Brasil, serão retomados os exemplos de análise estudados nos itens 2.1 e 2.2., quando se combinaram informações hierárquico-relacionais e informacionais.

As estruturas que nos itens seguintes representam a acoplagem de informações conceituais e informacionais devem ser lidas como “recortes” da estrutura global de cada uma das seções. Uma estrutura que representasse a acoplagem de informações conceituais e informacionais de toda uma seção Brasil deveria se compor dos propósitos dos atos de todos os textos da seção, assim como dos conceitos ativados por percursos inferenciais. Como foi dito no item anterior, uma estrutura com esse nível de detalhamento resultaria num esquema de difícil compreensão. Embora os esquemas a

ser apresentados sejam simples, eles dão conta de representar o processo de ancoragens e de surgimento de inferências que pode ocorrer, caso os textos da seção Brasil, conforme expectativa da instância de produção (ver capítulo 1, item 1), sejam lidos na ordem em que foram publicados. Isso porque esses esquemas, resultantes da combinação de informações conceituais e informacionais, visam a tornar explícitas as linhas referenciais que subjazem aos diferentes textos componentes de cada seção. No item 4.1, serão estudados os exemplos extraídos da seção Brasil do dia 05/01/2005, e, no item 4.2, serão estudados os exemplos extraídos da seção Brasil do dia 12/05/2005.

4.1. Seção Brasil do dia 05/01/2005

O fragmento transcrito abaixo apresenta os seis atos iniciais do segundo texto da seção. Esse texto, intitulado “Sandálias da humildade”, trata do crescimento da economia brasileira.

(01) O presidente Lula deveria calçar as sandálias da humildade. (02) Imagina que pode reger o desenvolvimento do país (03) como Moisés abriu o mar em duas metades. (04) Disse que 2005 será um ano com “mar de almirante e céu de brigadeiro”. (05) José Dirceu, ministro-chefe da casa civil, é pior. (06) ► Acredita que *o crescimento brasileiro* depende do número de horas que ele trabalha por dia.

O estudo da organização informacional desse trecho, no capítulo 2, mostrou que a expressão “o crescimento brasileiro”, no ato (06), atua como um traço que indica a ancoragem necessária desse ato no ponto de ancoragem de segundo plano constituído pela informação “o desenvolvimento do país”, cuja origem é o ato (02). A estrutura resultante da acoplagem de informações hierárquico-relacionais e informacionais, no item 2.1 deste capítulo, mostrou também que o estatuto principal do ato (02) favorece o encadeamento do ato (06) na informação ativada pelo ato (02). Entretanto, os estudos realizados até agora não explicaram o que torna possível esse encadeamento. No estudo da organização tópica, busco essa explicação por meio da acoplagem das estruturas informacional e conceitual. No esquema a seguir, procedo a essa acoplagem, focalizando apenas os atos (01-06) do segundo texto da seção. Nesse esquema, os conceitos ativados são apresentados em maiúsculas, juntamente com os números dos atos que ativam os propósitos correspondentes aos conceitos.

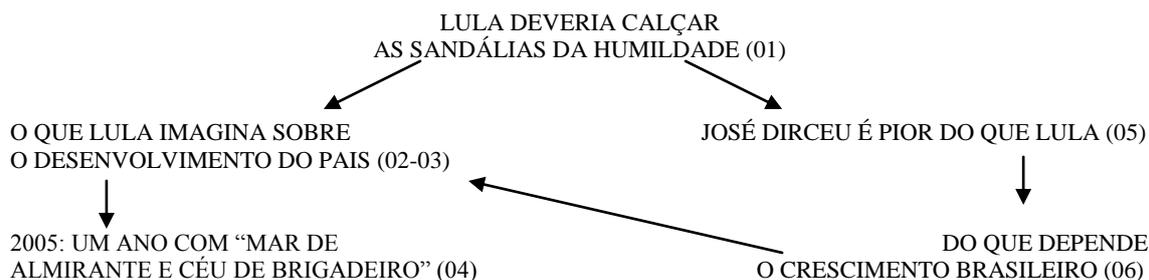


Figura 78: acoplagem das estruturas informacional e conceitual dos atos (01-06) do texto “Sandálias da humildade”.

Nesse percurso conceitual, o conceito correspondente ao conteúdo informacional ou propósito do ato (01) é primitivo em relação aos demais. Desse conceito derivam imediatamente os conceitos O QUE LULA IMAGINA SOBRE O DESENVOLVIMENTO DO PAÍS (02-03) e JOSÉ DIRCEU É PIOR DO QUE LULA (05). Essa relação de derivação acontece porque o conceito ativado pelos atos (02-03) funciona como argumento para a afirmação de que LULA DEVERIA CALÇAR AS SANDÁLIAS DA HUMILDADE (01), isto é, ser mais humilde, e porque, segundo o autor, “J. Dirceu, ministro-chefe da casa civil, é pior [do que Lula]” (ato 05). A informação acrescentada por mim entre colchetes não foi verbalizada pelo autor, mas é inferível do tópico do ato (05), o qual se constitui da informação de que J. Dirceu é membro do governo do presidente Lula. Assim, essa informação que atua como tópico do ato (05) assegura a relação de derivação entre os conceitos ativados pelos atos (01) e (05). Já a relação de derivação entre os conceitos O QUE LULA IMAGINA SOBRE O DESENVOLVIMENTO DO PAÍS (02-03) e 2005: UM ANO COM “MAR DE ALMIRANTE E CÉU DE BRIGADEIRO” (04) se justifica por um percurso inferencial, demonstrável por meio da seguinte paráfrase: *se Lula disse que 2005 será um ano com mar de almirante e céu de brigadeiro (04) é porque imagina que pode reger o desenvolvimento do país como Moisés abriu o mar em duas metades (02-03)*. Como essa relação de causa e consequência entre os propósitos não é marcada por nenhum conector, expressão nominal ou estrutura sintática, ela precisa ser construída pelo leitor por meio da realização desse percurso inferencial. Da mesma forma, entre os conceitos JOSÉ DIRCEU É PIOR DO QUE LULA (05) e DO QUE DEPENDE O CRESCIMENTO BRASILEIRO (06) existe uma relação de causa e consequência que poderia ser marcada por um conector argumentativo como *porque*. A ausência de uma marca como essa conduz à realização de um percurso inferencial, responsável pelo estabelecimento da

relação de derivação entre os conceitos, ilustrada na estrutura pela linha que os conecta. O estabelecimento desse percurso inferencial é facilitado pelo tópico do ato (06): *José Dirceu*, o qual, embora não tenha sido verbalizado nesse ato, é muito acessível, porque faz parte do propósito do ato anterior, o ato (05).

A estrutura representa ainda a relação de derivação entre os conceitos DO QUE DEPENDE O CRESCIMENTO BRASILEIRO (06) e O QUE LULA IMAGINA SOBRE O DESENVOLVIMENTO DO PAÍS (02-03), a qual é marcada no nível da estrutura informacional pelo traço de ponto de ancoragem de segundo plano “o crescimento brasileiro”. Essa relação é necessária para a compreensão do texto, porque somente com o seu estabelecimento será possível compreender que, para o autor, Lula e Dirceu imaginam que podem comandar sozinhos e com facilidade o crescimento brasileiro ou o desenvolvimento do país. Assim, à relação de correferência entre a expressão “o crescimento brasileiro”, no ato (06), e a informação “o desenvolvimento do país”, ativada no ato (02), relação verificada na estrutura informacional do trecho em análise, subjaz uma relação de derivação entre os conceitos DO QUE DEPENDE O CRESCIMENTO BRASILEIRO (06) e O QUE LULA IMAGINA SOBRE O DESENVOLVIMENTO DO PAÍS (02-03), descrita na estrutura conceitual. É essa relação de derivação que torna possível a ancoragem necessária do ato (06) na informação ativada pelo ato (02), ancoragem marcada no ato (06) pelo traço do ponto de ancoragem de segundo plano “o crescimento brasileiro”. Uma vez que essa é uma ancoragem necessária para a compreensão do trecho em análise, a ausência da relação de derivação entre os conceitos que correspondem aos propósitos dos atos (02-03) e (06) poderia indicar o não-estabelecimento da relação de correferência entre a expressão “o crescimento brasileiro” e a informação “o desenvolvimento do país” e, conseqüentemente, a existência de problemas na compreensão do texto.

Ao relacionar a forma de organização informacional e noções da Teoria da Relevância no capítulo anterior, pude constatar que os pontos de ancoragem, sejam eles o tópico ou os pontos de ancoragem de segundo plano, são informações selecionadas da memória discursiva para formar o contexto de interpretação da informação ativada pelo ato. Na estrutura resultante da acoplagem de informações conceituais e informacionais, a

seleção do contexto de interpretação mais relevante para se interpretar um ato⁵⁷ é representada pelas relações de derivação entre os conceitos. Assim, no caso específico da estrutura do trecho formado pelos atos (01-06), a relação de derivação entre os conceitos DO QUE DEPENDE O CRESCIMENTO BRASILEIRO e O QUE LULA IMAGINA SOBRE O DESENVOLVIMENTO DO PAÍS indica que a informação ativada pelo ato (02) foi selecionada para fazer parte do contexto de interpretação do ato (06). Porque essa seleção foi realizada, foi possível compreender ou inferir que, para o autor do texto, Lula e Dirceu imaginam que podem comandar sozinhos e com facilidade o crescimento brasileiro ou o desenvolvimento do país.

O estudo da organização informacional do trecho formado pelos atos (01-06) do segundo texto da seção mostrou ainda que o traço “o crescimento brasileiro” indica a ancoragem possível do ato (06) em outras informações da memória discursiva. Nesse estudo, foi dito que o contexto de interpretação do ato (06) do segundo texto é formado inicialmente apenas pela informação do ato (02) do mesmo texto, mas que esse contexto inicial pode ser enriquecido com a seleção de informações semi-ativas na memória discursiva, que têm origem no primeiro texto da seção⁵⁸. Dessa forma, o traço “o crescimento brasileiro” poderia indicar ainda a ancoragem possível do ato (06) do segundo texto – “Sandálias da humildade” – em informações que foram ativadas no primeiro texto da seção – “Fantasmas maranhenses”. Conforme minha interpretação, as informações ativadas pelos atos (01-06) do primeiro texto podem constituir um ponto de ancoragem para o ato (06) do segundo texto. Nesses seis atos iniciais do primeiro texto da seção, o autor descreve a pobreza do estado do Maranhão, dizendo, entre outras coisas, que esse estado “tem o pior índice de desenvolvimento humano do Brasil, a renda per capita mais baixa do país e está na ponta do ranking dos indicadores sociais negativos”. A estrutura a seguir resulta da acoplagem de informações de ordem conceitual e informacional do primeiro e do segundo textos. A numeração que acompanha os conceitos se refere ao ato que ativa o propósito correspondente a cada conceito, e as letras (A) e (B) se referem ao primeiro e ao segundo textos da seção, respectivamente, em que os conceitos foram ativados.

⁵⁷ O contexto de interpretação mais relevante diz respeito àquele capaz de levar a uma maior produção de efeitos contextuais ou inferências (ver item 3, capítulo 2).

⁵⁸ O primeiro texto da seção intitula-se “Fantasmas maranhenses” e traz denúncias sobre a participação do então governador do Maranhão José Reinaldo Tavares e de pessoas ligadas a ele no desvio de verbas destinadas à construção de estradas no estado.



Figura 79: acoplagem das estruturas informacional e conceitual de atos dos textos “Fantasmas maranhenses” e “Sandálias da humildade”.

A seta que parte do conceito DO QUE DEPENDE O CRESCIMENTO BRASILEIRO, ativado no segundo texto, e chega ao conceito A POBREZA DO ESTADO DO MARANHÃO, ativado no primeiro, indica a possibilidade de se estabelecer entre eles uma linha referencial, por meio da qual o crescimento ou desenvolvimento do país depende do crescimento ou desenvolvimento de todos os estados que dele fazem parte. Essa linha referencial que une os conceitos é desencadeada pelo traço “o crescimento brasileiro”, presente no ato (06) do segundo texto. Esse traço marca, portanto, o encadeamento do ato (06) do segundo texto em informações sobre a pobreza do estado do Maranhão, ativadas no primeiro. Dessa forma, a ligação entre os conceitos indica a contextualização da informação DO QUE DEPENDE O CRESCIMENTO BRASILEIRO num contexto de que participam as informações sobre A POBREZA DO ESTADO DO MARANHÃO, além da informação sobre O QUE LULA IMAGINA SOBRE O DESENVOLVIMENTO DO PAÍS. Dessa contextualização, marcada pelo traço “o crescimento brasileiro”, pode surgir a inferência: *se comandar o crescimento ou o desenvolvimento do país fosse tarefa fácil como Lula e Dirceu pensam, o Maranhão não seria um estado tão pobre e com tantos problemas*. A estrutura acima permite perceber que essa inferência é resultante da contextualização do propósito do ato (06) do segundo texto no conjunto das informações ativadas no primeiro, relativas à pobreza do Maranhão, e ativadas nos atos (02-03) do segundo texto, relativas ao presidente Lula.

No estudo da organização informacional dos atos (01-06) do segundo texto da seção, foi dito que, além das informações sobre a pobreza do estado do Maranhão, outras informações ativadas no primeiro texto podem participar do contexto de interpretação do ato (06) do segundo texto. Interpreto que o traço “o crescimento brasileiro” pode indicar a ancoragem possível do ato (06) nas informações específicas sobre as denúncias

de corrupção contra o então governador maranhense J. R. Tavares. Essas informações, que têm origem nos atos (24-25), (51-53), (84-85) e (108-112) do primeiro texto, se referem à contratação pelo governo maranhense de obras fantasmas para a construção de estradas, ao valor do dinheiro público que foi desviado no esquema das obras fantasmas e aos detalhes sobre a forma como esse esquema de desvio de verbas era realizado.

A estrutura abaixo, resultante da acoplagem de informações conceituais e informacionais, apresenta o percurso realizado na interpretação do ato (06) do segundo texto. Também aqui a numeração se refere ao ato que ativa o propósito correspondente ao conceito, e as letras (A) e (B) se referem ao primeiro e segundo textos da seção, respectivamente.

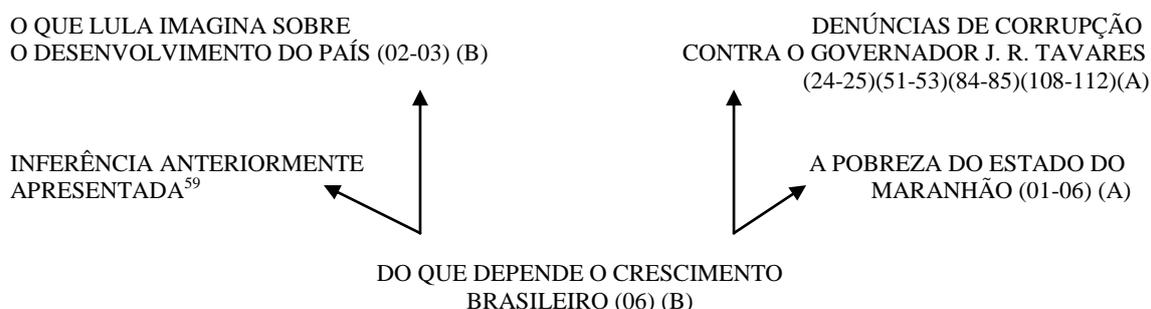


Figura 80: acoplagem das estruturas informacional e conceitual de atos dos textos “Fantasmas maranhenses” e “Sandálias da humildade”.

A estrutura acima permite visualizar todas as informações que, conforme minha interpretação, fazem parte do contexto em que o ato (06) do segundo texto da seção Brasil estudada poderá ser interpretado. Como se vê, novas informações foram sendo incorporadas ao contexto de interpretação do ato (06) do segundo texto. Inicialmente, o traço “o crescimento brasileiro” indicava a ancoragem necessária do ato (06) apenas na informação O QUE LULA IMAGINA SOBRE O DESENVOLVIMENTO DO PAÍS. Em seguida, o traço passou a indicar a ancoragem possível do ato na informação A POBREZA DO ESTADO DO MARANHÃO. Finalmente, esse traço, como mostra a estrutura acima, indica a ancoragem possível do ato na inferência anteriormente apresentada e na informação

⁵⁹ Inferência anteriormente apresentada: Se comandar o crescimento ou o desenvolvimento do país fosse tarefa fácil como Lula e Dirceu pensam, o Maranhão não seria um estado tão pobre e com tantos problemas.

DENÚNCIAS DE CORRUPÇÃO CONTRA O GOVERNADOR J. R. TAVARES. A ordem em que essas diferentes ancoragens do ato (06) foram mostradas não é arbitrária, porque obedece ao grau de saliência na memória discursiva das informações que funcionam como ponto de ancoragem desse ato⁶⁰. Na figura 78, apresentou-se a ancoragem do ato (06) do segundo texto no conceito mais saliente em relação a esse ato (O QUE LULA IMAGINA SOBRE O DESENVOLVIMENTO DO PAÍS), conceito que foi ativado no ato (02) do próprio texto “Sandálias da humildade”. Em seguida, na figura 79, apresentou-se a ancoragem do ato (06) do segundo texto no conceito A POBREZA DO ESTADO DO MARANHÃO, ativado no primeiro texto da seção. Por fim, apresentou-se a ancoragem do ato (06) do segundo texto no conceito DENÚNCIAS DE CORRUPÇÃO CONTRA O GOVERNADOR J. R. TAVARES, ativado em constituintes do primeiro texto que são subordinados em relação aos constituintes que ativam o conceito A POBREZA DO ESTADO DO MARANHÃO.

Com relação aos conceitos incorporados por último ao contexto de interpretação do ato (06) do segundo texto (a inferência anteriormente apresentada e DENÚNCIAS DE CORRUPÇÃO CONTRA O GOVERNADOR J. R. TAVARES), interpreto que entre eles e o conceito DO QUE DEPENDE O CRESCIMENTO BRASILEIRO, correspondente ao propósito do ato (06), existem linhas referenciais que justificam a ancoragem desse ato nesses conceitos. A linha referencial entre DO QUE DEPENDE O CRESCIMENTO BRASILEIRO e a inferência é clara, porque foi a contextualização do ato (06) em informações da memória discursiva que deu origem a essa inferência, tal como descrito na figura 79. Mas a linha referencial entre o propósito do ato (06) e as DENÚNCIAS DE CORRUPÇÃO CONTRA O GOVERNADOR J. R. TAVARES, conceito ativado no primeiro texto, é menos explícita, necessitando, portanto, de um investimento maior de conhecimentos do leitor. A relação entre esses conceitos poderá ser criada, apenas se a opinião de que a corrupção e os desvios de recursos públicos são um obstáculo ao crescimento do país pertencerem aos conhecimentos e crenças do leitor. Caso essa opinião faça parte dos conhecimentos e crenças do leitor, o conceito DENÚNCIAS DE CORRUPÇÃO CONTRA O GOVERNADOR J. R. TAVARES, ativado do primeiro texto da seção, poderá ser selecionado para formar o contexto em que o conceito DO QUE DEPENDE O CRESCIMENTO BRASILEIRO, ativado no segundo texto, será interpretado. A

⁶⁰ O grau de saliência ou de acessibilidade dos pontos de ancoragem de segundo plano do ato (06) do segundo texto da seção foi estudado no item 2.1 deste capítulo.

contextualização desse conceito no conjunto das informações com as quais ele estabelece linhas referenciais permite a produção da seguinte inferência: *O crescimento econômico não depende apenas de Dirceu e de Lula, mas depende principalmente do uso sério e responsável do dinheiro público que é repassado para cada estado. Com o emprego adequado das verbas públicas, será possível investir na malha rodoviária do país, da qual dependem o crescimento brasileiro e a diminuição dos problemas econômicos e sociais de estados pobres como o Maranhão.* Com o auxílio da estrutura em que informações conceituais e informacionais são acopladas, é possível ver que essa inferência é autorizada pela ancoragem possível do propósito ativado pelo ato (06) do segundo texto em um subconjunto de informações da memória discursiva que têm origem no primeiro. Isso significa que o seqüenciamento dos textos nessa seção Brasil viabilizou o surgimento dessa inferência, porque possibilitou que informações ativadas no primeiro texto pudessem se tornar pontos de ancoragem para o segundo.

O fragmento que passo a analisar se constitui dos atos iniciais do terceiro e último texto da seção, intitulado “Uma vitória da parceira tucano-petista”. Esse texto trata do projeto que cria as parcerias público-privadas, as PPPs.

(01) Um acordo fechado na madrugada de 22 de dezembro entre o governo petista e a oposição tucana mostrou ser possível a cooperação suprapartidária na política, (02) a despeito do histórico de fisiologia e de obstrução na relação entre Congresso e presidentes no país. (03) O acordo permitiu a aprovação do projeto que cria as parcerias público-privadas (PPPs), mecanismo no qual o presidente Luiz Inácio Lula da Silva deposita enorme esperança (04) para modernizar a debilitada infra-estrutura brasileira. (05) Num desfecho raro, (06) ► a versão final do projeto concilia o que há de melhor na proposta *do governo* com as melhores sugestões *da oposição*: (07) permite a retomada de obras (08) sem que se estimulem a corrupção e o descontrole de gastos.

A análise da estrutura informacional desse trecho apontou as expressões “o governo” e “a oposição” como traços que indicam a ancoragem necessária do ato em que aparecem, o (06), nas informações “o governo petista” e “a oposição tucana”, cuja origem é o ato (01) desse mesmo trecho. A análise, no entanto, não explicou o que autoriza a ancoragem, porque essa explicação pode ser obtida somente no estudo da organização tópica, com a acoplagem das estruturas informacional e conceitual desse trecho, tal como representada no esquema a seguir.

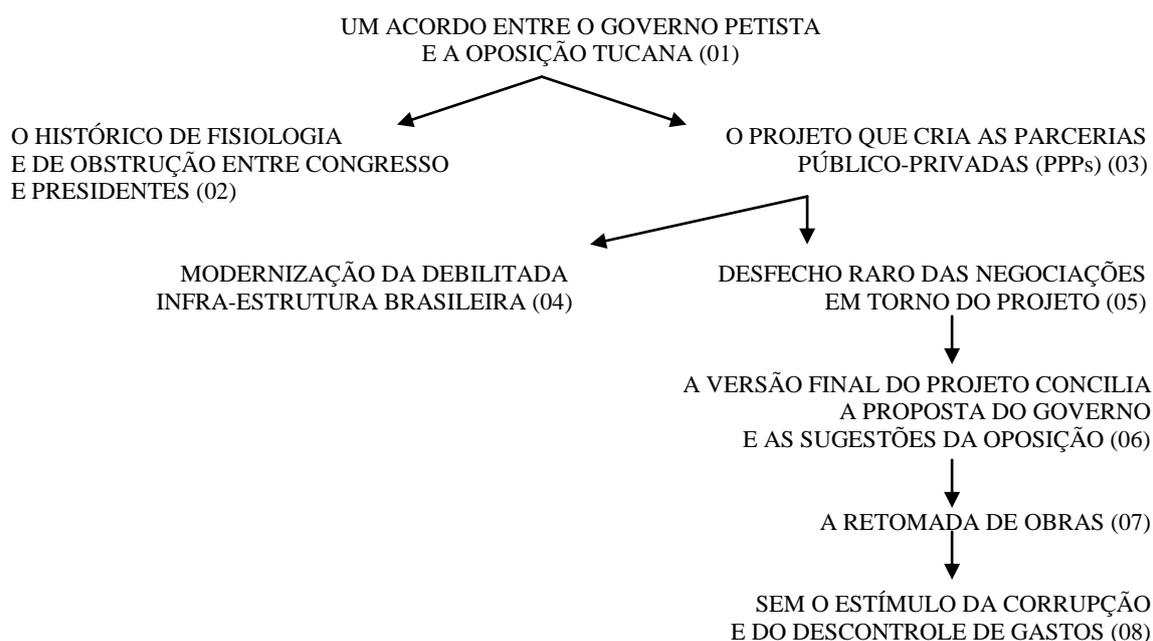


Figura 81: acoplagem das estruturas informacional e conceitual dos atos (01-08) do texto “Uma vitória da parceira tucano-petista”.

Por meio dessa estrutura, é possível perceber que o propósito ativado pelo ato (01) corresponde ao conceito mais alto na hierarquia dos conceitos ativados no trecho inicial do texto “Uma vitória da parceria tucano-petista”. Isso significa que a informação introduzida pelo ato (01) funciona como uma entidade tópica, em relação à qual as demais informações são derivadas. Por funcionar como uma entidade tópica, o conceito UM ACORDO ENTRE O GOVERNO PETISTA E A OPOSIÇÃO TUCANA (01) pode ser descrito como um conceito a que se tem fácil acesso na memória discursiva e ao qual é possível ancorar informações posteriormente introduzidas sem maiores dificuldades. Ainda que a relação entre os conceitos UM ACORDO ENTRE O GOVERNO PETISTA E A OPOSIÇÃO TUCANA (01) e A VERSÃO FINAL DO PROJETO CONCILIA A PROPOSTA DO GOVERNO E AS SUGESTÕES DA OPOSIÇÃO (06) não seja direta, pois os conceitos ativados pelos atos (03) e (05) são intermediários, a versão final do projeto que concilia idéias do governo e da oposição (06) resultou do acordo firmado entre o governo petista e a oposição tucana (01). O estabelecimento dessa linha referencial é necessário à compreensão do texto, porque ela subjaz ao encadeamento do ato (06) em informações ativadas pelo ato (01). Caso não se estabeleça a linha referencial entre os conceitos ativados por esses atos, a construção da relação de correferência entre as expressões “o governo” e “a oposição”,

pertencentes ao ato (06), e as informações “o governo petista” e “a oposição tucana”, introduzidas no ato (01), ficará comprometida.

A análise da estrutura informacional dos oito atos iniciais do terceiro e último texto da seção apontou ainda que as expressões “o governo” e “a oposição” funcionam como traços que indicam a ancoragem possível do ato (06) em que aparecem em informações que foram ativadas no segundo texto da seção. O contexto inicial de interpretação do ato (06) do terceiro texto, composto pela informação ativada no ato (01) do mesmo texto, pode ser enriquecido com a ancoragem do propósito do ato (06) em informações do segundo texto relativas ao governo e à oposição. No segundo texto, intitulado “Sandálias da humildade”, os atos (30-31) ativam a informação de que “o Brasil chegou ao fim do ano com uma taxa anual de expansão econômica acima de 5%, graças a um conjunto de fatores que pouco têm a ver com o governo do PT”. Já os atos (51-55) ativam a informação de que o sucesso do governo do PT na economia se deve à cópia da política inaugurada por FHC, mas que, na área social, “nem sequer copiar o PT conseguiu”. Esses atos do segundo texto, portanto, trazem informações sobre o governo do presidente Lula e sobre a oposição tucana, ao mencionar um de seus principais integrantes, o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso (FHC). Na busca pela explicação do que autoriza o encadeamento do ato (06) do terceiro texto nas informações ativadas pelos atos (30-31) e (51-55) do segundo, procedo à acoplagem das informações de ordem conceitual e informacional envolvidas na interpretação do ato (06) do terceiro texto da seção (“Sandálias da humildade” = (B), “Uma vitória da parceria tucano-petista” = (C)).

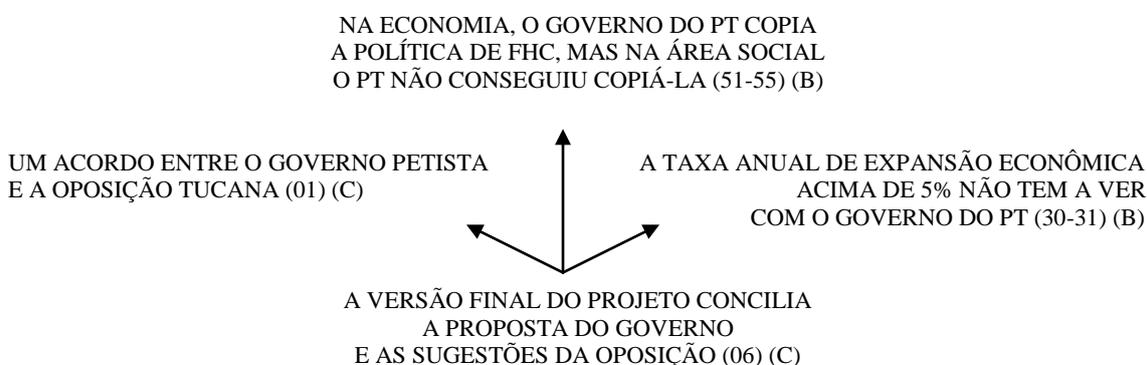


Figura 82: acoplagem das estruturas informacional e conceitual de atos dos textos “Sandálias da humildade” e “Uma vitória da parceria tucano-petista”.

O que busco tornar explícito com a estrutura acima é a relação de causa e consequência que o seqüenciamento ou a ordem de publicação dos dois últimos textos da seção possibilita ao leitor construir. Porque a expansão da economia não tem a ver com o governo petista e porque o sucesso na economia se deve à cópia da política econômica do último governo tucano (informações ativadas no texto “Sandálias da humildade”), o governo petista precisa conciliar sua proposta com as sugestões da oposição tucana para criar o projeto das PPPs, com o qual o presidente Lula pretende modernizar a infraestrutura brasileira (informações ativadas no texto “Uma vitória da parceria tucano-petista”). Embora não haja marcas lingüísticas que explicitem a intenção da revista *Veja* em levar o leitor a construir essa relação, os traços de ponto de ancoragem de segundo plano “o governo” e “a oposição”, pertencentes ao ato (06) do último texto, podem funcionar como “detonadores” do estabelecimento da relação de causa e consequência entre os textos. Esses traços podem desencadear um processo que leve o leitor a reativar em sua memória discursiva informações relativas aos referentes que eles categorizam. No segundo texto da seção, os atos (30-31) e (51-55) são a origem de informações da memória discursiva de que os referentes “o governo” e “a oposição” participam. Essas informações, tal como representado na estrutura, podem vir a ser reativadas para fazer parte do contexto de interpretação do ato (06) do terceiro texto. Assim, ao contextualizar o ato (06) no conjunto das informações em que se encadeia, o leitor pode estabelecer uma linha referencial entre os dois últimos textos da seção, a qual se caracteriza por uma relação de causa e consequência. A percepção de que entre esses textos existe uma relação dessa natureza pode conduzir o leitor a inferir que *o governo do PT não consegue gerir o Brasil sozinho. Por isso, precisa conciliar sua proposta com as sugestões da oposição tucana ou precisa copiar a política de governos tucanos.* A estrutura mostra, portanto, que a produção dessa inferência se deve à possibilidade de informações ativadas no segundo texto serem transformadas em pontos de ancoragem para o propósito do ato (06) do terceiro. O estabelecimento dessa ancoragem pode ser “detonado” pelos traços de ponto de ancoragem presentes no ato (06) do texto “Uma vitória da parceria tucano-petista”, o terceiro texto da seção.

4.2 Seção Brasil do dia 12/01/2005

O texto abaixo é um fragmento do segundo texto da seção, intitulado “Turma do barulho”. Nele, Marta Suplicy é apresentada como a líder de um grupo de políticos do PT, que vem desafiando a direção nacional do partido.

(28) ► Lula tem tolerado *as rebeldias de Marta e sua turma*. (29) Em público, (30) ela diz que o “espírito democrático” do presidente Lula lhe permite discordar de certas orientações partidárias. (31) Intimamente, (32) ► não teme desafiar *Brasília*, (33) porque sabe que, a despeito da vontade inicial e do peso político do presidente e de seu grupo, será da burocracia do PT a definição do nome do candidato do partido ao governo paulista em 2006.

O estudo da estrutura informacional desse trecho apontou a existência de dois traços de ponto de ancoragem. O primeiro se constitui da expressão “as rebeldias de Marta e sua turma”, pertencente ao ato (28), e o segundo se constitui da expressão “Brasília”, pertencente ao ato (32). Nesta etapa da análise, em que se buscam explicações para as ancoragens e para as inferências que delas podem surgir, estudo primeiramente a atuação do traço “as rebeldias de Marta e sua turma”.

Como exposto na análise informacional do ato (28), o traço “as rebeldias de Marta e sua turma” indica a ancoragem necessária desse ato em informações que têm origem em porções do co-texto. Foi dito que o traço atua como expressão sumarizadora das informações contidas nessas porções, isto é, que ele sumariza ou rotula informações de partes do co-texto que o precedem, estabelecendo um novo referente, com o qual o texto progride. As partes do texto cujo conteúdo informacional foi sumarizado compreendem os atos (04-07) e (19-27). Com os atos (04-07), o autor do texto “Turma do barulho” diz que, ao apoiarem o candidato dos tucanos Roberto Trípoli à presidência da Câmara dos Vereadores de São Paulo, os políticos liderados por M. Suplicy deram nova mostra de rebeldia. Com os atos (19-27), o autor do mesmo texto descreve três das atitudes que, segundo ele, revelam a intenção de M. Suplicy e de seu grupo de “infernizar a comunidade”: quando prefeita de São Paulo, ela (i) não pagou uma dívida vencida de 145 milhões de reais com o Tesouro Nacional; (ii) deixou no caixa da prefeitura apenas 16.000 reais para o seu sucessor começar a nova administração; e (iii) decidiu não reconhecer uma dívida de um bilhão de reais do município. Na estrutura abaixo, informações de ordem conceitual e informacional são acopladas, a fim de se

encontrarem as linhas referenciais subjacentes ao texto que explicam a ancoragem necessária do propósito do ato (28) em porções do co-texto, ancoragem marcada pelo traço “as rebeldias de Marta e sua turma”.

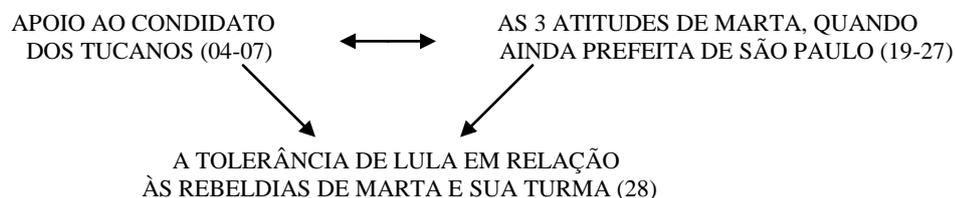


Figura 83: acoplagem das estruturas informacional e conceitual de atos do texto “Turma do barulho”.

Segundo Koch (2006, p. 94), a sumarização é um caso de anáfora “complexa”, porque não nomeia um referente específico, “mas referentes textuais abstratos, como estado, fato, evento, atividade, questão, etc”. Ainda segundo a autora, a seleção do nome-núcleo da expressão sumarizadora é efetuada a partir das proposições que veiculam as informações sumarizadas. No caso em análise, a escolha pelo autor do traço “as rebeldias de Marta e sua turma” sofre restrições do mundo construído referencialmente por meio do texto. Ao apresentar o grupo de Marta Suplicy e a cúpula petista como antagonistas políticos (*o grupo (...) vem há tempos desafiando a direção nacional do partido* (ato 03)) e ao categorizar os integrantes do grupo como *rebeldes* (*a atitude dos rebeldes irritou a cúpula petista* (ato 08)), o autor instaura a possibilidade de se nomearem as ações do grupo de políticos (atos 04-07/19-27) como “as rebeldias de Marta e sua turma” e cria, ao mesmo tempo, as condições necessárias para o leitor reconhecer que as rebeldias são as ações mencionadas no co-texto. Disso decorre que a seleção do traço “as rebeldias de Marta e sua turma” não é aleatória, porque ele explicita o ponto de vista do autor, segundo o qual as informações ativadas pelos atos (04-07) e (19-27) são rebeldias contra o PT. Em outros termos, a maneira como o autor ancora o ato (28) nas informações ativadas em porções do co-texto, empregando o traço de ponto de ancoragem considerado, manifesta, por efeito retroativo, a sua compreensão e o tratamento que ele reserva ao que foi dito. A estrutura acima visa exatamente a reconstruir esse percurso interpretativo, o qual foi realizado na tentativa de compreender o ponto de vista do produtor do texto: após mencionar as ações praticadas pelos políticos liderados por Marta Suplicy, o autor pode sumariá-las por meio da expressão

“as rebeldias de Marta e sua turma”, porque, para ele, essas ações constituem rebeldias contra o partido a que os políticos pertencem.

A análise informacional do ato (28) do segundo texto da seção mostrou ainda que o traço “as rebeldias de Marta e sua turma” pode indicar a ancoragem possível desse ato em informações da memória discursiva com origem no primeiro texto da seção, o qual se intitula “Por que eles querem presidir a Câmara”. Mais especificamente, essas informações foram ativadas pelos atos (67-70), nos quais o autor do primeiro texto diz que o deputado V. Guimarães se rebelou contra a vontade da cúpula petista de que L. E. Greenhalgh seja o candidato do PT ao cargo de presidente da Câmara dos Deputados. Nas palavras do autor, “(67) Até então favorito para o cargo, (68) o mineiro Virgílio, que foi relator da reforma tributária e já dividiu um apartamento com o então deputado Lula durante a Constituinte, se rebelou (69) e afirma que levará sua candidatura até o fim. (70) Ele não se conforma por ter sido vetado pelo Planalto e por Lula”. A estrutura abaixo visa a explicitar o percurso interpretativo, por meio do qual se opera a ancoragem do propósito do ato (28) do segundo texto da seção em pontos de ancoragem da memória discursiva (“Por que eles querem presidir a Câmara” = (A), “Turma do barulho” = (B)).

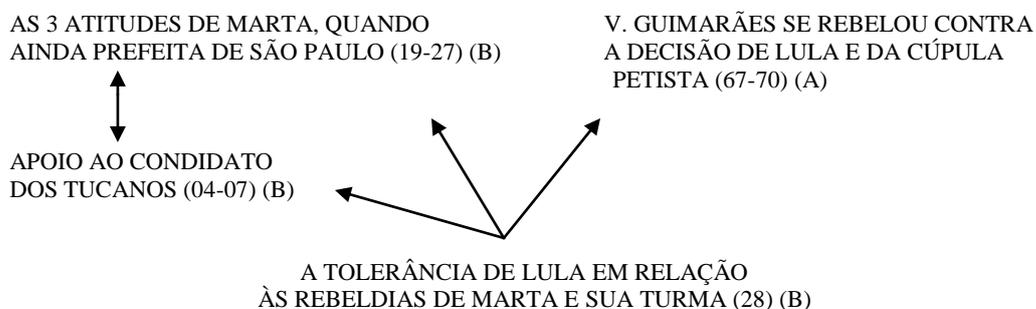


Figura 84: acoplagem das estruturas informacional e conceitual de atos dos textos “Por que eles querem presidir a Câmara” e “Turma do barulho”.

Tanto o ato (28) do segundo texto quanto os atos (67-70) do primeiro apresentam atitudes de insubordinação de políticos do PT (M. Suplicy e sua turma e V. Guimarães) para com Lula e em ambos os textos não se atribuem a Lula reações que busquem conter tais atitudes de insubordinação. A ancoragem possível do ato (28) do segundo texto em informações do primeiro texto parece se explicar, então, pela semelhança das

situações em que os mesmos referentes – políticos do PT e Lula – são representados: M. Suplicy e sua turma e V. Guimarães são políticos do PT cujas atitudes vão contra as determinações de Lula. É interessante notar que as atitudes dos políticos que se rebelam contra as determinações do partido são denotadas, nos dois textos, por palavras de mesmo radical: a palavra “rebeldias” no traço de ponto de ancoragem do ato (28) do segundo texto se refere às atitudes de Marta e sua turma, enquanto a palavra “rebelou” no ato (68) do primeiro texto se refere à atitude de V. Guimarães. A presença desses itens lexicais no traço de ponto de ancoragem e na origem do ponto de ancoragem parece reforçar a hipótese já apresentada de que o traço pode funcionar como o “detonador” de um percurso inferencial de que participam informações dos dois primeiros textos da seção em análise. Ativar informações sobre as *rebeldias* do grupo de Marta contra Lula (informações pertencentes ao segundo texto da seção) pode desencadear um trabalho de reativação de informações recentemente estocadas na memória discursiva sobre outros políticos que também se *rebelaram* contra Lula (informações pertencentes ao primeiro texto da mesma seção). Dessa forma, a ancoragem se explica pela possibilidade de o leitor encadear ou contextualizar uma informação que se encontra ativa numa informação semi-ativa da memória discursiva, entre as quais o leitor percebe uma relação de semelhança ou de analogia. Essa relação, que subjaz aos textos envolvidos, pode conduzir à produção de uma inferência semelhante a esta: *Lula é tolerante com os políticos do PT que se rebelam contra as determinações partidárias, porque permite que V. Guimarães leve a sua candidatura até o fim e porque não toma providências contra as atitudes de Marta e sua turma.*

Retomo a seguir os atos (28-33) do segundo texto da seção, para estudar a atuação do outro traço de ponto de ancoragem detectado nesse trecho: a expressão “Brasília” no ato (32).

(28) Lula tem tolerado as rebeldias de Marta e sua turma. (29) Em público, (30) ela diz que o “espírito democrático” do presidente Lula lhe permite discordar de certas orientações partidárias. (31) Intimamente, (32) ► não teme desafiar *Brasília*, (33) porque sabe que, a despeito da vontade inicial e do peso político do presidente e de seu grupo, será da burocracia do PT a definição do nome do candidato do partido ao governo paulista em 2006.

No estudo da estrutura informacional do ato (32), foi dito que “Brasília” funciona como traço que indica a ancoragem necessária desse ato na informação “o presidente Lula”, ativada no ato (30). Essa ancoragem é necessária, porque apenas com a sua realização o leitor compreenderá que, para o autor do texto, o que M. Suplicy não teme desafiar é o presidente Lula. Na busca pela explicação do que autoriza essa ancoragem, proponho no esquema a seguir a acoplagem das estruturas informacional e conceitual do trecho formado pelos atos (28-33) do segundo texto.

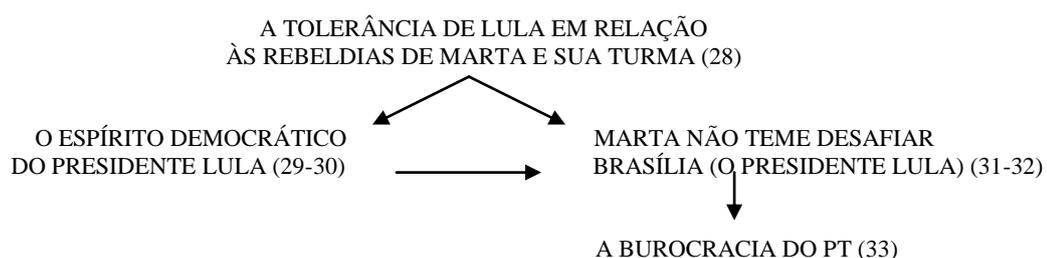


Figura 85: acoplagem das estruturas informacional e hierárquico-relacional dos atos (28-33) do texto “Turma do barulho”.

Nessa estrutura, verifica-se que o conceito correspondente ao propósito do ato (28) tem o estatuto de primitivo em relação aos demais, o que significa que a informação A TOLERÂNCIA DE LULA EM RELAÇÃO ÀS REBELDIAS DE MARTA E SUA TURMA atua como uma entidade tópica, da qual todas as demais informações do fragmento em análise são derivadas. O estatuto primitivo do conceito ativado pelo ato (28) permite que se faça a seguinte constatação: a ancoragem do ato (32) na informação “o presidente Lula” pode se justificar tanto com a descrição da estrutura informacional, quanto com a descrição da estrutura conceitual. Sob o ponto de vista da estrutura informacional, o traço “Brasília” pode indicar a ancoragem do ato (32) na informação “o presidente Lula”, ativada no ato (30), tendo em vista a recente estocagem dessa informação na memória discursiva. Aqui, utiliza-se o critério da proximidade entre o ato e a origem do seu ponto de ancoragem. Sob o ponto de vista da estrutura conceitual, o traço “Brasília” pode indicar a ancoragem do ato (32) na informação “Lula”, ativada no ato (28), tendo em vista o fato de que essa informação faz parte do conceito que funciona como entidade tópica de todo o trecho em análise. Aqui, utiliza-se o critério da saliência ou importância referencial do conceito. Essas observações conduzem à constatação de que, sob qualquer ponto de vista que se analise o ato (32), a ancoragem desse ato no referente

“Lula” não exige grandes esforços por parte do leitor, uma vez que o ponto de ancoragem é de fácil acesso na memória discursiva.

Entretanto, para que “Brasília” indique a ancoragem do ato (32) no referente “Lula” não basta apenas que esse referente constitua uma informação de grande acessibilidade. É preciso ainda que o leitor mobilize as informações de seu conhecimento enciclopédico de que Brasília é a sede do governo federal e de que ela é, portanto, a cidade onde reside o presidente da República. Somente com a seleção dessas informações será possível compreender a relação metonímica proposta pelo autor entre Brasília e o presidente Lula e será possível compreender, em conseqüência, que o que Marta não teme desafiar é o presidente Lula e não a capital federal. A acoplagem das estruturas informacional e conceitual dos atos (28-33) permite observar que, no estudo do ato (32), a percepção da relação metonímica entre Brasília e o presidente Lula depende do percurso de interpretação realizado pelo leitor, porque depende do estabelecimento de linhas referenciais entre conceitos, as quais são subjacentes ao texto. Esse é um exemplo claro de que, muitas vezes, a compreensão de um texto e, mais especificamente, de expressões referenciais requer do leitor um raciocínio metonímico. Conforme Coscarelli (1999, p. 89), “a metonímia é uma parte fundamental do nosso sistema conceitual. É através dela que as pessoas tomam um aspecto facilmente perceptível ou bem compreendido de alguma coisa para representar a coisa toda. Nossa habilidade de tratar pessoas, objetos e eventos metonimicamente fornece a base para a maneira como pensamos e fazemos inferências”. No exemplo de análise, o autor, provavelmente se eximindo da responsabilidade ou dos riscos de dizer “Marta não tema desafiar o presidente Lula”, opta pela expressão “Brasília”, porque conta com a capacidade do leitor de reativar a informação “o presidente Lula” ao processar o nome da capital federal.

O estudo da estrutura informacional do ato (32) do segundo texto da seção mostrou ainda que a expressão “Brasília” pode funcionar como traço que indica a ancoragem possível desse ato numa informação da memória discursiva, a qual tem origem nos atos (67-70) do primeiro texto, apresentados anteriormente. Como já exposto, os atos (67-70) tratam da decisão de V. Guimarães de continuar na disputa pelo cargo de presidente da Câmara dos Deputados, independentemente da vontade de Lula e da cúpula petista de que o candidato do PT ao cargo seja L. E. Greenhalgh. Nesta etapa da análise,

proponho a acoplagem de informações de ordem conceitual e informacional, a fim de explicar o percurso interpretativo que conduz à ancoragem do ato (32) do segundo texto em informações da memória discursiva e à produção de uma inferência (“Por que eles querem presidir a Câmara” = (A), “Turma do barulho” = (B)).

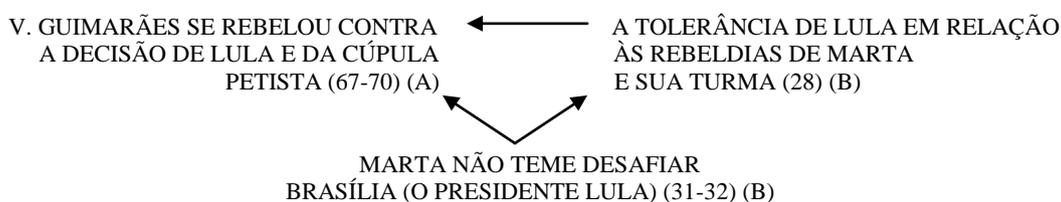


Figura 86: acoplagem das estruturas informacional e conceitual de atos dos textos “Por que eles querem presidir a Câmara” e “Turma do barulho”.

Com o percurso interpretativo esquematizado na estrutura acima, é possível fazer algumas observações importantes. A primeira delas diz respeito ao fato de que a informação com origem no primeiro texto – V. GUIMARÃES SE REBELOU CONTRA A DECISÃO DE LULA E DA CÚPULA PETISTA – é incorporada ao contexto de interpretação do ato (32) do segundo texto, constituído inicialmente apenas pela informação ativada no ato (28), também pertencente ao segundo texto. Como se viu, o referente “Lula”, ativado no ato (28), constitui o ponto de ancoragem em que o ato (32) necessariamente se ancora por meio da relação metonímica entre “Brasília” e “Lula”. Uma segunda observação que a estrutura acima permite fazer diz respeito à relação de derivação entre os conceitos A TOLERÂNCIA DE LULA EM RELAÇÃO ÀS REBELDIAS DE MARTA E SUA TURMA e V. GUIMARÃES SE REBELOU CONTRA A DECISÃO DE LULA E DA CÚPULA PETISTA. A análise do ato (28) do segundo texto e das informações em que ele se ancora, esquematizada na figura 84, mostrou que parte dessas informações tem origem nos atos (67-70) do primeiro texto. Essa análise mostrou ainda que entre as informações do ato (28) e as dos atos (67-70) é possível ao leitor estabelecer uma relação de semelhança ou de analogia. Como as informações ativadas pelos atos (28) do segundo texto e (67-70) do primeiro fazem parte do contexto de interpretação do ato (32) do segundo texto, a relação ou a linha referencial que une essas informações também é incorporada ao contexto de interpretação do ato (32). Assim, contextualizar esse ato no conjunto das informações em que ele se ancora pode conduzir o leitor à realização do seguinte percurso inferencial: *se M. Suplicy e V. Guimarães se rebelam contra as determinações de Lula e*

do PT, é porque não só M. Suplicy, mas também V. Guimarães não temem desafiar o presidente Lula. O esquema acima é a representação desse percurso inferencial, percurso que subjaz aos textos envolvidos.

O fragmento que será analisado a seguir é formado pelos atos (17-22) do terceiro texto da seção, cujo título é “Gorda gente brasileira”. Nesse texto, faz-se uma comparação entre os números de uma pesquisa do IBGE e os do programa Fome Zero a respeito da quantidade de brasileiros que passam fome.

(17) Durante a campanha que o levaria à Presidência, (18) Lula repetiu os números que lhe foram passados pelos assessores. (19) Informava ao país que havia 53 milhões de brasileiros com fome. (20) Seus subordinados ligados ao Fome Zero lambuzavam-se deliciosamente nessa escandalosa multidão de famintos. (21) Em dezembro passado, (22) ► saiu uma pesquisa do IBGE que desmente o *Fome Zero*.

Ao se analisar o ato (22) do fragmento acima sob o ângulo de sua estrutura informacional, constatou-se que a expressão “o Fome Zero” pode funcionar como um traço que indica a ancoragem do ato de que participa em duas informações com origem nesse mesmo trecho. A primeira informação tem origem no ato (20) e é categorizada por meio da expressão “o Fome Zero”. Nessa primeira ancoragem, o traço de ponto de ancoragem e a informação da memória discursiva são verbalizados por meio da mesma expressão referencial: “o Fome Zero”. Essa ancoragem é necessária para a compreensão do texto, pois da sua realização depende o estabelecimento da anáfora correferencial entre o traço “o Fome Zero” (ato 22) e a informação “o Fome Zero” (ato 20). Já a segunda informação ativada no trecho transcrito acima em que o ato (22) pode se ancorar tem origem no ato (18) e é categorizada por meio da expressão “Lula”. Como exposto no capítulo anterior, essa é uma ancoragem possível e não necessária, porque a compreensão do ato (22) independe dela. Porém, caso a informação “Lula” seja selecionada para fazer parte do contexto de interpretação do ato (22), haverá a possibilidade de se inferir que, se Lula, em sua campanha à presidência, repetiu os números passados pelos assessores ligados ao Fome Zero, a pesquisa do IBGE desmente não só os números do Fome Zero, mas desmente ainda a própria fala de Lula sobre o número de brasileiros que passam fome: “(21) Em dezembro passado, (22) saiu uma pesquisa do IBGE que desmente o Fome Zero”, ou seja, saiu uma pesquisa do IBGE que desmente os números do Fome Zero utilizados por Lula durante a campanha presidencial.

Essas constatações foram feitas no capítulo anterior, com a análise da estrutura informacional do ato (22). Nesta etapa, buscando evidências de natureza conceitual que expliquem as duas ancoragens mencionadas, procedo à acoplagem das estruturas informacional e conceitual do fragmento do terceiro texto da seção. Essa acoplagem pode ser visualizada na figura abaixo.

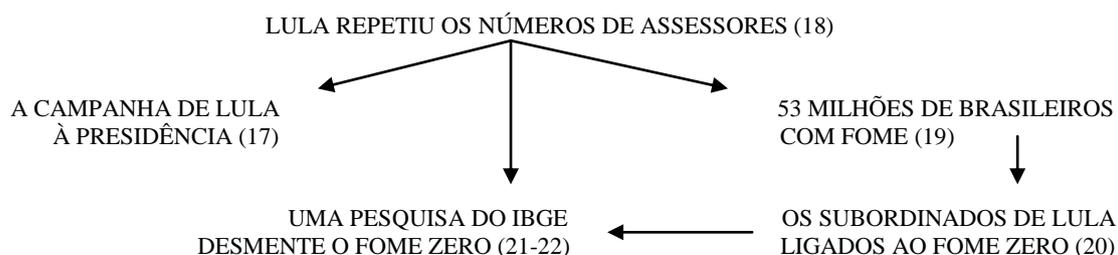


Figura 87: acoplagem das estruturas informacional e conceitual dos atos (17-22) do texto “Gorda gente brasileira”.

Nessa estrutura, representam-se os conceitos ativados ao longo da leitura dos atos (17-22), bem como as relações de derivação existentes entre esses conceitos. Focalizando minha atenção no conceito UMA PESQUISA DO IBGE DESMENTE O FOME ZERO, correspondente aos propósitos dos atos (21-22), interpreto que a ancoragem necessária do ato (22) na informação “o Fome Zero”, ativada no ato (20), se explica pela relação direta de derivação existente entre os conceitos OS SUBORDINADOS DE LULA LIGADOS AO FOME ZERO (20) e UMA PESQUISA DO IBGE DESMENTE O FOME ZERO (21-22). Essa relação de derivação indica que entre os conceitos existe uma linha referencial que assegura o estabelecimento da correferência entre o traço de ponto de ancoragem e o ponto de ancoragem, ambos categorizados no discurso pela expressão “o Fome Zero”.

Interpreto ainda que a ancoragem possível do ato (22) na informação “Lula”, ativada no ato (18), se explica pelo fato de que essa informação faz parte do conceito LULA REPETIU OS NÚMEROS DE ASSESSORES (18), a qual atua como uma entidade tópica de que todos os outros conceitos são derivados. A importância referencial desse conceito pode justificar a ancoragem do ato (22) no referente “Lula”. A linha referencial que une os conceitos ativados pelos atos (18) e (21-22) indica a realização de um percurso interpretativo, segundo o qual a pesquisa do IBGE desmente a fala de Lula, porque desmente os

números do Fome Zero utilizados por ele em sua campanha à presidência. Esse percurso indica que o referente “Lula” foi selecionado para fazer parte do contexto de interpretação do ato (22), o que pode levar à produção da inferência: *a pesquisa do IBGE sobre o número de brasileiros que passam fome desmente o número apresentado por aqueles que cuidaram do programa Fome Zero. Como os números do Fome Zero foram usados por Lula na campanha presidencial, conclui-se que a pesquisa do IBGE desmente parte da fala de Lula.*

A análise da estrutura informacional do ato (22), realizada no capítulo anterior, mostrou também que a expressão “o Fome Zero” pode funcionar como o traço da ancoragem possível do ato (22) em outras duas informações da memória discursiva. Essas informações têm origem em fragmentos dos dois primeiros textos da seção, já apresentados anteriormente. O primeiro deles, formado pelos atos (67-70) do primeiro texto, trata de V. Guimarães e de sua atitude de insubordinação contra uma decisão de Lula e da cúpula petista. O segundo fragmento, formado pelos atos (28-33) do segundo texto, trata das rebeldias de Marta e de sua turma contra as determinações do PT e de Lula. No capítulo anterior, foi dito que, caso o leitor ancore o ato (22) do terceiro texto no referente “Lula”, originário do ato (18) desse mesmo texto, o leitor poderá reativar informações de outros textos da seção de que o referente “Lula” participa, como aquelas contidas nos atos (67-70) e (28-33) do primeiro e do segundo textos, respectivamente.

Na tentativa de representar e explicar o percurso de leitura em que informações com origem nos dois primeiros textos da seção são reativadas, procedo à acoplagem das estruturas informacional e conceitual do ato (22) e dos pontos de ancoragem desse ato na memória discursiva (“Por que eles querem presidir a Câmara” = (A), “Turma do barulho” = (B), “Gorda gente brasileira” = (C)).

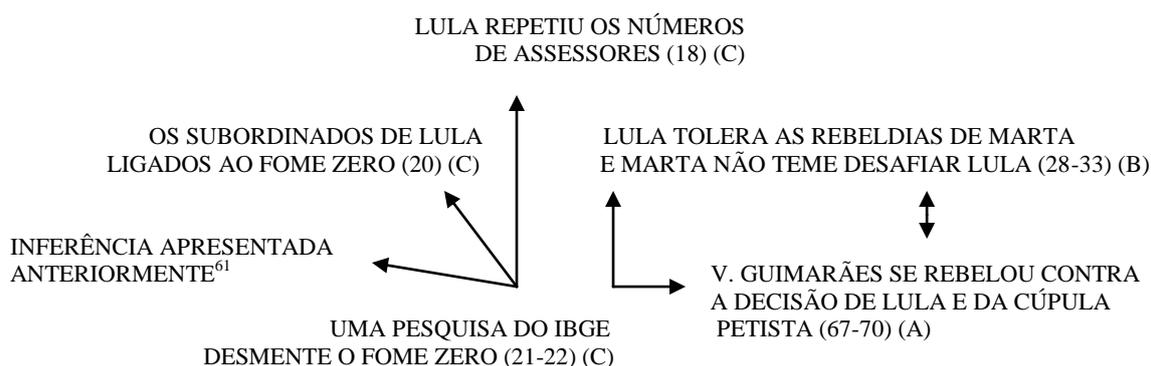


Figura 88: acoplagem das estruturas informacional e conceitual de atos dos textos “Por que eles querem presidir a Câmara”, “Turma do barulho” e “Gorda gente brasileira”.

Esse esquema representa as linhas referenciais subjacentes à ancoragem do ato (22) do terceiro texto da seção em diversas informações da memória discursiva. Nele, explicita-se o percurso de interpretação por meio do qual a informação ativada pelo ato (22) foi contextualizada num amplo conjunto de informações. Como o processo de ancoragem do ato (22) do terceiro texto em informações desse mesmo texto já foi descrito, trato agora da ancoragem possível desse ato em informações dos dois primeiros textos da seção.

Na figura 87, representou-se um percurso interpretativo, segundo o qual o referente “Lula”, ativado no propósito do ato (18) do terceiro texto, pode constituir um ponto de ancoragem do ato (22) do mesmo texto, podendo, assim, ser integrado ao seu contexto de interpretação. Levando em conta esse percurso, interpreto que as informações sobre as atitudes de rebeldia que *Lula* vem enfrentando por parte de políticos do seu partido podem ser reativadas, para fazer parte do contexto de interpretação do conceito UMA PESQUISA DO IBGE DESMENTE O FOME ZERO, ativado nos atos (21-22) do terceiro texto. A razão disso é que, uma vez que o ato (22) se ancorou no referente “Lula”, é possível a ancoragem desse ato em informações que tratem desse referente ou de situações em que ele se encontre representado. Os atos (67-70) do primeiro texto e os atos (28-33) do segundo representam *Lula* em situações semelhantes – ambas as passagens abordam a

⁶¹ Inferência apresentada anteriormente: a pesquisa do IBGE sobre o número de brasileiros que passam fome desmente o número apresentado por aqueles que cuidaram do programa Fome Zero. Como os números do Fome Zero foram usados por Lula na campanha presidencial, conclui-se que a pesquisa do IBGE desmente parte da fala de Lula.

insubordinação de políticos do PT para com Lula⁶². Por essa razão, o traço “o Fome Zero” do ato (22) do terceiro texto, ao indicar a ancoragem desse ato em *Lula*, possibilita a reativação de informações da memória discursiva sobre Lula, originárias dos dois primeiros textos da seção, provocando, conseqüentemente, a contextualização do ato a que pertence no contexto das informações reativadas. Como resultado dessa contextualização, pode-se obter a inferência: *durante a campanha presidencial, Lula se valeu de números sobre a quantidade de famintos que, algum tempo depois, foram desmentidos por uma pesquisa do IBGE. E hoje, após ter conseguido se eleger presidente, Lula enfrenta atos de rebeldia por parte de políticos de seu partido.*

O fragmento reproduzido abaixo se constitui dos cinco atos iniciais do quarto texto da seção. Esse texto, cujo título é “Tem até antimíssil”, basicamente apresenta as características do novo avião presidencial.

(01) A fotografia que ilustra esta reportagem foi feita em Dallas, no Texas, no mês passado. (02) É a primeira imagem do novo avião do presidente Lula a ser divulgada desde que ele ficou pronto. (03) O jato, salvo algum imprevisto técnico, aterrissa no Brasil nesta semana. (04) ► A aeronave, fabricada pela Airbus na Alemanha, vai substituir o *Boeing 707*, conhecido como *Sucatão*, (05) que hoje é usado pelo presidente em suas viagens internacionais.

No estudo da estrutura informacional do ato (04) desse trecho, foi dito que a expressão “o Boeing 707, conhecido como Sucatão” funciona como um traço que indica a ancoragem necessária desse ato num pressuposto. Conforme exposto no capítulo anterior, a informação “o novo avião do presidente Lula”, cuja origem é o ato (02), pode motivar a realização de um cálculo inferencial, segundo o qual, se digo que a fotografia que ilustra a reportagem é a primeira imagem do novo avião do presidente Lula (propósito do ato (02)), é porque há um antigo avião presidencial. A ancoragem do ato (04) na informação de que há um antigo avião presidencial ocorre, porque essa informação preenche ou “satura” referencialmente a expressão “o Boeing 707, conhecido como Sucatão”. Ao se acoplarem as estruturas informacional e conceitual do trecho acima, é possível visualizar as informações ativadas durante a realização dessa ancoragem, bem como as linhas referenciais que as unem.

⁶² A linha referencial que une por uma relação de semelhança as informações ativadas nos atos (67-70) do primeiro texto e nos atos (28-33) do segundo foi representada na figura 84.

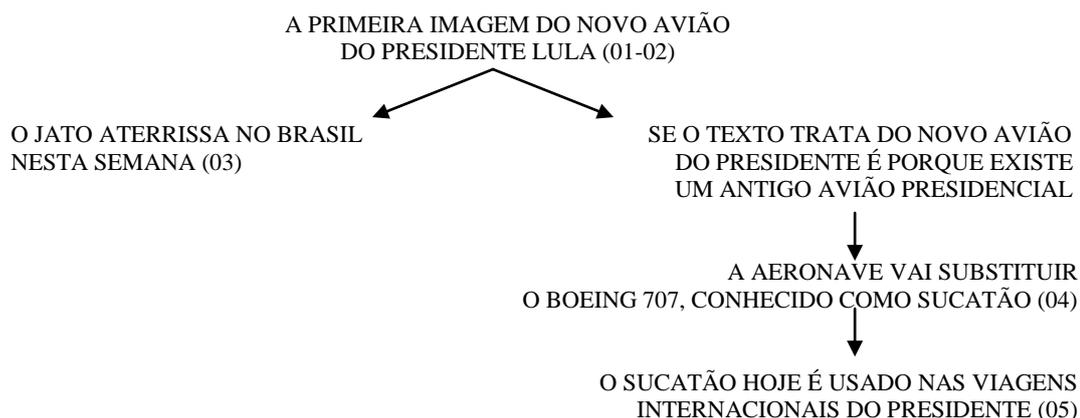


Figura 89: acoplagem das estruturas informacional e conceitual dos atos (01-05) do texto “Tem até antimíssil”.

O que a estrutura acima visa a explicitar é que o ponto de ancoragem em que o ato (04) necessariamente se ancora não tem sua origem no co-texto, ou seja, a informação em que esse ato se ancora não foi ativada no propósito de um ato anteriormente introduzido. Ao contrário, a informação de que há um antigo avião presidencial, ponto de ancoragem do ato (04), constitui uma inferência derivada do processamento do propósito do ato (02): *a fotografia apresenta a primeira imagem do novo avião do presidente Lula*. O propósito do ato (02) possibilita, portanto, o surgimento da inferência que atua como o ponto de ancoragem do ato (04) de que a expressão “o Boeing 707, conhecido como Sucatão” é o traço. A forma como esse traço indica o ponto de ancoragem parece corresponder à atividade referencial em que “informações expressas no texto antes da entrada do referente novo ou conhecimentos estabilizados em esquemas cognitivos armazenados na memória possibilitam a inferência da referência anafórica” (Jubran, 2005, p. 229). A informação que é expressa no texto antes da entrada do referente novo e que possibilita a inferência da referência anafórica seria o propósito do ato (02), ao passo que o referente novo seria verbalizado pela expressão anafórica “o Boeing 707, conhecido como Sucatão”. Por esse motivo, os conceitos A PRIMEIRA IMAGEM DO NOVO AVIÃO DO PRESIDENTE LULA (01-02) e A AERONAVE VAI SUBSTITUIR O BOEING 707, CONHECIDO COMO SUCATÃO (04) não derivam diretamente um do outro, sendo mediados pelo conceito SE O TEXTO TRATA DO NOVO AVIÃO DO PRESIDENTE É PORQUE EXISTE UM ANTIGO AVIÃO PRESIDENCIAL.

No estudo da estrutura informacional do ato (04) do quarto texto da seção, foi dito ainda que o traço “o Boeing 707, conhecido como Sucatão” indica a ancoragem possível do ato em que aparece em outras duas informações da memória discursiva, com origem em diferentes textos da mesma seção Brasil. A primeira dessas informações foi ativada nos atos (46-50) do primeiro texto, os quais apresentam as razões por que, segundo o autor, tantos deputados disputam o cargo de presidente da Câmara dos Deputados: “(46) A Câmara tem números gigantescos (47) e oferece uma vida bem melhor a seu presidente do que aos outros 512 ocupantes da Casa. (48) O orçamento anual é de 2,3 bilhões de reais, valor superior à arrecadação de todos os municípios brasileiros, (49) com exceção de São Paulo e do Rio de Janeiro. (50) A residência oficial do presidente fica num terreno de 9.000 metros quadrados, à beira do lago Paranoá”. Com o esquema a seguir, acredito ser possível justificar a ancoragem do propósito do ato (04) do quarto texto nas informações estocadas na memória discursiva, quando da leitura dos atos (46-50) do primeiro, assim como a inferência que pode resultar dessa ancoragem (“Por que eles querem presidir a Câmara” = (A), “Tem até antimíssil” = (D)).

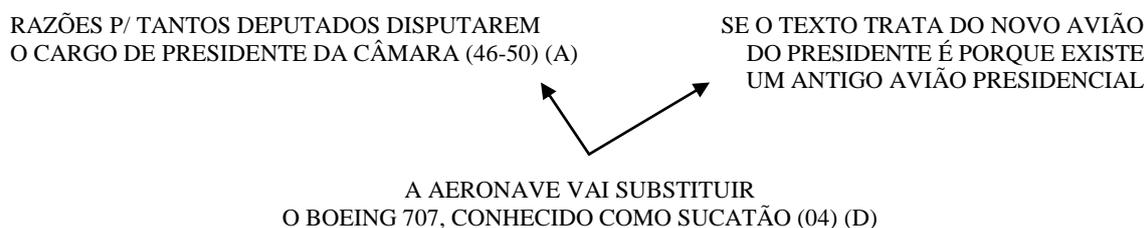


Figura 90: acoplagem das estruturas informacional e conceitual de atos dos textos “Por que eles querem presidir a Câmara” e “Tem até antimíssil”.

Esse esquema representa um percurso de interpretação, segundo o qual é possível estabelecer uma linha referencial entre o conceito RAZÕES P/ TANTOS DEPUTADOS DISPUTAREM O CARGO DE PRESIDENTE DA CÂMARA, correspondente aos propósitos dos atos (46-50) do primeiro texto, e o conceito A AERONAVE VAI SUBSTITUIR O BOEING 707, CONHECIDO COMO SUCATÃO, correspondente ao propósito do ato (04) do quarto texto. Nos atos (46-50), a “boa vida” do presidente da Câmara diz respeito a vantagens de ordem material (o valor do orçamento anual da Câmara e o luxo da residência oficial do presidente) que podem ser usufruídas pelo ocupante do cargo. No ato (04), o Boeing 707, conhecido como Sucatão, vai ser substituído pelo “novo avião do presidente Lula”, uma aeronave “fabricada pela Airbus na Alemanha”. No primeiro texto, a possibilidade

de administrar um orçamento anual de 2,3 bilhões de reais e de viver numa residência luxuosa é apresentada explicitamente por seu autor como atrativos que justificam o interesse de tantos deputados pelo cargo de presidente da Câmara: “(63) Com tantos atrativos, (64) é natural que não faltem interessados em ocupar a cadeira de presidente”. No quarto texto, por outro lado, a substituição do antigo avião por um novo não é apresentada explicitamente pelo autor do texto como um atrativo ou uma vantagem própria do cargo de presidente da República. Entretanto, se se atentar para as expressões referenciais utilizadas para categorizar ambos os aviões nos cinco primeiros atos do quarto texto, percebe-se que a argumentação do autor é construída com o objetivo de fazer crer que substituir o antigo avião por um novo é uma vantagem específica do cargo de presidente da República. Enquanto o antigo avião presidencial é categorizado uma única vez e por meio da expressão “o Boeing 707, conhecido como Sucatão”, o novo avião é categorizado por meio das expressões “o novo avião do presidente Lula”, “ele”, “o jato” e “a aeronave”. A primeira expressão, ao trazer o adjunto “do presidente Lula” como modificador do SN “o novo avião”, faz mais do que simplesmente retomar um referente já estocado na memória discursiva. Por meio dessa expressão, o autor diz que o novo avião apresentado na imagem que ilustra a reportagem é o novo avião *do presidente Lula*. Uma vez que a informação de que aviões oficiais pertencem à Força Aérea Brasileira (FAB) e não a determinado presidente pode fazer parte dos seus conhecimentos, o leitor pode inferir que, do ponto de vista do autor, se o novo avião não pertence a Lula, pelo menos a idéia de substituir o antigo avião por um novo partiu dele. Além disso, as duas últimas expressões que categorizam o novo avião não retomam um referente introduzido anteriormente de forma neutra, porque acrescentam ao novo avião presidencial outras propriedades, como modernidade (“a aeronave”), velocidade (“o jato”), etc.

Dessa maneira, a linha referencial que une os conceitos ativados pelos atos (46-50) do primeiro texto e pelo ato (04) do quarto representa um percurso de interpretação. Segundo esse percurso, se, para o autor do primeiro texto, administrar um orçamento de 2,3 bilhões de reais e viver numa residência luxuosa são vantagens de que apenas o presidente da Câmara pode usufruir, trocar o Sucatão por uma aeronave moderna e fabricada na Alemanha também é, para o autor do quarto texto, uma vantagem própria de quem ocupa o cargo de presidente da República. É o estabelecimento dessa linha referencial, subjacente aos textos em questão, que justifica a ancoragem do traço “o

Boeing 707, conhecido como Sucatão” nas informações ativadas pelos atos (46-50) do primeiro texto e que torna possível, conseqüentemente, a realização da inferência: *deputados petistas, como V. Guimarães e L. E. Greenhalgh, disputam a presidência da Câmara dos deputados para usufruir de seus números gigantescos e da boa vida que a Câmara oferece ao seu presidente. A presidência da república também oferece vantagens e mordomias ao ocupante do cargo, como, por exemplo, trocar o antigo avião presidencial por uma aeronave moderna, fabricada na Alemanha.*

Além das informações ativadas pelos atos (46-50) do primeiro texto, outras informações da memória discursiva podem funcionar como ponto de ancoragem do ato (04) do quarto texto. O traço “o Boeing 707, conhecido como Sucatão” indica ainda a ancoragem possível do ato em que aparece nas informações que foram ativadas pelos atos (17-22) do terceiro texto da seção, o qual se intitula “Gorda gente brasileira”. Esses atos, já analisados anteriormente, tratam dos números do Fome Zero sobre a quantidade de brasileiros que passam fome. Conforme o autor do texto, esses números, utilizados por Lula durante a campanha que o levaria à presidência da República, foram desmentidos por uma pesquisa do IBGE. A estrutura abaixo combina informações conceituais e informacionais do ato (04) do quarto texto e de seus pontos de ancoragem, a fim de encontrar explicações para a ancoragem possível desse ato nas informações originárias dos atos (17-22) do terceiro texto da seção (“Por que eles querem presidir a Câmara” = (A), “Gorda gente brasileira” = (C), “Tem até antimíssil” = (D)).

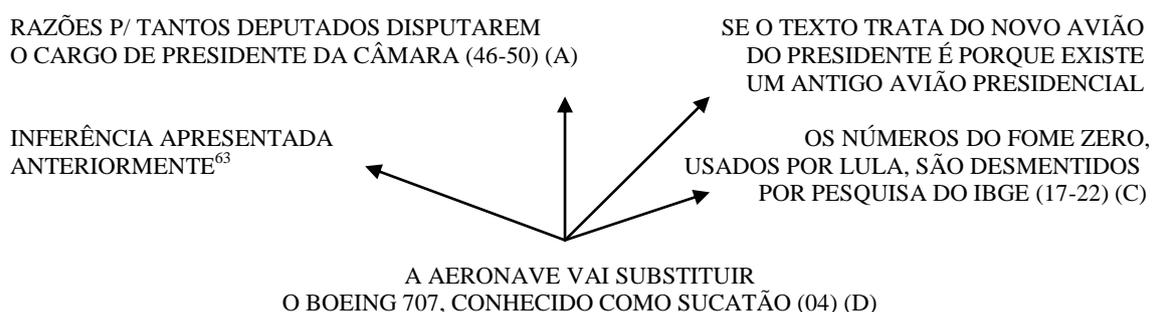


Figura 91: acoplagem das estruturas informacional e conceitual de atos dos textos “Por que eles querem presidir a Câmara”, “Gorda gente brasileira” e “Tem até antimíssil”.

⁶³ Inferência apresentada anteriormente: Deputados petistas, como V. Guimarães e L. E. Greenhalgh, disputam a presidência da Câmara dos deputados para usufruir de seus números gigantescos e da boa vida que a Câmara oferece ao seu presidente. A presidência da república também oferece vantagens e mordomias ao ocupante do cargo, como, por exemplo, trocar o antigo avião presidencial por uma aeronave moderna, fabricada na Alemanha.

Da composição desse esquema participam os conceitos ativados durante o processamento do ato (04) do quarto texto, bem como as linhas referenciais por que esses conceitos se encontram ligados. Porém, trato agora especificamente da ancoragem do propósito do ato (04) nas informações ativadas pelos atos (17-22) do terceiro texto, porque a ancoragem do propósito desse ato nas outras informações já foi analisada.

Para se compreender a linha referencial que une o conceito correspondente ao propósito do ato (04) do quarto texto ao conceito correspondente aos propósitos dos atos (17-22) do terceiro, é preciso levar em conta que “o Boeing 707, conhecido como Sucatão” vai ser substituído pelo “novo avião do presidente Lula”. A substituição do Sucatão ocorre, portanto, quando Lula já é o presidente da República. A informação de que Lula usufruiu de uma vantagem própria do cargo que agora ocupa, informação que, como se viu, parece constituir a opinião do autor do quarto texto e que é sintetizada no ato (04) desse texto, pode reativar a informação do terceiro texto de que Lula, durante a campanha em que buscava a presidência, se valeu de números do Fome Zero, os quais foram desmentidos por pesquisa do IBGE. O que parece justificar a ancoragem do propósito do ato (04) do quarto texto nas informações dos atos (17-22) do terceiro é o fato de que tanto o propósito do ato (04) quanto os propósitos dos atos (17-22) ativam informações que se referem a Lula. Se o ato (04) não faz menção direta a esse referente, deve-se considerar que o tópico desse ato é “o novo avião do presidente Lula”, informação que, como se mostrou há pouco, funciona como “pista” importante para se compreender a opinião do autor do quarto texto. Dessa forma, nos atos (17-22) do terceiro texto, o autor apresenta o então candidato à presidência Lula se valendo de números não confiáveis do Fome Zero na disputa pelo cargo, enquanto no ato (04) do quarto texto o autor apresenta o já presidente Lula se beneficiando de uma vantagem própria do cargo que ocupa. O acréscimo das informações do terceiro texto àquelas já pertencentes ao contexto de interpretação do ato (04) do quarto pode levar à construção da inferência: *deputados petistas, como V. Guimarães e L. E. Greenhalgh, disputam a presidência da Câmara dos deputados para usufruir de seus números gigantescos e da boa vida que a Câmara oferece ao seu presidente. Da mesma forma, Lula, se valendo de números não confiáveis sobre a quantidade de famintos no país, disputou e ganhou a presidência da república, para usufruir das mordomias que o cargo oferece, como, por*

exemplo, trocar o antigo avião presidencial por uma aeronave moderna, fabricada na Alemanha.

O fragmento que agora passo a analisar é formado pelos atos (30-33) do quinto e último texto da seção. Esse texto, intitulado “A casa do presidente”, trata das férias que um dos filhos de Lula e amigos passaram em Brasília e da polêmica que o caso provocou no mundo político. Em passagem anterior aos atos transcritos abaixo (atos (11-29)), o autor defendera o argumento de que a reclamação da oposição quanto à estadia dos jovens no Palácio da Alvorada havia sido exagerada. Na passagem do texto correspondente aos atos (30-33), o autor traz um contra-argumento à sua opinião de que houve exagero nas reclamações da oposição, porque, segundo ele, algumas têm fundamento.

(30) Se as reclamações sobre a farra juvenil em Brasília têm onde se apoiar, (31) ► é no uso de um avião e de uma lancha com bandeira oficial. (32) Esses veículos circulam segundo regras estritas, (33) e não deveriam ter sido usados para divertir a patota de Luís Cláudio.

Como exposto na análise informacional do ato (31), realizada no capítulo anterior, a expressão “o uso de um avião e de uma lancha com bandeira oficial” exerce o papel de traço que indica a ancoragem necessária do ato (31) na informação de que o filho do presidente e seus amigos se hospedaram no Palácio da Alvorada, a qual tem origem no ato (03): “Hospedaram-se no Palácio da Alvorada”. Porém, no item 2.2 deste capítulo, verificou-se que o lugar ocupado pelo propósito do ato (03) na estrutura hierárquico-relacional não favorece a reativação desse propósito quando da leitura do ato (31), por ter o ato (03) o estatuto de subordinado. Por outro lado, verificou-se também que a intervenção formada pelos atos (11-29) retoma a informação do ato (03) de que os jovens se hospedaram no Palácio da Alvorada, defendendo a legalidade dessa hospedagem. No item 2.2, mostrou-se, portanto, que a recente reativação da informação do ato (03) pela intervenção (11-29) em relação ao ato (31) favorece a ancoragem desse ato na informação acerca da hospedagem do filho de Lula e de amigos no Palácio da Alvorada. Nesta etapa da análise, a acoplagem das estruturas informacional e conceitual busca explicitar as linhas referenciais que regem a ancoragem do ato (31) na informação de que os jovens se hospedaram no Palácio da Alvorada, ativada inicialmente no ato (03) e reativada na intervenção (11-29).

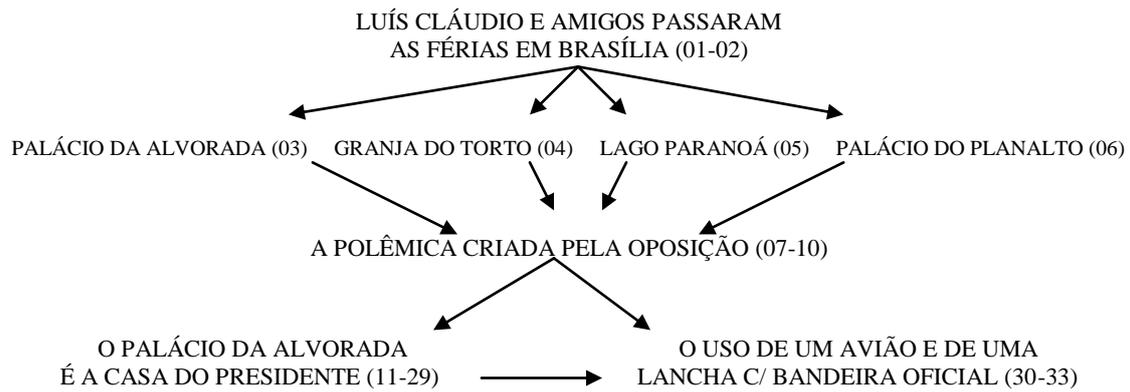


Figura 92: acoplagem das estruturas informacional e conceitual dos atos (01-33) do texto “A casa do presidente”.

Por meio dessa estrutura, é possível visualizar que o propósito do ato (03) é derivado em relação à informação ativada pelos atos (01-02), mas é primitivo em relação à polêmica, porque esta ocorreu em virtude do “uso” de patrimônios públicos pelos jovens. Do conceito A POLÊMICA CRIADA PELA OPOSIÇÃO (07-10) derivam a informação trazida pelos atos (11-29) de que a oposição exagerou ao reclamar da hospedagem no Palácio da Alvorada e a informação trazida pelos ato (30-33) de que a reclamação da oposição contra o uso de uma lancha e de um avião tem fundamento, por serem veículos oficiais. Os conceitos O PALÁCIO DA ALVORADA É A CASA DO PRESIDENTE (11-29) e O USO DE UMA LANCHAS E DE UM AVIÃO C/ BANDEIRA OFICIAL (30-33) se acham ligados por uma linha referencial, de acordo com a qual o “uso” do Palácio da Alvorada é permitido por ser o palácio a casa do presidente (informação ativada pelos atos (11-29)), mas o mesmo não vale para a lancha e o avião usados pelos jovens, porque esses são veículos oficiais (informação ativada pelos atos (30-33)). É essa linha referencial que assegura a ancoragem necessária do ato (31) na informação de que o filho de Lula e amigos se hospedaram no Palácio da Alvorada.

Na análise da estrutura informacional do ato (31) do quinto texto, mostrou-se ainda que o traço “o uso de um avião e de uma lancha com bandeira oficial” indica a ancoragem possível do ato em que aparece na informação que foi ativada pelo ato (02) do quarto texto da seção. O ato (02) traz a informação de que a fotografia que ilustra a reportagem “Tem até antimíssil” “é a primeira imagem do novo avião do presidente Lula a ser divulgada”. Com o auxílio da estrutura resultante da acoplagem de informações conceituais e informacionais, é possível justificar a ancoragem possível do ato (31) do

quinto texto na informação ativada pelo ato (02) do quarto, bem como a inferência que pode ser produzida a partir dessa ancoragem (“Tem até antimíssil” = (D), “A casa do presidente” = (E)).



Figura 93: acoplagem das estruturas informacional e conceitual de atos dos textos “Tem até antimíssil” e “A casa do presidente”.

A linha referencial que une, no esquema acima, os propósitos ativados pelo ato (31) do quinto texto e pelo ato (02) do quarto texto foi estabelecida, porque em ambos os atos fala-se de aviões oficiais. No ato (02), fala-se do novo avião presidencial; no ato (31), fala-se do avião usado pelo filho de Lula e amigos em suas férias em Brasília. O estabelecimento dessa linha referencial implica um reexame por parte do leitor da expressão “o novo avião do presidente Lula”, pertencente ao ato (02) do quarto texto. Se veículos oficiais, como aqueles usados pelo filho de Lula e amigos, não podem ser usados como propriedade particular do presidente (informação extraída dos atos (30-33) do quinto texto), o novo avião presidencial não é *do presidente Lula*, tal como verbalizado no ato (02) do quarto texto, por também ser esse um avião oficial. Esse reexame da expressão “o novo avião do presidente Lula”, propiciado pela ancoragem do ato (31) no ato (02), resulta, na verdade, de uma inferência ou efeito contextual decorrente da interação de uma informação nova (o propósito do ato (31) do quinto texto) com uma informação já estocada na memória discursiva (o propósito do ato (02) do quarto texto). A contextualização do ato (31) do quinto texto no conjunto das informações da memória discursiva em que ele se encadeia pode levar à derivação da inferência: *dos patrimônios públicos a que o presidente tem acesso, apenas o Palácio da Alvorada pode ser usado por Lula e por quem ele permitir como propriedade particular. Apesar de o avião descrito no quarto texto ter sido categorizado como “o novo avião do presidente Lula”, veículos oficiais, como o novo avião presidencial ou aquele usado nas férias do filho de Lula, pertencem à FAB e devem ser usados apenas nas viagens oficiais de integrantes do governo.*

4.3. Considerações sobre a acoplagem das estruturas informacional e conceitual

Nos dois itens anteriores, a acoplagem das estruturas informacional e conceitual tornou possível a apreensão de linhas referenciais que unem o propósito de um ato aos seus pontos de ancoragem. Essa acoplagem permitiu, portanto, completar a descrição com que se buscou mostrar de que forma o seqüenciamento dos textos de uma seção Brasil pode funcionar como estratégia discursiva. Nos itens 2.1 e 2.2, a acoplagem das estruturas informacional e hierárquico-relacional evidenciou que, ao longo da leitura dos textos que formam uma seção Brasil, os propósitos ativados em constituintes principais de um texto apresentam uma possibilidade maior de funcionarem como pontos de ancoragem para informações ativadas no texto seguinte e assim sucessivamente. As análises efetuadas nos dois itens anteriores buscaram completar essa descrição, reconstruindo o processo segundo o qual informações ativadas durante a leitura de um texto podem se tornar pontos de ancoragem de informações ativadas durante a leitura de um outro texto, devido à existência de linhas referenciais entre essas informações.

Com o estudo da acoplagem das estruturas informacionais e conceituais, o qual completa a descrição da forma de organização tópica do discurso, foi possível justificar os dois tipos de ancoragem apenas constatados na análise informacional do corpus desta pesquisa: a ancoragem necessária e a ancoragem possível. Tal como exposto no capítulo dedicado à forma de organização informacional, a ancoragem do propósito de um ato em uma informação da memória discursiva é necessária, quando essa ancoragem é fundamental para a compreensão, devendo o leitor realizá-la para chegar a uma interpretação adequada do texto. Por outro lado, a ancoragem do propósito de um ato em uma informação da memória discursiva é apenas possível, quando a construção da interpretação de um texto independe dessa ancoragem, ou seja, mesmo que o leitor não ancore o propósito no ponto de ancoragem, ainda assim ele poderá compreender o ato de forma satisfatória.

As análises realizadas até o momento evidenciaram que a ancoragem do ato de um texto de uma seção Brasil em pontos de ancoragem que têm origem em outro texto da mesma seção é apenas possível, porque não é necessária ou fundamental para a compreensão do

ato. Como exposto no capítulo 1 (item 1), a realização das ancoragens possíveis e das inferências que podem resultar dessas ancoragens parece estar diretamente ligada às expectativas da instância de produção, a qual espera que o seqüenciamento dos textos que formam a seção Brasil seja capaz de guiar a construção de sentidos do leitor, sem que para isso seja necessário assumir abertamente uma posição política.

CAPÍTULO 4: Conclusão

Este trabalho ilustra o interesse que o estudo das estratégias discursivas das mídias pode despertar em analistas tanto da Análise do Discurso quanto da Comunicação. Como exposto no capítulo 1, a revista *Veja* é um veículo de comunicação que pode ter um papel importante na maneira como uma parcela expressiva da população interpreta os acontecimentos do mundo político. Essa constatação torna necessárias pesquisas que se preocupem em compreender a maneira como *Veja* e outros veículos de comunicação lidam com o tratamento da informação. Uma vez que a informação não é transmitida pelas mídias em seu estado de acontecimento bruto, pesquisas como a que ora se conclui buscam lançar luz sobre o modo como se dá o tratamento da informação ou, em outras palavras, sobre a escolha de estratégias que visem a captar o leitor e, ao mesmo tempo, a influenciar o seu modo de pensar o mundo. Nesta pesquisa, o estudo de uma estratégia discursiva específica – o seqüenciamento dos textos da seção Brasil da revista *Veja* – se apresentou, dessa forma, com o intuito de contribuir para a compreensão de um importante objeto midiático.

No capítulo 2, a combinação da forma de organização informacional com elementos da Teoria da Relevância (TR) me permitiu considerar que inferências poderiam surgir no momento em que uma informação recentemente ativada durante a leitura de um texto encontrasse um ponto de ancoragem na memória discursiva com origem em outro texto. Partindo dessa hipótese, procedi a análises que buscaram mapear as informações que, estocadas na memória discursiva durante a leitura de um texto, pudessem funcionar como ponto de ancoragem de segundo plano para informações ativadas durante a leitura do texto seguinte. Essas análises indicaram que esse processo de ancoragem, viabilizado pelo seqüenciamento dos textos de cada seção Brasil, pode levar à produção de inferências, as quais, conforme a hipótese deste trabalho, seriam formatadas segundo o posicionamento político e ideológico da revista *Veja*.

Para descrever com precisão a forma como as informações de um texto de uma seção Brasil podem se tornar pontos de ancoragem de outro texto da mesma seção, foi preciso, ainda no capítulo 2, estabelecer a distinção entre dois tipos de ancoragem: a ancoragem necessária e a ancoragem possível. Estabelecida por mim no interior da forma de

organização informacional e com a ajuda de conceitos da TR, essa distinção funcionou como uma importante ferramenta de análise. Por meio dessa distinção, foi possível explicar o papel de expressões nominais que, atuando como traços de pontos de ancoragem de segundo plano, indicam a ancoragem necessária do ato em que aparecem em apenas uma informação da memória discursiva e a ancoragem possível do ato em uma ou mais informações da memória discursiva. No estudo das duas seções Brasil, verificou-se que, na maior parte dos casos, um ato se ancora de forma necessária em informações que têm origem no cotexto e se ancora de forma possível em informações que têm origem em outros textos da mesma seção. Ainda que desenvolvida de modo parcial, visto que o objetivo deste trabalho era outro, considero que essa distinção entre ancoragem necessária e ancoragem possível foi de fundamental importância por permitir descrever de que forma o seqüenciamento dos textos de uma seção Brasil possibilita que informações da memória discursiva com origem em um texto se tornem pontos de ancoragem de informações ativadas durante a leitura do texto seguinte.

As análises realizadas no capítulo 3 tiveram por objetivo completar o estudo da forma de organização tópica, combinando o estudo da forma de organização informacional, realizado no capítulo 2, com o estudo da forma de organização relacional e do módulo referencial. Como exposto no capítulo 3, a acoplagem das estruturas informacional e hierárquico-relacional permite perceber que informações ativadas em constituintes principais do texto podem apresentar um grau maior de saliência na memória discursiva em relação àquelas ativadas em constituintes subordinados. Na análise das seções Brasil, pude verificar que a maior parte das informações apontadas no capítulo 2 como pontos de ancoragem são informações da memória discursiva que foram ativadas em constituintes principais dos textos jornalísticos e que possuem, portanto, um grau maior de saliência na memória discursiva. Conforme descrito nos itens 2.1 e 2.2 do capítulo 3, dedicados às análises das seções, o grau de saliência dessas informações estocadas na memória discursiva constituiu uma justificativa para a sua posterior reativação.

Ainda no capítulo 3, ficou evidenciado que a acoplagem das estruturas informacional e conceitual permite a depreensão de linhas referenciais subjacentes a uma dada interação. Nas análises realizadas nos itens 4.1 e 4.2, essa acoplagem permitiu perceber que o estabelecimento dessas linhas referenciais pode explicar a ancoragem necessária e a

ancoragem possível da informação ativada por um ato nos seus pontos de ancoragem, bem como as inferências que podem surgir dessas ancoragens.

Os resultados alcançados com o desenvolvimento deste trabalho podem constituir o ponto de partida para estudos futuros. Esses resultados poderiam ser combinados com as informações de outros módulos e de outras formas de organização do discurso. Na tentativa de encontrar correspondência entre a materialidade interacional própria da revista de informação e o seqüenciamento de textos da seção Brasil, os resultados obtidos poderiam ser combinados com as informações próprias do módulo interacional, responsável por descrever a materialidade da interação (canal, tipo de vínculo, distância ou co-presença espacial e temporal). Da mesma forma, as ações languageiras envolvidas na produção e na interpretação das seções Brasil estudadas poderiam ser descritas por meio do estudo da estrutura operacional, a qual resulta da acoplagem de informações hierárquicas e referenciais e constitui uma ferramenta importante para a descrição das ações languageiras e não-languageiras que são realizadas numa interação. A pesquisa realizada aqui pode constituir ainda, com o auxílio de informações próprias dos módulos referencial e interacional, uma primeira etapa do estudo da forma de organização estratégica, a qual busca descrever a gestão das posições acionais dos interlocutores.

BIBLIOGRAFIA

- APOTHÉLOZ, D. Papel e funcionamento da anáfora na dinâmica textual. In: CAVALCANTE, M. M., RODRIGUES, B. B. e CIULLA, A. (orgs.) Referenciação. São Paulo: Contexto, 2003, p. 53-84.
- APOTHÉLOZ, D. e REICHLER-BÉGUELIN, M. J. Interpretations and functions of demonstrative NPs in indirect anaphora. *Journal of Pragmatics*, v. 31, p. 363-397, 1999.
- BERRENDONER, A. “Connecteurs pragmatiques” et anaphore. *Cahiers de linguistique française* 5, 1983, p. 215-246.
- BERTHOUD, A. C. e MONDADA, L. Traitement du topic, process énonciatifs et séquences conversationnelles. *Cahiers de linguistique française* 17, 1995, p. 205-228.
- BROWN, G & YULE, G. *Discourse Analysis*. Cambridge: Cambridge University Press, 1983.
- CHARAUDEAU, P. *Discurso das mídias*. São Paulo: Contexto, 2006.
- CHAFE, W. L. The deployment of consciousness in the production of a narrative. In: CHAFE, W. L. (ed.) *The pear stories. Cognitive, cultural and linguistic aspects of narrative production*. Norwood: Ablex, 1980, p. 9-50.
- CHAROLLES, M. Associative anaphora and its interpretation. *Journal of Pragmatics*, v. 31, p. 311-326, 1999.
- CONTE, M. E. Encapsulamento anafórico. In: CAVALCANTE, M. M., RODRIGUES, B. B. e CIULLA, A. (orgs.) Referenciação. São Paulo: Contexto, 2003, p. 177-190.
- COSCARELLI, C. V. *Leitura em ambiente multimídia e a produção de inferências*. Tese de doutorado FALE/UFMG, Belo Horizonte, 1999.
- DANEŠ, F. Functional sentence perspective and the organization of the text. In: DANEŠ, F. (ed.) *Papers on functional sentence perspective*. Praga: Mouton, 1974, p. 106-128.
- DELL'ISOLA, R. L. P. *Leitura: inferências e contexto sócio-cultural*. Belo Horizonte: Imprensa Universitária, 1991.
- FILLIETTAZ, L. Vers une approche interactionniste de la dimension référentielle du discours. *Cahiers de linguistique française* 18, 1996, p. 34-67.
- FILLIETTAZ, L. Des enjeux actionnels dans les interactions verbales: une définition de la dimension référentielle du discours. *Cahiers de linguistique française* 19, 1997, p. 47-82.
- FILLIETTAZ, L. e ROULET, E. The Geneva Model of discourse analysis: an interactionist and modular approach to discourse organization. *Discourse Studies* 4(3), 2002, p. 369-392.

- GRICE, H. P. Logic and conversation. In: COLE e MORGAN (eds.) *Syntax and semantics*, v. 3: *Speech Acts*. New York: Academic Press, 1975.
- GROBET, A. Phénomènes de continuité: anaphoriques et traces de points d’ancrage. *Cahiers de linguistique française* 18, 1996, p. 69-93.
- GROBET, A. La continuité topicale dans des dialogues radiophoniques: quelques relations de discours. *Cahiers de linguistique française* 21, 1999a, p. 101-120.
- GROBET, A. L’organisation topicale de la narration. Les interrelations de l’organisation topicale et des organisations séquentielle et compositionnelle. *Cahiers de linguistique française* 21, 1999b, p. 329-367.
- GROBET, A. L’identification des topiques dans les dialogues. Thèse de doctorat, Université de Genève, 2000.
- GROBET, A. L’organisation informationnelle: aspects linguistiques et discursifs. In: *French Language Studies* 11. Cambridge: Cambridge University Press, 2001, p. 71-87.
- GROBET, A. Evaluating topic salience in dialogues. In: NÉMETH, E. (ed.). *Cognition in Language Use: selected papers from 7th International Pragmatics Conference*. Vol. 1, Antwerp, International Pragmatics Association, 2002.
- HERNANDES, N. A mídia e seus truques: o que jornal, revista, TV, rádio e internet fazem para captar e manter a atenção do público. São Paulo: Contexto, 2006.
- ILARI, R. *Perspectiva funcional da frase portuguesa*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1992.
- JUBRAN, C. C. A. S. Especificidades da referenciação metadiscursiva. In: KOCH, I. G. V., MORATO, E. M. e BENTES, A. C. (orgs.) *Referenciação e discurso*. São Paulo: Contexto, 2005, p. 219-241.
- KERBRAT-ORECCHIONI, C. *L’énonciation: de la subjectivité dans le langage*. Paris: Armand Colin, 1997.
- KLEIMAN, A. *Oficina de leitura: teoria e prática*. Campinas: Pontes, 1996.
- KOCH, I. G. V. A referenciação como atividade cognitiva e interacional. In: *Boletim da ABRALIN*, v. 26, número especial, 2001, p. 81-85.
- KOCH, I. G. V. A construção sociocognitiva da referência. In: MIRANDA, N. S. e NAME, M. C. (orgs.) *Linguística e cognição*. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2005, p. 95-107.
- KOCH, I. G. V. *Desvendando os segredos do texto*. São Paulo: Cortez, 2006.
- LANNA, M. A. L. *Ação, experiência e discurso: a gestão da mudança na hipnoterapia*. Belo Horizonte: FALE/UFMG. Tese de doutoramento, 2005.

- LIBERATO, I. G. Sobre a oposição dado/novo. Dissertação de mestrado. FALE/UFMG, Belo Horizonte, 1980.
- MARCUSCHI, L. A. Leitura e compreensão de texto falado e escrito como ato individual de uma prática social. In: ZILBERMANN, R e SILVA, E. T. (orgs.) *Leitura: perspectivas interdisciplinares*. São Paulo: Ática, 1988, p. 38-57.
- MARI, H. Percepção do sentido: entre restrições e estratégias contratuais. In: MACHADO, I. L. et alii. *Ensaio em Análise do Discurso*. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2002, p. 31-57.
- MARINHO, J. H. C. O funcionamento Discursivo do Item “Onde”: uma abordagem modular. Belo Horizonte: FALE/UFMG. Tese de doutoramento, 2002.
- MARINHO, J. H. C. A organização relacional do discurso. *Cadernos de pesquisa 4*. Belo Horizonte: NAPq/FALE/UFMG, 2003.
- MARINHO, J. H. C. Uma abordagem modular e interacionista da organização do discurso. In: *Revista da Anpoll 16*. São Paulo. Jan/jun. 2004, p. 75-100.
- MARINHO, J. H. C. A organização informacional em *Uma História Distraída*, de Cida Chaves. In: MELLO, R. *Análise do Discurso & Literatura*. Belo Horizonte: NAD/FALE/UFMG, 2005, p. 295-308.
- MARINHO, J. H. C. Um estudo da organização relacional de um texto acadêmico. In: PROENÇA, G. M. (org.) *Língua(gem), Texto, Discurso: entre a reflexão e a prática – vol.1*. Rio de Janeiro: Lucerna/FALE/UFMG, 2006, p. 197-215.
- MARINHO, J. H. C. A determinação da unidade textual mínima. In: MARINHO, J. H. C, PIRES, M. S. O. e VILLELA, A. M. N. (orgs.) *Análise do discurso: ensaios sobre a complexidade discursiva*. Belo Horizonte: CEFET-MG, 2007, p. 39-50.
- MENEZES, W. A. Estratégias discursivas e argumentação. In: PROENÇA, G. M. (org.) *Língua(gem), Texto, Discurso: entre a reflexão e a prática – vol.1*. Rio de Janeiro: Lucerna/FALE/UFMG, 2006, p. 87-105.
- MOESCHLER, J. La pragmatique après Grice: contexte et pertinence. *L’information Grammaticale 66*, 1995, p. 25-31.
- MOESCHLER, J. Connecteurs pragmatiques, inférences directionnelles et représentations mentales. In: MOLENDIJK, A. e CO VET (eds). *Temporalité et attitude: structuration du discours et expression de la modalité*. Amsterdam: Rodopi, 2005.
- MONDADA, L. La construction discursive des objets de savoir dans l’écriture de la science. *Réseaux*, no. 71 CNET, 1995.
- MONDADA, L. Pour une approche conversationnelle des objets de discours. In: *Boletim da ABRALIN*, v. 26. No. especial – 1, 2001, p. 66-70.

MOUILLAUD, M. A crítica do acontecimento ou o fato em questão. In: PORTO, S. D. (org) O Jornal: da forma ao sentido. Brasília: Editora UnB, 2002, p. 49-83.

NEVES, M. H. M. Gramática e texto. São Paulo: Contexto, 2006.

PIRES, M. S. O. e LANNA, M. A. L. Teoria do Medalhão: a ambigüidade como estratégia discursiva. In: MARINHO, J. H. C, PIRES, M. S. O. e VILLELA, A. M. N. (orgs.) Análise do discurso: ensaios sobre a complexidade discursiva. Belo Horizonte: CEFET-MG, 2007, p. 159-170.

REBOUL, A. La représentation des éventualités dans la Théorie des Représentations Mentales. Cahiers de linguistique française 22, 2000, p. 13- 55.

ROSSARI, C. Identification d'unités discursives: les actes et les connecteurs. Cahiers de Linguistique Française 18, 1996, 157-177.

ROULET, E. Etude des plans d'organisation syntaxique, hiérarchique et référentiel du dialogue: autonomie et interrelations modulaires. Cahiers de linguistique française 17, 1995, p. 123- 140.

ROULET, E. Une description modulaire de l'organisation topicale d'un fragment d'entretien. Cahiers de linguistique française 18, 1996, p. 11-32.

ROULET, E. L'organisation polyphonique et l'organisation inférentielle d'un dialogue romanesque. Cahiers de linguistique française 19, 1997, p. 149-179.

ROULET, E. La description de l'organisation du discours. Du dialogue au texte. Paris: Didier, 1999a.

ROULET, E. Um modelo e um instrumento de análise sobre a organização do discurso. In: MARI, H et al. (org) *Fundamentos e Dimensões da Análise do Discurso*. Belo Horizonte: Carol Borges – Núcleo de Análise do Discurso – FALE/UFMG, 1999b, p. 139-171.

ROULET, E. De La nécessité de distinguer des relations de discours sémantiques, textuelles et praxéologiques. In: ANDERSEN, H. L. & NØLKE, H (eds.). *Macrosyntaxe et macro-sémantique*. Actes du colloque international d'Aarhus. Bern: P. Lang, 2002.

ROULET, E. Une approche modulaire de la problématique des relations de discours. In: MARI, H. et alii. *Análise do discurso em perspectivas*. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2003, p. 149-178.

ROULET, E. The description of text relation markers in the Geneva model of discourse organization. In: FISCHER, K (ed.). *Approaches to Discourse Particles*. Amsterdam: Elsevier, 2006, p. 115-131.

ROULET, E. Le modèle modulaire d'analyse du discours: objectifs et développement. In: MARINHO, J. H. C, PIRES, M. S. O. e VILLELA, A. M. N. (orgs.) *Análise do*

discurso: ensaios sobre a complexidade discursiva. Belo Horizonte: CEFET-MG, 2007, p. 19-23.

ROULET, E. e PIRES, S. Uma visão modular da complexidade discursiva. In: MARI, H. et alii. *Análise do discurso: fundamentos e práticas*. Belo Horizonte: Núcleo de Análise do Discurso – FALE/UFMG, 2001, p. 63-91.

ROULET, E.; FILLIETTAZ, L.; GROBET, A. *Un modèle et un instrument d'analyse de l'organisation du discours*. Berne: Lang, 2001.

SILVEIRA, J. R. C. e FELTES, H. P. M. *Pragmática e cognição: a textualidade pela relevância*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999.

SIMUNIC, Z. *Une approche modulaire des stratégies discursives du journalisme politique*. Thèse de doctorat, Université de Genève, 2004.

SOARES, I. C. Teoria modular: além das divisões teórico-disciplinares. In: MARINHO, J. H. C, PIRES, M. S. O. e VILLELA, A. M. N. (orgs.) *Análise do discurso: ensaios sobre a complexidade discursiva*. Belo Horizonte: CEFET-MG, 2007, p. 25-38.

SPERBER, D. e WILSON, D. *Relevance: communication and cognition*. Oxford, Cambridge: Blackwell, 1995.

TÉTU, J. F. *Le Monde e Libération em perspectiva*. In: PORTO, S. D. (org) *O Jornal: da forma ao sentido*. Brasília: Editora UnB, 2002, p. 191-201.

VAN DIJK, T. Modelos na memória: o papel das representações da situação no processamento do discurso. In: KOCH, I. G. V. (org.) *Cognição, discurso e interação*. São Paulo: Contexto, 1992.

WILSON, D. Pertinence et pragmatique lexical. *Nouveaux cahiers de linguistique française* 27, 2006, p. 33- 52.

WILSON, D e SPERBER, D. Inference and implicature. In: Davis, S. (ed) *Pragmatics: a reader*. New York/Oxford: Oxford University Press, 1991, p 376-393.

WILSON, D. e SPERBER, D. Teoria da Relevância. In: RAUEN, F. J. e SILVEIRA, J. R. C. (orgs.) *Linguagem em (Dis)curso*, v. 5, n. esp. Tubarão: Unisul, 2005, p. 221-261.

ANEXOS

Anexo A: corpus segmentado em atos

Sessão Brasil da revista *Veja* do dia 5 de janeiro de 2005

Fantasmas maranhenses

(01) Pobre Maranhão. (02) O estado tem o pior índice de desenvolvimento humano do Brasil, (03) a renda per capita mais baixa do país (04) e está na ponta do ranking dos indicadores sociais negativos. (05) Metade da população não tem água encanada ou esgoto (06) e vive abaixo da linha da pobreza. (07) No fim do ano passado, (08) o governador José Reinaldo Tavares, ex-PFL, filiou-se ao PTB em grande estilo. (09) Anunciou seu rompimento com as velhas oligarquias políticas, (10) prometeu modernizar o estado e investir em infra-estrutura. (11) Decidiu também priorizar o interior, (12) principalmente as cidades mais carentes. (13) As mudanças começaram a se materializar com a assinatura de duas dezenas de contratos de emergência com empresas encarregadas de abrir centenas de quilômetros de estradas vicinais. (14) Para evitar os costumeiros desvios de recursos, uma praga que insiste em não abandonar os grotões, (15) os pagamentos eram liberados somente depois que um fiscal ia ao local conferir a conclusão das obras. (16) Tudo transparente. (17) Bem, seria mesmo (18) se tudo não passasse de encenação. (19) O Maranhão acaba de inovar a engenharia da corrupção (20) ao lançar no cenário as estradas virtuais. (21) As obras de emergência foram integralmente pagas. (22) Mas nada foi feito. (23) Elas nunca saíram do papel.

(24) O governo contratou vinte obras fantasmas, (25) ligando quarenta povoados em doze municípios, uma maneira de tragar dinheiro público a conta-gotas. (26) Em Miranda do Norte, distante 130 quilômetros de São Luís, por exemplo, (27) foram construídas duas estradas. (28) O povoado de São João, um dos beneficiados, até já existiu, (29) mas mudou de nome há mais de duas décadas. (30) Hoje, (31) são apenas oito barracos no local. (32) A tal estrada ninguém sabe dizer onde fica. (33) Em agosto de 2003, (34) o governo do Maranhão pagou por uma estrada entre o povoado de Monte Verde e o de Araras. (35) O dinheiro não teria sido suficiente para concluir a obra. (36) O governo estadual, então, desembolsou um aditivo. (37) Um fiscal do estado atestou a conclusão da estrada. (38) Dois dias depois, (39) o governo recontratou a empreiteira para fazer o mesmo trecho. (40) Pagou de novo pela mesma estrada. (41) Essa segunda empreitada teria sido concluída em exatos sete dias. (42) Teria sido uma façanha da engenharia moderna (43) não fosse por um detalhe vital: (44) nem a estrada nem os povoados que elas deveriam ligar existem. (45) No município Governador Eugênio Barros, (46) as obras fantasmas chegaram a ser discutidas na última eleição. (47) A oposição acusou o prefeito Expedito Machado de estar envolvido com desvio de recursos. (48) O prefeito se defendeu acusando. (49) Ele diz que há anos não se faz nenhuma obra estadual na cidade (50) e que os povoados beneficiados com as estradas vicinais do governo realmente não existem. (51) O dinheiro que sumiu é mais que o dobro da arrecadação mensal do município. (52) As fraudes a conta-gotas podem chegar a 20 milhões de reais.

(53) O governador José Reinaldo não soube responder à pergunta sobre onde foi parar o dinheiro das obras. (54) Ouvido por VEJA, (55) ele passou a responsabilidade da resposta ao secretário de Infra-Estrutura, João Dominici, seu cunhado. (56) Dominici também não tinha explicação plausível. (57) Diante do vácuo de explicações, (58) o governador inquiriu diretamente o empreiteiro Lourival Parente, seu amigo particular, colaborador de campanha e dono das duas empresas que receberam todo o dinheiro das vinte estradas fantasmas. (59) Depois da conversa, (60) o governador disse a VEJA: (61) “Ele (*Lourival Parente*) me falou que se responsabilizava por tudo de errado (62) e garantiu que vai fazer as estradas”. (63) O governador informou também que mandou instaurar uma sindicância. (64) José Reinaldo talvez devesse ter chamado a polícia. (65) A empresa de Lourival Parente foi contratada sem licitação para reformar o Palácio dos Leões, a sede do governo maranhense. (66) “A reforma do palácio foi concluída no governo passado”, (67) garante o ex-gerente de infra-estrutura Ricardo Peres. (68) Procurado por VEJA, (69) o empreiteiro disse que nada tinha a comentar sobre o assunto.

(70) Para mostrar que não está brincando quando diz que pretende modernizar o estado, (71) o governador do Maranhão anunciou que vai investigar não só o caso das estradas fantasmas de seu governo, (72) mas todas as obras realizadas no estado nos últimos dez anos. (73) José Reinaldo deve saber o que pode encontrar. (74) Afinal, nos últimos dez anos ele foi vice-governador e governador interino do estado, (75) chegando a assumir pessoalmente a gerência de Infra-Estrutura, o órgão responsável por todas as obras. (76) Vai poder contar com a ajuda dos próprios empreiteiros. (77) “Eu já vi muita coisa em minha vida, (78) mas isso...”, (79) diz José Ribamar Belo, presidente do sindicato dos empreiteiros, (80) que garante ter há quase um ano alertado o governador sobre a fraude das estradas fantasmas. (81) No mesmo encontro em que deu sua contribuição à moralidade pública, (82) Belo entregou ao governador uma lista de empresas que, segundo ele, efetivamente executaram obras, (83) mas que não receberam o pagamento. (84) Surge nesse ponto da fantasmagoria maranhense um novo monstro, primo-irmão das estradas irreais com contrato real. (85) Trata-se das obras reais com contratos fantasmas. (86) O governo do Maranhão informa que as empresas da lista de Belo, (87) se fizeram obras, (88) foi por sua própria iniciativa. (89) Não existem contratos entre elas e o governo.

(90) José Reinaldo atribui as denúncias de fraude à sua cruzada de transformação, (91) que, afirma, está minando o poder do clã liderado pelo ex-presidente José Sarney e sua filha, a senadora Roseana, aliada até pouco tempo atrás. (92) Desde que assumiu o governo, (93) Tavares travou um duelo de força com Roseana, (94) a quem acusa de tentar boicotar sua administração. (95) “Cinqüenta por cento do gasto em publicidade no estado era dirigido aos veículos de comunicação da família. (96) Eu mandei cortar”, (97) diz o governador. (98) José Reinaldo também acusa os membros da família Sarney de tentar continuar gerindo as finanças e as obras do estado (99) mesmo depois de deixar o poder. (100) “Demiti o Ricardo Murad por causa de irregularidades”, (101) comenta. (102) Murad é cunhado de Roseana. (103) “Pedi demissão para me candidatar a prefeito. (104) O governador ficou irritado, (105) porque, antes de sair, adverti que havia um esquema para desviar recursos (106) através de obras fantasmas”, (107) diz Murad. (108) Segundo Murad, (109) os empresários ficavam com 20% do valor liberado (110) e o restante era encaminhado a pessoas ligadas ao governo. (111) “Os empresários me disseram que o dinheiro desviado foi entregue à primeira-dama”, (112) acusa Murad. (113) Alexandra Tavares, a primeira-dama, é secretária de Solidariedade

Humana (114) e membro do conselho de planejamento e gestão do estado. (115) Ela não quis falar, (116) mas o governador mandou dizer que as acusações contra a esposa se encaixam perfeitamente nos costumes dos antigos ocupantes do poder. (117) Prova de que a política, às vezes, apenas muda o sobrenome, (118) mas tudo continua igual, (119) incluindo os fantasmas de sempre. (120) Pobre Maranhão.

Sandálias da humildade

(01) O presidente Lula deveria calçar as sandálias da humildade. (02) Imagina que pode reger o desenvolvimento do país (03) como Moisés abriu o mar em duas metades. (04) Disse que 2005 será um ano com “mar de almirante e céu de brigadeiro”. (05) José Dirceu, ministro-chefe da casa civil, é pior. (06) Acredita que o crescimento brasileiro depende do número de horas que ele trabalha por dia. (07) “Vou trabalhar dia e noite de uma maneira persistente (08) para que o crescimento (de 2005) seja pelo menos 1% a mais do que a previsão do Ipea (de 3,8%)”, (09) disse o ministro. (10) Dirceu não tem comando algum sobre a máquina econômica da nação. (11) Ele pode trabalhar 24 horas por dia que a economia brasileira ficará exatamente no mesmo lugar. (12) Para Dirceu, (13) sandálias não bastam. (14) No caso dele, de extrema presunção, (15) só mesmo pés descalços, como os das carmelitas, fariam efeito sobre sua vaidade.

(16) No governo, (17) se há um ministro que fez diferença na taxa de crescimento do Brasil em 2004 (18) é o da Fazenda, Antonio Palocci. (19) A economia não teria crescido (20) se o ministro Palocci não tivesse adotado desde a posse uma linha de conduta que inspira confiança nos investidores (21) e cria um ambiente de estabilidade no país. (22) Mesmo assim, é preciso entender as limitações de Palocci. (23) O ministro pode impedir o crescimento (24) se sair da linha, (25) mas não consegue produzi-lo só com o arsenal de que dispõe. (26) Enxugamento dos gastos, (27) juros estratosféricos, (28) impostos elevados (29) __nada disso fabrica o desenvolvimento. (30) O Brasil chegou ao fim do ano com uma taxa anual de expansão econômica acima de 5%, (31) graças a um conjunto de fatores que pouco têm a ver com o governo do PT. (32) Os principais são estes: (33) preços agrícolas favoráveis no mercado internacional (34) e a ampliação das exportações brasileiras, (35) em decorrência de um crescimento inédito nos outros países. (36) O empurrão externo reativou a economia interna.

(37) A festa vai ficar menos animada em 2005. (38) Os preços dos produtos agrícolas estão desabando. (39) O crescimento da economia mundial deverá se desacelerar. (40) De acordo com estudo da Economist Intelligence Unit (EIU), ligada à revista inglesa *The Economist*, (41) a taxa global de expansão cairá de 4,2% no ano passado para 3,2% neste ano. (42) A situação ficará pior com eventual aumento do preço do petróleo, elevação das taxas básicas de juros e uma desaceleração maior da economia chinesa. (43) Segundo a EIU, (44) a taxa de expansão do Brasil cairá de mais de 5% ao ano para 3,7%. (45) Nos próximos anos, (46) o Brasil continuará mantendo um desempenho que irá se aproximando gradativamente dos 3% anuais até 2007, (47) conforme previsão do Deutsche Bank Research. (48) É uma taxa medíocre para um emergente com as desigualdades que se observam entre nós.

(49) Palocci sabiamente está calado. (50) Lula e José Dirceu deveriam seguir-lhe o exemplo. (51) Em dois anos de governo, (52) o PT conseguiu sucesso na economia, (53) copiando ajuizadamente a política inaugurada por FHC. (54) Na área social, (55) nem

sequer copiar o PT conseguiu. (56) As reformas estruturais para melhorar a gestão da máquina pública e a eficiência dos serviços foram largadas pelo meio do caminho. (57) Estradas, portos e ferrovias estão caindo aos pedaços. (58) O investimento, mola do crescimento, continua abaixo do necessário. (59) Conclusão: não é hora de Lula e Dirceu ficarem comemorando vitórias que só existem em sua imaginação. (60) Um pouco de humildade não lhes faria mal neste momento.

Uma vitória da parceria tucano-petista

(01) Um acordo fechado na madrugada de 22 de dezembro entre o governo petista e a oposição tucana mostrou ser possível a cooperação suprapartidária na política, (02) a despeito do histórico de fisiologia e de obstrução na relação entre Congresso e presidentes no país. (03) O acordo permitiu a aprovação do projeto que cria as parcerias público-privadas (PPPs), mecanismo no qual o presidente Luiz Inácio Lula da Silva deposita enorme esperança (04) para modernizar a debilitada infra-estrutura brasileira. (05) Num desfecho raro, (06) a versão final do projeto concilia o que há de melhor na proposta do governo com as melhores sugestões da oposição: (07) permite a retomada de obras (08) sem que se estimulem a corrupção e o descontrole de gastos.

(09) O projeto era objeto de disputa no Congresso desde novembro de 2003, (10) quando o governo apresentou sua primeira versão à Câmara. (11) O mecanismo das PPPs, em sua essência, é uma idéia funcional que, se não for desfigurada na prática, pode trazer benefícios ao país. (12) Criadas na Inglaterra, (13) elas foram desenhadas com o objetivo de atrair investimento privado (14) para financiar obras públicas urgentes. (15) São obras caras demais e de retorno financeiro incerto, (16) de modo que dificilmente seriam tocadas sem uma parceria entre Estado e empresas. (17) As PPPs funcionam da seguinte forma: (18) o governo, que não tem dinheiro, convida investidores interessados em construir, manter e explorar comercialmente ferrovias ou rodovias por anos ou décadas. (19) Em troca, garante, com recursos oficiais, uma determinada taxa de rentabilidade ao investidor (20) caso os pedágios ou os fretes arrecadados fiquem abaixo de um volume inicialmente combinado. (21) Outro modelo de parceria é a concessão administrativa. (22) Nesse sistema, (23) a companhia privada constrói obras que não arrecadam tarifas, como presídios, por exemplo, (24) e recebe pelos serviços integralmente prestados ao Estado.

(25) Não havia dúvidas de que o projeto era necessário. (26) Dos 57.000 quilômetros que formam a principal parte da malha rodoviária do país, (27) metade está com pavimento comprometido. (28) A extensão ferroviária não ultrapassa os 30.000 quilômetros desde 1970. (29) Sozinho, (30) o governo não tem dinheiro para essas obras de infra-estrutura. (31) Não se trata apenas de um problema federal. (32) Angustiados com a mesma falta de investimentos, (33) governadores tucanos como o paulista Geraldo Alckmin e o mineiro Aécio Neves fizeram suas próprias PPPs (34) e esperavam pela legislação federal (35) para adaptá-las e colocá-las em prática.

(36) O problema, porém, é que a versão inicial do projeto oficial pecava pela falta de controles. (37) Não continha limite de gastos (38) nem impedia que algumas obras fossem incluídas sob o guarda-chuva generoso das PPPs (39) mesmo sendo lucrativas. (40) Também não impedia que as empresas privadas fossem buscar no BNDES e nos fundos de pensão todo o dinheiro necessário para fazer as obras de PPPs (41) — o que

retiraria completamente o risco privado. (42) No início, (43) uma troca de acusações transmitiu a impressão de que o projeto ficaria indefinidamente obstruído. (44) Mais tarde, felizmente, (45) governo e oposição transigiram, (46) e o projeto foi aprovado com mudanças. (47) Em sua forma final, (48) o projeto das PPPs estabelece que estados, municípios e a União só poderão comprometer até 1% de sua receita líquida anual com recursos que darão (49) para complementar a rentabilidade dos investidores. (50) Além disso, a lei estipulou que o BNDES e os fundos de pensão, juntos, só poderão participar com até 80% do financiamento das obras. (51) Em algumas regiões mais pobres, (52) esse percentual sobe para 90%. (53) O Ministério do Planejamento já tem 23 projetos com valor de 13 bilhões de reais que podem ser executados por meio das PPPs. (54) As principais empresas privadas interessadas nas parcerias já se apressaram em escolher os projetos. (55) O mais cobiçado é a construção do Arco Rodoviário, (56) que desviará o tráfego de caminhões da região metropolitana do Rio de Janeiro, (57) acelerando o acesso ao Porto de Sepetiba, (58) com custo estimado de 250 milhões de reais.

(59) O desfecho das negociações no Congresso premiou o bom senso. (60) Ficou claro que as PPPs não são uma panacéia, (61) mas podem ter o condão de abreviar o começo de obras que vinham sendo eternamente adiadas. (62) Todos saíram ganhando.

Sessão Brasil da revista *Veja* do dia 12 de janeiro de 2005

Por que eles querem presidir a Câmara

(01) Os deputados Luiz Eduardo Greenhalgh e Virgílio Guimarães, ambos do PT, passaram a semana trabalhando pesado (02) __ uma cena rara em Brasília, (03) em especial neste período do ano. (04) Os dois estão em campanha pela presidência da Câmara dos Deputados. (05) Pela tradição, (06) o cargo é ocupado por um parlamentar indicado pelo partido que detém a maior bancada. (07) Ao PT, portanto, (08) que tem o maior número de deputados, (09) bastaria apontar um nome. (10) Mas, como nada no mundo petista pode ser assim tão simples, apareceram logo onze candidatos. (11) Depois de dois meses de muitas reuniões, (12) chegou-se a um nome de consenso: o de Greenhalgh, (13) mas Virgílio Guimarães decidiu continuar no páreo por conta própria. (14) Até fevereiro, (15) quando ocorrerá a eleição, (16) outros candidatos devem aparecer. (17) O interesse pessoal dos parlamentares na presidência da Câmara se justifica pela envergadura política que o cargo confere ao ocupante. (18) Além do eleitorado de Osasco, (19) quem já tinha ouvido falar no deputado João Paulo Cunha? (20) Hoje, (21) depois de dois anos na presidência, (22) ele é considerado uma estrela em ascensão. (23) É cotado para integrar a equipe ministerial do governo Lula (24) e também consta da relação dos aspirantes a candidato ao governo de São Paulo.

(25) “É mais importante ser presidente da Câmara do que ocupar um ministério. (26) Ministros recebem ordens do presidente da república. (27) Presidentes da Câmara recebem pedidos”, (28) diz o deputado Michel Temer (PMDB-SP), (29) que ocupou o cargo entre 1997 e 2001. (30) O presidente da Câmara pode não ajudar, (31) mas pode inviabilizar um governo, (32) tantas são suas prerrogativas. (33) É dele a decisão do que

vai ou não entrar na pauta de votação. (34) Assim, dependendo de seu humor, (35) pode acelerar ou retardar matérias de interesse do executivo. (36) No ano passado, (37) apenas seis propostas de autoria de deputados foram aprovadas, (38) contra mais de 100 do Executivo. (39) Por isso o governo aposta tanto na eleição de Greenhalgh, homem de confiança da cúpula petista. (40) Outra exclusividade do presidente é a definição do ritmo das apurações de irregularidades na Casa. (41) O processo de cassação do deputado André Luiz (PMDB-RJ), por exemplo, andou rápido por empenho de João Paulo. (42) Outro, como o do deputado Pedro Corrêa, envolvido com a máfia dos combustíveis, está se arrastando há seis meses. (43) Com tantos poderes, (44) o governo bajula e os deputados prestam reverência a seu presidente. (45) Tudo isso é sinônimo de poder.

(46) A Câmara tem números gigantescos (47) e oferece uma vida bem melhor a seu presidente do que aos outros 512 ocupantes da Casa. (48) O orçamento anual é de 2,3 bilhões de reais, valor superior à arrecadação de todos os municípios brasileiros, (49) com exceção de São Paulo e do Rio de Janeiro. (50) A residência oficial do presidente fica num terreno de 9.000 metros quadrados, à beira do lago Paranoá. (51) O imóvel tem suíte, três quartos, escritório, salão de festas e piscina. (52) O presidente dispõe de um staff de 21 funcionários, entre faxineiros, cozinheiros, jardineiros, motoristas e seguranças, (53) para cuidar de tudo. (54) A equipe é comandada por uma nutricionista, com mestrado em administração pública. (55) “A estrutura da casa é tão boa que você liga duas horas antes (56) e avisa que vai levar trinta pessoas para o jantar. (57) Pode chegar tranquilamente que o jantar vai estar na mesa”, (58) testemunha Michel Temer. (59) A residência oficial é ponto de referência para encontros importantes. (60) Nos últimos dois anos, (61) João Paulo Cunha recebeu quatro vezes o presidente Lula. (62) Os principais pontos das reformas tributária e previdenciária foram definidos em reuniões realizadas na residência oficial.

(63) Com tantos atrativos, (64) é natural que não falem interessados em ocupar a cadeira de presidente. (65) Em dezembro, (66) Greenhalgh foi o escolhido, com a benção do Planalto e da cúpula petista. (67) Até então favorito para o cargo, (68) o mineiro Virgílio, que foi relator da reforma tributária e já dividiu um apartamento com o então deputado Lula durante a Constituinte, se rebelou (69) e afirma que levará sua candidatura até o fim. (70) Ele não se conforma por ter sido vetado pelo Planalto e por Lula. (71) Já Greenhalgh, que tem tudo para vencer a disputa, é apoiado pelas principais lideranças, (72) mas odiado pelas bases. (73) Ele enfrenta a resistência dos mais conservadores, (74) devido a sua atuação como advogado de vítimas do regime militar e dos sem-terra. (75) A maioria das críticas gira em torno de seu comportamento, (76) definido como arrogante por alguns. (77) “Há muitos deputados que realmente não conheço, (78) mas eu não era candidato (79) e não tinha obrigação de conhecê-los”, (80) responde Greenhalgh. (81) O vencedor da disputa conquistará poder, influência e visibilidade. (82) Ainda assim, o cargo reserva alguns estigmas a seus ocupantes. (83) À exceção de Aécio Neves, (84) que antecedeu João Paulo Cunha e se elegeu governador de Minas, (85) nos últimos vinte anos (86) nenhum dos ex-presidentes da Câmara alçou vãos maiores.

Turma do barulho

(01) Eles já são uma espécie de facção informal do PT. (02) Liderado pela ex-prefeita de São Paulo Marta Suplicy, (03) o grupo formado pelos ex-secretários municipais Jilmar Tatto, Rui Falcão e Valdemir Garreta, pelo vereador Arselino Tatto e pelo marido da petista, Luis Favre, vem há tempos desafiando a direção nacional do partido. (04) Na semana passada, (05) o grupo deu nova mostra de rebeldia: (06) apoiou o candidato dissidente dos tucanos Roberto Trípoli à presidência da Câmara dos Vereadores de São Paulo, (07) enquanto o presidente nacional do PT, José Genoíno, trabalhava para eleger Ricardo Montoro, candidato do prefeito José Serra.

(08) A atitude dos rebeldes irritou a cúpula petista. (09) Lula e a direção do PT consideraram que a manobra da ex-prefeita atrapalhou a relação do partido com os tucanos no plano nacional (10) __ e isso num momento em que o PT precisa do apoio do PSDB para viabilizar a candidatura do deputado Luiz Eduardo Greenhalgh à presidência da Câmara Federal (11) (*veja reportagem na pág. 46*). (12) A “banda heavy metal da Marta”, como petistas vêm chamando o grupo da ex-prefeita, por causa de seu estilo barulhento e métodos bruscos, tem duas pretensões para os próximos anos: (13) infernizar a vida do prefeito recém-empossado José Serra (14) e fortalecer o nome de Marta como candidata ao governo estadual em 2006. (15) O senador Aloizio Mercadante é hoje o preferido da direção nacional para o pleito.

(16) Os pruridos da turma da ex-prefeita são muito semelhantes aos das bandas de metaleiros. (17) Eles não se importam em infernizar a comunidade. (18) O que importa é estar no palco e fazendo barulho. (19) Marta conseguiu o barulho desejado ao não pagar uma dívida vencida de 145 milhões de reais com o Tesouro Nacional (20) e deixar no caixa da prefeitura meros 16.000 reais para seu sucessor começar a tocar a administração. (21) A desfeita maior foi com o povo paulistano, (22) e não propriamente com Serra. (23) Outras bombas de explosão retardada também foram encontradas por Serra e seus auxiliares nas gavetas da prefeitura. (24) Entre elas, (25) a decisão da prefeita de não reconhecer uma dívida de 1 bilhão de reais do município, uma manobra técnica para escapar dos rigores da Lei de Responsabilidade Fiscal. (26) Reconhecida ou não, (27) a dívida terá que ser paga por Serra.

(28) Lula tem tolerado as rebeldias de Marta e sua turma. (29) Em público, (30) ela diz que o “espírito democrático” do presidente Lula lhe permite discordar de certas orientações partidárias. (31) Intimamente, (32) não teme desafiar Brasília, (33) porque sabe que, a despeito da vontade inicial e do peso político do presidente e de seu grupo, será da burocracia do PT a definição do nome do candidato do partido ao governo paulista em 2006.

(34) No PT, (35) as prévias são decididas pelo voto dos filiados. (36) Delegados e demais dirigentes, no entanto, têm peso decisivo no processo. (37) São eles que orientam o voto dos petistas sem cargo, (38) chamados no jargão interno da sigla de “garrafas” (39) __ nada a ver com os hábitos étlicos de alguns petistas. (40) Sendo assim, no caso de uma prévia entre Marta e Mercadante, por exemplo, (41) vencerá aquele cujo grupo tiver mais “engradados”. (42) A estratégia traçada por Favre, Garreta e Falcão inclui manter o diretório municipal nas mãos do metaleiro Ítalo Cardoso (43) e conquistar o comando do diretório estadual, (44) agora ocupado por Paulo Frateschi, amigo de Lula. (45) Os “martistas” querem substituí-lo por Jilmar Tatto.

(46) Hoje, (47) a chance de a ex-prefeita ganhar a adesão da maioria dos delegados estaduais é reduzida. (48) “Marta não tem mais caneta para dar cargos”, (49) diz um dirigente petista. (50) Os metaleiros apostam, no entanto, que o tempo se encarregará de mudar a situação. (51) Com os cofres da prefeitura quebrados, (52) Serra enfrentará dificuldades para governar. (53) O grupo de Marta acredita que o cacife eleitoral da petista subirá na mesma proporção que aumentar o desgaste do tucano. (54) No que depender da ex-prefeita e de seus metaleiros, (55) esse é o caminho. (56) A oposição “estritamente programática” a Serra, defendida por Genoíno, não está nos planos da turma de Marta, (57) que ainda detém a maioria na Câmara (58) e promete tratar o tucano a pão e água. (59) Serra que se prepare: (60) muito barulho o aguarda.

Gorda gente brasileira

(01) Artigo no *O Estado de S. Paulo* mostra que os índios piraãs, da Amazônia, só têm três palavras para os números. (02) O número um é “hói”. (03) O número dois, “hoi”. (04) A terceira palavra usada pelos piraãs é “aíbaagi”, que significa muitos. (05) Se você desenhar dois riscos no chão, (06) eles conseguirão repetir o desenho. (07) Mas ficarão confusos, (08) se você fizer seis riscos. (09) Em Brasília, (10) os sábios que cuidam ou cuidaram do programa Fome Zero têm um problema parecido com o dos piraãs, (11) só que em sentido contrário. (12) Eles só se sentem confortáveis com cifras altas. (13) Para quantificar o contingente de famintos do Brasil, (14) não aceitam nada inferior a 50 milhões de pessoas.

(15) Quem tenta provar a eles que o número verdadeiro é bem menor descobre que ficam confusos e irados. (16) Necessitam da desgraça em grande porte para justificar seu papel autoconferido de reformadores do mundo. (17) Durante a campanha que o levaria à Presidência, (18) Lula repetiu os números que lhe foram passados pelos assessores. (19) Informava ao país que havia 53 milhões de brasileiros com fome. (20) Seus subordinados ligados ao Fome Zero lambuzavam-se deliciosamente nessa escandalosa multidão de famintos.

(21) Em dezembro passado, (22) saiu uma pesquisa do IBGE que desmente o Fome Zero. (23) Pesquisadores do instituto foram verificar junto a uma amostra de brasileiros o que compravam no mercado, (24) o que armazenavam na despensa, (25) o que colhiam no quintal, (26) o número de ovos fornecidos por suas três galinhas caipiras (27) e o que obtinham no pé de jaca do vizinho. (28) Por fim, os pesquisadores mediram e pesaram as pessoas. (29) Levantamento como esse nunca havia sido feito. (30) Durou um ano e representa a cobertura de um universo de 95,5 milhões de pessoas acima de 20 anos. (31) Supostamente, (32) jovens menores de 20 anos e crianças que vivem nessas famílias comem o equivalente.

(33) Resultado do estudo: (34) 38,8 milhões eram gordos e obesos (35) e apenas 3,8 milhões estavam com deficiência de peso. (36) Atenção: (37) deficiência de peso não significa necessariamente desnutrição. (38) Parte dos pesos leves é composta de pessoas constitucionalmente magras.

(39) Na semana passada, (40) os assessores de Lula que foram ligados ao Fome Zero rejeitaram a visão positiva proporcionada pelo levantamento do IBGE (41) como se ela fosse um ataque pessoal a suas crenças mais sagradas. (42) Carlos Alberto Libânio

Christo, o Frei Betto, disse que “gordura não é sinal de barriga cheia, pelo contrário”. (43) E José Graziano da Silva, criador do Fome Zero, ficou tão frustrado com a existência da pobreza gorda que se vingou refazendo seus cálculos para cima. (44) Graziano está dizendo que o Brasil tem 77 milhões de pessoas passando fome.

(45) A diferença entre os resultados das pesquisas que medem o número de desnutridos no Brasil resulta da metodologia utilizada. (46) Em geral, (47) acadêmicos calculam o nível da nutrição pelo tamanho da renda dos indivíduos. (48) Esse método tem o inconveniente de não levar em conta ganhos que só é possível constatar em pesquisas de campo. (49) Também deixa de fora o peixe pescado no rio (50) ou a banana colhida atrás de casa.

(51) Cifras exageradas sobre famintos não são algarismos neutros. (52) São usadas para fins políticos, (53) como os discursos da campanha presidencial de Lula, (54) bem como para a produção de programas de governo que envolvem contratação de funcionários, gasto de dinheiro e desinformação da sociedade.

Tem até antimíssil

(01) A fotografia que ilustra esta reportagem foi feita em Dallas, no Texas, no mês passado. (02) É a primeira imagem do novo avião do presidente Lula a ser divulgada desde que ele ficou pronto. (03) O jato, salvo algum imprevisto técnico, aterrissa no Brasil nesta semana. (04) A aeronave, fabricada pela Airbus na Alemanha, vai substituir o Boeing 707, conhecido como Sucatão, (05) que hoje é usado pelo presidente em suas viagens internacionais. (06) O Sucatão tem mais de três décadas de uso, (07) já deu sustos monumentais em autoridades (08) e não opera em vôos comerciais nos Estados Unidos desde 1983. (09) É tão barulhento que está proibido de pousar em muitos aeroportos americanos e europeus. (10) O novo Airbus presidencial é um dos aviões mais modernos que existem. (11) Comprado por 57 milhões de dólares, o equivalente a 154 milhões de reais, (12) o Airbus terá estréia internacional em grande estilo. (13) É nele que Lula vai viajar a Davos, na Suíça, (14) para participar do Fórum Econômico Mundial, o encontro anual que reúne governantes dos países ricos e líderes das grandes empresas multinacionais.

(15) O jato Airbus Corporate Jetliner, batizado por Lula de *Santos Dumont*, será apresentado aos brasileiros pela Força Aérea Brasileira (FAB) (16) assim que aterrissar no país. (17) O avião permite ao presidente viajar sem escalas de Brasília a Paris, Washington ou Nova York. (18) A semelhança com os jatos comuns pára aí. (19) O *Santos Dumont* tem capacidade para transportar até 32 passageiros, (20) mas pode ter sua cabine modificada (21) para levar apenas dezesseis pessoas fora da suíte presidencial. (22) Nessa configuração, (23) o conforto e a privacidade dos demais passageiros equivalem aos da primeira classe das companhias aéreas comerciais. (24) Além da suíte e da cabine principal, (25) há ainda um gabinete para despachos com assessores, (26) com acomodação para cerca de dez pessoas (27) e equipado com monitores capazes de receber sons e imagens transmitidos por satélite. (28) Isso permite a Lula conectar-se com qualquer ponto do planeta durante uma viagem.

(29) Outra novidade do *Santos Dumont* é seu sistema de defesa. (30) Mesmo distante de conflitos, (31) o governo brasileiro entendeu que precisava dotar o avião de um sistema

antimíssil. (32) Inspirado no *Air Force One*, avião da Presidência da República dos Estados Unidos que pode resistir aos transtornos elétricos ocasionados na atmosfera por explosões atômicas, (33) o *Santos Dumont* possui um mecanismo capaz de defender o presidente brasileiro de um ato hostil. (34) Os radares do avião são capazes de detectar a existência de um míssil a cerca de 100 quilômetros de distância. (35) O piloto pode acionar um equipamento, instalado sob as asas, que dispara um míssil incandescente (36) e faz com que o petardo inimigo desvie sua rota inicial, (37) protegendo o avião. (38) Também por medida de segurança (39) todo o sistema de comunicação do Santos Dumont é criptografado. (40) A FAB não revela detalhes sobre o sistema defensivo por medidas de segurança.

A casa do presidente

(01) Em julho do ano passado, (02) Luís Cláudio, filho do presidente Lula, e um grupo de catorze amigos paulistas passaram as férias em Brasília. (03) Hospedaram-se no Palácio da Alvorada, (04) fizeram churrasco na Granja do Torto, (05) passearam de lancha no Lago Paranoá (06) e conheceram os principais gabinetes do Palácio do Planalto. (07) O episódio veio à tona na semana passada, em fotos divulgadas na internet pelos próprios garotos, (08) e causou polêmica. (09) A oposição prometeu abrir uma investigação (10) e pedir a devolução de todo o dinheiro oficial gasto na estada brasiliense dos jovens. (11) Há uma boa dose de exagero nessa reação.

(12) Durante o mandato, (13) o Palácio da Alvorada é a casa do presidente. (14) É seu “lar”, (15) para usar uma palavra de conotações mais fortes. (16) Não existem impedimentos legais para ele receber as visitas que desejar ali, (17) ainda que sejam amigos do filho. (18) “A lei prevê inclusive que a União arque com as despesas pessoais do presidente – (19) e isso se estende a seus familiares”, (20) diz Floriano de Azevedo Marques Neto, professor da Faculdade de Direito da USP. (21) Ressalte-se que a finalidade do Alvorada é estritamente residencial, (22) ao contrário do que acontece, por exemplo, nos Estados Unidos. (23) Além de morada do presidente, (24) a Casa Branca é local de trabalho – (25) mas as festas familiares ali são quase uma tradição. (26) A filha do presidente Richard Nixon e o irmão da ex-primeira-dama Hillary Clinton se casaram na Casa Branca. (27) A filha do ex-presidente Gerald Ford fez sua festa de formatura nos jardins, (28) que teve banda de rock (29) e foi até a madrugada.

(30) Se as reclamações sobre a farra juvenil em Brasília têm onde se apoiar, (31) é no uso de um avião e de uma lancha com bandeira oficial. (32) Esses veículos circulam segundo regras estritas, (33) e não deveriam ter sido usados para divertir a patota de Luís Cláudio. (34) “Que os filhos do presidente convidem os amiguinhos para dormir em casa ou nadar na piscina tudo bem. (35) Usar avião da FAB para transportar todo mundo é contra a lei”, (36) diz o cientista político David Fleischer, da Universidade de Brasília. (37) O uso do avião e da lancha representa, no mínimo, uma contradição. (38) Em 1999, (39) os petistas tentaram criar uma comissão parlamentar de inquérito (40) para investigar os ministros do governo tucano que usaram jatinhos oficiais (41) para passar férias na praia. (42) Alguns foram obrigados a restituir dinheiro à União (43) e outros respondem a processo até hoje.

Anexo B: estruturas informacionais

Sessão Brasil da revista *Veja* do dia 5 de janeiro de 2005

Transcrição da organização informacional do texto Fantasma maranhenses .	Progressão informacional
(01) Pobre Maranhão.	
(02) O estado [Maranhão] tem o pior índice de desenvolvimento humano do Brasil,	Progressão linear
(03) (Maranhão) a renda per capita mais baixa do país	Tópico constante
(04) (Maranhão) e está na ponta do ranking dos indicadores sociais negativos.	Tópico constante
(05) (Maranhão) Metade da população não tem água encanada ou esgoto	Tópico constante
(06) (Metade da população) e vive abaixo da linha da pobreza.	Progressão linear
(07) (Situação enunciativa – o início de uma narração) No fim do ano passado,	Progressão linear
(08) (No fim do ano passado) o governador José Reinaldo Tavares, ex-PFL, filiou-se ao PTB em grande estilo.	Progressão linear
(09) (o governador José Reinaldo Tavares) Anunciou seu rompimento com as velhas oligarquias políticas,	Progressão linear
(10) (o governador José Reinaldo Tavares) prometeu modernizar o estado e investir em infra-estrutura.	Tópico constante
(11) (o governador José Reinaldo Tavares) Decidiu também priorizar o interior,	Tópico constante
(12) principalmente as cidades mais carentes [do interior].	Progressão linear
(13) As mudanças [informação cotextual - Anunciou seu rompimento com as velhas oligarquias políticas, prometeu modernizar o estado e investir em infra-estrutura. Decidiu também priorizar o interior, principalmente as cidades mais carentes] começaram a se materializar com a assinatura de duas dezenas de contratos de emergência com empresas encarregadas de abrir centenas de quilômetros de estradas vicinais.	Progressão linear
(14) (As mudanças começaram a se materializar com a assinatura de duas dezenas de contratos de emergência com empresas encarregadas de abrir centenas de quilômetros de estradas vicinais.) Para evitar os costumeiros desvios de recursos, uma praga que insiste em não abandonar os grotões,	Progressão linear
(15) os pagamentos [contratos de emergência com empresas] eram liberados somente depois que um fiscal ia ao local conferir a conclusão das obras.	Encadeamento à distância
(16) Tudo [os pagamentos eram liberados somente depois que um fiscal ia ao local conferir a conclusão das obras] transparente.	Progressão linear
(17) (Tudo transparente) Bem, seria mesmo	Progressão linear
(18) se tudo [Tudo] não passasse de encenação.	Tópico constante
(19) O Maranhão [Maranhão] acaba de inovar a engenharia da corrupção	Encadeamento à distância
(20) (Maranhão) ao lançar no cenário as estradas virtuais.	Tópico constante
(21) As obras de emergência [obras] foram integralmente pagas.	Encadeamento à distância
(22) Mas nada [obras] foi feito.	Tópico constante

(23) Elas [obras] nunca saíram do papel.	Tópico constante
(24) O governo [o governador José Reinaldo Tavares] contratou vinte obras fantasmas,	Encadeamento à distância
(25) (vinte obras fantasmas) ligando quarenta povoados em doze municípios, uma maneira de tragar dinheiro público a conta-gotas.	Progressão linear
(26) Em Miranda do Norte [quarenta povoados em doze municípios], distante 130 quilômetros de São Luís, por exemplo,	Progressão linear
(27) (Em Miranda do Norte, distante 130 quilômetros de São Luís, por exemplo,) foram construídas duas estradas.	Progressão linear
(28) O povoado de São João [quarenta povoados em doze municípios], um dos beneficiados, até já existiu,	Encadeamento à distância
(29) (o povoado de São João) mas mudou de nome há mais de duas décadas.	Progressão linear
(30) (O povoado de São João) Hoje,	Tópico constante
(31) (O povoado de São João) são apenas oito barracos no local.	Tópico constante
(32) A tal estrada [duas estradas] ninguém sabe dizer onde fica.	Encadeamento à distância
(33) (Situação enunciativa) Em agosto de 2003,	Encadeamento à distância
(34) o governo do Maranhão [o governo] pagou por uma estrada entre o povoado de Monte Verde e o de Araras.	Encadeamento à distância
(35) O dinheiro [o pagamento de uma estrada] não teria sido suficiente para concluir a obra.	Progressão linear
(36) O governo estadual [o governo do Maranhão], então, desembolsou um aditivo.	Encadeamento à distância
(37) Um fiscal do estado [o governo estadual] atestou a conclusão da estrada.	Tópico constante
(38) (Um fiscal do estado atestou a conclusão da estrada.) Dois dias depois,	Progressão linear
(39) o governo [o governo estadual] recontratou a empreiteira para fazer o mesmo trecho.	Encadeamento à distância
(40) (o governo) Pagou de novo pela mesma estrada.	Tópico constante
(41) Essa segunda empreitada [a mesma estrada] teria sido concluída em exatos sete dias.	Progressão linear
(42) (Essa segunda empreitada) Teria sido uma façanha da engenharia moderna	Progressão linear
(43) (Teria sido uma façanha da engenharia moderna) não fosse por um detalhe vital:	Progressão linear
(44) (um detalhe vital:) nem a estrada nem os povoados que elas deveriam ligar existem.	Progressão linear
(45) No município Governador Eugênio Barros [quarenta povoados em doze municípios],	Encadeamento à distância
(46) (No município Governador Eugênio Barros) as obras fantasmas chegaram a ser discutidas na última eleição.	Progressão linear
(47) (No município Governador Eugênio Barros, as obras fantasmas chegaram a ser discutidas na última eleição.) A oposição acusou o prefeito Expedito Machado de estar envolvido com desvio de recursos.	Progressão linear
(48) O prefeito [o prefeito Expedito Machado] se defendeu acusando.	Progressão linear
(49) Ele [o prefeito Expedito Machado] diz que há anos não se faz nenhuma obra estadual na cidade	Tópico constante
(50) e que os povoados beneficiados com as estradas vicinais do governo [os povoados] realmente não existem.	Encadeamento à distância
(51) O dinheiro [recursos] que sumiu é mais que o dobro da arrecadação mensal do município.	Encadeamento à distância

(52) As fraudes a conta-gotas [informação cotextual – O governo contratou vinte obras fantasmas. (...) O dinheiro que sumiu é mais que o dobro da arrecadação mensal do município] podem chegar a 20 milhões de reais.	Progressão linear
(53) O governador José Reinaldo [O governador José Reinaldo] não soube responder à pergunta sobre onde foi parar o dinheiro das obras.	Encadeamento à distância
(54) (O governador José Reinaldo) Ouvido por VEJA,	Tópico constante
(55) ele [O governador José Reinaldo] passou a responsabilidade da resposta ao secretário de Infra-Estrutura, João Dominici, seu cunhado.	Tópico constante
(56) Dominici [Dominici] também não tinha explicação plausível.	Progressão linear
(57) Diante do vácuo de explicações [informação cotextual - O governador José Reinaldo não soube responder à pergunta sobre onde foi parar o dinheiro das obras. (...) Dominici também não tinha explicação plausível.],	Progressão linear
(58) o governador [O governador José Reinaldo] inquiriu diretamente o empreiteiro Lourival Parente, seu amigo particular, colaborador de campanha e dono das duas empresas que receberam todo o dinheiro das vinte estradas fantasmas.	Encadeamento à distância
(59) Depois da conversa [o governador inquiriu diretamente o empreiteiro Lourival Parente],	Progressão linear
(60) o governador [O governador José Reinaldo] disse a VEJA:	Encadeamento à distância
(61) “ Ele (Lourival Parente) [Lourival Parente] me falou que se responsabilizava por tudo de errado	Encadeamento à distância
(62) (Lourival Parente) e garantiu que vai fazer as estradas”.	Tópico constante
(63) O governador [O governador José Reinaldo] informou também que mandou instaurar uma sindicância.	Encadeamento à distância
(64) José Reinaldo [O governador José Reinaldo] talvez devesse ter chamado a polícia.	Tópico constante
(65) A empresa de Lourival Parente [dono das duas empresas que receberam todo o dinheiro] foi contratada sem licitação para reformar o Palácio dos Leões, a sede do governo maranhense.	Encadeamento à distância
(66) “ A reforma do palácio [para reformar o Palácio os Leões] foi concluída no governo passado”.	Progressão linear
(67) (“A reforma do palácio foi concluída no governo passado”,) garante o ex-gerente de infra-estrutura Ricardo Peres.	Progressão linear
(68) (Lourival Parente) Procurado por VEJA,	Encadeamento à distância
(69) o empreiteiro [Lourival Parente] disse que nada tinha a comentar sobre o assunto.	Tópico constante
(70) (O governador José Reinaldo) Para mostrar que não está brincando quando diz que pretende modernizar o estado,	Encadeamento à distância
(71) o governador do Maranhão [O governador José Reinaldo] anunciou que vai investigar não só o caso das estradas fantasmas de seu governo,	Tópico constante
(72) (o governador do Maranhão anunciou que vai investigar não só o caso das estradas fantasmas de seu governo,) mas todas as obras realizadas no estado nos últimos dez anos.	Progressão linear
(73) José Reinaldo [O governador José Reinaldo] deve saber o que pode encontrar.	Encadeamento à distância
(74) Afinal, nos últimos dez anos ele [O governador José Reinaldo] foi vice-governador e governador interino do estado,	Tópico constante
(75) (O governador José Reinaldo) chegando a assumir pessoalmente a gerência de Infra-Estrutura, o órgão responsável por todas as obras.	Tópico constante
(76) (O governador José Reinaldo) Vai poder contar com a ajuda dos próprios empreiteiros.	Tópico constante
(77) “ Eu [locutor] já vi muita coisa em minha vida,	Encadeamento à distância
(78) mas isso [todos os casos de corrupção mencionados antes – “O Maranhão acaba de inovar a engenharia da corrupção (...) “Eu já vi muita coisa em minha vida,”]...”.	Progressão linear

(79) (“Eu já vi muita coisa em minha vida, mas isso...”) diz José Ribamar Belo, presidente do sindicato dos empreiteiros,	Progressão linear
(80) que [José Ribamar Belo] garante ter há quase um ano alertado o governador sobre a fraude das estradas fantasmas.	Progressão linear
(81) (José Ribamar Belo) No mesmo encontro em que deu sua contribuição à moralidade pública,	Tópico constante
(82) Belo [José Ribamar Belo] entregou ao governador uma lista de empresas que, segundo ele, efetivamente executaram obras,	Tópico constante
(83) (empresas que efetivamente executaram obras) mas que não receberam o pagamento.	Progressão linear
(84) (empresas que efetivamente executaram obras, mas que não receberam o pagamento) Surge nesse ponto da fantasmagoria maranhense um novo monstro, primo-irmão das estradas irreais com contrato real.	Progressão linear
(85) Trata-se das obras reais com contratos fantasmas [um novo monstro, primo-irmão das estradas irreais com contrato real].	Progressão linear
(86) O governo do Maranhão [o governo] informa que as empresas da lista de Belo,	Encadeamento à distância
(87) (as empresas da lista de Belo) se fizeram obras,	Progressão linear
(88) (as empresas da lista de Belo) foi por sua própria iniciativa.	Tópico constante
(89) Não existem contratos entre elas [as empresas da lista de Belo] e o governo.	Tópico constante
(90) José Reinaldo [o governador José Reinaldo Tavares] atribui as denúncias de fraude à sua cruzada de transformação,	Encadeamento à distância
(91) que [sua cruzada de transformação], afirma, está minando o poder do clã liderado pelo ex-presidente José Sarney e sua filha, a senadora Roseana, aliada até pouco tempo atrás.	Progressão linear
(92) (o governador José Reinaldo Tavares) Desde que assumiu o governo,	Encadeamento à distância
(93) Tavares [o governador José Reinaldo Tavares] travou um duelo de força com Roseana,	Tópico constante
(94) a quem [Roseana] acusa de tentar boicotar sua administração.	Progressão linear
(95) (sua cruzada de transformação) “Cinqüenta por cento do gasto em publicidade no estado era dirigido aos veículos de comunicação da família.	Encadeamento à distância
(96) (“Cinqüenta por cento do gasto em publicidade no estado era dirigido aos veículos de comunicação da família.) Eu mandei cortar”,	Progressão linear
(97) (“Cinqüenta por cento do gasto em publicidade no estado era dirigido aos veículos de comunicação da família. Eu mandei cortar”,) diz o governador.	Progressão linear
(98) José Reinaldo [o governador José Reinaldo Tavares] também acusa os membros da família Sarney de tentar continuar gerindo as finanças e as obras do estado	Progressão linear
(99) (José Reinaldo também acusa os membros da família Sarney de tentar continuar gerindo as finanças e as obras do estado) mesmo depois de deixar o poder.	Progressão linear
(100) “Demiti o Ricardo Murad [os membros da família Sarney] por causa de irregularidades”,	Encadeamento à distância
(101) (“Demiti o Ricardo Murad por causa de irregularidades”,) comenta.	Progressão linear
(102) Murad [Ricardo Murad] é cunhado de Roseana.	Encadeamento à distância
(103) (declaração do governador de que demitiu Murad por causa de irregularidades) “Pedi demissão para me candidatar a prefeito.	Encadeamento à distância
(104) O governador [o governador José Reinaldo Tavares] ficou irritado,	Encadeamento à distância
(105) (O governador ficou irritado) porque, antes de sair, adverti que havia um esquema para desviar recursos	Progressão linear
(106) (havia um esquema) através de obras fantasmas”,	Progressão linear

(107) (“Pedi demissão para me candidatar a prefeito. O governador ficou irritado, porque, antes de sair, adverti que havia um esquema para desviar recursos através de obras fantasmas”,) diz Murad.	Progressão linear
(108) Segundo Murad [Ricardo Murad],	Progressão linear
(109) os empresários [que participavam do esquema para desviar recursos através de obras fantasmas] ficavam com 20% do valor liberado	Encadeamento à distância
(110) e o restante [do valor liberado] era encaminhado a pessoas ligadas ao governo.	Progressão linear
(111) “ Os empresários [os empresários] me disseram que o dinheiro desviado foi entregue à primeira-dama”,	Encadeamento à distância
(112) (“Os empresários me disseram que o dinheiro desviado foi entregue à primeira-dama”,) acusa Murad.	Progressão linear
(113) Alexandra Tavares, a primeira-dama , [a primeira-dama] é secretária de Solidariedade Humana	Encadeamento à distância
(114) (a primeira-dama) e membro do conselho de planejamento e gestão do estado.	Tópico constante
(115) Ela [a primeira-dama] não quis falar,	Tópico constante
(116) mas o governador mandou dizer que as acusações contra a esposa [acusação de Murad de que o dinheiro desviado foi entregue à primeira-dama] se encaixam perfeitamente nos costumes dos antigos ocupantes do poder.	Encadeamento à distância
(117) Prova [os casos de corrupção no governo maranhense] de que a política, às vezes, apenas muda o sobrenome,	Encadeamento à distância
(118) mas tudo [os casos de corrupção no governo maranhense] continua igual,	Tópico constante
(119) incluindo os fantasmas [a fraude das estradas fantasmas] de sempre.	Encadeamento à distância
(120) Pobre Maranhão [Maranhão].	Encadeamento à distância

Transcrição da organização informacional do texto Sandálias da humildade .	Progressão informacional
(01) O presidente Lula deveria calçar as sandálias da humildade.	
(02) (O presidente Lula) Imagina que pode reger o desenvolvimento do país	Progressão linear
(03) (Imagina que pode reger o desenvolvimento do país) como Moisés abriu o mar em duas metades.	Progressão linear
(04) (O presidente Lula) Disse que 2005 será um ano com “mar de almirante e céu de brigadeiro”.	Encadeamento à distância
(05) José Dirceu [membro do governo Lula], ministro-chefe da casa civil, é pior.	Progressão linear
(06) (José Dirceu) Acredita que o crescimento brasileiro depende do número de horas que ele trabalha por dia.	Progressão linear
(07) (José Dirceu) “Vou trabalhar dia e noite de uma maneira persistente	Tópico constante
(08) (“Vou trabalhar dia e noite de uma maneira persistente) para que o crescimento (de 2005) seja pelo menos 1% a mais do que a previsão do Ipea (de 3,8%)”,	Progressão linear
(09) (“Vou trabalhar dia e noite de uma maneira persistente para que o crescimento (de 2005) seja pelo menos 1% a mais do que a previsão do Ipea (de 3,8%)”,) disse o ministro.	Progressão linear
(10) Dirceu [o ministro] não tem comando algum sobre a máquina econômica da nação.	Progressão linear
(11) Ele [José Dirceu] pode trabalhar 24 horas por dia que a economia brasileira ficará exatamente no mesmo lugar.	Tópico constante
(12) Para Dirceu [José Dirceu],	Tópico constante
(13) (Para Dirceu,) sandálias não bastam.	Progressão linear
(14) No caso dele [José Dirceu], de extrema presunção,	Tópico constante
(15) (No caso dele, de extrema presunção,) só mesmo pés descalços, como os das	Progressão linear

carmelitas, fariam efeito sobre sua vaidade.	
(16) No governo [do presidente Lula],	Encadeamento à distância
(17) (No governo) se há um ministro que fez diferença na taxa de crescimento do Brasil em 2004	Progressão linear
(18) é o [um ministro que faz diferença] da Fazenda, Antonio Palocci.	Progressão linear
(19) A economia [um ministro que faz diferença (...)] é o da Fazenda, Antonio Palocci] não teria crescido	Progressão linear
(20) se o ministro Palocci [Antonio Palocci] não tivesse adotado desde a posse uma linha de conduta que inspira confiança nos investidores	Tópico constante
(21) (uma linha de conduta) e cria um ambiente de estabilidade no país.	Progressão linear
(22) Mesmo assim, é preciso entender as limitações de Palocci [Antonio Palocci].	Encadeamento à distância
(23) O ministro [Antonio Palocci]. pode impedir o crescimento	Tópico constante
(24) se sair da linha [uma linha de conduta],	Encadeamento à distância
(25) mas não consegue produzi-lo [o crescimento] só com o arsenal de que dispõe.	Encadeamento à distância
(26) (o arsenal de que dispõe) Enxugamento dos gastos,	Progressão linear
(27) (o arsenal de que dispõe) juros estratosféricos,	Tópico constante
(28) (o arsenal de que dispõe) impostos elevados	Tópico constante
(29) — nada disso [Enxugamento dos gastos, juros estratosféricos, impostos elevados] fabrica o desenvolvimento.	Progressão linear
(30) O Brasil [O Brasil] chegou ao fim do ano com uma taxa anual de expansão econômica acima de 5%,	Encadeamento à distância
(31) (O Brasil chegou ao fim do ano com uma taxa anual de expansão econômica acima de 5%.) graças a um conjunto de fatores que pouco têm a ver com o governo do PT.	Progressão linear
(32) Os principais [fatores] são estes:	Progressão linear
(33) (principais fatores) preços agrícolas favoráveis no mercado internacional	Progressão linear
(34) (principais fatores) e a ampliação das exportações brasileiras,	Tópico constante
(35) (preços agrícolas favoráveis no mercado internacional e a ampliação das exportações brasileiras,) em decorrência de um crescimento inédito nos outros países.	Progressão linear
(36) O empurrão externo [preços agrícolas favoráveis no mercado internacional e a ampliação das exportações brasileiras, em decorrência de um crescimento inédito nos outros países.] reativou a economia interna.	Progressão linear
(37) A festa [O empurrão externo reativou a economia interna] vai ficar menos animada em 2005.	Progressão linear
(38) Os preços dos produtos agrícolas [preços agrícolas] estão desabando.	Encadeamento à distância
(39) O crescimento da economia mundial [um crescimento inédito nos outros países] deverá se desacelerar.	Encadeamento à distância
(40) (Os preços dos produtos agrícolas estão desabando. O crescimento da economia mundial deverá se desacelerar.) De acordo com estudo da Economist Intelligence Unit (EIU), ligada à revista inglesa The Economist,	Progressão linear
(41) a taxa global de expansão [o crescimento da economia mundial] cairá de 4,2% no ano passado para 3,2% neste ano.	Encadeamento à distância
(42) A situação [a taxa global de expansão cairá de 4,2% no ano passado para 3,2% neste ano.] ficará pior com eventual aumento do preço do petróleo, elevação das taxas básicas de juros e uma desaceleração maior da economia chinesa.	Progressão linear
(43) (Os preços dos produtos agrícolas estão desabando. O crescimento da economia mundial deverá se desacelerar.) Segundo a EIU,	Encadeamento à distância
(44) a taxa de expansão do Brasil [taxa anual de expansão econômica] cairá de mais de 5% ao ano para 3,7%.	Encadeamento à distância
(45) (a taxa de expansão do Brasil cairá de mais de 5% ao ano para 3,7%.) Nos próximos anos,	Progressão linear
(46) o Brasil [o Brasil] continuará mantendo um desempenho que irá se aproximando gradativamente dos 3% anuais até 2007,	Encadeamento à distância

(47) (Nos próximos anos, o Brasil continuará mantendo um desempenho que irá se aproximando gradativamente dos 3% anuais até 2007,) conforme previsão do Deutsche Bank Research.	Progressão linear
(48) É uma taxa medíocre [3% anuais até 2007] para um emergente com as desigualdades que se observam entre nós.	Encadeamento à distância
(49) Palocci [Antonio Palocci] sabiamente está calado.	Encadeamento à distância
(50) Lula e José Dirceu [o presidente Lula e José Dirceu] deveriam seguir-lhe o exemplo.	Encadeamento à distância
(51) Em dois anos de governo [o governo do PT],	Encadeamento à distância
(52) o PT [o governo do PT] conseguiu sucesso na economia,	Tópico constante
(53) (Em dois anos de governo, o PT conseguiu sucesso na economia,) copiando ajuizadamente a política inaugurada por FHC.	Progressão linear
(54) (o governo do PT) Na área social,	Encadeamento à distância
(55) nem sequer copiar o PT [o governo do PT] conseguiu.	Tópico constante
(56) As reformas estruturais para melhorar a gestão da máquina pública e a eficiência dos serviços [o desenvolvimento do país – segundo ato] foram largadas pelo meio do caminho.	Encadeamento à distância
(57) (As reformas estruturais foram largadas pelo meio do caminho) Estradas, portos e ferrovias estão caindo aos pedaços.	Progressão linear
(58) O investimento, mola do crescimento , [o desenvolvimento do país requer investimentos] continua abaixo do necessário.	Progressão linear
(59) Conclusão: não é hora de Lula e Dirceu [o presidente Lula e José Dirceu] ficarem comemorando vitórias que só existem em sua imaginação.	Encadeamento à distância
(60) Um pouco de humildade não lhes [o presidente Lula e José Dirceu] faria mal neste momento.	Tópico constante

Transcrição da organização informacional do texto Uma vitória da parceria tucano-petista .	Progressão informacional
(01) Um acordo fechado na madrugada de 22 de dezembro entre o governo petista e a oposição tucana mostrou ser possível a cooperação suprapartidária na política,	
(02) (Um acordo fechado na madrugada de 22 de dezembro entre o governo petista e a oposição tucana mostrou ser possível a cooperação suprapartidária na política,) a despeito do histórico de fisiologia e de obstrução na relação entre Congresso e presidentes no país.	Progressão linear
(03) O acordo [um acordo] permitiu a aprovação do projeto que cria as parcerias público-privadas (PPPs), mecanismo no qual o presidente Luiz Inácio Lula da Silva deposita enorme esperança	Encadeamento à distância
(04) (O acordo permitiu a aprovação do projeto que cria as parcerias público-privadas (PPPs), mecanismo no qual o presidente Luiz Inácio Lula da Silva deposita enorme esperança) para modernizar a debilitada infra-estrutura brasileira.	Progressão linear
(05) (O acordo permitiu a aprovação do projeto que cria as parcerias público-privadas (PPPs), mecanismo no qual o presidente Luiz Inácio Lula da Silva deposita enorme esperança para modernizar a debilitada infra-estrutura brasileira.) Num desfecho raro,	Progressão linear
(06) a versão final do projeto [o projeto] concilia o que há de melhor na proposta do governo com as melhores sugestões da oposição:	Encadeamento à distância
(07) (a versão final do projeto) permite a retomada de obras	Progressão linear
(08) (a versão final do projeto permite a retomada de obras) sem que se estimulem a corrupção e o descontrole de gastos.	Progressão linear
(09) O projeto [o projeto] era objeto de disputa no Congresso desde novembro de 2003,	Encadeamento à distância
(10) quando o governo apresentou sua primeira versão [o projeto] à Câmara.	Tópico

	constante
(11) O mecanismo das PPPs [mecanismo], em sua essência, é uma idéia funcional que, se não for desfigurada na prática, pode trazer benefícios ao país.	Encadeamento à distância
(12) (as PPPs) Criadas na Inglaterra,	Progressão linear
(13) elas [as PPPs] foram desenhadas com o objetivo de atrair investimento privado	Tópico constante
(14) (elas foram desenhadas com o objetivo de atrair investimento privado) para financiar obras públicas urgentes.	Progressão linear
(15) São obras [obras públicas urgentes] caras demais e de retorno financeiro incerto,	Progressão linear
(16) (obras) de modo que dificilmente seriam tocadas sem uma parceria entre Estado e empresas.	Tópico constante
(17) As PPPs [as PPPs] funcionam da seguinte forma:	Encadeamento à distância
(18) o governo [estado], que não tem dinheiro, convida investidores interessados em construir, manter e explorar comercialmente ferrovias ou rodovias por anos ou décadas.	Encadeamento à distância
(19) (o governo) Em troca, garante, com recursos oficiais, uma determinada taxa de rentabilidade ao investidor	Tópico constante
(20) caso os pedágios ou os fretes arrecadados [a exploração comercial de ferrovias ou rodovias significa cobrança de pedágios ou fretes] fiquem abaixo de um volume inicialmente combinado.	Encadeamento à distância
(21) Outro modelo de parceria [o primeiro modelo de parceria são as PPPs] é a concessão administrativa.	Encadeamento à distância
(22) Nesse sistema [a concessão administrativa],	Progressão linear
(23) a companhia privada [empresas/investidores] constrói obras que não arrecadam tarifas, como presídios, por exemplo,	Encadeamento à distância
(24) (a companhia privada) e recebe pelos serviços integralmente prestados ao Estado.	Progressão linear
(25) Não havia dúvidas de que o projeto [o projeto] era necessário.	Encadeamento à distância
(26) (Não havia dúvidas de que o projeto era necessário.) Dos 57.000 quilômetros que formam a principal parte da malha rodoviária do país,	Progressão linear
(27) metade [Dos 57.000 quilômetros que formam a principal parte da malha rodoviária do país,] está com pavimento comprometido.	Progressão linear
(28) (Não havia dúvidas de que o projeto era necessário.) A extensão ferroviária não ultrapassa os 30.000 quilômetros desde 1970.	Encadeamento à distância
(29) (o governo) Sozinho,	Encadeamento à distância
(30) o governo [o governo] não tem dinheiro para essas obras de infra-estrutura.	Tópico constante
(31) Não se trata apenas de um problema federal [não ter dinheiro para essas obras de infra-estrutura].	Progressão linear
(32) (Não se trata apenas de um problema federal.) Angustiados com a mesma falta de investimentos,	Progressão linear
(33) (Angustiados com a mesma falta de investimentos,) governadores tucanos como o paulista Geraldo Alckmin e o mineiro Aécio Neves fizeram suas próprias PPPs	Progressão linear
(34) (governadores tucanos) e esperavam pela legislação federal	Progressão linear
(35) para adaptá-las [as PPPs] e colocá-las [as PPPs] em prática.	Encadeamento à distância
(36) O problema, porém, é que a versão inicial do projeto oficial [o projeto] pecava pela falta de controles.	Encadeamento à distância
(37) (a versão inicial do projeto oficial) Não continha limite de gastos	Tópico constante
(38) (a versão inicial do projeto oficial) nem impedia que algumas obras fossem incluídas sob o guarda-chuva generoso das PPPs	Tópico constante

(39) (algumas obras) mesmo sendo lucrativas.	Progressão linear
(40) (a versão inicial do projeto oficial) Também não impedia que as empresas privadas fossem buscar no BNDES e nos fundos de pensão todo o dinheiro necessário para fazer as obras de PPPs	Encadeamento à distância
(41) __ o [Também não impedia que as empresas privadas fossem buscar no BNDES e nos fundos de pensão todo o dinheiro necessário para fazer as obras de PPPs] que retiraria completamente o risco privado.	Progressão linear
(42) No início [das negociações em torno da versão inicial do projeto],	Progressão linear
(43) (No início.) uma troca de acusações transmitiu a impressão de que o projeto ficaria indefinidamente obstruído.	Progressão linear
(44) (No início, uma troca de acusações transmitiu a impressão de que o projeto ficaria indefinidamente obstruído.) Mais tarde, felizmente,	Progressão linear
(45) (Mais tarde, felizmente) governo e oposição transigiram,	Progressão linear
(46) e o projeto [o projeto] foi aprovado com mudanças.	Encadeamento à distância
(47) Em sua forma final [o projeto],	Tópico constante
(48) o projeto das PPPs [o projeto] estabelece que estados, municípios e a União só poderão comprometer até 1% de sua receita líquida anual com recursos que darão	Tópico constante
(49) (Em sua forma final, o projeto das PPPs estabelece que estados, municípios e a União só poderão comprometer até 1% de sua receita líquida anual com recursos que darão) para complementar a rentabilidade dos investidores.	Progressão linear
(50) Além disso [Em sua forma final, o projeto das PPPs estabelece que estados, municípios e a União só poderão comprometer até 1% de sua receita líquida anual com recursos que darão para complementar a rentabilidade dos investidores.], a lei estipulou que o BNDES e os fundos de pensão, juntos, só poderão participar com até 80% do financiamento das obras.	Progressão linear
(51) (Além disso, a lei estipulou que o BNDES e os fundos de pensão, juntos, só poderão participar com até 80% do financiamento das obras.) Em algumas regiões mais pobres,	Progressão linear
(52) (Em algumas regiões mais pobres) esse percentual sobe para 90%.	Encadeamento à distância
(53) O Ministério do Planejamento [o governo] já tem 23 projetos com valor de 13 bilhões de reais que podem ser executados por meio das PPPs.	Encadeamento à distância
(54) As principais empresas privadas [empresas privadas] interessadas nas parcerias já se apressaram em escolher os projetos.	Encadeamento à distância
(55) O mais cobiçado [os projetos] é a construção do Arco Rodoviário,	Progressão linear
(56) que [o Arco Rodoviário] desviará o tráfego de caminhões da região metropolitana do Rio de Janeiro,	Progressão linear
(57) (o Arco Rodoviário) acelerando o acesso ao Porto de Sepetiba,	Tópico constante
(58) (a construção do Arco Rodoviário) com custo estimado de 250 milhões de reais.	Encadeamento à distância
(59) O desfecho das negociações no Congresso [o projeto em sua forma final] premiou o bom senso.	Encadeamento à distância
(60) Ficou claro que as PPPs [as PPPs] não são uma panacéia,	Encadeamento à distância
(61) (as PPPs) mas podem ter o condão de abreviar o começo de obras que vinham sendo eternamente adiadas.	Tópico constante
(62) Todos [o governo, a oposição, as empresas e o povo] saíram ganhando.	Encadeamento à distância

Sessão Brasil da revista *Veja* do dia 12 de janeiro de 2005

Transcrição da organização informacional do texto Por que eles querem presidir a Câmara.	Progressão informacional
(01) Os deputados Luiz Eduardo Greenhalgh e Virgílio Guimarães, ambos do PT, passaram a semana trabalhando pesado	
(02) uma cena rara [Os deputados Luiz Eduardo Greenhalgh e Virgílio Guimarães, ambos do PT, passaram a semana trabalhando pesado] em Brasília,	Progressão linear
(03) (uma cena rara em Brasília) em especial neste período do ano.	Progressão linear
(04) Os dois [Luiz Eduardo Greenhalgh e Virgílio Guimarães] estão em campanha pela presidência da Câmara dos Deputados.	Encadeamento à distância
(05) (A presidência da Câmara dos Deputados) Pela tradição,	Progressão linear
(06) o cargo [A presidência da Câmara dos Deputados] é ocupado por um parlamentar indicado pelo partido que detém a maior bancada.	Tópico constante
(07) Ao PT [o partido que detém a maior bancada], portanto,	Progressão linear
(08) que [PT] tem o maior número de deputados,	Progressão linear
(09) (Ao PT) bastaria apontar um nome.	Tópico constante
(10) Mas, como nada no mundo petista pode ser assim tão simples, apareceram logo onze candidatos [um nome].	Progressão linear
(11) (o aparecimento de muitos candidatos) Depois de dois meses de muitas reuniões,	Progressão linear
(12) chegou-se a um nome de consenso [um nome]: o de Greenhalgh,	Encadeamento à distância
(13) mas Virgílio Guimarães [Virgílio Guimarães] decidiu continuar no páreo por conta própria.	Encadeamento à distância
(14) (Disputa pelo cargo de presidente da Câmara – informação inferível dos atos 11-13) Até fevereiro,	Progressão linear
(15) (fevereiro) quando ocorrerá a eleição,	Progressão linear
(16) (Até fevereiro) outros candidatos devem aparecer.	Tópico constante
(17) O interesse pessoal dos parlamentares na presidência da Câmara [o grande número de candidatos ao cargo e a disputa entre V. Guimarães e L. E. Greenhalgh – informação inferível de todo o contexto anterior] se justifica pela envergadura política que o cargo confere ao ocupante.	Progressão linear
(18) (O interesse pessoal dos parlamentares na presidência da Câmara se justifica pela envergadura política que o cargo confere ao ocupante) Além do eleitorado de Osasco,	Progressão linear
(19) (Além do eleitorado de Osasco) quem já tinha ouvido falar no deputado João Paulo Cunha?	Progressão linear
(20) (Além do eleitorado de Osasco, quem já tinha ouvido falar no deputado João Paulo Cunha?) Hoje,	Progressão linear
(21) (Hoje) depois de dois anos na presidência,	Progressão linear
(22) ele [João Paulo Cunha] é considerado uma estrela em ascensão.	Encadeamento à distância
(23) (João Paulo Cunha) É cotado para integrar a equipe ministerial do governo Lula	Tópico constante
(24) (João Paulo Cunha) e também consta da relação dos aspirantes a candidato ao governo de São Paulo.	Tópico constante
(25) (ele é considerado uma estrela em ascensão. É cotado para integrar a equipe ministerial do	Progressão

governo Lula e também consta da relação dos aspirantes a candidato ao governo de São Paulo) “É mais importante ser presidente da Câmara do que ocupar um ministério.	linear
(26) (“É mais importante ser presidente da Câmara do que ocupar um ministério) Ministros recebem ordens do presidente da república.	Progressão linear
(27) (“É mais importante ser presidente da Câmara do que ocupar um ministério) Presidentes da Câmara recebem pedidos”,	Tópico constante
(28) (“É mais importante ser presidente da Câmara do que ocupar um ministério. Ministros recebem ordens do presidente da república. Presidentes da Câmara recebem pedidos”) diz o deputado Michel Temer (PMDB-SP),	Progressão linear
(29) que [Michel Temer] ocupou o cargo entre 1997 e 2001.	Progressão linear
(30) (presidente da Câmara) O presidente da Câmara pode não ajudar,	Encadeamento à distância
(31) (presidente da Câmara) mas pode inviabilizar um governo,	Tópico constante
(32) tantas são suas [do presidente da Câmara] prerrogativas.	Tópico constante
(33) É dele [do presidente da Câmara] a decisão do que vai ou não entrar na pauta de votação.	Tópico constante
(34) Assim, dependendo de seu [do presidente da Câmara] humor,	Tópico constante
(35) (o presidente da Câmara) pode acelerar ou retardar matérias de interesse do executivo.	Tópico constante
(36) (Assim, dependendo de seu humor, pode acelerar ou retardar matérias de interesse do executivo) No ano passado,	Progressão linear
(37) (No ano passado) apenas seis propostas de autoria de deputados foram aprovadas,	Progressão linear
(38) (apenas seis propostas de autoria de deputados foram aprovadas) contra mais de 100 do Executivo.	Progressão linear
(39) Por isso [O presidente da Câmara pode não ajudar, mas pode inviabilizar um governo, tantas são suas prerrogativas. É dele a decisão do que vai ou não entrar na pauta de votação. Assim, dependendo de seu humor, pode acelerar ou retardar matérias de interesse do executivo. No ano passado, apenas seis propostas de autoria de deputados foram aprovadas, contra mais de 100 do Executivo.] o governo aposta tanto na eleição de Greenhalgh, homem de confiança da cúpula petista.	Progressão linear
(40) Outra exclusividade do presidente [É dele a decisão do que vai ou não entrar na pauta de votação. Assim, dependendo de seu humor, pode acelerar ou retardar matérias de interesse do executivo. No ano passado, apenas seis propostas de autoria de deputados foram aprovadas, contra mais de 100 do Executivo.] é a definição do ritmo das apurações de irregularidades na Casa.	Encadeamento à distância
(41) (o ritmo das apurações de irregularidades na Casa) O processo de cassação do deputado André Luiz (PMDB-RJ), por exemplo, andou rápido por empenho de João Paulo.	Progressão linear
(42) Outro [processo de cassação], como o do deputado Pedro Corrêa, envolvido com a máfia dos combustíveis, está se arrastando há seis meses.	Progressão linear
(43) Com tantos poderes [informação cotextual – atos 25-43],	Progressão linear
(44) (Com tantos poderes) o governo bajula e os deputados prestam reverência a seu presidente.	Progressão linear
(45) Tudo isso [o governo bajula e os deputados prestam reverência a seu presidente] é sinônimo de poder.	Progressão linear
(46) A Câmara [Casa] tem números gigantescos	Encadeamento à distância
(47) (A Câmara) e oferece uma vida bem melhor a seu presidente do que aos outros 512 ocupantes da Casa.	Tópico constante
(48) O orçamento anual [da Câmara] é de 2,3 bilhões de reais, valor superior à arrecadação de todos os municípios brasileiros,	Tópico constante
(49) (todos os municípios brasileiros) com exceção de São Paulo e do Rio de Janeiro.	Progressão linear
(50) A residência oficial do presidente [da Câmara] fica num terreno de 9.000 metros	Encadeamento

quadrados, à beira do lago Paranoá.	à distância
(51) O imóvel [a residência oficial do presidente] tem suíte, três quartos, escritório, salão de festas e piscina.	Progressão linear
(52) O presidente [o presidente] dispõe de um staff de 21 funcionários, entre faxineiros, cozinheiros, jardineiros, motoristas e seguranças,	Encadeamento à distância
(53) para cuidar de tudo [O imóvel tem suíte, três quartos, escritório, salão de festas e piscina].	Encadeamento à distância
(54) A equipe [um staff de 21 funcionários] é comandada por uma nutricionista, com mestrado em administração pública.	Encadeamento à distância
(55) “A estrutura da casa [a residência oficial do presidente] é tão boa que você liga duas horas antes	Encadeamento à distância
(56) (estrutura da casa) e avisa que vai levar trinta pessoas para o jantar.	Progressão linear
(57) (estrutura da casa) Pode chegar tranquilamente que o jantar vai estar na mesa”,	Tópico constante
(58) (“A estrutura da casa é tão boa que você liga duas horas antes e avisa que vai levar trinta pessoas para o jantar. Pode chegar tranquilamente que o jantar vai estar na mesa”) testemunha Michel Temer.	Progressão linear
(59) A residência oficial [a residência oficial do presidente] é ponto de referência para encontros importantes.	Encadeamento à distância
(60) (A residência oficial é ponto de referência para encontros importantes) Nos últimos dois anos,	Progressão linear
(61) (Nos últimos dois anos) João Paulo Cunha recebeu quatro vezes o presidente Lula.	Progressão linear
(62) (A residência oficial é ponto de referência para encontros importantes) Os principais pontos das reformas tributária e previdenciária foram definidos em reuniões realizadas na residência oficial.	Encadeamento à distância
(63) Com tantos atrativos [informação cotextual – atos 17-64],	Progressão linear
(64) (Com tantos atrativos) é natural que não faltem interessados em ocupar a cadeira de presidente.	Progressão linear
(65) (ocupação da cadeira de presidente) Em dezembro,	Progressão linear
(66) Greenhalgh [Greenhalgh] foi o escolhido, com a benção do Planalto e da cúpula petista.	Encadeamento à distância
(67) (Virgílio Guimarães) Até então favorito para o cargo,	Encadeamento à distância
(68) o mineiro Virgílio [Virgílio Guimarães], que foi relator da reforma tributária e já dividiu um apartamento com o então deputado Lula durante a Constituinte, se rebelou	Tópico constante
(69) (Virgílio Guimarães) e afirma que levará sua candidatura até o fim.	Tópico constante
(70) Ele [Virgílio Guimarães] não se conforma por ter sido vetado pelo Planalto e por Lula.	Tópico constante
(71) Já Greenhalgh [Greenhalgh], que tem tudo para vencer a disputa, é apoiado pelas principais lideranças,	Encadeamento à distância
(72) (Greenhalgh) mas odiado pelas bases.	Tópico constante
(73) Ele [Greenhalgh] enfrenta a resistência dos mais conservadores,	Tópico constante
(74) (Greenhalgh) devido a sua atuação como advogado de vítimas do regime militar e dos sem-terra.	Tópico constante
(75) (Greenhalgh) A maioria das críticas gira em torno de seu comportamento,	Tópico constante
(76) (o comportamento de Greenhalgh) definido como arrogante por alguns.	Progressão linear
(77) (o comportamento de Greenhalgh) “Há muitos deputados que realmente não conheço,	Tópico constante
(78) (“Há muitos deputados que realmente não conheço) mas eu não era candidato	Progressão linear

(79) (mas eu não era candidato) e não tinha obrigação de conhecê-los”,	Progressão linear
(80) (“Há muitos deputados que realmente não conheço, mas eu não era candidato e não tinha obrigação de conhecê-los”) responde Greenhalgh.	Progressão linear
(81) O vencedor da disputa [vencer a disputa] conquistará poder, influência e visibilidade.	Encadeamento à distância
(82) Ainda assim, o cargo [o cargo] reserva alguns estigmas a seus ocupantes.	Encadeamento à distância
(83) À exceção de Aécio Neves [seus ocupantes],	Progressão linear
(84) que [Aécio Neves] antecedeu João Paulo Cunha e se elegeu governador de Minas,	Progressão linear
(85) (seus ocupantes) nos últimos vinte anos	Encadeamento à distância
(86) nenhum dos ex-presidentes da Câmara [seus ocupantes] alçou vôos maiores.	Tópico constante

Transcrição da organização informacional do texto Turma do barulho.	Progressão informacional
(01) Eles já são uma espécie de facção informal do PT.	
(02) (facção informal do PT) Liderado pela ex-prefeita de São Paulo Marta Suplicy,	Progressão linear
(03) o grupo [facção informal do PT] formado pelos ex-secretários municipais Jilmar Tatto, Rui Falcão e Valdemir Garreta, pelo vereador Arselino Tatto e pelo marido da petista, Luis Favre, vem há tempos desafiando a direção nacional do partido.	Tópico constante
(04) (o grupo) Na semana passada,	Progressão linear
(05) o grupo [o grupo] deu nova mostra de rebeldia:	Tópico constante
(06) (o grupo) apoiou o candidato dissidente dos tucanos Roberto Trípoli à presidência da Câmara dos Vereadores de São Paulo,	Tópico constante
(07) enquanto o presidente nacional do PT, José Genoíno [membro da direção nacional do partido], trabalhava para eleger Ricardo Montoro, candidato do prefeito José Serra.	Encadeamento à distância
(08) A atitude dos rebeldes [o apoio ao candidato dissidente dos tucanos Roberto Trípoli à presidência da Câmara dos Vereadores de São Paulo, enquanto o presidente nacional do PT, José Genoíno, trabalhava para eleger Ricardo Montoro, candidato do prefeito José Serra.] irritou a cúpula petista.	Progressão linear
(09) Lula e a direção do PT [a cúpula petista] consideraram que a manobra da ex-prefeita atrapalhou a relação do partido com os tucanos no plano nacional	Progressão linear
(10) — e isso [a manobra da ex-prefeita atrapalhou a relação do partido com os tucanos no plano nacional] num momento em que o PT precisa do apoio do PSDB para viabilizar a candidatura do deputado Luiz Eduardo Greenhalgh à presidência da Câmara Federal	Progressão linear
(11) (o PT precisa do apoio do PSDB para viabilizar a candidatura do deputado Luiz Eduardo Greenhalgh à presidência da Câmara Federal) (veja reportagem na pág. 46).	Progressão linear
(12) A “banda heavy metal da Marta” [os rebeldes], como petistas vêm chamando o grupo da ex-prefeita, por causa de seu estilo barulhento e métodos bruscos, tem duas pretensões para os próximos anos:	Encadeamento à distância
(13) (duas pretensões para os próximos anos) infernizar a vida do prefeito recém-empossado José Serra	Progressão linear
(14) (duas pretensões para os próximos anos) e fortalecer o nome de Marta como candidata ao governo estadual em 2006.	Tópico constante
(15) O senador Aloizio Mercadante [político do PT] é hoje o preferido da direção	Encadeamento à

nacional para o pleito.	distância
(16) Os pruridos da turma da ex-prefeita [a atitude dos rebeldes] são muito semelhantes aos das bandas de metaleiros.	Encadeamento à distância
(17) Eles [a turma da ex-prefeita] não se importam em infernizar a comunidade.	Progressão linear
(18) (a turma da ex-prefeita) O que importa é estar no palco e fazendo barulho.	Tópico constante
(19) Marta [Marta Suplicy] conseguiu o barulho desejado ao não pagar uma dívida vencida de 145 milhões de reais com o Tesouro Nacional	Encadeamento à distância
(20) (Marta Suplicy) e deixar no caixa da prefeitura meros 16.000 reais para seu sucessor começar a tocar a administração.	Tópico constante
(21) A desfeita maior [Marta conseguiu o barulho desejado ao não pagar uma dívida vencida de 145 milhões de reais com o Tesouro Nacional e deixar no caixa da prefeitura meros 16.000 reais para seu sucessor começar a tocar a administração.] foi com o povo paulistano,	Progressão linear
(22) (A desfeita maior foi com o povo paulistano,) e não propriamente com Serra.	Progressão linear
(23) Outras bombas de explosão retardada [Marta conseguiu o barulho desejado ao não pagar uma dívida vencida de 145 milhões de reais com o Tesouro Nacional e deixar no caixa da prefeitura meros 16.000 reais para seu sucessor começar a tocar a administração.] também foram encontradas por Serra e seus auxiliares nas gavetas da prefeitura.	Encadeamento à distância
(24) Entre elas [outras bombas de explosão retardada],	Progressão linear
(25) a decisão da prefeita [outras bombas de explosão retardada] de não reconhecer uma dívida de 1 bilhão de reais do município, uma manobra técnica para escapar dos rigores da Lei de Responsabilidade Fiscal.	Tópico constante
(26) (uma dívida de 1 bilhão de reais do município) Reconhecida ou não,	Progressão linear
(27) a dívida [uma dívida de 1 bilhão de reais do município] terá que ser paga por Serra.	Tópico constante
(28) Lula [Lula] tem tolerado as rebeldias de Marta e sua turma.	Encadeamento à distância
(29) (Marta) Em público,	Progressão linear
(30) ela [Marta] diz que o “espírito democrático” do presidente Lula lhe permite discordar de certas orientações partidárias.	Tópico constante
(31) (Marta) Intimamente,	Tópico constante
(32) (Intimamente) não teme desafiar Brasília,	Progressão linear
(33) (Marta) porque sabe que, a despeito da vontade inicial e do peso político do presidente e de seu grupo, será da burocracia do PT a definição do nome do candidato do partido ao governo paulista em 2006.	Encadeamento à distância
(34) No PT [o PT],	Progressão linear
(35) (No PT,) as prévias são decididas pelo voto dos filiados.	Progressão linear
(36) (No PT) Delegados e demais dirigentes, no entanto, têm peso decisivo no processo.	Tópico constante
(37) São eles [Delegados e demais dirigentes] que orientam o voto dos petistas sem cargo,	Progressão linear
(38) (Delegados e demais dirigentes) chamados no jargão interno da sigla de “garrafas”	Tópico constante
(39) (chamados no jargão interno da sigla de “garrafas”) __ nada a ver com os hábitos étlicos de alguns petistas.	Progressão linear
(40) (No PT, as prévias são decididas pelo voto dos filiados. Delegados e demais dirigentes, no entanto, têm peso decisivo no processo. São eles que orientam o voto dos petistas sem cargo, chamados no jargão interno da sigla de “garrafas”) Sendo	Encadeamento à distância

assim, no caso de uma prévia entre Marta e Mercadante, por exemplo,	
(41) vencerá aquele [Marta ou Mercadante] cujo grupo tiver mais “engradados”.	Progressão linear
(42) A estratégia traçada por Favre, Garreta e Falcão [estratégia para que Marta vença a disputa com Mercadante] inclui manter o diretório municipal nas mãos do metalheiro Ítalo Cardoso	Progressão linear
(43) (A estratégia traçada por Favre, Garreta e Falcão inclui) e conquistar o comando do diretório estadual,	Progressão linear
(44) (o diretório estadual) agora ocupado por Paulo Frateschi, amigo de Lula.	Progressão linear
(45) Os “martistas” [Favre, Garreta e Falcão] querem substituí-lo por Jilmar Tatto.	Encadeamento à distância
(46) (A estratégia traçada por Favre, Garreta e Falcão) Hoje,	Encadeamento à distância
(47) (Hoje) a chance de a ex-prefeita ganhar a adesão da maioria dos delegados estaduais é reduzida.	Progressão linear
(48) “Marta [a ex-prefeita] não tem mais caneta para dar cargos”,	Progressão linear
(49) (“Marta não tem mais caneta para dar cargos”,) diz um dirigente petista.	Progressão linear
(50) Os metalheiros [os “martistas”] apostam, no entanto, que o tempo se encarregará de mudar a situação.	Encadeamento à distância
(51) Com os cofres da prefeitura [Marta deixou no caixa da prefeitura meros 16.000 reais para seu sucessor começar a tocar a administração] quebrados,	Encadeamento à distância
(52) Serra [Serra] enfrentará dificuldades para governar.	Encadeamento à distância
(53) O grupo de Marta [os metalheiros] acredita que o cacife eleitoral da petista subirá na mesma proporção que aumentar o desgaste do tucano.	Encadeamento à distância
(54) No que depender da ex-prefeita e de seus metalheiros [o grupo de Marta],	Progressão linear
(55) esse [O grupo de Marta acredita que o cacife eleitoral da petista subirá na mesma proporção que aumentar o desgaste do tucano.] é o caminho.	Encadeamento à distância
(56) A oposição “estritamente programática” a Serra [a atitude dos rebeldes], defendida por Genoíno, não está nos planos da turma de Marta,	Encadeamento à distância
(57) que [a turma de Marta] ainda detém a maioria na Câmara	Progressão linear
(58) (a turma de Marta) e promete tratar o tucano a pão e água.	Tópico constante
(59) Serra [o tucano] que se prepare:	Progressão linear
(60) muito barulho o [o tucano] aguarda.	Tópico constante

Transcrição da organização informacional do texto Gorda gente brasileira.	Progressão informacional
(01) Artigo no O Estado de S. Paulo mostra que os índios piraãs, da Amazônia, só têm três palavras para os números.	
(02) O número um [os números] é “hoí”.	Progressão linear
(03) O número dois [o números], “hoí”.	Tópico constante
(04) A terceira palavra [os números] usada pelos piraãs é “aibaagi”, que significa muitos.	Tópico constante
(05) (Artigo no O Estado de S. Paulo mostra que os índios piraãs, da Amazônia, só têm três palavras para os números.) Se você desenhar dois riscos no chão,	Encadeamento à distância
(06) eles [os índios piraãs] conseguirão repetir o desenho.	Encadeamento à

	distância
(07) (os índios piraãs) Mas ficarão confusos,	Tópico constante
(08) (Mas os índios piraãs ficarão confusos,) se você fizer seis riscos.	Progressão linear
(09) (Contexto: este artigo faz parte de uma seção que trata do tema política nacional.) Em Brasília,	Encadeamento à distância
(10) (Em Brasília,) os sábios que cuidam ou cuidaram do programa Fome Zero têm um problema parecido com o dos piraãs,	Progressão linear
(11) (os sábios que cuidam ou cuidaram do programa Fome Zero têm um problema parecido com o dos piraãs,) só que em sentido contrário.	Progressão linear
(12) Eles [os sábios] só se sentem confortáveis com cifras altas.	Encadeamento à distância
(13) (os sábios) Para quantificar o contingente de famintos do Brasil,	Tópico constante
(14) (os sábios) não aceitam nada inferior a 50 milhões de pessoas.	Tópico constante
(15) Quem tenta provar a eles [os sábios] que o número verdadeiro é bem menor descobre que ficam confusos e irados.	Tópico constante
(16) (os sábios) Necessitam da desgraça em grande porte para justificar seu papel autoconferido de reformadores do mundo.	Tópico constante
(17) Durante a campanha que o levaria à Presidência [Contexto: o programa Fome Zero foi idealizado pelo governo Lula. Daí a grande acessibilidade do referente Lula.],	Encadeamento à distância
(18) [Durante a campanha que o levaria à Presidência,] Lula repetiu os números que lhe foram passados pelos assessores.	Progressão linear
(19) (Lula) Informava ao país que havia 53 milhões de brasileiros com fome.	Progressão linear
(20) Seus subordinados ligados ao Fome Zero [os assessores] lambuzavam-se deliciosamente nessa escandalosa multidão de famintos.	Encadeamento à distância
(21) (Durante a campanha que o levaria à Presidência, Lula repetiu os números que lhe foram passados pelos assessores. Informava ao país que havia 53 milhões de brasileiros com fome. Seus subordinados ligados ao Fome Zero lambuzavam-se deliciosamente nessa escandalosa multidão de famintos.) Em dezembro passado,	Progressão linear
(22) (Em dezembro passado,) saiu uma pesquisa do IBGE que desmente o Fome Zero.	Progressão linear
(23) Pesquisadores do instituto [uma pesquisa do IBGE] foram verificar junto a uma amostra de brasileiros o que compravam no mercado,	Progressão linear
(24) (Pesquisadores do instituto foram verificar junto a uma amostra de brasileiros) o que armazenavam na despensa,	Progressão linear
(25) (Pesquisadores do instituto foram verificar junto a uma amostra de brasileiros) o que colhiam no quintal,	Tópico constante
(26) (Pesquisadores do instituto foram verificar junto a uma amostra de brasileiros) o número de ovos fornecidos por suas três galinhas caipiras	Tópico constante
(27) (Pesquisadores do instituto foram verificar junto a uma amostra de brasileiros) e o que obtinham no pé de jaca do vizinho.	Tópico constante
(28) Por fim, os pesquisadores [os pesquisadores do instituto] mediram e pesaram as pessoas.	Encadeamento à distância
(29) Levantamento como esse [Pesquisadores do instituto foram verificar junto a uma amostra de brasileiros o que compravam no mercado, (...). Por fim, os pesquisadores mediram e pesaram as pessoas.] nunca havia sido feito.	Progressão linear
(30) (o levantamento) Durou um ano e representa a cobertura de um universo de 95,5 milhões de pessoas acima de 20 anos.	Progressão linear
(31) (O levantamento durou um ano e representa a cobertura de um universo de 95,5 milhões de pessoas acima de 20 anos.) Supostamente,	Progressão linear
(32) (Supostamente) jovens menores de 20 anos e crianças que vivem nessas famílias comem o equivalente.	Progressão linear
(33) Resultado do estudo [o levantamento]:	Encadeamento à distância
(34) (Resultado do estudo:) 38,8 milhões eram gordos e obesos	Progressão linear
(35) (Resultado do estudo:) e apenas 3,8 milhões estavam com deficiência de peso.	Tópico constante

(36) (apenas 3,8 milhões estavam com deficiência de peso.) Atenção:	Progressão linear
(37) deficiência de peso [apenas 3,8 milhões estavam com deficiência de peso.] não significa necessariamente desnutrição.	Tópico constante
(38) Parte dos pesos leves [apenas 3,8 milhões estavam com deficiência de peso.] é composta de pessoas constitucionalmente magras.	Tópico constante
(39) (deficiência de peso não significa necessariamente desnutrição. Parte dos pesos leves é composta de pessoas constitucionalmente magras.) Na semana passada,	Progressão linear
(40) (Na semana passada,) os assessores de Lula que foram ligados ao Fome Zero rejeitaram a visão positiva proporcionada pelo levantamento do IBGE	Progressão linear
(41) como se ela [a visão positiva proporcionada pelo levantamento do IBGE] fosse um ataque pessoal a suas crenças mais sagradas.	Progressão linear
(42) Carlos Alberto Libânio Christo, o Frei Betto [os assessores de Lula], disse que “gordura não é sinal de barriga cheia, pelo contrário”.	Encadeamento à distância
(43) E José Graziano da Silva, criador do Fome Zero [os assessores de Lula], ficou tão frustrado com a existência da pobreza gorda que se vingou refazendo seus cálculos para cima.	Encadeamento à distância
(44) Graziano [José Graziano da Silva] está dizendo que o Brasil tem 77 milhões de pessoas passando fome.	Progressão linear
(45) A diferença entre os resultados das pesquisas [Contexto: a diferença dos números dos assessores de Lula e dos pesquisadores do IBGE] que medem o número de desnutridos no Brasil resulta da metodologia utilizada.	Progressão linear
(46) (A diferença entre os resultados das pesquisas que medem o número de desnutridos no Brasil resulta da metodologia utilizada.) Em geral,	Progressão linear
(47) (Em geral) acadêmicos calculam o nível da nutrição pelo tamanho da renda dos indivíduos.	Progressão linear
(48) Esse método [calcular o nível da nutrição pelo tamanho da renda dos indivíduos] tem o inconveniente de não levar em conta ganhos que só é possível constatar em pesquisas de campo.	Progressão linear
(49) (Esse método) Também deixa de fora o peixe pescado no rio	Progressão linear
(50) (Esse método também deixa de fora) ou a banana colhida atrás de casa.	Progressão linear
(51) Cifras exageradas sobre famintos [o Brasil tem 77 milhões de pessoas passando fome] não são algarismos neutros.	Encadeamento à distância
(52) (Cifras exageradas sobre famintos) São usadas para fins políticos,	Progressão linear
(53) como os discursos da campanha presidencial de Lula [fins políticos],	Progressão linear
(54) (cifras exageradas sobre famintos são usadas) bem como para a produção de programas de governo que envolvem contratação de funcionários, gasto de dinheiro e desinformação da sociedade.	Encadeamento à distância

Transcrição da organização informacional do texto Tem até antimíssil.	Progressão informacional
(01) A fotografia que ilustra esta reportagem foi feita em Dallas, no Texas, no mês passado.	
(02) É a primeira imagem [a fotografia que ilustra esta reportagem] do novo avião do presidente Lula a ser divulgada desde que ele ficou pronto.	Progressão linear
(03) O jato [o novo avião do presidente Lula], salvo algum imprevisto técnico, aterrissa no Brasil nesta semana.	Progressão linear
(04) A aeronave [o novo avião do presidente Lula], fabricada pela Airbus na Alemanha, vai substituir o Boeing 707, conhecido como Sucatão,	Tópico constante
(05) que [Sucatão] hoje é usado pelo presidente em suas viagens internacionais.	Progressão linear
(06) O Sucatão [Sucatão] tem mais de três décadas de uso,	Tópico constante

(07) (Sucatão) já deu sustos monumentais em autoridades	Tópico constante
(08) (Sucatão) e não opera em vôos comerciais nos Estados Unidos desde 1983.	Tópico constante
(09) (Sucatão) É tão barulhento que está proibido de pousar em muitos aeroportos americanos e europeus.	Tópico constante
(10) O novo Airbus presidencial [o novo avião do presidente Lula] é um dos aviões mais modernos que existem.	Encadeamento à distância
(11) (O novo Airbus presidencial) Comprado por 57 milhões de dólares, o equivalente a 154 milhões de reais,	Tópico constante
(12) o Airbus [O novo Airbus presidencial] terá estréia internacional em grande estilo.	Tópico constante
(13) É nele [O novo Airbus presidencial] que Lula vai viajar a Davos, na Suíça,	Tópico constante
(14) (Lula vai viajar a Davos, na Suíça) para participar do Fórum Econômico Mundial, o encontro anual que reúne governantes dos países ricos e líderes das grandes empresas multinacionais.	Progressão linear
(15) O jato Airbus Corporate Jetliner [o Airbus], batizado por Lula de Santos Dumont, será apresentado aos brasileiros pela Força Aérea Brasileira (FAB)	Encadeamento à distância
(16) (o Airbus) assim que aterrissar no país.	Tópico constante
(17) O avião [o Airbus] permite ao presidente viajar sem escalas de Brasília a Paris, Washington ou Nova York.	Tópico constante
(18) A semelhança com os jatos comuns [O avião permite ao presidente viajar sem escalas de Brasília a Paris, Washington ou Nova York.] pára aí.	Progressão linear
(19) O Santos Dumont [o Airbus] tem capacidade para transportar até 32 passageiros,	Encadeamento à distância
(20) (o Airbus) mas pode ter sua cabine modificada	Tópico constante
(21) (o Airbus) para levar apenas dezesseis pessoas fora da suíte presidencial.	Tópico constante
(22) Nessa configuração [mas pode ter sua cabine modificada para levar apenas dezesseis pessoas fora da suíte presidencial.],	Progressão linear
(23) (Nessa configuração,) o conforto e a privacidade dos demais passageiros equivalem aos da primeira classe das companhias aéreas comerciais.	Progressão linear
(24) Além da suíte e da cabine principal [do Airbus],	Encadeamento à distância
(25) (no Airbus) há ainda um gabinete para despachos com assessores,	Tópico constante
(26) (um gabinete para despachos com assessores) com acomodação para cerca de dez pessoas	Progressão linear
(27) (um gabinete para despachos com assessores) e equipado com monitores capazes de receber sons e imagens transmitidos por satélite.	Tópico constante
(28) Isso [o gabinete é equipado com monitores capazes de receber sons e imagens transmitidos por satélite] permite a Lula conectar-se com qualquer ponto do planeta durante uma viagem.	Progressão linear
(29) Outra novidade do Santos Dumont [informação cotextual: os dez atos anteriores] é seu sistema de defesa.	Progressão linear
(30) (Outra novidade do Santos Dumont é seu sistema de defesa.) Mesmo distante de conflitos,	Progressão linear
(31) o governo brasileiro [Lula] entendeu que precisava dotar o avião de um sistema antimíssil.	Encadeamento à distância
(32) (o avião presidencial) Inspirado no Air Force One, avião da Presidência da República dos Estados Unidos que pode resistir aos transtornos elétricos ocasionados na atmosfera por explosões atômicas,	Progressão linear
(33) o Santos Dumont [o avião presidencial] possui um mecanismo capaz de defender o presidente brasileiro de um ato hostil.	Tópico constante
(34) Os radares do avião [mecanismo de defesa] são capazes de detectar a existência de um míssil a cerca de 100 quilômetros de distância.	Progressão linear
(35) (mecanismo de defesa) O piloto pode acionar um equipamento, instalado sob as asas, que dispara um míssil incandescente	Tópico constante
(36) (o míssil incandescente) e faz com que o petardo inimigo desvie sua rota inicial,	Progressão linear
(37) (o míssil incandescente faz com que o petardo inimigo desvie sua rota inicial) protegendo o avião.	Progressão linear
(38) (mecanismo de defesa) Também por medida de segurança	Encadeamento à

	distância
(39) todo o sistema de comunicação do Santos Dumont [o Santos Dumont] é criptografado.	Encadeamento à distância
(40) A FAB [informação contextual: o Santos Dumont pertence à FAB] não revela detalhes sobre o sistema defensivo por medidas de segurança.	Encadeamento à distância

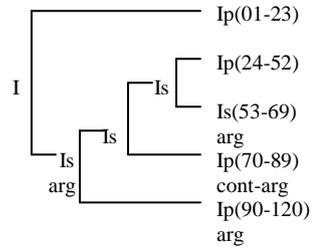
Transcrição da organização informacional do texto A casa do presidente.	Progressão informacional
(01) Em julho do ano passado,	
(02) (Em julho do ano passado,) Luís Cláudio, filho do presidente Lula, e um grupo de catorze amigos paulistas passaram as férias em Brasília.	Progressão linear
(03) (Luís Cláudio e um grupo de catorze amigos) Hospedaram-se no Palácio da Alvorada,	Progressão linear
(04) (Luís Cláudio e um grupo de catorze amigos) fizeram churrasco na Granja do Torto,	Tópico constante
(05) (Luís Cláudio e um grupo de catorze amigos) passearam de lancha no Lago Paranoá	Tópico constante
(06) (Luís Cláudio e um grupo de catorze amigos) e conheceram os principais gabinetes do Palácio do Planalto.	Tópico constante
(07) O episódio [informação cotextual: todos os atos anteriores] veio à tona na semana passada, em fotos divulgadas na internet pelos próprios garotos,	Progressão linear
(08) (O episódio) e causou polêmica.	Progressão linear
(09) A oposição [ao presidente Lula] prometeu abrir uma investigação	Encadeamento à distância
(10) (A oposição prometeu) e pedir a devolução de todo o dinheiro oficial gasto na estada brasileira dos jovens.	Progressão linear
(11) Há uma boa dose de exagero nessa reação [A oposição prometeu abrir uma investigação e pedir a devolução de todo o dinheiro oficial gasto na estada brasileira dos jovens.].	Progressão linear
(12) Durante o mandato [do presidente],	Encadeamento à distância
(13) o Palácio da Alvorada [o Palácio da Alvorada] é a casa do presidente.	Encadeamento à distância
(14) (o Palácio da Alvorada) É seu “lar”,	Tópico constante
(15) para usar uma palavra [“lar”] de conotações mais fortes.	Progressão linear
(16) Não existem impedimentos legais para ele [o presidente] receber as visitas que desejar ali,	Encadeamento à distância
(17) (Não existem impedimentos legais para ele receber as visitas que desejar ali,) ainda que sejam amigos do filho.	Progressão linear
(18) “ A lei [não existem impedimentos legais] prevê inclusive que a União arque com as despesas pessoais do presidente –	Encadeamento à distância
(19) e isso [A lei prevê inclusive que a União arque com as despesas pessoais do presidente] se estende a seus familiares”,	Progressão linear
(20) (“A lei prevê inclusive que a União arque com as despesas pessoais do presidente – e isso se estende a seus familiares”,) diz Floriano de Azevedo Marques Neto, professor da Faculdade de Direito da USP.	Progressão linear
(21) Ressalte-se que a finalidade do Alvorada [o Palácio da Alvorada] é estritamente residencial,	Encadeamento à distância
(22) (Ressalte-se que a finalidade do Alvorada é estritamente residencial,) ao contrário do que acontece, por exemplo, nos Estados Unidos.	Progressão linear
(23) (o que acontece nos Estados Unidos) Além de morada do presidente,	Progressão linear
(24) (Além de morada do presidente,) a Casa Branca é local de trabalho	Progressão linear
(25) - mas as festas familiares ali [na Casa Branca] são quase uma tradição.	Progressão linear
(26) A filha do presidente Richard Nixon e o irmão da ex-primeira-dama Hillary Clinton [familiares do presidente] se casaram na Casa Branca.	Progressão linear

(27) A filha do ex-presidente Gerald Ford [familiares do presidente] fez sua festa de formatura nos jardins,	Tópico constante
(28) que [festa de formatura] teve banda de rock	Progressão linear
(29) (festa de formatura) e foi até a madrugada.	Tópico constante
(30) Se as reclamações sobre a farra juvenil em Brasília [A oposição prometeu abrir uma investigação e pedir a devolução de todo o dinheiro oficial gasto na estada brasiliense dos jovens.] têm onde se apoiar,	Encadeamento à distância
(31) (Se as reclamações sobre a farra juvenil têm onde se apoiar,) é no uso de um avião e de uma lancha com bandeira oficial.	Progressão linear
(32) Esses veículos [um avião e uma lancha com bandeira oficial] circulam segundo regras estritas,	Progressão linear
(33) (um avião e uma lancha com bandeira oficial) e não deveriam ter sido usados para divertir a patota de Luís Cláudio.	Tópico constante
(34) “Que os filhos do presidente [Luís Cláudio] convidem os amiguinhos para dormir em casa ou nadar na piscina tudo bem.	Progressão linear
(35) Usar avião da FAB [um avião] para transportar todo mundo é contra a lei”,	Encadeamento à distância
(36) (“Que os filhos do presidente convidem os amiguinhos para dormir em casa ou nadar na piscina tudo bem. Usar avião da FAB para transportar todo mundo é contra a lei”,) diz o cientista político David Fleischer, da Universidade de Brasília.	Progressão linear
(37) O uso do avião e da lancha [o uso de um avião e de uma lancha com bandeira oficial] representa, no mínimo, uma contradição.	Encadeamento à distância
(38) (O uso do avião e da lancha representa, no mínimo, uma contradição.) Em 1999,	Progressão linear
(39) (Em 1999,) os petistas tentaram criar uma comissão parlamentar de inquérito	Progressão linear
(40) (os petistas tentaram criar uma comissão parlamentar de inquérito) para investigar os ministros do governo tucano que usaram jatinhos oficiais	Progressão linear
(41) (os ministros do governo tucano) para passar férias na praia.	Progressão linear
(42) Alguns [os ministros do governo tucano] foram obrigados a restituir dinheiro à União	Tópico constante
(43) e outros [os ministros do governo tucano] respondem a processo até hoje.	Tópico constante

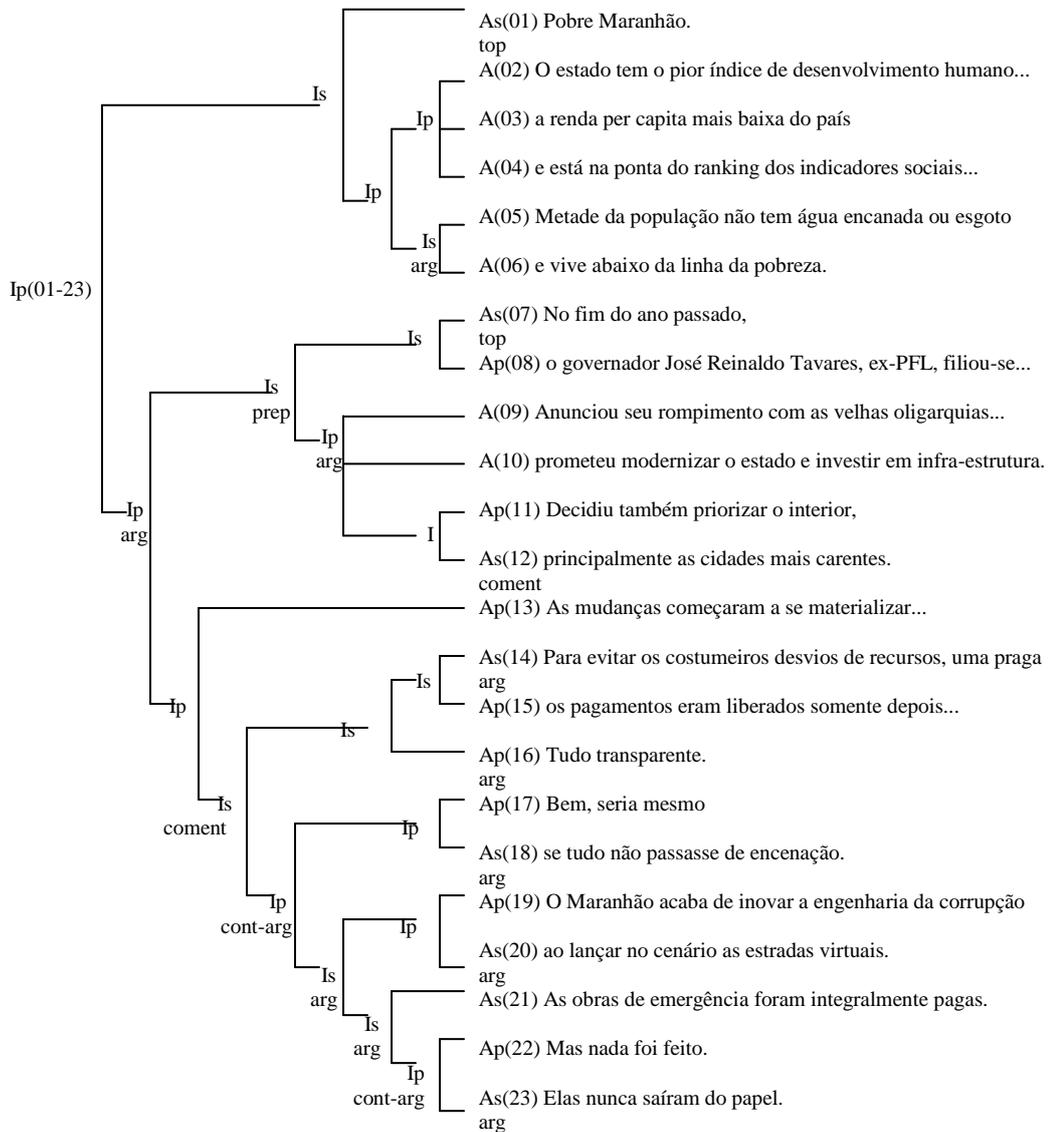
Anexo C: estruturas hierárquico-relacionais

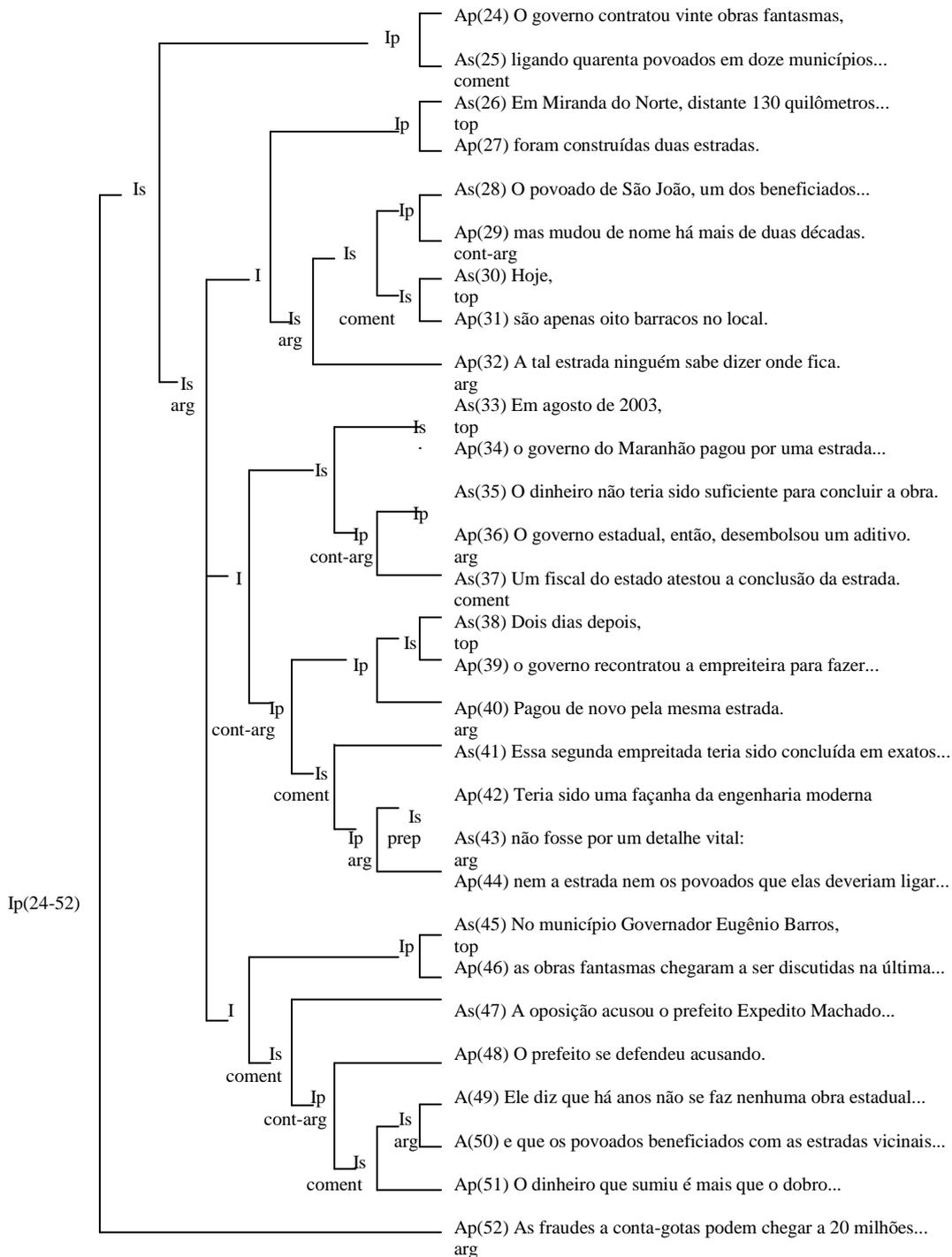
Seção Brasil da revista *Veja* do dia 05/01/2005

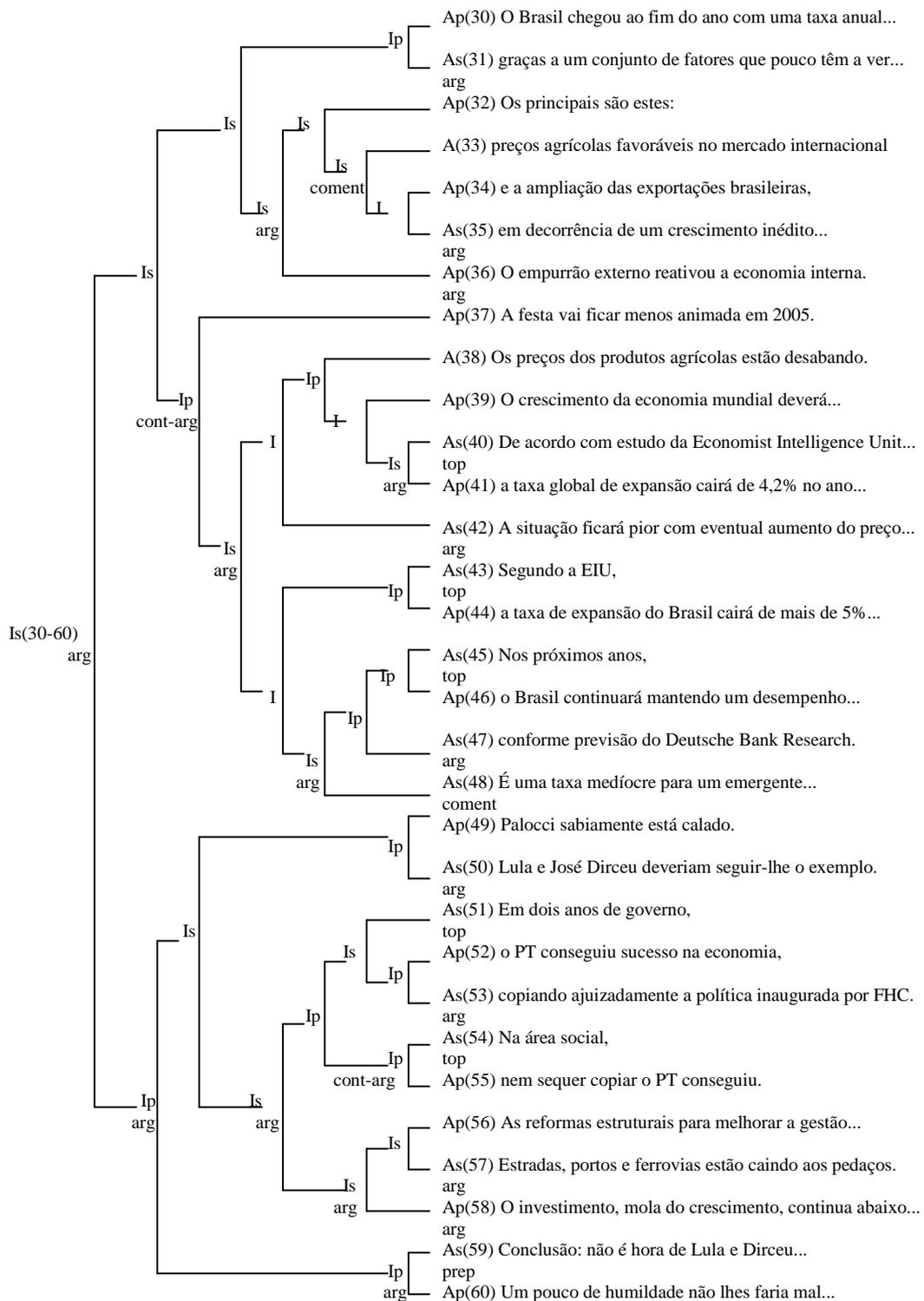
Fantasmas maranhenses



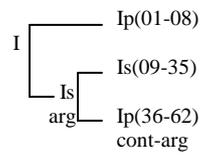
macro-estrutura hierárquico-relacional



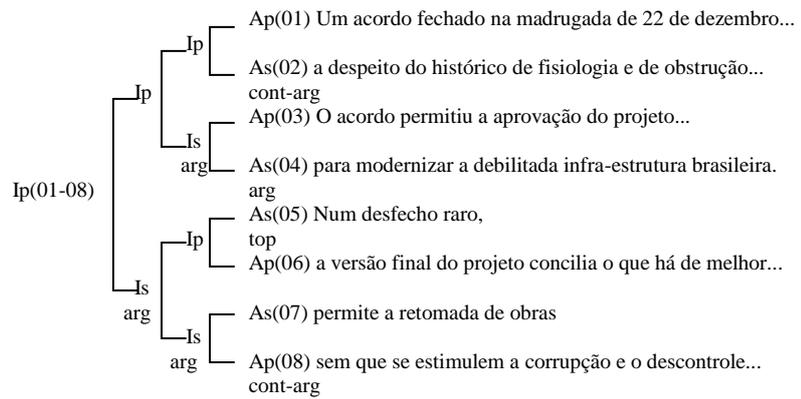


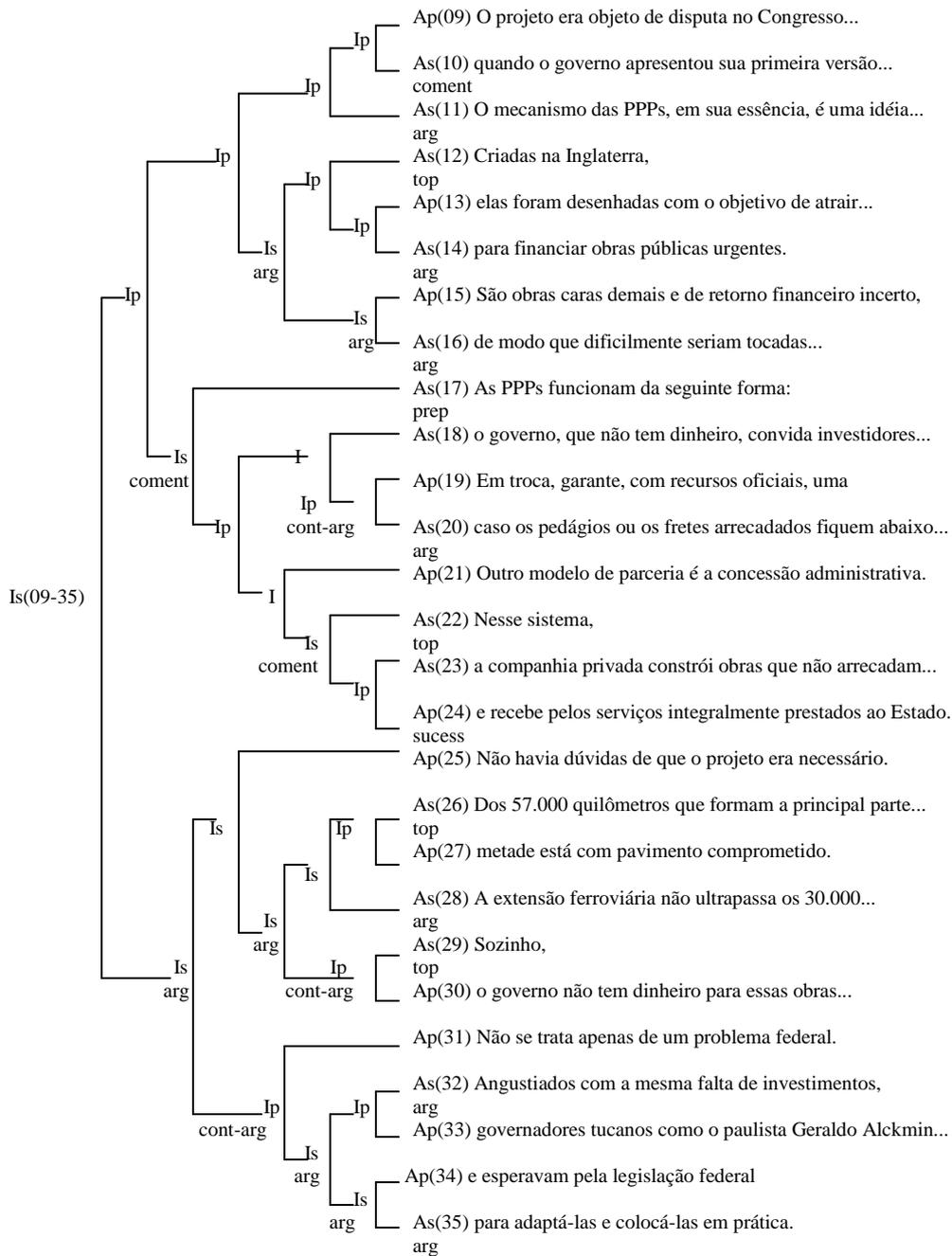


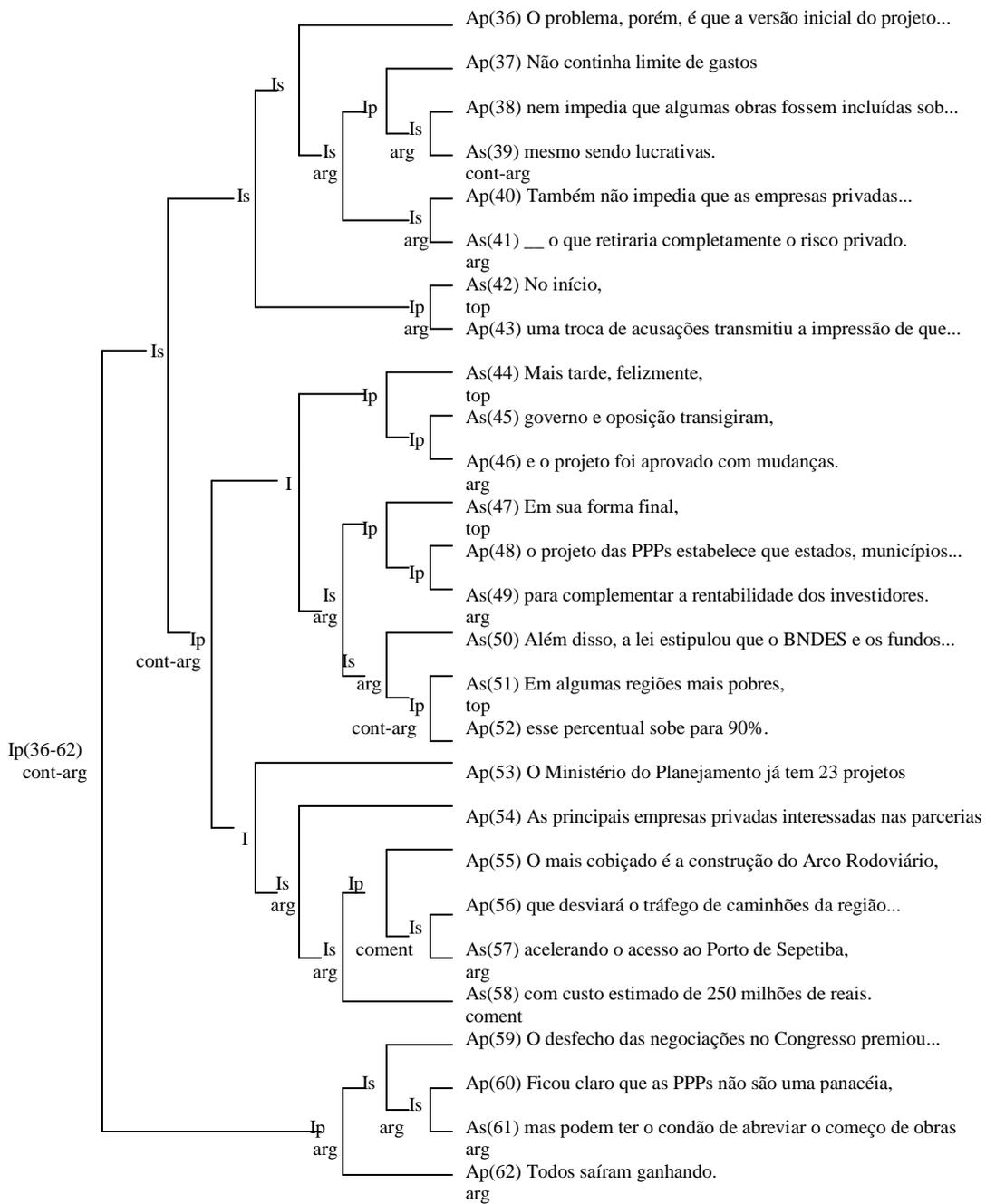
Uma vitória da parceria tucano-petista

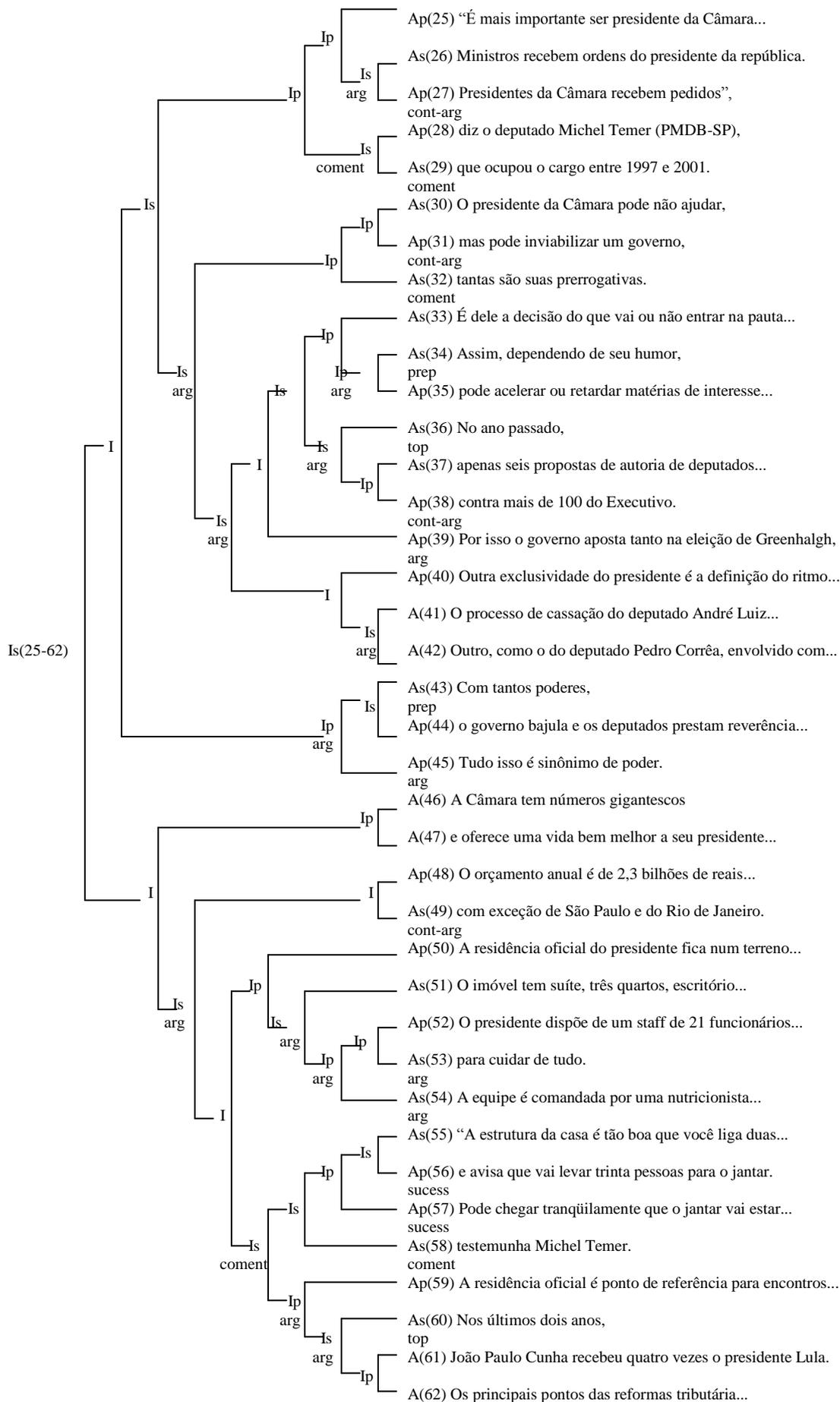


Macro-estrutura

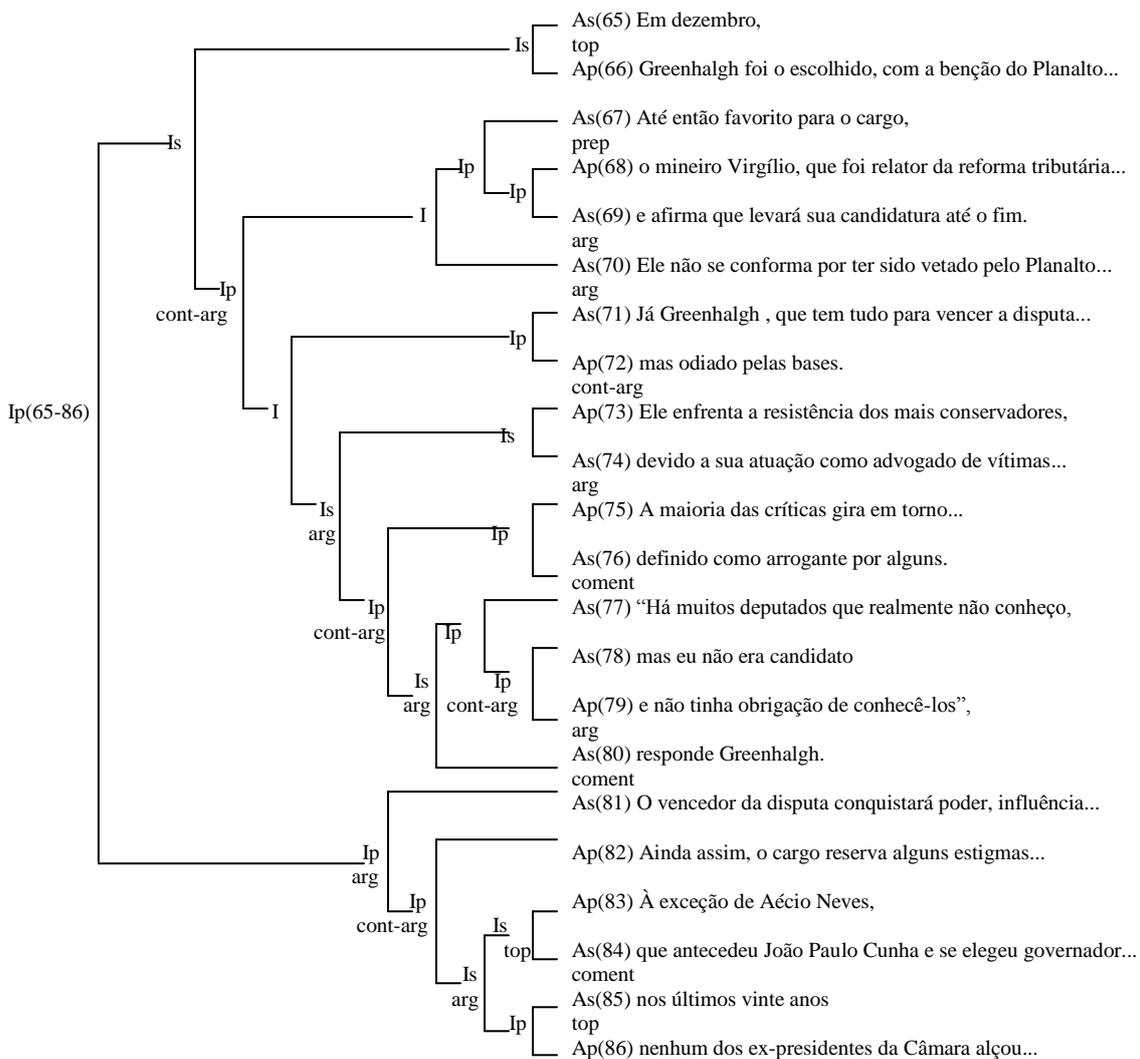




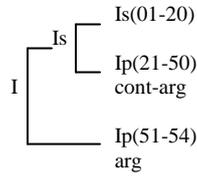




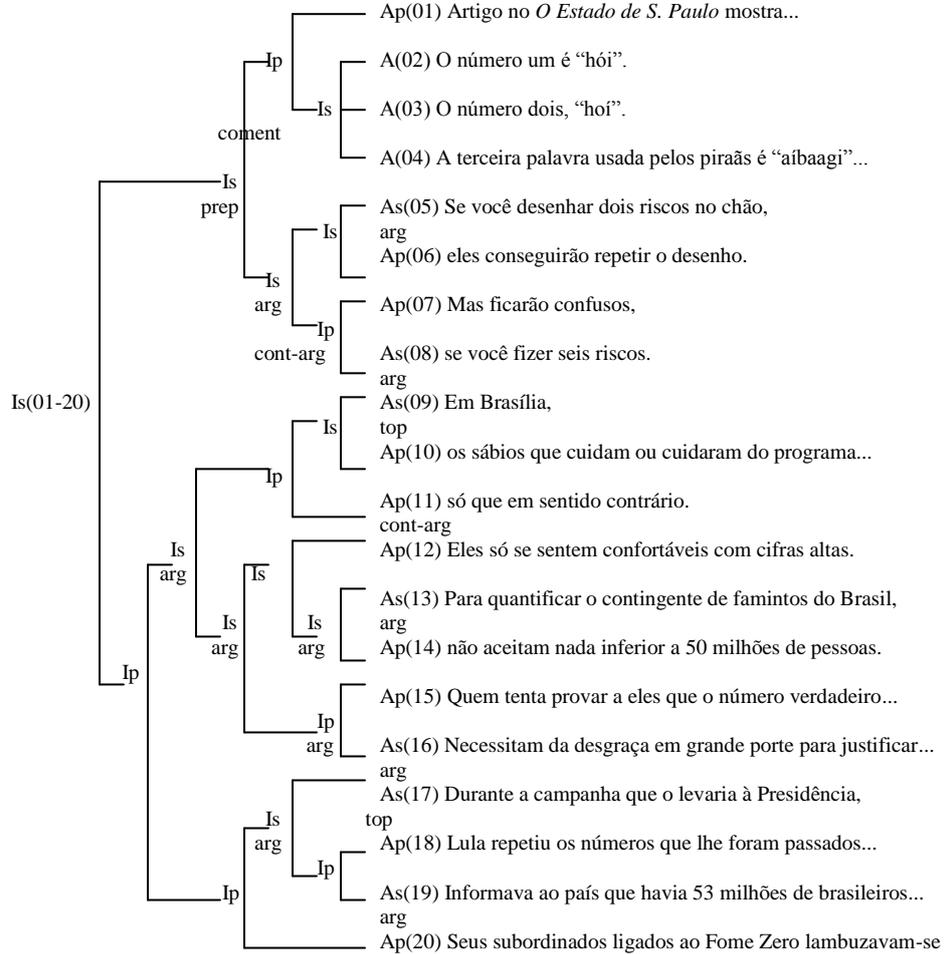
Ip(63-64) [As(63) Com tantos atrativos,
arg
Ap(64) é natural que não faltem interessados em ocupar a cadeira

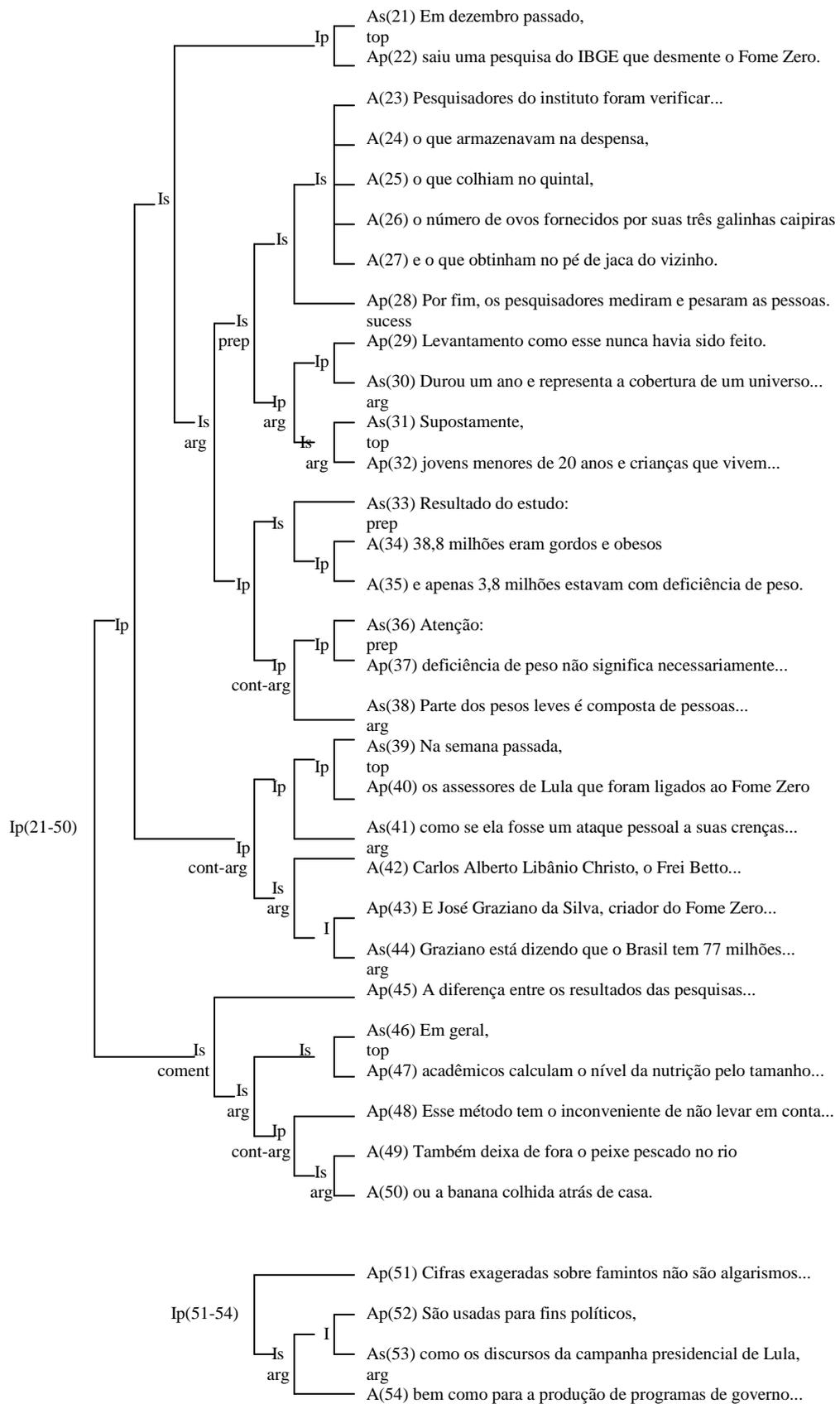


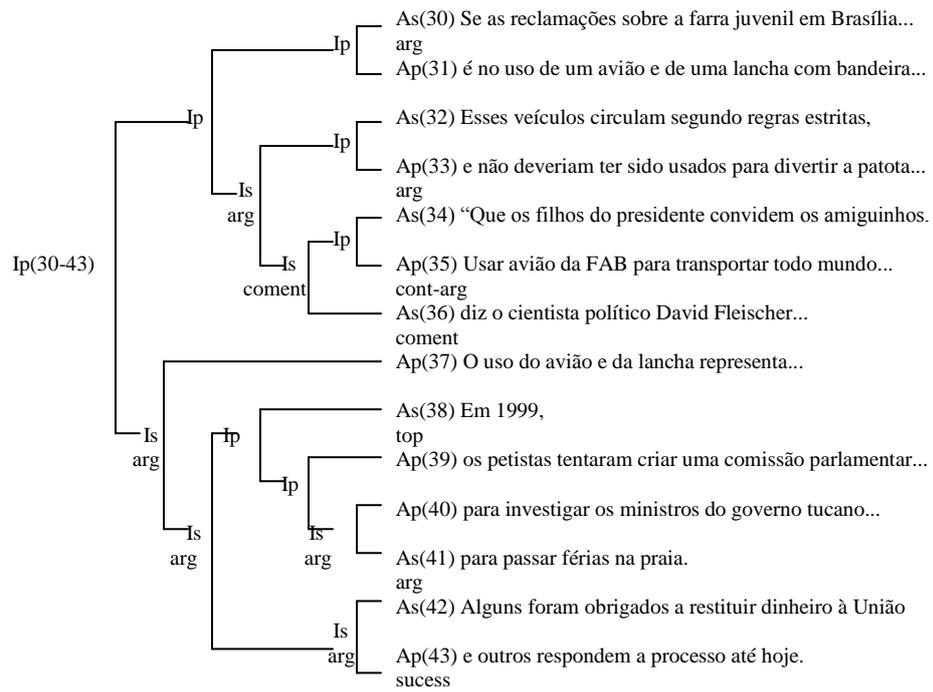
Gorda gente brasileira



Macro-estrutura



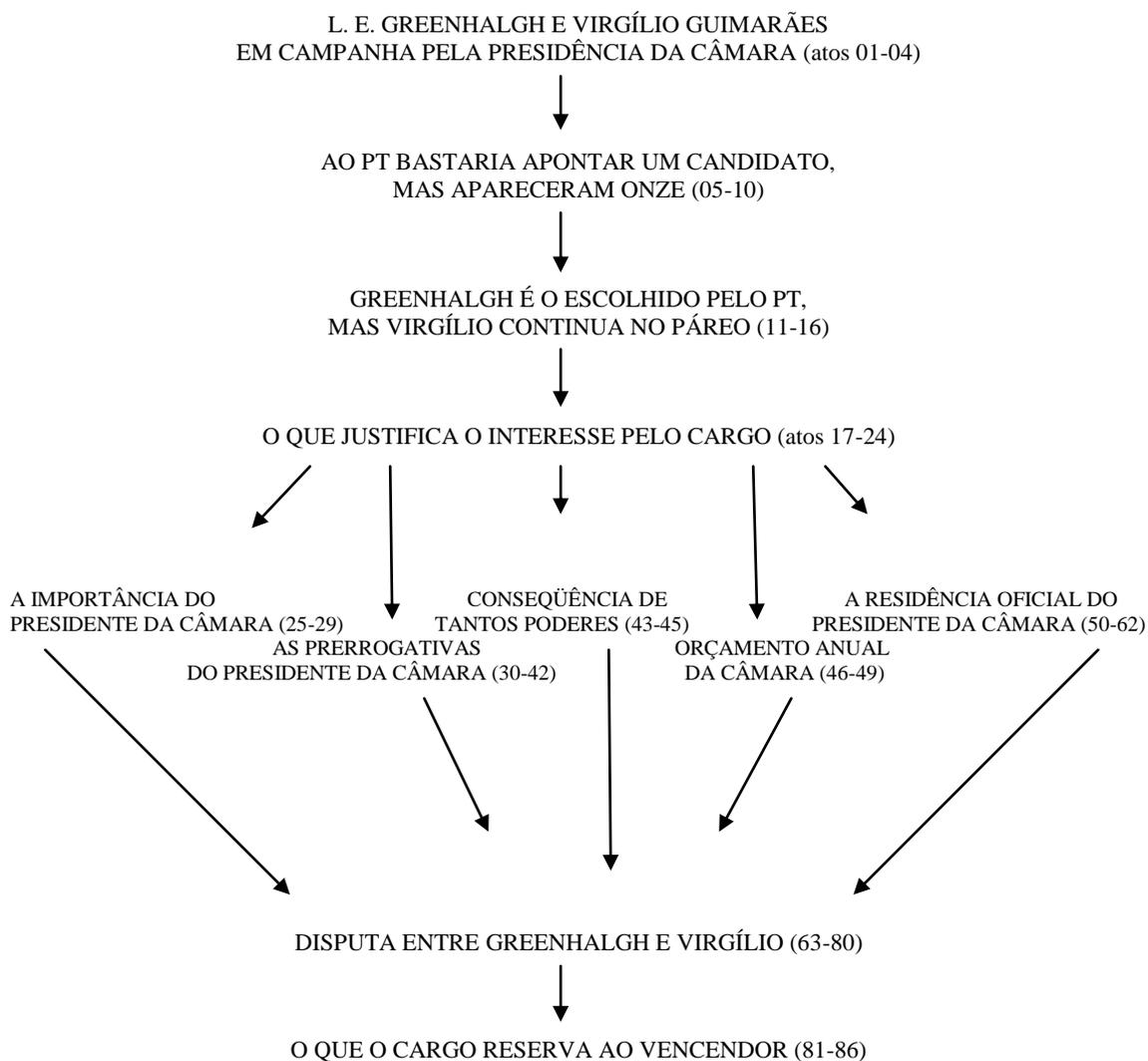




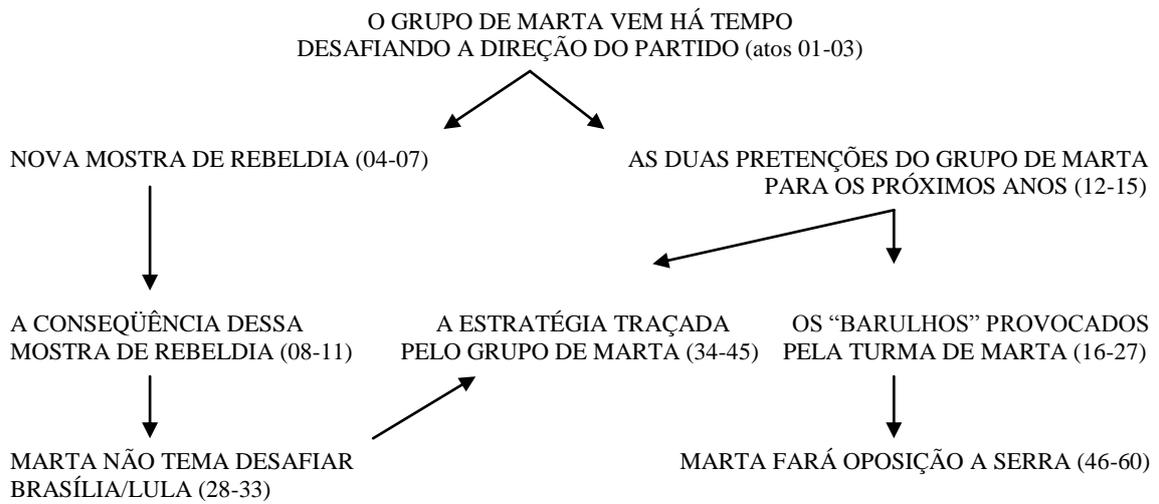
Anexo D: estruturas conceituais

Seção Brasil da revista *Veja* do dia 12/01/2005

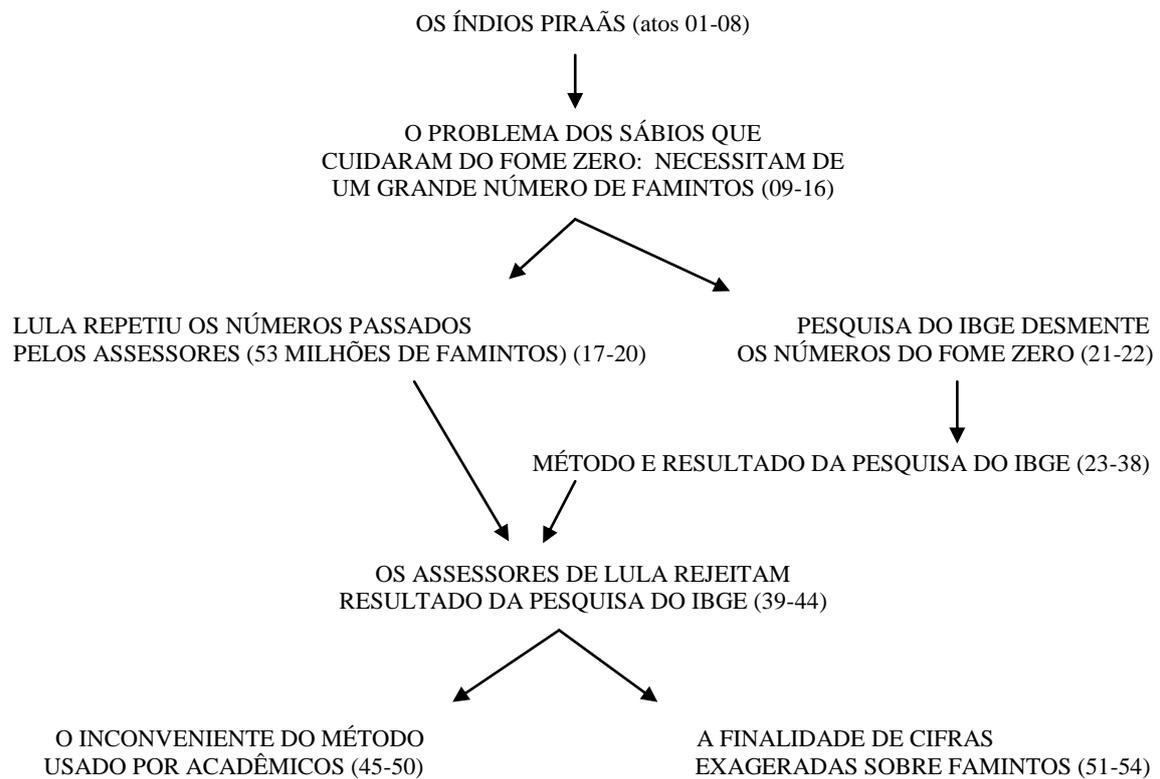
Por que eles querem presidir a Câmara



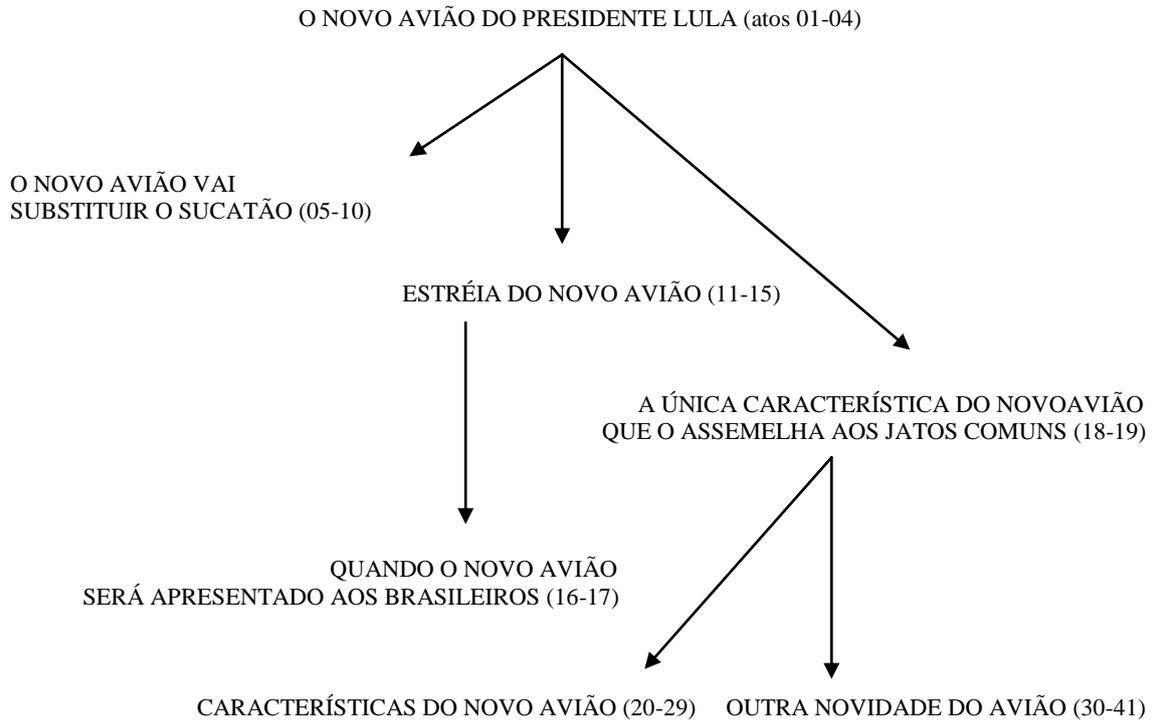
Turma do barulho



Gorda gente brasileira



Tem até antimíssil



A casa do presidente

